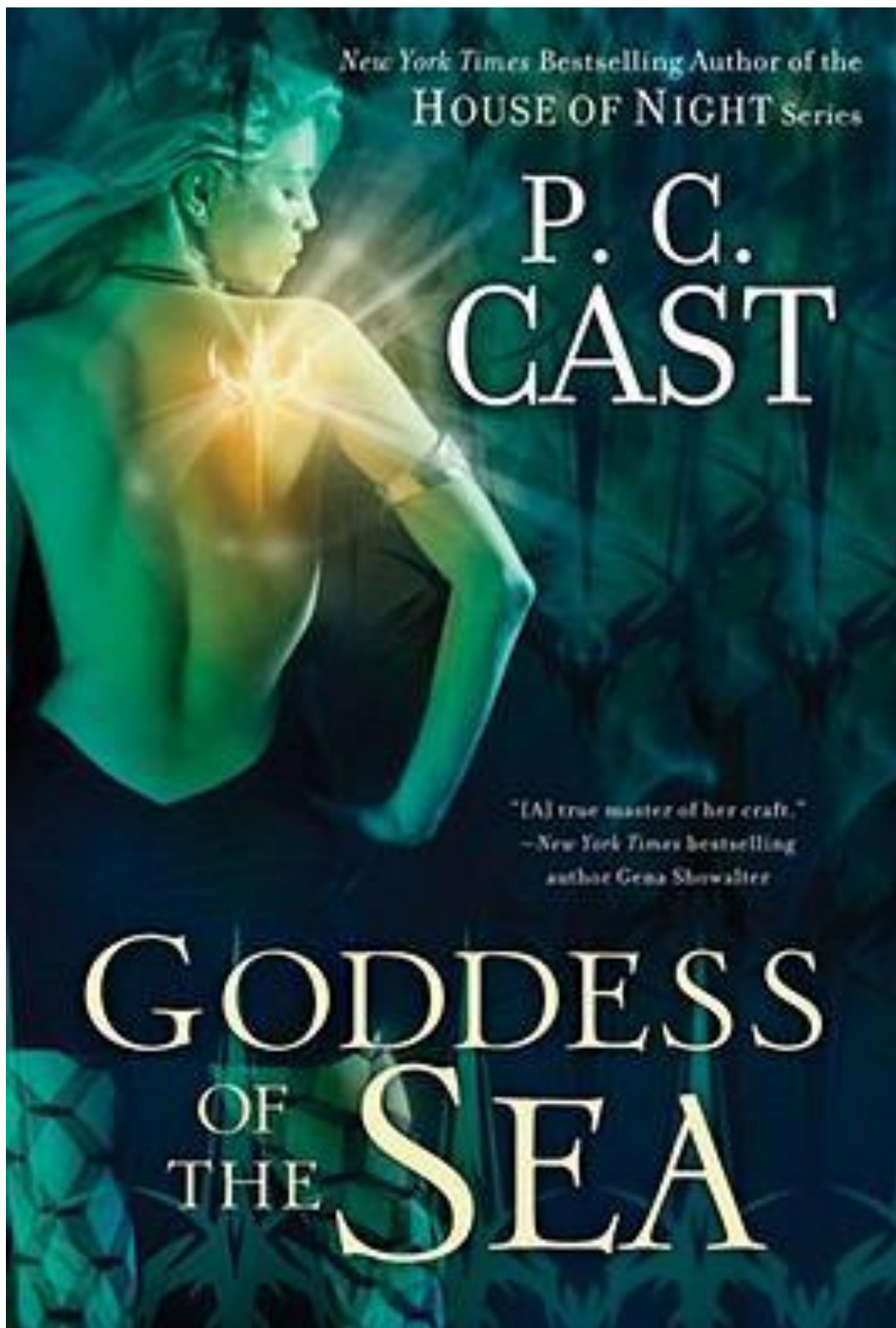






SHADOWS SECRETS

Créditos

Tradução

Ludz

Nivia

Kel

Thaís

Pamyz

Revisão

Pamyz

Gess

Juh

Fabi

Fernando Luz



Goddess of Sea

P. C. Cast

*“Quem nunca quis ser uma deusa?...
Desfrute desse atraente mundo criado por Cast.”*

Na noite do seu vigésimo quinto aniversário, sozinha em seu apartamento, a sargento da Força Aérea Christine Canady desejava uma coisa: um pouco de magia em sua vida. Após beber champanhe demais, ela realiza, da maneira mais louca, um ritual de invocação de uma deusa, esperando de algum modo tornar sua vida um pouco menos ordinária... Mas ela nunca acreditou que a magia realmente funcionasse!

Quando seu avião militar cai no oceano, a missão de CC no exterior toma um rumo inesperado. Ela acorda e se vê em um tempo lendário e lugar onde a mágica domina a terra – ocupando o corpo da mítica sereia Ondine. Mas há perigo nas águas e a deusa Gaia torna esta moderna garota militar em uma linda moça para que ela pudesse buscar abrigo na terra.

CC é rapidamente resgatada (literalmente) por um cavaleiro de armadura brilhante. Ela deve se apaixonar por este príncipe-dos-sonhos, mas em vez disso, ela cai de amores pelo mar e por Dylan, o tritão sexy que roubou seu coração.

Capítulo 1

Com os braços cheios de mantimentos, CC esforçou-se para retirar a chave da fechadura e empurrar com o pé a porta que se fechou atrás dela. Automaticamente, ela olhou para o relógio no vestibulo de seu apartamento espaçoso. Sete e meia, já. Tinha levado uma eternidade para terminar as coisas no Centro de Comunicação. Depois disso, a luta contra o tráfico de Tinker Air Force Base*, tinha sido como conduzir através da lama. Para adicionar a sua frustração, ela tentou tomar um atalho para casa e acabou tomando o caminho errado. Logo estava irremediavelmente perdida.

*Tinker Air Force Base (IATA: TIK, ICAO: KTIK) é um importante U. S. base da Força Aérea localizado na zona sudeste da cidade de Oklahoma, diretamente ao sul do subúrbio de Oklahoma City, Oklahoma

Uma alma que está em uma viagem rápida lhe tinha dado indicações, e ela se sentiu obrigada a explicar-lhe que tinha se perdido apenas porque foi transferida para Tinker há apenas três meses, e ela não tinha tido tempo para aprender a se virar ainda. O homem deu um tapinha no ombro dela como se fosse um cachorro e perguntou:

"O que uma coisinha jovem como você está fazendo na força aérea?"

CC tinha lidado com a pergunta retoricamente, agradeceu e foi embora, o rosto quente de vergonha.

Compreensivelmente, com os nervos já devastados pulou com o som insistente de seu telefone.

"Espere! Estou chegando!" ela gritou e correu para a cozinha, colocando os sacos em cima do balcão sem cerimônia e pegou o telefone.

"Olá", ela ofegava no som morto de um tom de discagem, que foi quebrado apenas pelo bater rítmico de sua secretária eletrônica. "Bem, pelo menos eles deixaram uma mensagem." CC suspirou e levou o telefone com ela para a cozinha, dando socos em seu código de recuperação de mensagens. Com uma mão ela segurava o telefone em sua orelha, e com a outra, ela extraiu garrafas de champanhe gêmeo de um dos sacos. "Você tem duas novas mensagens," a voz mecânica proclamada. "Primeira mensagem nova, enviada às cinco e meia."

CC ouviu atentamente enquanto ela pegava a caixa metálica que cobria os fios presos da rolha de champanhe.

"Olá, Christine, são seus pais!" A gravação da voz da mãe dela, parecendo um pouco artificial e metálica, gorjeou através do telefone.

"Olá, Christine!" Mais distantes, mas da mesma forma alegre, a voz do papai fez eco de uma prorrogação.

CC sorriu com indulgência. Claro que era de seus pais, que eram as duas únicas pessoas nesta terra que ainda insistiam em chamá-la pelo seu nome. "Só queria dizer que nós realmente não esquecemos o seu grande dia."

Aqui a mãe dela fez uma pausa, e ela podia ouvir o pai dela rindo ao fundo. Esquecer seu aniversário? Ela não tinha pensado que eles esqueceriam, até então. A voz suspirada de sua mãe continuou. "Acabamos de preparar as coisas para o nosso próximo cruzeiro! Você sabe quanto tempo leva para o seu pai embalar".

Este disse em um sussurro conspiratório. "Mas não se preocupe, querida, apesar de não receber o seu presente nós conseguimos arranjar uma pequena surpresa para os seus vinte e cinco anos de idade."

"Vinte e cinco?" Seu pai pareceu sinceramente surpreso. "Bom, bom Senhor. Pensei que ela tinha apenas vinte e dois."

"O tempo voa, querido," Mamãe disse sabiamente.

"Maldição, está certa querida," Papai concordou. "Essa é uma razão pela qual eu disse que nós deveríamos gastar mais tempo viajando, mas apenas um motivo." Papai sorriu sugestivamente.

"Logicamente você estava certo sobre isso, querido". Mãe falou ofegante, de repente soando décadas mais jovem.

"Eles estão flertando um com o outro na minha mensagem," CC atônita. "E eles realmente não se esqueceram do meu aniversário!"

"De qualquer forma, nós estamos nos preparando para sair para o aeroporto" A voz do papai, ainda mais distante ressoou dentro "Eliana! Diga tchau, a limusine do aeroporto está aqui."

"Bem, tenho que ir, Feliz aniversário garota! Ah, e que você tenha uma boa temporada na sua breve viagem de avião. Você não está saindo em um par de dias?"

Sua breve viagem da força aérea?! CC revirou os olhos. Sua implantação de noventa dias como suboficial encarregado de Controle de Qualidade no Centro de Comunicações na Base Aérea de Riade, na Arábia Saudita para apoiar a guerra contra o terrorismo foi apenas uma 'breve viagem da força aérea?'

"E, querida, não se preocupe sobre o voo, onde quer que você esteja indo. Você já tem idade suficiente para não ter mais esse medo bobo agora. E, meu Deus, você faz parte da força aérea!"

CC estremeceu, desejando que sua mãe não tivesse mencionado sua fobia de aviões, desde que ela logo estaria voando para o outro lado do mundo sobre os oceanos de água. Foi a única parte da força aérea que ela não gostou. "Nós amamos você! Bye agora."

A mensagem acabou e CC, ainda sacudindo a cabeça, acertou o botão Desligar e colocou o telefone no balcão.

"Eu não posso acreditar que vocês se esqueceram do meu aniversário! Vocês sempre disseram que é impossível esquecer meu aniversário, porque eu nasci antes da meia-noite de Halloween." Ela repreendeu o telefone quando ela chegou a um gabinete para pegar o flûte de champagne*. "Vocês nem se lembraram da minha caixa." Ela continuou a olhar para o telefone enquanto lutava com a rolha de champanhe.

*A flûte de champanhe (fr. flûte à champagne) é um copo de haste com uma tigela, alto e estreito. A tigela de uma flauta podem assemelhar-se um copo de vinho estreito como visto na ilustração, ou uma forma de trombeta, ou ser muito estreito e reto e verso.

Por sete anos de CC esteve a serviço ativo na Força Aérea dos Estados Unidos, seus pais nunca haviam esquecido sua caixa de aniversário. Até agora. Ela com vinte e cinco anos de idade, tinha vivido um quarto de século. Realmente foi um ano marcante, e ela estava celebrando com nenhum presente de aniversário de casa.

"É uma tradição da família!" estalou a rolha segurando o frasco de espuma em cima da pia. CC suspirou e sentiu uma pontada de saudade inesperada. Não, ela lembrou-se com firmeza, gostava de sua vida na Força Aérea e nunca tinha estado triste por sua decisão impetuosa de aderir ao serviço depois da escola. Afinal, ela certamente tinha chegado longe em sua agradável, simples e tranquila vida da cidade pequena. Não, ela não tinha exatamente 'visto o mundo', como os anúncios tinham prometido. Mas ela viveu no Texas, Mississippi, Missouri, Colorado e, agora, Oklahoma, que foram cinco estados mais do que a maioria das pessoas complacentes em sua cidade natal de Homer, Illinois, já viveram, ou mesmo visitaram.

"Aparentemente, isso não inclui os meus pais!" CC derramou o copo de champanhe, bebeu-o e bateu o pé, ainda olhando para o telefone. Parecia que, durante o ano passado, seus pais tinham ido a Adventure Tours. "Eles devem estar tentando estabelecer algum tipo de registro." CC lembrou-se do Glamour brincalhão em suas vozes e fechou os olhos rapidamente em uma imagem visual particular.

Seus olhos retrucaram abertos, e seu olhar preso novamente no telefone. "Mas mãe, nenhum de seus biscoitos de chocolate caseiros?" Ela bebeu o champanhe e descobriu que ela precisava de um refil. "Como eu deveria tampar todos os grupos de alimentos sem a minha caixa de aniversário?" Ela enfiou a mão no saco e puxou o balde do Kentucky Fried Chicken*, receita original, claro. Apontando do frango para o champanhe, ela continuou seu discurso solitário. "Eu tenho o grupo de carne KFC-misturado com o grupo de gorduras, todos importantes para uma boa digestão. Então eu tenho o grupo de frutas, champanhe, o meu favorito. Como vou completar o conjunto culinário de aniversário sem o leite / chocolate / e o grupo do açúcar?" Ela fez um gesto em aversão ao telefone.

* KFC: É uma cadeia de restaurantes de fast food com sede em Louisville, Kentucky.

Abriu a embalagem do KFC, ela esbarrou com uma asa de galinha e deu uma mordida. Então, segurava-a enquanto estava gesticulando, ela continuou.

"Vocês sabe que sempre mandam algo totalmente inútil que me faz rir e lembrar de casa. Não importa onde eu estou. Tal como no ano passado, quando vocês me enviaram o pluviômetro de sapo. E eu não tenho um quintal! E como aquela Deus Abençoe esta Casa, a pedra de pisar, que eu tenho para pendurar na parede do meu apartamento, porque eu não tenho casa!" Olhar descontente de CC foi quebrado por um sorriso, ela contou presentes bobos de seus pais.

* É isto aqui: <http://reigninggifts.com/images/prodimages/GodBlessThisHome10AJS286.jpg>

"Eu suponho que vocês estão tentando me dizer pra casar, ou pelo menos, para se ter uma casa."

Ela mastigou pensativa e suspirou de novo, um pouco irritada ao perceber que ela provavelmente soou quinze em vez de vinte e cinco anos. Então, ela se animou. "Ei, eu esqueci minha outra mensagem," disse ela ao telefone, ela recolheu-o de volta, marcando suas mensagens, e ignorado as vozes do passado de seus pais.

"Próxima mensagem nova. Enviada às 6:32"

CC sorriu com a boca cheia de frango. Provavelmente era Sandy, sua antiga amiga na verdade era a única amiga de colegial que CC ainda mantinha contato. tinha conhecido Sandy desde a primeira série, e ela raramente se esqueceu nada, muito menos um

aniversário. Os dois gostavam de rir de longa distância sobre como elas conseguiram "escapar" da pequena cidade Homer. Sandy tinha aterrado um trabalho excelente para um hospital de grande porte na divertida e fabulosa cidade de Chicago. Seu título oficial era o médico dos Assuntos de ligação, o que realmente significava que ela estava encarregada de recrutar novos médicos para o hospital, mas ela e Sandy adoravam o totalmente irrealista som do título. Foi especialmente divertido porque Sandy tinha sido feliz e fielmente casada por três anos.

"Olá, CC quanto tempo. Nenhuma chamada, menina!"

Em vez do sotaque familiar do Centro-Oeste de Sandy, a voz tinha um longo sotaque sulista fluido. "Sou eu, Halley. Seu pêssago da Geórgia favorito! Oh, meu, eu tive uma hora tão difícil pra obter o seu novo número de telefone. Perversa você se esqueceu de dar a mim quando foi transferida."

O sorriso CC deslizou fora de seu rosto como a cera de uma vela. Halley foi uma das poucas coisas que ela não lamentava ter perdido do seu posto de serviço no passado.

"Basta ter um segundo rápido para falar. Estou ligando para lembrá-la que o meu trigésimo aniversário é há apenas um mês e meio em 15 de dezembro, para ser exata, e eu quero que você marque o seu calendário".

CC ouviu com incredulidade. "Isto é como um acidente de trem. Está cada vez pior e pior".

"Estou tendo a Parte Final Todas as Partes, e espero o seu comparecimento. Vou mandar um convite formal em uma semana ou assim. E, sim, apresentações são aceitáveis". Halley riu como uma boneca Barbie do sul.

"Vejo vocês todos em breve. Bye-bye por agora!"

"Eu não acredito nisso." CC deu um soco no 'Desliga' com força decididamente mais do que era estritamente necessário. "Primeiro os meus pais se esquecem do meu aniversário. Então, não só parece que minha velha amiga esqueceu também, mas eu recebo um telefonema de um amigo chato me convidando para sua festa!" Ela deixou cair o telefone de volta sobre o balcão. "Um mês e meio de antecedência!" CC empurrou a garrafa de champanhe fechada na geladeira.

"Considere-se no convés", disse ele severamente. Então ela pegou a garrafa de champanhe aberta, seu meio-copo vazio, o balde do KFC e marchou propositadamente para a sala onde ela estendeu a festa em cima da mesa do café, antes de retornar à cozinha para um punhado de guardanapos. Passando o telefone incrivelmente silencioso, ela parou e girou.

"Oh, não. Eu não sou feito você, você vem comigo". Ela jogou o telefone ao seu lado no sofá. "Basta sentar lá. Eu estou mantendo um olho em você." CC escolheu outro pedaço de frango deliciosamente gorduroso e clicou na TV e gemeu. A tela era nada mais do que estático.

"Oh, não! O cabo!" Porque ela estaria fora do país por três meses, ela decidiu ter o cabo temporariamente desconectado e tinha sido orgulhosa de si mesma por ser tão consciente de dinheiro. "Não esta noite! Eu disse-lhes efetivamente 1 de novembro, e não 31 de outubro." Ela olhou para o telefone silencioso. "Você provavelmente tinha algo a ver com isso."

E ela começou a rir um pouco histérica.

"Eu estou falando com o telefone." Serviu-se de um copo de champanhe, observou a garrafa agora estava meio vazio. Bebeu o líquido borbulhante, pensativa, CC falou em voz alta, incisivamente ignorando o telefone. "Isto, evidentemente, exige medidas de emergência. Hora de botar pra quebrar nos Filmes de Menina favoritos".

Segurando a coxa de frango entre os dentes, ela limpou as mãos na toalha de papel antes de abrir o armário de vídeo que estava ao lado de seu aparelho de televisão. Através de uma boca cheia ela murmurou enquanto os títulos digitalizados no seu esconderijo.

"Dirty Dancing, Terra das Sombras, Amor sem Barreiras, E o Vento Levou". Ela fez uma pausa e mastigou, considerando. "Não, muito tempo e é realmente material de aniversário não. Hum..." Ela continuou lendo. "Super-Homem, Orgulho e Preconceito, O Último dos Moicanos, O Turista Acidental, A Cor Púrpura, As Bruxas de Eastwick". Ela parou. "Este é exatamente o que eu preciso. Alguns garotas poderosas". Ela chutou o vídeo no VCR. "Não", ela se corrigiu. "Isso é melhor que garotas poderosas, isto são mulheres poderosas!" CC levantou o copo para a tela, brindando a deusa do filme vibrante quando elas apareceram. Elas eram únicas e fabulosas.

Cher era misteriosa e exótica, com uma boca cheia, perfeita e uma riqueza de cachos sedutores que emoldurava o rosto como a crina de uma leoa, selvagem escura. CC suspirou. Ela realmente não podia fazer nada sobre seus próprios lábios, eles se parecem com algum tipo de experimento científico. Tudo mais sobre ela era tão pequeno. Mas talvez seja a hora de repensar seu corte de cabelo curto de menino. Michelle Pfeiffer, agora uma mulher linda. Mesmo fazendo o papel de mãe Senhora Fértil, ela ainda era inegavelmente etérea em sua beleza loira. Ninguém jamais a chamaria de fofa.

E Susan Sarandon. Ela não podia parecer desajeitada mesmo quando ela estava vestida como um antigo professor de música. Ela escorria sexualidade. Nenhum garoto jamais iria pensar nela como apenas um amigo. Pelo menos nenhum cara heterossexual. "Para cada três mulheres incríveis que são tudo o que eu desejo poder ser!" Ela não podia acreditar que seu copo estava vazio e a garrafa também.

"É uma coisa danada de bom, temos outra". Ela afagou carinhosamente o telefone antes de resgatar a garrafa de champanhe de uma vida de solidão na geladeira. Ignorando o fato de que seus passos pareciam um pouco instáveis, ela recostou-se, pegou um pedaço de frango ainda com o olhar sempre inclinado no telefone silencioso. "Aposto que você está chocado que alguém que é tão pequeno pode comer tanto." Ele respondeu com um som estridente.

CC pulou, quase engasgando com o meio-mastigado pedaço de frango. "Meu Deus, você tem medo de mim!" O telefone tocou novamente. "CC, é um telefone. Vá lá e atenda." Ela balançou a cabeça em sua própria loucura.

A coisa soou novamente antes que ela tivesse limpado as mãos e os nervos o suficiente para lhe responder.

"O-Olá?" disse timidamente. "Posso falar com Christine Canady, por favor?" A voz da mulher era estranha, mas agradável.

"Esta é ela." CC clicou o controle remoto e pausado As Bruxas de Eastwick.

"Senhorita Canady, sou Jess Brown de Woodland Hills Resort em Branson, Missouri. Estou ligando para dizer que seus pais, Elianor e Herb, deram-lhe um fim de semana em Branson na nossa bela estância para o seu vigésimo segundo aniversário! Feliz Aniversário, Senhorita Canady! "

CC quase podia ver Jess Brown radiante em deleite todo o caminho de Branson. Onde quer que fosse.

"Vinte e cinco," foi tudo o que ela poderia fazer a sua boca dizer.

"Perdão?"

"É meu vigésimo quinto aniversário, não o meu vigésimo segundo."

"Não." Através do telefone veio o som dos papéis que estão sendo balançados freneticamente. "Não, diz aqui Christine Canady, vigésimo segundo aniversário."

"Mas eu não sou."

"Não é Christine Canady?" Jess parecia preocupado. "Não tem vinte e dois!" CC olhou a recém-inaugurada segunda garrafa de champanhe. Talvez ela estivesse bêbada e alucinada. "Mas você é Christine Canady?"

"Sim".

"E seus pais são Elianor e Herb Canady?"

"Sim".

"Bem, enquanto está é realmente você, eu suponho que o resto não importa." Jess estava obviamente aliviado.

"Acho que não." CC deu de ombros, desanimada. Ela decidiu que ela poderia muito bem aderir à loucura.

"Bom!" Jess estava de volta no lugar. "Agora, apenas alguns pequenos detalhes que você deve saber. Você pode programar seu fim de semana em qualquer altura do ano que vem, mas você vai precisar ligar para reservar sua cabana ..." Cabana? A mente de CC questionou. O que eles fizeram?

"...Pelo menos um mês antes do tempo ou não podemos garantir a disponibilidade. E, é claro, este presente é apenas para seu uso pessoal, mas se você gostar de trazer um amigo, o recurso estaria disposto a permitir que ele ou ela se junte você para uma taxa nominal, ou totalmente livre se ele ou ela estiver disposto a participar de uma breve reunião informativa sobre as nossas instalações. "

CC fechou os olhos e esfregou a têmpora direita, onde o eco de uma dor de cabeça estava apenas começando.

"E junto com o seu fim de semana maravilhoso", Jess Brown alertou, "seus pais generosamente reservaram um bilhete para você no Andy Williams Moon River Theater, uma das amostras mais populares e de longa duração em Branson!"

CC não poderia parar o gemido triste que escaparam dos lábios. "Oh, eu posso entender bem o seu entusiasmo!" Jess jorrou. "Nós estaremos lhe enviando o pacote de informações oficiais pelo correio. Deixe-me verificar novamente o seu endereço..." CC se ouviu confirmando seu endereço. "Ok! Acho que essa é toda a informação que precisamos. Você tenha uma noite encantadora, Senhorita Canady, feliz aniversário!" Jess Brown alegremente desligou a linha.

"Mas onde fica Branson?" CC perguntou ao tom de discagem.

Capítulo 2

"Está certo!" CC observava na TV, espirrando champanhe sobre o tapete enquanto ela levantava o copo de forma dramática. "Desliguem-no*, meninas! Jack Nicholson nem era tão bonito assim, de qualquer modo, eram vocês três que realmente tinham a magia o tempo todo".

**A Bruxas de Eastwick (1987) é um filme de fantasia em quadrinhos de horror baseado no romance de John Updike's de mesmo nome. Foi dirigido por George Miller, e estrelado por Jack Nicholson como Daryl Van Horne, ao lado de Cher, Susan Sarandon e Michelle Pfeiffer como as bruxas Eponymous.*

A autora diz "Desliguem-no" referindo-se ao personagem do Jack Nicholson que aparece dentro da TV para falar com as três bruxas e com os filhos.

CC mal percebeu sua instabilidade quando ela se levantou para dançar a dança da Mágica das Mulheres Vitoriosas enquanto os créditos do filme rolavam.

"Sr. telefone." Ela parou sua dança da vitória para recuperar o fôlego. Fugaz, ela perguntou apenas quem tinha comido todo o KFC. Sr. Telefone parecia estar sorrindo para ela do seu lugar na poltrona.

"Você sabe que as mulheres têm toda a magia?" Ele não respondeu. "Claro que não, você é um telefone!" CC riu. "Você nem sabia que eu tinha vinte e cinco, em vez de vinte e dois." Ela riu até que bufou. "Mas você sabe agora. E depois de assistir esse filme excelente, você deve saber que as mulheres têm magia, também." Sr. Telefone parecia cético. "É verdade! Cher e Michelle e Susan não provaram?" CC vacilou, mas só um pouco. "Oh, eu vejo o que você quer dizer. Você acha que elas têm magia, mas você não acredita realmente que uma mulher comum, como eu, poderia ter mágica".

CC não pode estar inteiramente certa, mas ele parecia estar disposto a ouvir.

"Tudo bem. Você pode estar certo, mas e se você não está? E se as mulheres realmente têm alguma coisa dentro delas, e nós só temos que encontrá-lo? Como elas fizeram.".

CC sentiu a faísca de uma ideia, e enrugou a testa numa tentativa de concentração. "Eles não acreditam em um primeiro momento, qualquer um, mas que não pararam de tentar. Talvez não importe se você é normal para o futuro, ou se você é novo em algum lugar e você não tem quaisquer amigos ainda." Ou, a mente CC adicionou, se o seu aniversário foi esquecido. "Talvez tudo que precise é um salto de fé".

E uma luz leitosa piscou no canto do olho esquerdo, quebrando sua concentração. O que...? Um arrepizinho de medo deslizou no caminho para baixo da nuca.

A luz vinha de trás das cortinas fechadas que cobria as portas do pátio levando a sua varanda. CC verificou o relógio de videocassete. Os números de leitura digital 10:05

"Deve ser a iluminação pública", disse ao Sr. telefone, mas manteve os olhos fixos no cativante reflexo brilhante. A lasca de luz que ela podia ver tinha uma qualidade ímpar, totalmente diferente do brilho estéril de iluminação pública. "Poderia ser os faróis de um carro estacionado." Mas, assim que ela disse sabia que não podia ser verdade. Não em seu apartamento no último andar. Faróis de carro não brilham ali em cima. Eles também não têm uma qualidade de calor que a fez querer banhar-se neles.

Os pés de CC a levaram para as cortinas antes que ela conscientemente disse-lhes para se mover. "Você pediu um pouco de magia", ela sussurrou. Lentamente, como se ela estivesse se movendo através do crepúsculo doce entre dormindo e acordada, ela chegou e separou as cortinas. "Ah..." A palavra saiu em uma respiração. "É magia".

A lua cheia perfeita e luminosa acima dela como se a deusa Diana se tinha colocado lá como um presente de aniversário. Banhava o terraço lotado de vasos de plantas transformando em um ambiente aconchegante, com o brilho opala. Ela rapidamente destravou as portas de vidro e saiu para o calor suave de uma madrugada de outubro.

O terraço CC era grande, e ela olhou para fora um cinturão verde* que dividia o complexo de apartamentos e um bairro de classe alta. O surpreendente terraço foi a razão pela qual ela decidiu esticar seu orçamento e pagar o aluguel do caro apartamento. Ela amava se sentar lá e deixar os sons reconfortantes da vegetação derreter a tensão que muitas vezes se agarrava a ela do trabalho e poderia mesmo com teimosia permanecer com ela através da sua aula de kick-boxing e o banho morno ela tomava tantas vezes depois da aula. Ela passou muitas noites lá, como era evidente pela confortável cadeira de balanço de vime** e o tipo de mesa que era do tamanho certo para apoiar um livro e um copo com alguma coisa fria. Aninhada no meio das exuberantes plantas estava o seu pedaço de móvel de varanda favorito, uma miniversão de uma chimenea***.

*área verde que circunda uma região urbana.

**O vime é difícil tecido de fibra formado em um material rígido, normalmente usado para cestos ou mobiliário. O vime é muitas vezes feito de material de origem vegetal, mas as fibras de plástico são usadas também.

*** N.R.: Eu achei parecido com lareira: http://halorural.com/wp-content/uploads/antonio_chimenea.jpg

Esta noite a cor creme da chimenea capturou as carícias da lua e sua luz refletida como o luar nas areias de uma praia exótica. De repente, ela inclinou a cabeça para trás e abriu os braços, como se ela pudesse abraçar a noite. A lua cheia enchia sua visão e sentiu seu corpo liberado, como se ela estivesse sendo saturada com a luz de outro mundo. Levantou sua cabeça.

"É verdade", disse ela à noite ouvindo. "Deve ser verdade."

E surgiu uma ideia, concebida do champanhe e do luar. CC sorriu e girou para trás através das portas de vidro aberto. Praticamente saltando, ela correu para seu quarto, já desabotoando seu uniforme da força aérea. A saia azul escura e blusa azul claro combinada com sua meia-calça e sutiã. "Passo um".

Nua, CC puxou a gaveta de pijama e tateou através dela até que ela encontrou a camisola longa de seda que estava no fundo, ignorado por sua mais prática camisola de algodão. Um uniforme é bom para trabalhar, mas não com magia, ela disse a si mesma e puxou o vestido pálido sobre sua cabeça, sentiu o amor erótico quando ele deslizou por seu corpo nu.

"Vou usar isto mais vezes", prometeu em voz alta. "Passo dois." Mudou-se resolutamente para o seu quarto de reposição, o que ela tinha começado recentemente a criar um escritório. Até agora só tinha tido tempo e dinheiro para comprar um computador de mesa e cadeira para ela.

Seus livros foram empilhados no chão, esperando que as estantes que ela lhes havia prometido. Ela acendeu a luz do teto e começou a busca através das pilhas de livros antigos, acumulados ao longo dos últimos sete anos, no tempo que ela casualmente teve aulas da faculdade, que nunca achava importante. CC tocou os textos que variava de guias de laboratório de Anatomia e Fisiologia à contabilidade básica para negócios 101.

"Aqui está!" Ela puxou o texto que tinha sido escondido sob um enorme livro de Humanas. Foi intitulado "A Era matriarcal, Mitos e Lendas". CC carinhosamente lembrou-se do semestre de Estudos da Mulher e da espirituosa Professora Teresa Miller, que tinha dado essa aula, uma de suas favoritas. Ela ainda podia ouvir a voz expressiva de Miller na leitura em voz alta das palavras que haviam sido criadas em um tempo antigo, quando as mulheres haviam sido reverenciadas e até adoradas.

"Onde está?" ela murmurou para si mesma enquanto percorria o índice, o dedo descendo levemente cada fileira de nomes, finalmente parando próximo ao início do G. "Gaia!".

Ela sentou-se sobre os calcanhares, virou para a página oitenta e seis, e leu em voz alta: "Gaia, ou Gaia, era uma deusa da Terra, a Grande Mãe, conhecida como a mais antiga das divindades. Ela governou a magia da profecia e da maternidade. Embora Zeus e outros deuses masculinos assumissem seus santuários durante o surgimento da insurgência patriarcal, os deuses juraram todos os seus juramentos em nome dela, portanto, em última análise, permanecendo sujeito à sua lei".

CC acenou com a cabeça. Isto era exatamente o que ela estava procurando. Gaia era a Mãe da Magia. Lançando de volta para o índice girou páginas até que ela encontrou os R.

"Rituais! Ritual da Terra página 152." Ela vasculhou a maré de páginas brancas e fez uma exclamação vitoriosa quando ela o encontrou. "Ha! Eu sabia!"

Silenciosamente ela leu as invocações antigas, puxando o lábio inferior na concentração. Quando ela terminou de ler, ela levou o livro à sua mesa e sentou em silêncio por um momento, então com um sorriso satisfeito, escreveu uma única frase com tinta azul sobre um pedaço de papel comum branco e dobrou uma vez. Dobrada a página para marcar o seu lugar no texto, ela voltou para a sala de estar, com o livro e papel na mão.

Desta vez, quando ela pisou no terraço, ela trouxe consigo o livro, o pedaço de papel, uma taça de champanhe limpa com água fria, uma caixa de fósforos longos e uma determinação que foi claramente demonstrada pelo nível que se ajustava seus ombros.

O Chimenea era apenas grande o suficiente para manter um bloco de madeira de pinheiro perfumado. Habilmente, ela alimentou a pequena boca e acendeu o pinheiro seco. Então, ela moveu para longe, um fino plantador que foi preso ao corrimão do terraço de ferro forjado. Ela acariciou as folhas aveludadas e curvou para inalar o cheiro de hortelã.

"É uma sorte que eu tenho um dedo verde." Ela sorriu.

Com uma escolha cuidadosa, ela quebrou a parte superior de várias plantas maiores. O aroma picante do pinheiro queimado saiu do Chimenea como névoa. A fumaça pairava em torno do terraço. Claramente visível à luz do luar, ela torceu e elevou-se com a brisa quente como as ondas do oceano. CC estava com a respiração presa em excitação quando ela correu para se posicionar na frente do Chimenea. Ela colocou a hortelã picada sobre a mesinha ao lado do copo de água e um pedaço de papel, em seguida, abriu o livro para e para repaginá-lo. Com uma crescente sensação de excitação, ela limpou sua garganta e começou a ler.

"Grande Mãe, Gaia, criadora de tudo que existe, peço-lhe para estar aqui comigo agora."

Enquanto ela entrava no ritmo do antigo ritual, um som característico saiu de sua voz e ela sentiu um inesperado ataque de sensação que passou sobre os cabelos dos braços nus, quase como uma faísca de eletricidade estática.

"Preciso de sua orientação a medida que eu aspiro o conhecimento e o crescimento espiritual. Ajuda-me também com..." CC pausou. Aqui no texto havia entre parênteses as palavras à sacerdotisa declarando o seu propósito. Ela respirou fundo e fechou os olhos,

concentrando-se com todo seu coração e alma, então ela repetiu: "Ajuda-me também com a criação de magia em minha vida." Reabrindo os olhos dela, ela continuou a ler. "Eu desejo com todo meu coração realizar meus desejos de uma forma positiva. Revele-me a direção a tomar. Aguardo sua orientação e ajuda."

Uma lufada de ar tocou nas páginas do livro aberto e por um momento ela tremia e o sentia vivo em suas mãos. CC tremeu em resposta. A noite estava silenciosa, como um amante à espera das próximas palavras do seu amado. "Entrego os meus desejos e sonhos aos seus cuidados".

Com uma mão ela segurava o livro aberto. Ela usou o lado de seus dedos lentamente através da fumaça de pinheiro a deriva.

"Pelo ar, para criar a semente." A fumaça rodopiava em uma preguiçosa dança circular. Com a mesma mão que ela pegou o pedaço de papel dobrado, na qual estava escrito uma única frase as com letras fluentes de CC.

"Eu quero magia em minha vida." O desejo encheu sua mente... Ah, por favor, ela rezou. "Ao fogo, eu aqueço."

O papel foi para o fogo e pegou instantaneamente em chamas com uma chama feroz verde. Através de sua mente escovado o pensamento de que ele não deveria ter feito isso, era apenas um simples pedaço de papel. Nada sobre ele poderia ter feito uma chama selvagem verde. O batimento cardíaco de CC aumentou de forma irregular, mas ela forçou a mão para ser firme quando ela tomou o copo de cristal cheio de água fria, clara e com movimentos delicados dos dedos, ela dispersou em um pequeno círculo ao redor do Chimenea.

"Por água, eu nutro."

CC pisou dentro do círculo feito recentemente. Ela brilhava a luz do luar como renda feita de mercúrio. Inclinou-se para a mesa e recolheu os galhos de hortelã em sua mão.

"Com a Terra, eu faço crescer".

Ela jogou as plantas sensíveis ao fogo onde eles chiaram e brilhavam. Ela viu quando eles começaram a se dissolver. CC instantaneamente pensou que parecia uma espécie de alga exótica, e ela podia realmente sentir o gosto salgado do oceano.

"A partir do espírito, eu tiro o poder de fazer todas as coisas possíveis enquanto me vinculo ao poder da deusa". Com uma explosão de emoção CC derrubou o texto sobre a

mesa e completou as palavras do ritual, como se fossem escritos em seu coração. "Obrigado, Gaia, Grande Deusa Mãe!"

Como que em resposta à sua invocação, o vento mudou e esfriou. A fumaça do pinheiro foi em espiral para cima, diáfano e brilhante com a luz de águas-marinhas. CC assistiu desaparecer no céu a lua encharcada. A brisa continuou a aumentar, e CC impulsivamente levantou as mãos sobre a cabeça, os dedos esticados, como se poderia capturar a lua dentro deles. Lentamente, ela começou a balançar, deixando o vento levá-la a tempo para a sinfonia da noite. Seus pés descalços encontraram sua própria dança; eles seguiram a circunferência do círculo úmido. O vento lambeu seu corpo, puxando a seda da camisola contra o calor da sua pele.

CC olhou para seu corpo, e sentiu seus olhos aumentarem de surpresa. Normalmente, ela pensou em si mesma como muito pequena para ser considerada sexy, mas esta noite ao luar misturado com seda, lançando um feitiço em seu corpo. Através do tecido fino os seios eram claramente visíveis e seus pequenos, perfeitos e sensíveis mamilos apertados enquanto eles enrugaram contra a maciez dele. Ela balançou a perna para frente em um passo de dança graciosa que havia adormecido dentro dela desde as primeiras lições de balé da escola.

A camisola moldando-se a suas coxas, fazendo-a sentir como se tivesse acabado de sair da tela de uma voluptuosa pintura de Maxfield Parrish. O luar pego as ondulações e dobras de seda, dando vida à cor pálida e transformando em espuma, a espuma do mar. Ela riu alto na sua beleza inesperada e rodopiava nos pés que tinha asas.

"Eu tenho a magia!" ela proclamou à noite.

A escuridão banhava toda a varanda, e ela olhou para cima para ver fiapos de nuvens, como metade formada, começando a face obscura da lua crescente. O vento aumentou, e a dança de CC manteve tempo com ele, refletindo o ritmo das árvores balançando. O estalo ensurdecedor do trovão deveria ter dado medo à ela, mas ao invés disso CC sentiu como a tempestade fosse originada dentro de seu corpo. Quando o brilho azul-branco de um relâmpago atravessou o céu, só alimentou seu apetite pela noite, e ela gritou, acrescentando sua própria voz para a tempestade.

Como fruto amadurecido do estrondoso céu, foi enviada uma chuva caprichosa para participar na sua celebração. CC girou e girou e riu alto. Ela se revelou a cada instante. Notou como as plantas pareciam mover suas folhas com ela, e como a chuva caindo no meio deles brilhava como jóias.

Seus olhos foram atraídos para o trecho de estacionamento do asfalto logo abaixo, e ela ficou espantada com a forma como a chuva havia transformado-o em vidro a superfície de um oceano misterioso, coberto de sombra.

CC levantou os braços e deu voltas com a chuva envolta em uma majestade úmida. Ela riu alto e claramente acreditava que ela ouviu o som do riso musical de outra mulher e por um momento mágico suspendeu suas vozes mescladas, enchendo a varanda com alegria e amor.

Então o céu explodiu com um flash de luz, e a chuva desceu em uma torrente. CC percebeu que as cortinas estavam balançando descontroladamente e a chuva estava molhando seu vigoroso tapete da sala. Ainda rindo, ela mexeu através do pátio para as portas abertas e puxou-as bem fechadas atrás dela.

Tilintando um pouco em uma poça do tapete ensopado ela teria se sentido consumida, mas em vez disso ela se sentiu revigorada. CC levantou os braços longe do corpo e assistiu como gotas de água, brilhando como diamantes, deslizou para baixo do pano ensopado da camisola.

"Eu nunca me senti tão viva". Ela obrigou-se a falar as palavras em voz alta. Balançou a cabeça, deixando a água flutuar em torno dela, e correu os dedos por suas ondas curtas. "Vou deixá-lo crescer", prometeu.

E ela percebeu que seu cabelo não era tudo o que ela estava pronta para mudar. Ela estava preparada para quebrar seu próprio molde. Andando de leve, ela fez seu caminho de volta para o banheiro e puxou uma toalha grossa da prateleira de linho. Na pequena penteadeira ao lado de sua cama, acendeu uma vela que havia comprado em uma loja pequena apropriadamente chamada de O jardim secreto.

Ela respirou profundamente, enchendo-se com baunilha deliciosa do perfume da vela. O cheiro doce derivou em torno dela quando ela ligou o pavio. Parada no quarto à luz de velas começou a secar com a toalha, esfregando a pele já sensibilizada com luz, movimentos circulares. Seu cabelo estava quase seco, quando ela caiu nua entre o frescor das folhas limpa. Com a ponta dos dedos que estavam em chamas, ela acariciava a si mesma. Fechando os olhos dela, ela gemia encantada e surpresa com as sensações elétricas que caíam em cascata através de seu corpo.

Enquanto o sono de veludo a carregava, CC tinha certeza de que ouviu o riso de uma mulher, o mesmo riso mágico que tinha ouvido enquanto ela dançava na chuva na varanda. Os lábios de CC curvados num sorriso, e ela dormiu. E enquanto dormia, CC sonhou que uma voz masculina chamou-a em profundidade, tons sedutores. O corpo dela

sonhando respondeu ao apelo e esticou para frente, mas sentia-se extraordinariamente lenta. No sonho, ela abriu os olhos. Ela foi cercada por um véu de azul líquido. Estou debaixo d'água, sua mente dormindo reconheceu.

Vinde a mim, meu amor.

A voz soou rica dentro de sua mente, e pulso de CC saltou.

Sim! Ela tentou gritar a sua resposta, mas seu sonho era mudo.

A luz cintilava sobre a cabeça dela e ela olhou para cima, apertando os olhos para o brilho. Logo acima da superfície da água uma forma apareceu. CC flutuava, e a forma tornou-se um homem. Ele era misterioso e exótico. Seu cabelo caiu em torno de seus largos ombros bronzeados, em uma onda negra e seus olhos riram para ela. Através das ondulações das ondas cristalinas ela podia ver seu sorriso fácil como a mão estendida, acenando para ela. Ela tentou chegar-se e tomar sua mão, mas sentiu o braço de chumbo. Não seria capaz de obedecer ao seu desejo de responder. O belo rosto do homem ficou triste. Ele olhou perdido e a voz dentro de sua cabeça estava cheia de saudade.

Por favor, venha pra mim...

Capítulo 3

Um tipo diferente de luz formou sombras vermelhas pelas suas pálpebras fechadas. Que sonho estranho, CC pensou enquanto se esticava luxuriosamente. A sensação de suavidade dos lençóis frescos contra seu corpo nu misturou-se com a picante, e não preenchida sedução do sonho. Ela ainda se sentia supersensível e seu corpo nu formigava. Nua?

Ela nunca dormia nua. Por que infernos ela estava nua? Ela arregalou os olhos e o brilho do quarto a cegou, fazendo com que os fechassem rapidamente. Não poderia ser mais tarde do que 7:30h. Poderia? Não havia ajustado o alarme? Estava atrasada para o trabalho? Seu coração martelava.

Memórias da noite vieram à tona, as duas garrafas de champanhe, o filme, a súbita ideia genial, que a levou ao ritual.

Ela se encolheu e tentou desaparecer em baixo dos lençóis, mas a sua memória foi implacável. "Você acha que eu tive champanhe o suficiente para ter esquecido tudo", ela gemeu.

Ela espiou o lado da cama. A vela de baunilha tinha queimado. Bem, pelo menos poderia ser grata de não ter colocado fogo em seu apartamento. Ela olhou para baixo. Sua pálida camisola, amassada e jogada em seu tapete cor de creme. Balançou a cabeça e suspirou. Duas garrafas de champanhe, o que estava pensando?

"Eu esqueci", ela murmurou. "O pensamento racional de parar depois da garrafa número um".

Não admira que ela tenha tido um sonho estranho, estava em um estado de estupor alcoólico. Ela olhou para a cabeceira e em seu relógio, lia-se 11:42h. Os olhos de CC se arregalaram. O pânico baniu o sonho, e ela sentou ereta.

"É quase meio-dia!" Ela uivou, se arrastando para seu armário e freneticamente retirar um novo uniforme antes de lembrar-se que não tinha de se apresentar para serviço naquele dia. Ela estava viajando para fora amanhã, o que significa que hoje seria dedicado a empacotar e acertar as contas que surgem quando você fica fora três meses.

Ela ficou com uma respiração instável e passou a mão pelos cabelos. Atualmente, a única razão que tinha para ir à base era para parar na sala de ordenado e pegar seu novo conjunto de dog tags*. (Ela ainda estava mortificada por perder o seu antigo conjunto

durante o movimento do Colorado.) Além disso, precisava comprar alguns artigos de higiene de última hora para a viagem, voltar para o apartamento e mover suas plantas da varanda de sua sala de modo que sua vizinha, a Sra. Runyan, pudesse regá-las e terminar sua mala . E, é claro, tinha que se lembrar de deixar sua chave extra com a Sra. Runyan antes de sair para o aeroporto na manhã seguinte.

*aquelas plaquinhas de metal – para identificação militar

CC respirou profundamente. O que estava errado com ela? Era normalmente tão organizada e sensata sobre seu trabalho. Tinha planejado acordar cedo pela manhã e terminar seus assuntos na base, depois cuidar das plantas e ter empacotado tudo cedo de modo que pudesse passar o resto do dia relaxante. A viagem ao Saudi* seria muito longa e desgastante, e CC definitivamente não estava tão animada para a viagem, e isso sem considerar o quanto ela odiava voar.

*parte da Arábia Saudita

Ela balançou a cabeça. Em vez disso, tinha escolhido se enviar para uma enorme ressaca. CC marchou até o banheiro e ligou o chuveiro. Conforme o quente, tranquilizador vapor começou a espalhar, ela começou a procurar uma aspirina através do gabinete para sua tremenda dor de cabeça. Mas antes de achar, ela parou a si mesma.

Dor de cabeça? Não, agora que seu coração não estava gritando a mil por hora, e ela não tinha medo de estar sem licença* metade do dia, ela percebeu que sua cabeça não chegou a doer. De verdade. Agora, ela se sentia bem. Ela fechou a porta do armário e se estudou no espelho.

* AWOL Absent Without Leave - abreviação de abstinência/ sem licença (no exército)

Em vez do pálido olhar de vazio de uma manhã pós-ressaca, os olhos castanhos de CC eram claros e brilhantes. Seu olhar desceu para seu corpo nu. Sua pele era saudável e vibrante, brilhava com um adorável rubor rosado. Era quase como se tivesse passado a noite sendo mimada em um spa exclusivo, em vez de beber duas garrafas de champanhe, comer uma tonelada do KFC e ser pego em uma tempestade, enquanto ela dançava ao luar.

"Talvez..." ela sussurrou ao seu reflexo.

Um tremor de prazer viajou a extensão de sua nudez, enquanto ela se lembrava do luar e a corrente de paixão que tinha abastecido o interior de seu corpo. Ela quase conseguia sentir a noite contra a sua pele novamente. O vapor quente do chuveiro investiu em torno dela em abundantes, preguiçosas ondas.

"Como a fumaça de pinheiro", ela suspirou, e seu coração disparou. "Lembre-se", ela disse ao seu reflexo. "Você prometeu quebrar o molde."

Por um instante, ela levantou os braços, tentando imitar os movimentos da noite anterior e se virou lentamente em uma sonolenta pirueta. A névoa girava em torno dela, lambendo sua pele nua, com um calor líquido que a lembrou de seu sensual e agridoce sonho.

Pensando sobre o belo estranho que seu subconsciente tinha conjurado, CC continuou a girar, pegando rápidos reflexos dela mesma no espelho coberto de vapor. Seu pequeno corpo parecia ágil e misterioso, como se ela tivesse aprisionado um pouco da magia da lua dentro de si.

"Você acreditou na noite passada, acredite hoje, também." Enquanto ela falava, algo profundo dentro dela parecia se mover, como a água suave sobre cascalhos de rio.

"Magia..." CC sussurrou.

Talvez a noite e o sonho tenham sido sinais de coisas a vir, coisas que iriam mudar em sua vida. Talvez ela só tenha de estar aberta para mudança e responder quando ela chamar. "Magia..." CC repetiu.

Ela dançou e riu pelo caminho do chuveiro, amando os dedos de água morna que ondulava em seu corpo. Ela não parou de sorrir durante todo o tempo que ela se vestiu e aplicou apenas um toque de maquiagem. O sentimento não ia embora. Era como se alguém tivesse pegado uma chave e aberto algo dentro dela, e agora que estava aberto, ele se recusava a ser trancado de novo.

Ela entrou em seu par favorito de botão-up 501* jeans. Depois de ouvir decididamente, a previsão de tempo mais fria, colocou seu grosso moletom cinza com força aérea escrita em parte de seu peito. Seus pés ficaram leves quando ela agarrou um V8 Splash** da geladeira e correu para fora de seu apartamento.

*aqueles jeans com cós alta – tipo Boyfriend que tão usando.

** É suco em latinha. http://en.wikipedia.org/wiki/File:V8_vegetable_juice.JPG Parece-me que é um suco que mistura frutas com vegetais (éca!)

A escada em espiral que graciosamente ia do teto até o chão do seu apartamento ainda estava úmido da tempestade da noite anterior, o que fez CC's sorrir amplamente. Tudo parecia extraordinariamente claro e bonito. Seu carro estava estacionado quase diretamente abaixo de sua varanda, e enquanto destrancava, ela deu uma olhada para cima. Seus lábios formaram um silencioso "O" de prazer. A luz do meio-dia formava um halo sobre as folhagens verdes que ainda brilhavam com gotas de chuva, fazendo a varanda aparecer mais como algo imerso em um oceano do que algo na terra.

Mágica está acontecendo. O pensamento apareceu espontaneamente dentro de sua mente e em vez de questionar isso, CC respirou profundamente e deixou a sedutora ideia se acomodar.

O guarda do portão de entrada do Tinker's North* estava verificando as identificações militares e, quando chegou sua vez, CC baixou a janela e emitiu um alegre

*Tinker Air Force Base (IATA: TIK, ICAO: KTIK) é um importante U. S. base da Força Aérea localizado na zona sudeste da cidade de Oklahoma, diretamente ao sul do subúrbio de Oklahoma City, Oklahoma

"Bom Dia!" ao jovem piloto com olhar sério. O granito se acumulava no rosto suavemente, e ele devolveu seu gracejo com um carinhoso sorriso torto.

"É boa tarde, senhora", ele corrigiu gentilmente.

"Oops!" Ela sorriu. "Bem, tudo está tão brilhante e claro que ainda parece de manhã."

"Não tinha pensado nisso até agora, mas eu acho que você está certa. Está verdadeiramente bonito hoje." Ele parecia sinceramente surpreso com a descoberta. "Tenha um bom dia, senhora."

Ele acenou através do portão, mas seus olhos ficaram fixos no carro e o sorriso torto ainda estava estampado em seu rosto muito tempo depois que ela tinha desaparecido.

A sala de organização do Esquadrão de Comunicações estava localizada no Departamento de Pessoas.* Era uma estrutura típica militar, grande e quadrada, e feita de um indefinido tijolo vermelho. CC ficou satisfeita ao ver uma vaga livre na primeira fila. Normalmente, o estacionamento ficava absurdamente lotado, e ela tinha que estacionar longe. O gramado em torno do edifício e as cercas vivas que beiram a entrada eram meticulosamente bem cuidada. O senso de obsessiva ordem continuava no interior do prédio também.

* Personnel Building – É uma espécie de prédio/departamento que trata de assuntos de pessoal de uma empresa.

CC abriu a porta e foi recebida pelo cheiro familiar de limpeza militar. Sim, senhora. Você poderia comer no chão, paredes, tetos e mesas literalmente. Diretamente à sua frente um espelho de corpo inteiro mostrou a CC seu reflexo. Ela automaticamente leu as palavras escritas na parte superior do espelho: Será que sua aparência reflete seu profissionalismo? CC começou a sorrir timidamente para sua calça jeans e moletom, então ela fez uma rápida checagem.

Seus olhos alguma vez já pareceram tão grandes? Hipnotizada, ela se aproximou da lisa superfície do espelho. Sua mãe sempre tinha descrito seus olhos como "fofinho" ou de "cachorrinho abandonado". CC geralmente não pensava muito neles além de estar satisfeita que ela tinha uma visão perfeita. Mas hoje eles pareciam preencher sua cara. Sua cor normal avelã brilhava como -

"Posso ajudar, senhora?"

A voz áspera fez CC pular fazendo-a parecer culpada. Suas bochechas estavam quentes quando ela se virou para enfrentar o olhar estagnado do sargento-chefe.

"Uh, sim. Você pode dizer onde devo ir para pegar minhas identificações?"

"Claro que posso." Assim que ela começou a falar sua aparência rude amolecia, e ele sorriu calorosamente para ela. "O escritório de marcas e identificações militares é no terceiro andar. Você pode pegar o elevador que está no final deste corredor." Ele apontou para a direita.

"Obrigado, Chefe," CC disse fugindo para o elevador, o rosto queimando. O velho chefe ficou um instante olhando para ela.

"Ora, isso que é uma garota bonita," ele pronunciou para o vazio.

O escritório de identificação não foi difícil de achar- era o mais movimentado escritório do prédio. CC suspirou enquanto pegava um número e achava um assento junto à parede. Salas de espera são sempre ultraocupados durante a hora do almoço. Ela deveria saber melhor. Tentando encontrar um artigo interessante em um antigo The Times da Força Aérea, ela desejava ter lembrado de trazer um livro com ela.

A sala já estava quase vazia e o relógio da repartição de inteligência lhe dizia que já haviam passado 45 minutos quando seu número foi finalmente chamado. e ela recuperou seu novo conjunto de identificação. Finalmente! CC sentia como se estivesse livre. Ela apertou o botão desce no elevador, e enquanto a porta se abria ela rabiscou sua lista de "Coisas a fazer" com seus dedos.

Um: Vá para o Exchange Base* e obtenha alguns cosméticos.

Dois: pegar adubo para as plantas- seu estômago roncou.

E três: um pouco de comida pra ela. Tinha comido a maior parte do KFC na noite passada, e mesmo assim, não poderia aguentar KFC duas noites seguidas. Ou pelo menos não deveria. Ela tinha apenas começado a dar um passo para dentro do elevador quando uma voz feminina de comando falava uma única palavra.

*N.R.: Exchange Base: É uma espécie de departamento de loja que há dentro das bases militares. Parece muito com os nossas lojas e shoppings.

"Espere!" CC hesitou e virou. A mulher que estava atrás dela era incrivelmente linda.

"O que?" CC perguntou estupidamente, atordoada pela beleza da mulher. Ela era alta, parecia elevar-se sobre o delicado corpo de 1,50m de CC. E seu cabelo era incrível; CC nunca tinha visto nada tão bonito. A cor era de terra escura e caia em cascatas pela curva de sua cintura. Seu rosto era régio e as maçãs do rosto eram altas e bem formadas. Mas eram os olhos que capturaram CC em suas profundezas de líquido azul.

"Espere, filha". A mulher sorriu, e CC sentiu o calor daquele sorriso a envolvendo. Ela queria perguntar por que ela deveria esperar, e porque a incrivelmente linda mulher a chamaria de filha, mas sua boca parecia não querer trabalhar. Tudo o que ela conseguia fazer era ficar lá e sorrir estupidamente de volta para a mulher como uma nervosa criança do jardim de infância conhecendo sua professora.

"Espere, senhora!"

Um grito veio do fundo do salão, e ela virou a cabeça a tempo de ver um homem vestido com um uniforme de bombeiro lançando-se em sua direção. O tombo os levou vários metros da porta aberta do elevador. Assim que eles pararam, o bombeiro se levantou num salto.

"Você está bem, senhora?" Ele estava tentando ajudá-la com seus pés, enquanto ele tirava uma sujeira inexistente do jeans dela. CC não podia acreditar. Como ela havia perdido o ar, tudo o que podia fazer era ofegar e encarar o homem.

"Desculpe, senhora. Não queria ser tão rude, mas eu tinha que lhe parar de entrar nesse elevador", disse ele.

"Q-quê", CC sugou ar e enxugou os olhos lacrimejados, "o que você está f-falando?"

"Bem, o elevador, senhora." Ele apontou para as portas ainda abertas. As portas devem estar presas, CC concluiu. "Você me derrubou porque as portas estavam presas?" Felizmente ela estava recuperando sua capacidade de respirar e falar ao mesmo tempo.

"Não, senhora. Não é porque as portas estavam presas." Como se em sugestão, as portas fecharam. "Porque o elevador está parado." Ele fez uma pausa, deixando CC absorver suas palavras. "No primeiro andar".

"Isso não pode ser", CC falou estupidamente. "Eu acabei de subir com ele até aqui."

O bombeiro fez um som ridicularizando. "Claro, e uma hora atrás estava funcionando. Só ficou preso 'cerca de cinco minutos atrás. Nós estávamos executando um exercício na porta ao lado para alguns recrutas novos quando o primeiro sargento nos pediu para lhe ajudar colocando a fita de advertência e tendo certeza que todo mundo neste andar soubesse a respeito do problema."

Pela primeira vez CC notou que apertado em uma das mãos, ele tinha um rolo de tira de advertência amarela muito mais parecida com a fita policial civil que assegurava cenas de crime. "Eu não acredito nisto", ela disse. "Dê uma olhada você mesma. Só tenha cuidado." Ele saiu do seu caminho.

CC aproximou do elevador e apertou o botão de descer, como ela tinha feito só alguns minutos antes. As portas se abriram suavemente e CC olhou abaixo e para dentro de um escuro poço de nada. Ela se sentia atordoadada.

"Ainda bem que eu a vi. Eu odiaria pensar o que teria acontecido se eu estivesse estado um segundo depois." O bombeiro balançou a cabeça e franziu os lábios.

"Mas não era você", CC disse de modo trêmulo. "Eu estava pronta para entrar no elevador." CC olhou freneticamente ao redor do corredor, envergonhada de ter levado tanto tempo para perceber a mulher. "Era a mulher que estava atrás de mim. Ela me advertiu, por isso é eu não entrei no elevador." CC sentia uma onda de náusea. Ela não tinha prestado atenção a sua volta; ela tinha estado muito ocupada contando seus afazeres.

"Uh, senhora", o bombeiro disse suavemente. "Você tem certeza que está se sentindo bem?"

"Claro. Eu estou bem." CC ainda estava olhando para o corredor, tentando pegar um olhar rápido da mulher bonita. "Talvez você devesse se sentar durante um tempo."

"Do que você está falando?" CC estalou.

Primeiro o sujeito a abordou, então ele estava tentando analisá-la. Ela inspecionou as faixas no braço dele.

Yep. Ela o subjugou. "Eu só quero achar a mulher que me advertiu de forma que eu possa lhe agradecer."

"Isso é o que eu quero dizer, senhora. Não havia ninguém mais no corredor com você." Um frio arrepio passou pelo corpo de CC. Ela balançou a cabeça em descrença.

"Sim havia. Ela estava parada logo atrás de mim. Eu estava falando com ela quando você me derrubou."

"Senhora", ele pegou o braço dela e facilmente andou pelo corredor longe do poço aberto. "Você não estava falando com ninguém. Você só estava parada lá, se preparando para entrar no elevador."

"Ela estava logo atrás de mim", CC repetiu.

"Ninguém estava lá. Ninguém está aqui agora." O gesto dele seguiu até o resto do corredor. "Só há uma saída além do elevador, e é a escadaria, bem ali."

Ele apontou para a entrada da qual ele tinha emergido. "Ela teria que passar por mim para chegar lá e ela não fez."

"Você não a viu?" CC perguntou entorpecidamente.

"Não, senhora", ele disse calmamente. "E as pessoas não costumam aparecer e desaparecer como magia."

Magia... A palavra ecoou em sua cabeça e ela teve que lutar para prestar atenção ao resto do que ele estava dizendo.

"Talvez você tenha batido a cabeça. Sabe que você poderia ter desmaiado durante um segundo. Eu derrubei você bem forte. Nossos caras podem te levar para o postinho da clínica para checar sua cabeça."

"Não!" CC engoliu, enquanto recuperava a sanidade. "Veja, eu estou bem."

Ela correu os dedos pelos cachos cortados e ao redor da sua cabeça, empurrando e cutucando com total controle para mostrar que não havia delicadeza. A porta para a escadaria abriu e outro bombeiro apareceu e gritou corredor abaixo. "Ei, Steve! Está com a fita da operação ainda?"

"Eu estou trabalhando nisto", o bombeiro de CC respondeu. "Bem, se apresse. Nós não temos todo o dia para brincar com meninas bonitas." Ele sorriu e inclinou o capacete dele para CC.

O rosto de Steve coloriu, e CC aproveitou a oportunidade para fazer a sua escapada.

"Eu o deixarei voltar ao trabalho." Ela foi depressa para a porta que o segundo bombeiro segurou aberto para ela.

"E eu agradeço você ter me salvado de uma desagradável queda." Ela mergulhou na escadaria e o "Não há de que, senhora" de Steve derivou depois dela, mas CC dificilmente o ouviria. Ela estava muito ocupada repetindo uma única sentença que ela conseguia ver claramente em sua memória.

Foi escrito cursivamente em sua consciência com tinta azul contra um simples livro branco. Eu quero magia em minha vida.

Capítulo 4

CC dirigiu depressa à Base Exchange, contente por estar situado entre o Departamento de Pessoas e a saída de norte da base. Ela poderia correr para dentro, agarrar o que precisava cair fora e então poderia se apressar para seu apartamento. Ela precisava ficar sozinha para sentar e pensar sobre o que tinha acabado de acontecer.

Ela não tinha imaginado a mulher; tinha certeza disso. Mas isso era tudo que ela tinha certeza. Ela se arrastou pelo abarrotado estacionamento da Base Exchange, e enquanto dirigia pela entrada principal que ela notou uma vaga vazia, a vaga mais perto da porta da frente que estava reservada para oficiais de alta categoria. CC estacionou com um crescente sentimento de curiosidade.

"Eu estou tendo uma verdadeira sorte para estacionar hoje", ela murmurou.

A Base Exchange, conhecida pelos militares como o BX, a fez lembrar um estranho cruzamento entre uma loja de departamentos requintada e um mercado de pulga. O Tinker's BX não era nenhuma exceção. Já dentro do prédio, mas antes de se aprofundar em seu interior, estava dispersa quiosques e quiosques de pessoas vendendo tudo desde sanduíches gourmet a bolsas de designers e joia.

CC se apressou pela área colorida e impacientemente deixou o funcionário do BX checar sua ID. Ela quase correu à seção da loja que vendia cosméticos e escolheu ao acaso os itens de viagem necessários. Então teve que se impedir de gritar de impaciência quando a caixa parecia levar uma eternidade para registrar suas compras.

Ao passar pela porta, o cheiro de comida e o insistente rosnado em seu estômago a fez parar. Por que não pegar algo para o jantar aqui mesmo? Isso significava que não teria que parar novamente no caminho para casa. Ela seguiu o cheiro pela fila de quiosques até localizar o posto de sanduíche gourmet* e ordenou um hot italiano sub.

*Sanduíches mais sofisticados, comida fina.

Enquanto esperava seu pedido ficar pronto, a minha nuca começou a coçar. Como se alguém fazendo um buraco de tanto encarar. Sobrancelha franzida em irritação, CC virou-se diretamente para a mulher que estava na loja de joias em frente ao quiosque de sanduíche, sorrindo graciosamente para ela. Ela estava usando um vestido esvoaçante feito de veludo de safira. Ela elevou uma mão bem feita, adornada de joias e gesticulou para CC se unir a ela.

"Venha!" Ela disse. CC abriu a boca para recusar ao seu convite, mas a mulher falou novamente. "Não, não pense, só venha." Seu pesado sotaque enrolando as palavras.

“São 5 dólares”, a mulher do sanduiche falou. CC a pagou, e então disse uma coisa rara, uma coisa fora dos seus padrões. Sem pensar, ela deixou seus pés a carregarem pelo corredor para a loja de joias.

“Ah”, a mulher disse segurando a mão direita de CC em suas duas mãos e virando-as para poder estudar a palma. “Eu sabia. Ela te marcou.”

“Ela?” CC perguntou.

“A Grande Mãe*.” A mulher não tirava os olhos da palma da mão de CC, mas continuava relatando os fatos em sua voz rica e acentuada. “Sim, eu vi isso em sua aura, e eu vejo isso claramente aqui. Você é querida por ela”.

* Great Mother Goddess, em religiões Orientais Medianas antigas, deusa de mãe, o grande símbolo da fertilidade da terra. Ela era conhecida debaixo de muitos nomes e atributos. Essencialmente ela foi representada como a força criativa em toda a natureza, a mãe de todas as coisas, responsável particularmente para a renovação periódica de vida. Embora a Grande Mãe fosse uma figura dominante em religiões Orientais Medianas antigas, ela também era conhecida na Grécia, Roma e Ásia. Em Phrygia e Lydia ela era conhecida como Cybele; entre os babilônicos e assírios ela foi identificada como Ishtar; na Síria e Palestina ela se apareceu como Astarte; entre os egípcios ela foi chamada Isis; em Grécia ela era diferentemente worshiped como Gaea, Hera, Rhea, Afrodite e Demeter; e em Roma ela foi identificada como Maia, Ops, Tellus e Ceres.

“Como-” CC começou a perguntar, mas a mulher não tinha terminado. “Mas sua jornada será longa e sofrida”. Ela apertou os olhos para a palma de CC como se tivesse visto algo perturbante.

“Bem, eu estou indo para a Arábia Súdita amanhã para 90 dias de TDY*”, CC disse. A mulher levantou o olhar da palma de CC.

*TDY- temporary duty = Serviço Temporário.

“Não, filhinha, eu não quis dizer uma jornada de viagem. Eu quis dizer uma jornada de espírito.” CC estava presa pelo senso de familiaridade quando seus olhos se encontraram. A mulher bruscamente deixou cair sua mão e virou-se.

“Onde é isso?” A mulher murmurou para ela mesma enquanto procurava pelo amontoado de colares. “Ah, ai está você.”

Triunfante ela ergueu o colar para CC. Era lindo. O colar de prata era longo e delicado, suspenso por ela uma brilhante pedra cor de canela envolta por uma borda de madeira. Era quase do tamanho do polegar de CC e na forma de uma perfeita lágrima.

“Âmbar,” a mulher disse. “Ela foi formada por resina fossilizada no interior da terra ”

“Eu nunca tive nada âmbar”. CC disse. “Mas eu sempre achei lindo.”

“Essa peça é da mesma cor dos seus olhos.” A mulher sorriu. CC pensou que ela estava fazendo um excelente trabalho de vendedora.

“Quanto custa?” CC perguntou, retornando ao exótico sorriso da mulher.

“Esse colar não está à venda.”

CC franziu a testa. A mulher estava tentando fazer com que ela olhasse mais peças caras?

“Esse colar é um presente.” Em um movimento a mulher o colocou pela cabeça de CC.

“Mas eu não posso aceitar isso.” CC esbravejou.

“Você deve. Era pra ser seu.” Ela simplesmente disse. “E eu sinto que houve um recente evento na qual um presente é apropriado. Não?”

“Bem, foi meu aniversário ontem.” CC admitiu.

“Ah, uma criança de Samhain* que apropriado. Você vê, já é seu. Leve isso com você em sua jornada. Use sempre. Âmbar é uma pedra da terra. Saiba que tem o poder de absorver energias negativas e transformá-las em positivas.”

* Significando 'o fim de verão' e pronunciado 'sarwin', este é o nome irlandês durante 1 novembro, o começo de inverno; em contos irlandeses medievais, a noite precedente é frequentemente associada com fadas, fantasmas e aventuras sobrenaturais. Nunca foi uma palavra inglesa, mas Wiccans e outros Neo-pagãos usam isto em preferência para o Dia de Todos os Santos e Dia das Bruxas.

Os olhos da mulher eram pretos e sérios. “Talvez você tenha necessidade disso, filhinha.” Então seus olhos acenderam e ela abraçou CC. “Agora, vá pra casa e se prepare.” Ela ergueu sua cabeça como se estivesse escutando alguma coisa e adicionou, “Suas plantas estão te chamando.”

“Obrigada,” CC disse. Piscando em surpresa ao deixar a mulher lhe virar e empurrá-la gentilmente pela porta da frente. A gota âmbar caiu pesada e quente entre seus seios. CC tocou a pedra, e sua face se transformou em um surpreendente verde.

Capítulo 5

Cara Sra. Runyan,

Obrigada por cuidar das minhas plantas enquanto eu estiver fora. Coloquei o alimento delas ao lado do regador na cozinha. Por favor, lembre-se de alimentá-las a cada duas semanas. Também seria realmente muito bom se você pudesse falar um pouco com elas. Eu sei que parece bobagem, mas acho que elas gostam disso. No envelope você encontrará minha chave e um vale-presente para a lanchonete da Luby. Espero que você e suas amigas se divirtam. Estarei em casa em noventa dias. Se alguma coisa der errado, você tem o número do meu Primeiro Sargento no Tinker. Mais uma vez, muito obrigada.

CC

P.S. Sim, você pode pegar emprestado qualquer um dos meus vídeos! Divirta-se!

CC deslizou a carta para o envelope com sua chave e o vale-presente para a lanchonete da Luby e em seguida, empurrou por debaixo da porta do apartamento da Sra. Runyan. A Sra. Runyan era doce e com cerca de mil anos de idade, e ela se recusou plenamente a aceitar qualquer dinheiro para regar as plantas de CC e vigiar seu apartamento enquanto ela estivesse fora. Mas CC sabia que ela e suas amigas adoravam ir para a lanchonete da Luby depois da Igreja aos domingos, então ela havia comprado um vale-presente de cem dólares para ela. CC esperava que não tivesse que sair tão cedo, assim ela poderia estar lá para ver a expressão no rosto amável da Sra. Runyan quando ela encontrasse o vale-presente. O pensamento a fez sorrir à luz do amanhecer enquanto ela se esforçava para transportar seu saco de lona, suas malas e a bagagem de mão para baixo, em três lances de escada tortuosos, e colocá-los no porta-malas do seu carro.

Era tão cedo que o tráfego para o Tinker estava excepcionalmente limpo e os pensamentos de CC desviaram de volta aos acontecimentos das últimas vinte e quatro horas. Depois dela ter deixado a base e voltado para casa, o resto do seu dia tinha sido gasto mudando sua coleção de plantas e terminando de arrumar sua bagagem.

Certamente não tinha havido qualquer acontecimento mágico em nada daquilo. Naquela noite ela tinha até ficado na varanda tentando recapturar a magia da enlutarada noite anterior, mas nuvens tinham aparecido e não havia nenhum luar, nem qualquer magia.

Poderia ela ter imaginado a dama do elevador ontem? Ela achava que não. O peso da lágrima de âmbar entre seus seios disse-lhe que a dama no BX não tinha sido uma irrealdade de sua imaginação também. E por que ela deveria questionar e tentar abrir

buracos no que tinha acontecido? Ela queria que fosse verdade; ela desejava mágica na sua vida.

Uma mão deslizou até esfregar a gota de âmbar com os dedos inquietos, e CC nervosamente verificou o relógio do carro. Eram 5:30, e ela estava quase na base. O ônibus que a levaria do Tinker para o aeroporto Will Rogers deixaria a base às 6:15. Seu voo partiria de Will Rogers para Baltimore às 08:25. Em Baltimore, ela teria a bordo uma carta militar que iria levá-la para uma Base Aérea dos E.U.A na Itália. De lá, ela iria viajar através de um avião de carga Air Force C-130 para Riade, Arábia Saudita. A viagem toda somaria pouco mais de vinte e quatro horas, com cerca de vinte dessas horas passadas no ar. E ela realmente não gostava de voar. Neste momento, o sentimento amargo em seu estômago era um testemunho silencioso do quanto ela não estava esperando pela longa viagem. Se sua mãe estivesse aqui ela iria repreendê-la, pela milésima vez, por ingressar na Força Aérea.

"Bem, querida", ela dizia: "Por que razão você se juntou ao ramo de voo de nossas forças armadas quando você tem medo de voar?" A resposta de CC era sempre a mesma. "Eu pesquisei isso, mamãe. A força aérea era o ramo do serviço que tinha o melhor pacote global. E há um grande número de empregos na força aérea que nada têm a ver com voar. O meu, por exemplo."

Sua mãe iria fazer um som de escárnio e agitar sua cabeça. CC teve que perguntar se os pais realmente entendiam que seu trabalho militar era muito parecido com uma posição de civis em uma grande multi-corporação de mídia. Ela era responsável pela avaliação da qualidade para a Base Central de Comunicações. Será que eles achavam que ela estava secretamente voando em aviões de caça?

Ela geralmente tinha apenas uma ou duas atribuições de serviço temporário a cada ano, e, sim, ela tinha que voar por elas, mas isso não seria diferente do que sua agenda seria se estivesse trabalhando da mesma maneira em uma sociedade civil. Muitos trabalhos precisam que seus empregados viajem periodicamente.

Bem, CC sorriu para si mesma, empregos civis não exigem, geralmente, que os seus empregados viajem periodicamente para zonas de guerra. Seu sorriso diminuiu. Ela era boa em seu trabalho, e estava bem treinada. E acreditava no que estava fazendo. Não pensava nisso como sendo uma heroína ou particularmente patriótica, tinha simplesmente escolhido uma carreira que lhe deu a oportunidade de servir o seu país de uma forma muito visível. E, ela admitiu para si mesma, ela gostava da aventura da força aérea. Havia sempre gente nova para conhecer e novos lugares para ir. CC prosperou na mudança—ela tinha estagnação suficiente nos primeiros dezoito anos de sua vida, em sua pequena cidade, para durar nos próximos cinquenta e oito.

Ela respirou profundamente, tentando acalmar os nervos. Na verdade, ela percebeu que estava sentindo mais do que a quantidade normal de seu nervosismo comprovado. Agora mesmo ela preferia enfrentar vários membros do Taliban a um longo vôo de avião. Estranho, ela disse a si mesma, observando novamente a sensação de mal estar em seu estômago. Talvez ela estivesse tendo algum tipo de premonição do perigo? Será que ela estava ultra nervosa porque seu sexto sentido estava tentando lhe dizer alguma coisa?

Seu estômago roncou, assustando-a, em seguida fazendo-a sorrir. Não, era mais provável que o nervosismo em seu estômago tivesse sido causado pelo fato de que ela havia estado em demasiada pressa para tomar o café da manhã. Ela teria que tentar conseguir algo para comer no avião. Ela riu alto. Ultimamente havia algo realmente assustador na comida de avião...

CC lembrou-se disso enquanto sua barriga continuava a revolver nervosamente, e enquanto ela fazia seu caminho através da América. A escala em Baltimore foi breve, e ela teve que correr para pegar o seu transporte para a carta militar, que era na verdade um 747 comercial enorme recheado com militares de diferentes graduações. CC enfiou a cara em um livro e tentou desesperadamente ignorar o fato de que eles foram atirados para frente a uma taxa de velocidade totalmente obscena muito acima da terra.

O comandante do vôo, através do intercomunicador anunciou que eles seriam desembarcados na base aérea na Itália, em vinte minutos. Ele informou-lhes com orgulho que o tempo estava um belo vinte e três graus celcius, com céu claro e tempo local de quase 10:00 horas, mesmo que, em vez disso, o relógio interno do CC insistisse que era quase 2h00. Ela correu os dedos pelos cabelos despenteados e esfregou os olhos cheios de areia, desejando desesperadamente que ela pudesse ter relaxado o suficiente para dormir durante o longo vôo.

Só mais uma etapa desta viagem, ela disse a si mesma. CC tirou o arquivo que continha suas ordens e seu itinerário de sua bolsa. Sim, ela lembrou-se corretamente. Ela tinha uma parada de pouco mais de uma hora e meia na Itália. Infelizmente, não foi tempo suficiente para ver nada do país, mas que lhe daria tempo para pegar alguma coisa para comer e mudar a roupa civil que tinha viajado, para o uniforme camuflado que era o uniforme aceito para a última etapa de sua viagem no C-130.

O pensamento do avião de carga militar a fez estremecer e quase esquecer que o avião em que viajava, estava pousando, a segunda vez mais perigosa em um vôo, sendo a decolagem o momento mais perigoso. CC tinha voado em um C-130 duas vezes antes, ambas as vezes tinham sido extremamente desconfortáveis. Os C-130 eram veículos de transporte de carga com hélices enormes maiores que o tamanho humano, sem lugares

reais para passageiros com assentos ásperos. É por isso que eles eram chamados C-130. O C significava carga, que é o que eles foram construídos para transportar, não passageiros.

CC pensou que seria provavelmente uma busca inútil tentar encontrar uma boa garrafa de champanhe gelada às 10:00 horas em qualquer lugar na base aérea a uma curta distância da linha de vôo, mas ela decidiu que assim que ela mudasse de roupa ela iria fazer a tentativa. Comida podia esperar. Champagne deveria ser uma necessidade de viagens.

"Sargento! Acorde, estamos embarcando agora." Um sargento rotundo sacudiu seu ombro. CC olhou indistintamente em volta e tentou se lembrar onde estava. "Vamos—todo mundo já está a bordo e nós estamos fechando a cauda." O primeiro sargento continuou. "Em nenhum momento deveria ser transportada por via aérea."

A realidade apanhou CC, e ela se esforçou para seguir o primeiro sargento para fora da área de espera dos passageiros até a linha de vôo adequada. Ela esfregou os dedos pelos cabelos e se esforçou para acordar. Não podia acreditar que tinha caído em um sono profundo. Sua boca tinha gosto de coisa velha e sua mente estava distorcida, mas ela rapidamente reuniu a hora e meia passada. Ela tinha mudado sua calça jeans e a blusa para seu uniforme de deserto, então ela tinha ido em busca de libações. Não, ela não havia encontrado qualquer champanhe, apenas um sanduíche de carne assada semi-quente e uma cerveja semi-gelada. Ela pensou que ela não deveria ter bebido aquela cerveja, certamente não havia combinado com ela como o champanhe teria.

E então todos os pensamentos de alimentos e bebidas foram dispersos para fora da cabeça dela enquanto ela se aproximava do C-130. O enorme avião esperava na pista como um inseto mutado. Ele era pintado com o típico verde militar, que não adiantou nada para dissipar sua aparência de inseto. Sua extremidade de cauda aberta a estava encarando, e ela pode entrever o suficiente do interior da coisa para perceber que era repleta de enormes paletes de carga, envoltos em plástico. CC mentalmente balançou a cabeça em desgosto. Parecia algum inseto horrível que estava pronto para fazer cocô.

O som metálico do sistema hidráulico sendo acionado clicou, e CC assistiu a cauda do avião começar a fechar. O primeiro sargento acenou para ela se aproximar dele. "Não se preocupe com a extremidade sendo fechada. Você pode embarcar pela porta da frente." Ele apontou para uma alta área estreita aberta na frente e abaixo da asa esquerda. Escadas foram puxadas para baixo de algum lugar dentro do avião, e estavam apenas a poucos pequenos passos acima para o avião. CC andou um grande círculo em torno do silencioso, mal-encarado conjunto de hélices que estavam daquele lado do avião, a todo instante enviando-lhes olhares nervosos. O primeiro sargento percebeu seu desconforto e riu.

"Diabos, eles não podem te machucar quando não estão ligados."

"Mas eles estão preparando-se para serem ligados, não estão?", ela respondeu.

"Você está certa, Sargento. Então é melhor você embarcar." Ele ofereceu seu cotovelo para firmá-la na escada. "Cuidado com a cabeça", acrescentou. "Ouch!" Tarde demais, CC pensou, segurando sua testa onde ela tinha batido na borda de um equipamento em baixo do enforcamento que se projetava no teto logo na entrada. Esfregando a cabeça, ela se virou para a direita e acelerou para a área de carga/passageiro do avião. Seus olhos estavam marejados com a dor, e ela já podia sentir um pequeno inchaço debaixo dos seus dedos. Ela sinceramente desejou que fosse melhor em xingamentos, esta era sem dúvida a melhor hora para escolher soltar diversas palavras.

"Bem, isso é um maldito lugar estúpido para colocar a-" CC parou e corou furiosamente. Seis rostos masculinos se viraram em sua direção. Eles pertenciam a homens vestidos em tradicionais trajes de vôo cor de areia de deserto. Cada homem usava os mesmos distintivos de asas que claramente os identificavam como um piloto de Viper F-16.

"Ei, Bela Adormecida", gritou um dos pilotos, um jovem tenente com um rosto que parecia que devia ter estado na capa de um pôster de recrutamento da força aérea. "Legal de sua parte acordar e se juntar a nós."

CC sentiu seu rubor aumentar. Ela estava exausta. Seu rosto estava gorduroso. Ela tinha cabelos de sono, e estava usando uniformes camuflados que no melhor dos dias a faziam parecer com cerca de uns doze anos de idade. Desnecessário dizer que, naquele momento estava longe de ser o melhor dos dias. Seus olhos estavam vermelhos e seu hálito tinha o cheiro como o fundo de uma gaiola. E ela tinha acabado de passar em um grupo inteiro de pilotos de caça bonitos depois de bater a própria cabeça como uma idiota bem na frente deles. Sem mencionar que ela estava dentro de um avião que se preparava para decolar.

Ela provavelmente estava no inferno.

"Ignore-o Sargento...", disse um coronel com apenas o grisalho suficiente em seus cabelos espessos para fazê-lo aparentar dignamente. Ele hesitou quando leu o seu crachá. "... Sargento Canady. Ele está apenas chateado porque não parece tão bonito como você quando dorme."

"Sim", um capitão alto e magro acrescentou. "Ele baba."

Isso gerou uma risada do grupo, e CC correu para dentro do compartimento de carga, estabelecendo-se no primeiro assento que estava disponível. Ela arrumou sua bagagem de mão debaixo dos seus pés e se ocupou de forma segura com o fecho do seu cinto de segurança, que era da mesma cor vermelha que o rebatível do banco e a correia de malha que servia de encosto. CC questionou como fez cada vez que voou em um C-130, porque

os bancos e correias eram todos vermelhos brilhantes, quando tudo mais no avião era ou verde militar ou cinza metálico. Isso a fazia sentir-se vagamente desconfortável, assim como a visão aberta de equipamentos da aeronave e os tubos e fios e tal. Ao menos aviões civis tinham todas as coisas cobertas pelas paredes lisas brancas. Aqui, as partes do avião ficavam aparecendo.

Fixado ao piso, em intervalos de cerca de dois metros, estavam as paletes de carga que CC tinha visto de fora do avião. Enchiam o corpo do compartimento de carga. Hesitante, CC deixou seus olhos viajarem para os outros assentos ocupados, e ela deu um suspiro de alívio quando ela percebeu que só conseguia ver três dos seis pilotos. A carga bloqueava seu ponto de vista dos outros. CC suspirou. Como de costume, o avião estava equipado com pouca atenção ao conforto humano. O dela parecia ser o último assento disponível, o resto estava dobrado ou já ocupado.

Um jovem capitão estava sentado um pouco à sua direita. Ele estava ouvindo um CD através de fones de ouvido, e ele tinha a cabeça para trás confortavelmente apoiado sobre um travesseiro, mas acenou com a cabeça uma breve saudação a ela. Depois dela e cerca de três assentos dobrados para a esquerda, ela podia ver o coronel, que era obviamente oficial do grupo dos pilotos. Ele estava em uma profunda discussão com alguém sentado à sua direita, mas CC não poderia vê-lo, porque uma pilha de equipamentos cobertos de plástico bloqueou sua visão.

O único outro piloto de quem ela teve uma visão clara estava sentado outro lado do corredor e à sua direita. Ela olhou para ele e o pegou olhando para ela, e depois foi surpreendida ao ver um crescente rubor de suas bochechas bem-definidas. Meu Deus, pensou. Por que ele está corando? O homem parecia uma estátua linda vinda à vida. Ela rapidamente desviou o olhar, mas o som da sua voz fez seus olhos se voltarem novamente para os dele.

"Hum, olá", disse ele. Sua voz era profunda, mas ele não falou grosso com ela como tantos militares pareciam pensar que precisavam falar. Seus olhos desviaram até o inchaço em sua testa. Ótimo. Não admira que ele estivesse corando. Ele obviamente tinha a visto ela bater sua cabeça como uma idiota, e provavelmente ficou constrangido por ela.

"Eu fiz a mesma coisa quando entrei", disse e apontou para a própria cabeça, onde uma mancha rosada pintava uma elevação no meio da testa. CC não poderia ter ficado mais surpresa se ele tivesse asas brotadas e pusesse um ovo.

"E eu nem sequer tenho a desculpa de que eu tinha acabado de acordar e ainda estava grogue. A minha, sargento Canady, foi o resultado simples da falta de jeito." CC sentiu uma verdadeira bolha de riso de seus lábios. O belo piloto repetiu seu riso.

"Por favor", disse ela. "Me chame de CC."

"Ok CC. Eu sou Sean." O sorriso de CC ficou sóbrio. "Você não acha que é melhor eu chamar-lhe de capitão alguma coisa?" Estava tudo bem para um oficial para chamar um soldado pelo seu primeiro nome, mas o contrário era considerado demasiado familiar e a Força Aérea sinceramente franzia a testa para uma familiaridade muito grande entre os oficiais e sargentos. Mesmo que os funcionários pareciam estátuas vivas, CC pensou chateada.

Mas o sorriso de Sean não se desvaneceu. "Na verdade, não. Assim como o resto desses caras, eu estou baseado na Unidade de Guarda Aérea Nacional em Tulsa, Oklahoma." Ele inclinou-se e olhou em torno como se eles estivessem compartilhando um segredo. "Nós fazemos as coisas um pouco diferente na Guarda. Então simplesmente Sean está bom pra mim."

CC não sabia o que dizer. Claro que ela sabia que havia uma Unidade de Guarda Aérea Nacional em Tulsa, seu Comando Central tinha enviado e recebido mensagens deles várias vezes durante os últimos três meses. Mas ela nunca havia conhecido um dos pilotos. Na verdade, os únicos pilotos que ela já tinha conhecido tinham sido estacionados em suas atribuições de direitos passado, Peterson AFB, Colorado. Eles tinham sido arrogantes e vaidosos e não tinham impressionado CC ou qualquer uma das suas amigas. Ela não conseguia imaginar nenhum deles insistindo para ela chamá-los pelo primeiro nome, pelo menos não durante o dia. Felizmente, foi salva de responder Sean com o aparecimento do sargento que tinha agrupado ela no avião.

"Muito bem senhores", disse ele, olhando para CC, e acrescentando, "e senhoras. Estamos nos preparando para chegar ao destino. Eu não deveria ter que dizer a um grupo tão distinto para apertar o cinto de segurança e arrumar sua bagagem de mão, mas eu achei melhor lembrá-los desde que vocês não estão acostumados a andar no banco de trás." Ele riu de sua piada sem graça enquanto ele fez o seu caminho lentamente através do compartimento de carga, verificando a segurança das paletes e dos pilotos. Os pilotos prestaram tanta atenção nele quanto os paletes.

CC suspirou quando o ruído entorpecente do gigante, girando as hélices começou a vibrar através do avião. O som a fez perceber que ela tinha deixado seu tapa-ouvidos em sua bagagem de mão. CC desafiou seu cinto de segurança e agachou para puxá sua bagagem de mão de debaixo do assento, e enquanto estava procurando no bolso lado seus olhos viajaram para a parede atrás de seu assento. Sua testa franzida em confusão. Isso foi estranho, ela não tinha notado antes que enquadrando seu assento tinham duas grossas listras vermelhas pintadas na parede de dentro do avião. Entre estas listras estavam estampado em vermelho brilhante as palavras PERIGO e HÉLICE, repetidamente.

"Sarg., você precisa arrumar isso e tomar o seu lugar." O sargento tinha feito o seu caminho até ela. CC agarrou os tampões, empurrou a bolsa de volta e recuperou o seu lugar. Mas, quando o sargento tentou descer da baia, ela o chamou de volta.

"Sargento", ela quase teve que gritar para ser ouvida através do barulho da hélice. "O que essas linhas e as palavras vermelhas significam?" Ela apontou por cima do ombro. "Elas estão marcando aonde a hélice viria através da aeronave, se nós tivéssemos que lançar uma". Ele sorriu, mostrando a ela uma riqueza de dentes amarelos. "Mas isso não acontece muito frequentemente." Ele riu e seguiu em frente. CC não tinha certeza se ela deveria chorar ou gritar, mas seu corpo tinha subitamente congelado, então ela descobriu que só era capaz de se sentar lá, empertigada e perfeitamente estática.

Do outro lado do corredor Sean tinha ouvido toda a conversa. Ele fez uma careta para si mesmo, enquanto observava o rosto pequeno da sargento ganhar uma sombra fantasmagórica de branco, que só fez seus grandes olhos âmbar olhar mais fawnlike e atraente. Ela era uma coisa pequena e jovem. Ela já parecia um pouco assustada quando ela bateu a cabeça e tropeçou no avião, e agora ela parecia praticamente aterrorizada. Algo dentro dele balançou insistentemente.

"CC", ele a chamou. Ela não respondeu.

"CC", repetiu, observando o olhar vidrado em seus olhos quando eles finalmente encontraram os seus. "Você trocaria de lugar comigo? Eu odeio voar neste lado do avião." Ele pensou por um segundo, em seguida, acrescentou. "É uma dessas superstições estranhas de piloto." Ele deu de ombros, impotente, como se ele tivesse vergonha de admitir isso.

"Trocar de lugar com você?" perguntou ela como se não tivesse ouvido corretamente.

"Sim. Eu certamente apreciaria isso." Ele sorriu seu melhor sorriso de cara legal para ela.

"Eu suponho que sim", disse ela lentamente. "Se você realmente deseja".

"Eu realmente quero", disse ele.

"Ok, então."

Ele desapertou o seu cinto de segurança e colocou seu saco de vôo sob o assento. Antes que ela pudesse pegar sua própria bagagem de mão, ele cruzou os dez passos ou quase que os separava.

"Vou pegar isso para você", disse ele, pegando a bolsa dela.

CC olhou para ele. De perto ele era ainda mais lindo. E quão alto era ele? Seu corpo musculoso parecia estender-se para sempre. Seus cabelos curtos, com corte militar tinham um tom de loiro médio, com reflexos brilhantes que pareciam terem sido mergulhados no sol. Na verdade, todo o seu corpo, ou pelo menos o que poderia ser visto espreitando para fora do seu macacão de vôo, parecia que ele tinha sido abençoado pelo deus do sol. Ao contrário de tantos louros, ele não tinha a aparência deslavada. Em vez disso, ele tinha um irresistível tom de bronzeado dourado. Seu rosto era feito de fortes linhas quadradas, e seus lábios... CC sentiu-se olhando e ela virou a olhar daqueles lábios surpreendentes para seus suaves olhos castanhos, que estavam sorrindo para ela.

"Obrigado", ela conseguiu balbuciar.

"Não é um problema. Na verdade, você está me fazendo um favor". Ele pegou seu cotovelo e guiou-a para o seu lugar.

"Sempre o cavalheiro, não é, Apollo." O primeiro sargento zombou quando ele passou de volta por dois deles. "Apenas colocá-la naquele assento, então vá para o seu. Estamos prontos para começar o inferno fora daqui."

CC se apressou a sentar-se, em seguida, ela mandou um olhar-se no questionamento Sean.

"Apollo?", perguntou ela.

"Esse é meu apelido". Ele fez um gesto de desprezo com a mão. "Acredite em mim, não foi idéia minha."

"Oh," era tudo o CC poderia fazer a sua boca dizer. Poderia não ter sido sua idéia, mas certamente era adequado. O homem parecia um deus grego.

"Não se esqueça de apertar o cinto", disse ele antes de voltar para ocupar seu novo assento.

Os olhos de CC tinham uma vontade própria, e eles definitivamente apreciavam a visão traseira do Apolo. Ele era um homem espetacularmente bonito. Claro que, quando ele se virou e tomou o seu lugar, ela se certificou de que ela estava muito ocupada verificando seu cinto de segurança, tentando encontrar um lugar confortável nas correias, fazendo nada além de olhar estupidamente para ele. E de qualquer maneira, por que ela estava recebendo toda a atenção dele? Homens assim, especialmente os piloto de caça, não estavam interessados em sargentos de aparência pessoal pouco comum. A não ser que talvez tivesse algum tipo de complexo de irmã mais nova. Provavelmente era isso, ela

disse a si mesma. Ele provavelmente tinha uma irmã mais nova em casa e era por isso que ele estava prestando atenção a ela.

O barulho da hélice cresceu a um nível ensurdecedor, e CC colocou seu tapa-ouvido. Em seguida, o C-130 cambaleou para frente. Moveu-se lentamente no início, mas logo pegou velocidade assim que fez sua descida abaixo da linha de vôo para sua pista designada. CC sentiu as palmas das mãos começarem a umedecer e seu estômago dar nó. Ela fechou os olhos e repetiu várias vezes para si mesma: vôos militares raramente falham; vôos militares raramente falham; vôos militares raramente falham.

Logo eles estavam posicionados no final da pista, hélices girando a uma velocidade louca, tremendo avião com a necessidade de decolar. Ou, CC pensou desesperadamente, com a necessidade de segurar-se no chão e engoli-los em uma bola de fogo direita após a decolagem. Ela sentiu a liberação dos freios, e o C-130 começou a acelerar na pista. Os olhos de CC se arregalaram. Ela não queria morrer com os olhos fechados.

Um movimento pegou seu olhar em pânico e atraiu seus olhos através do corredor para Sean. Seu corpo alongado estava esparramado muito confortavelmente em sua nova localização. Ele estava dando-lhe um polegar para cima, e ele parecia relaxado e calmo. Sean sorriu como um menino para ela e articulou silenciosamente: "Sem problema." Então ele lhe deu uma piscadela que parecia flertar.

Bem! CC sentiu uma onda de prazer. Ela certamente não achava que ele ia dar para uma irmãzinha uma piscadela como aquela. E a maneira como ele continuou a sorrir e olhar para ela... simplesmente não se parecia com o modo como um homem olharia para uma mulher em quem ele só estava interessado porque ela lembrava ele de uma irmãzinha. Atordoada, CC percebeu que as borboletas em seu estômago não tinham nada a ver com o medo de voar.

Quando o avião decolou poucos segundos depois, CC achava que ela provavelmente acabara de experimentar a mais graciosa e sem esforço decolagem da história dos Estados Unidos da Força Aérea

Na verdade, uma vez que o avião ficou no ar, o nervoso no estômago de CC tinha desaparecido completamente. Era como se todo o vôo parecesse ser encantado. Subiram para a altitude de cruzeiro tão suavemente que CC se encontrava totalmente relaxada contra o cinto macio, e ficou surpresa ao sentir suas pálpebras ficarem pesadas. Lutando para ficar acordado, ela olhou para Sean. Ele estava lendo um livro, mas no momento em que os olhos dela tocaram-lhe ele olhou para cima.

Ele estudou-a por um segundo, então uma coisa espantosa aconteceu. CC mal podia acreditar quando ele articulou silenciosamente as palavras, "Durma vou vigiar". Então ele

lhe deu uma piscadela que parecia flertar novamente. CC sentiu uma pequena emoção descer por sua espinha. Ele ia para ficar acordado e vigiando. Por ela. E aquela piscadela dizia que ele não estava pensando nela como uma irmã menor. As pálpebras de CC esvoaçavam fechando enquanto sua mente sonolenta sussurrou que a presença de Sean ia certamente fazer o desdobramento de mais interessante.

Sean a observava enquanto ela adormeceu, um sorriso satisfeito curvando os lábios sexy dela. Ele esfregou a mão sobre a testa e sorriu com ironia de si mesmo. O que essa garota tinha? Desde que ele a tinha visto enroscada na área de espera dormindo, ele não conseguia parar de olhar para ela ou pensar nela. Era totalmente diferente dele. Normalmente, as mulheres se jogavam nele por causa de sua aparência, e ao mesmo tempo em que ele não se queixava disso, ele certamente não tinha que procurá-las, ou mudar de assentos com elas porque elas pareciam assustadas, ou tranquiliza-las, porque elas tinham medo de todas as coisas voando. Ele esfregou a testa de novo e tentou forçar a sua atenção para o romance em suas mãos, mas em vez de palavras pretas no papel branco, ele continuava vendo os olhos de âmbar emoldurados por cílios grossos, cor de areia.

CC sonhou que estava balançando suavemente em uma rede que pendia entre as duas palmeiras gigantes na margem de um oceano cristalino. Brisas quentes tropical faziam cócegas em sua pele e mantinham a rede móvel hipnoticamente para frente e para trás. Em seguida, o vento mudou e rajadas de vento gelado começaram a soprar em direção a terra sobre a crista espumosa fechada das ondas. Chegaram a sua rede, e ela começou a balançar e mover abruptamente e...

Os olhos de CC se abriram. Ela foi imediatamente acordada. Não foi um sonho. O C-130 tremia violentamente, como se estivesse nas garras de um animal gigante. Ela engoliu um grito e seus olhos imediatamente encontraram Sean. Seu rosto estava liso e inexpressivo, mas CC podia sentir a tensão que ele estava tentando mascarar. Ela começou a atrapalhar-se com a trava de segurança do seu cinto de segurança, ela só pensava que precisava estar ao lado dele.

"Não!" Ele balançou a cabeça.

Ela arrancou os tampões de seus ouvidos.

"Não se levante. É muito perigoso." Ele gritou contra o som horrivelmente mal dos motores.

"O que está acontecendo?" ela gritou.

Antes que ele pudesse responder, a agitação aumentou dramaticamente. CC não podia acreditar que o avião estivesse ainda inteiro, parecia que estava se desmontando. Então, tudo aconteceu muito rapidamente. Através do ruído dos motores veio o som agudo de um grito metálico. Enquanto CC assistia horrorizada, um borrão mortal cortou a pele do avião a poucos metros à sua direita e flechou seu caminho direto através do corredor. Como um míssil invisível, a lâmina da hélice quebrada estilhaçou e golpeou Sean antes de rasgar através da pele do seu lado do avião. Tempo parou, conforme o lado esquerdo da cabeça de Sean explodiu em um spray de um vermelho vívido e profundo e ele caiu silenciosamente para frente.

O grito de CC foi engolido pelo som ensurdecedor do avião descomprimindo, e ela se agarrou contra o cinto, tentando desesperadamente encontrar uma âncora em um mundo enlouquecido. Tudo o que não foi amarrado saiu voando do avião em um turbilhão de ruído. CC não podia ter uma visão clara de Sean—havia muito entulho no ar entre eles. Mas ela podia ver o aumento do rastro de sangue e fluidos que cobriam a área em torno do seu banco. Seu lugar? Deveria ter sido o assento dela. CC sentiu um soluço travar na parte traseira de sua garganta.

Gradualmente, os detritos terminaram, mas a agitação ainda era violenta, e o rugido das corrente de ar através de buracos abertos nas laterais do avião era ensurdecedor. Com um esforço incrível, o jovem capitão que estava sentado à direita de Sean desapertou o cinto de segurança e se arrastou para o corpo de seu amigo. O capitão tinha um pedaço quadrado de pano branco na mão, e enquanto ele envolveu-o em torno da cabeça de Sean, CC percebeu que ele devia ter tirado a fronha do travesseiro. Com movimentos precisos, ele desbloqueou o assento dobrado ao lado de Sean. Afrouxou cinto de Sean suficientemente para que ele pudesse girar em torno de suas pernas e deitar seu tronco horizontalmente ao longo dos assentos. Então, ele conseguiu garantir mais um cinturão ao redor do peito de Sean.

CC não conseguia tirar os olhos da fronha e da grotesca mancha escarlate que foi embebendo metodicamente através dele para a poça contra o vermelho correspondente do banco.

De repente, acima do barulho estridente CC podia ouvir rajadas curtas de um sino que retine. Ela contou seis vezes. A próxima coisa que ela soube, o coronel tinha o cinto de segurança solto, e ele cambaleou seu caminho para o seu lado, onde rapidamente pegou um banco e fechados protegeu a si mesmo.

"Eles estão afundando o avião", gritou em seu ouvido.

Seus olhos se arregalaram. Ela não tem que ser um piloto para saber que significava que estavam colidir com o oceano.

"Está tudo bem. Nós vamos conseguir. " Ele deu um sorriso que significava para tranquilizá-la. "A água está quente. Ainda bem que estamos no Mediterrâneo e no Atlântico." CC queria desesperadamente acreditar nisso.

"O que eu faço?" gritou ela.

Antes que ele respondesse a ela ele virou e puxou dois coletes salva-vidas livres de seu lugar segurando por trás do cinto. CC observou o capitão do outro lado do corredor tinha feito o mesmo e estava lutando para prender no corpo sem resposta de Sean.

"Ponha isto. Você vai precisar prender em si mesma e segurar. Tudo será jogado para a frente quando nós batermos. Esteja pronta para sair daqui. Não sei quanto tempo essa coisa vai ficar à tona. "

"Sean?" , perguntou ela..

O rosto do coronel era sombria quando ele balançou a cabeça. CC olhos se encheram de lágrimas..

"Ele está além da nossa ajuda; preocupe-se com você agora", disse ríspidamente. O avião mergulhou de uma forma revoltante para frente. O coronel apontou para a parte traseira do compartimento de carga.. "Lembra-se onde a cauda se abre?"

CC concordou.

"Há duas portas de escape em cada lado do avião."

Isso é onde nós vamos sair. Balsas salva-vidas estão em vagas lá em cima. " Ele apontou para uma área acima das asas. CC esperava que ele não estivesse explicando as coisas para ela, porque ele planejava ser morto. Naquele momento o primeiro sargento explodiu pela porta da tripulação na parte da frente do avião.

"Estamos indo pra baixo!" ele gritou enquanto ele se amarrava em um assento à direita do CC e do coronel. "Estejam prontos para terem seus pés molhados!" CC não podia acreditar, mas ele quase parecia alegre. Nariz do avião afundou-se novamente e, o coronel apertou seu ombro.

"Pronta?", gritou.

Nos últimos sete anos CC tinha pesquisado e se preparado para uma situação de emergência de avião. Ela tinha visto especiais de TV sobre a segurança aérea, Ela sempre se vestia de forma sensata, quando ela voava de jeans e tênis, nunca calcanhares e pernas nuas. Ela contou os encostos para a saída mais próxima dela, e ela prestou atenção para os assistentes de voo, quando eles davam palestras sobre segurança.

Mas ela sabia que não estava pronta. Ela estava entorpecida com o terror. CC acenou para o coronel e tentou dar-lhe um sorriso corajoso. Através das lágrimas irregulares na pele do C-130 CC podia ver o azul de uma manhã clara Ela fechou os olhos e tentou rezar, mas sua mente era um turbilhão de medo. Tudo o que ela podia pensar era o quanto ela não queria morrer.

Então, de entre os seus seios, ela sentiu um calor súbito. Seu primeiro pensamento foi que alguma coisa devia a ter atingido, e ela estava sangrando. Ela abriu os olhos e sentiu freneticamente na parte superior da frente de seu uniforme. Não, nenhum corte e definitivamente não há sangue. Apenas um nódulo duro.

Oh! Ela percebeu que o nódulo que estava sentindo foi feito pela lágrima âmbar que balançava em torno de seu pescoço, logo abaixo da etiqueta do seu cachorro. Num impulso, ela havia decidido continuar usando, mesmo depois de ela ter mudado seu uniforme, mas é claro que vestir uma jóia pendurada não estava dentro dos regulamentos militares, e ela teve que mantê-lo escondido debaixo de seu top. Agora ele estava quente, e que o calor foi se espalhando por todo o peito. Se alguma vez houve um momento perfeito para a magia, pensou que era agora.

"Prepare-se!" o coronel gritou.

CC só teve tempo para envolver as mãos no pano e prepare seus pés firmemente contra o chão quando o mundo explodiu. O avião bateu contra o oceano com um grito metálico obscuro, como se ele soubesse que a sua vida estava chegando ao fim.

A espuma branca do spray do oceano podia ser visto através dos buracos nas laterais do avião. Mas o C-130 não ficou para baixo. CC podia sentir ele se elevando, uma trégua temporária, antes de encontrar o oceano novamente com um jorro ralando ainda pior. Eles saltaram várias vezes para a superfície da água, como uma pedra quebrada inchada. Cada vez que o avião encontrou o oceano, passageiros e carga foram arremessados para a frente. CC viu um major sendo arremessado contra a antepara da frente quando seu cinto de segurança bateu solto. Ela observou como uma das paletes enorme de carga ficou livre ao mesmo tempo, e veio bater contra ele, imobilizando-o contra a parede de metal.

CC olhou para Sean e depois olhou rapidamente afastado. Jogado cruelmente como um boneco, seu corpo ainda estava preso contra os bancos. Como uma marionete cujos fios foram cortados, seus membros bater duro em resposta ao ranger dissonante do avião. Alguma coisa afiada atingiu seu ombro esquerdo. Ela não sentiu qualquer dor, mas quando ela olhou para baixo, viu que sua carne cortou e uma linha de sangue começou a derramar para baixo do braço. Depois, houve um movimento violento final, e o avião afundou e não subir novamente. CC podia ver o azul da água do oceano através dos buracos no avião.

O coronel foi o primeiro a reagir, mas CC pude ver que todos os pilotos, exceto Sean e o major estavam lutando com seus pés.

"Out! Out! Vamos!" Ele grunhiu, fazendo o seu caminho rapidamente para a área sobre as asas. Então ele começou a gritar ordens.

"Ace, T-Man, Kaz, mantenham essas portas traseiras abertas!" Os dois capitães e um tenente se moviam em torno da carga solta, correndo para a parte traseira do avião.

"O major está morto!" o primeiro sargento gritou de frente para a baía. Ele estava ajoelhado sobre o corpo sangrento do major, ainda preso contra o anteparo.

"Deixe-o", o coronel disse quando ele levantou uma abertura e tirou uma coisa laranja dobrada brilhante que CC supôs ser um bote salva-vidas.

"A porta da cabine está bloqueada!" O primeiro sargento havia se afastado do corpo principal para a área que deveria abrir para a área mais frontal do avião. Mas outra paleta de carga estava encravada dentro da abertura, bloqueando a porta.

"Há uma saída que podemos usar na cabine do piloto ", disse o coronel. Ele fez sinal para o primeiro sargento chegar ao fundo do avião, então ele avistou CC ainda parada lá. "Mova-se, sargento!" Ele virou-se e se dirigiu para a parte traseira do avião, esperando que CC o seguisse.

CC pretendia ir para a parte traseira do avião para a segurança, mas ao invés disso, ela encontrou-se escalando o equipamento e a carga até que ela estava em pé ao lado do corpo de Sean. CC engoliu, tentavam não passar mal. Havia sangue por toda parte. Os dois cintos de segurança evitaram que o seu corpo fosse arremessado para a frente com o impacto, e a fronha, agora totalmente encharcado de sangue, ainda estava enrolado firmemente em torno de sua cabeça. Seu rosto estava virado para longe dela, e tudo que ela podia ver eram as fortes linhas de seu queixo e pescoço. Sua pele não estava mais marrom dourado. Ela virou cor de giz de cor cinza. CC forçou-se a colocar dois dedos

contra o local onde a sua veia jugular estava. Sem pulso. Sua pele já estava frio sob seus dedos.

O avião se moveu ainda mais para baixo sobre a cabeça. Agora CC podia ver que o mar foi lambendo ao redor das lacunas no lado do avião. "Sargento!" a voz do coronel gritou da parte traseira do avião. "Onde diabos você está?"

"Aqui coronel!" ela respondeu, rastejando por cima de um monte de carga para que ela pudesse ser vista. A parte traseira do avião parecia ter sido levantada, e CC podia ver que os oficiais tinham uma das portas abertas. Enquanto ela observava, um dos capitães anexou um tirante ao bote salva-vidas deflacionado, puxou uma corda nele e jogou-a fora da porta. Com um ruído sibilante o bote inflou.

"Venha aqui, agora! Esta coisa está afundando rapidamente ".

Ela olhou para trás para o corpo de Sean. Deveria ter sido ela. Por causa de sua gentileza, ele havia tomado o seu lugar e agora ele ia ser sepultado em uma cova molhada solitária. O pensamento era insuportável.

"Temos que levar Sean conosco", ela gritou de volta para os homens.

"Não há tempo... O garoto está morto. Não há nada a ser feito por ele ", disse o coronel. A um sinal dele, o sargento pulou para fora do avião.

"Eu não vou sem ele," CC disse, surpresa com o som de sua voz calma. O coração dela batia e ela sentia suas mãos trêmulas, mas sabia com uma certeza, que desafiava a lógica de que ela tinha tomado a decisão certa.

"Venha até aqui, Sargento. Isso é uma ordem".

"Não, senhor. Eu não vou deixar ele aqui".

De repente, houve um som do metal rasgando, e CC sentiu sol no rosto. Ela olhou para cima para ver um corte limpo rasgar uma abertura no teto quase diretamente acima dela. O nariz mergulhou mais à frente, e CC teve que lutar para permanecer em pé.

CC pode ouvir o coronel se aproximar antes que ela o visse. Ele estava xingando como um louco e gritando ordens. "Tire o cinto do menino e se prepare para dar o fora daqui!"

CC se apressou para tirar o cinto de segurança desfeito de Sean e tinha acabado de tirar quando o coronel escalou o último dos escombros. Sem olhar para ela, ele agarrou o corpo de Sean e transportou-o por cima de um ombro no tradicional estilo bombeiro.

“Mantenha-se comigo!” Ele gritou com ela. CC ficou muito feliz em cumprir a essa ordem específica.

Estavam quase à porta, quando toda a seção dianteira do avião se soltou e afundou com velocidade surpreendente. A área da cauda tinha sido elevada acima da água, mas agora que a traseira do avião estava liberada do peso resistente da frente inundada, ele afundou fortemente para baixo do nível do mar. Para CC parecia que ela estava em um elevador que tinha acabado de acontecer várias histórias. Ela e o coronel caíram duros no chão. A água começou a correr pela porta aberta.

O coronel recuperou a posição rapidamente. Ele agarrou CC pela gola de seu uniforme e Sean por sua perna e puxou-os até a porta. CC não teve tempo para pensar. O coronel a jogou bruscamente pra fora da porta. Ela bateu na água e foi abaixo, mas quase imediatamente seu colete salva-vidas a trouxe à tona flutuando como uma rolha humana. Ela cuspiu e piscou momentaneamente cega pela luz do sol e água salgada. Ela ouviu dois espirros rápidos perto dela, e em outro instante a cabeça do coronel rompeu a superfície não muito longe dela, juntamente com o corpo sem vida de Sean.

“Lá.” Ele apontou e CC podia ver o alaranjado fluorescente do bote salva-vidas cerca de doze metros à frente deles. “Nade! Temos que sair do avião.” Ele nadou, batendo e chutando forte enquanto arrastava o corpo de Sean com ele.

Desejando desesperadamente que ela fosse uma melhor nadadora, CC chutou e começou a nadar sem jeito depois dele. Uma explosão terrível ocorreu por trás dela, e ela virou-se na água a tempo de ver um flash de luz e fogo. O avião era um monstro enorme e escancarado que parecia estar se debatendo e lutando contra a sua morte. E ela estava muito próxima a ele.

A adrenalina correu por seu corpo, e CC começou a nadar com tudo dentro dela. Ela não olhou para trás novamente, ela nadou apenas. Então, ela sentiu. Um pedaço de destroços agarrou em torno de seu tornozelo como um tentáculo mecânico. Apavorado, ela chutava e chutava, mas ele não soltou. Ela tentou alcançá-lo para se soltar, mas ela foi puxada sob a superfície com tal força que pensou que sua perna fosse se deslocar.

A água acercava e a pressão sobre sua perna foi implacável. Ela tentou lutar contra isso, mas era impossível. Seu Tornozelo tinha sido capturado de forma segura, e ela estava sendo puxado para o chão do oceano pelo peso do avião afundando. Ela ia morrer. Pânico

ondulou através dela e ela estendeu ambas as mãos em direção à luz fraca da superfície, esforçando-se para lutar contra o enorme peso que a arrastava à sua morte.

Ela não queria morrer—não como assim—não tão jovem. Nesse momento, CC não viu relances de sua vida passando diante de seus olhos; ela apenas sentiu o desespero de saber que ela estava morrendo muito cedo, antes que ela tivesse realmente vivido. Ela nunca iria conhecer o amor de um marido, ela nunca iria assistir seus filhos crescerem e se casarem. Seu peito ardia, e ela sabia que era apenas alguns segundos antes que ela seria obrigada a respirar na água mortal.

CC fechou os olhos. Por favor, ajude-me, rezava com fervor. Alguém por favor me ajude.. Milagrosamente, o peso que vinha a arrastando ela para baixo evaporou, e ela se encheu de uma paz indescritível. Ela abriu os olhos para encontrar-se flutuando em uma bolha de luz azul suave. E ela não estava sozinha nessa bolha.

Suspensas na água diretamente na frente dela, tão perto que CC tinha apenas que levantar a mão para tocá-la, estava uma mulher jovem incrivelmente bela. Seus cabelos longos flutuavam ao redor dela como um véu cintilante. CC pensou que seria a cor exata de botões de ouro de sua mãe, se as flores pudessem brilhar e reluzir.

O rosto da mulher era um estudo da perfeição. Ela tinha maçãs do rosto esculpidas e olhos de água-marinha encantadores que pareciam de alguma forma familiar para CC. Sua pele tinha a aparência impecável de uma boneca de porcelana. Os olhos de CC percorriam o corpo da mulher, que estava obviamente nu da cintura para cima. CC podia ver claramente os seus seios grandes, bem formados. Mas o que ela estava vestindo na metade inferior do seu corpo? Fosse o que fosse brilhava como se tivesse sido frisado com vidro e colorido em tons de azul e furta-cor turquesa e ametista. Encaixava confortavelmente em seu corpo modelado e cônico para baixo... CC sentiu o próprio corpo estremecer em surpresa. Um grande conjunto de barbatanas! Ela não era mulher, era uma sereia!

CC encarou a criatura incrível, sabendo que o que ela estava vendo, o que ela estava sentindo, não poderia ser real. Seus pulmões não queimavam mais. Mas não era ela que estava respirando, porque ela ainda estava definitivamente debaixo de água; era mais como se ela tivesse sido infundida com o oxigênio. Ela decidiu que definitivamente devia estar morta, ou tão perto da morte que ela estava passando por algum tipo de alucinação surpreendente. A sereia sorriu timidamente para ela. CC sorriu de volta.

Você deseja continuar a viver, não importa o custo? As palavras foram ditas claramente na mente de CC. Ela sabia que elas tinham que ter vindo da sereia, mas seus lábios sensuais, não tinha se movido.

Bem, é claro que eu quero, CC pensou de forma automática e balançou a cabeça vigorosamente

O sorriso tímido da sereia tinha ido embora, substituídos por um olhar deslumbrante de alívio e alegria. Sem hesitar, a criatura estendeu a mão e colocou os braços ao redor de CC em um abraço íntimo. CC não sentiu qualquer desejo de se afastar. Em vez de estar com medo ou repulsa, ela estava hipnotizada.

A sereia puxou CC suavemente contra o corpo dela, e CC podia sentir os seios nus da criatura pressionando suavemente contra a sua camisa surrada. A cortina de cabelos finos da sereia as rodeava, e seu rabo enrolava as pernas de CC. CC sempre foi firmemente heterossexual, por isso ela surpreendeu-se quando sentiu seu corpo reagir e seus próprios braços se envolverem sobre os ombros nus da sereia.

CC de repente, entendeu que o que estava acontecendo com ela não era algo tão simples como uma experiência sexual, era uma infusão mágica dos sentidos. Assim como a lua tinha energizado ela na noite do seu aniversário, agora essa criatura estava trazendo-a de volta à vida. Cada centímetro do corpo CC sentiu inundado com eletricidade. Ela queria jogar a cabeça para trás e gritar com o aumento das sensações fabulosas.

Em seguida, a sereia começou a baixar o rosto para CC. CC fechou os olhos quando seus lábios se encontraram em um beijo profundo e íntimo. Uma onda de vertigem atravessou CC, e quando ela finalmente reabriu os olhos, ela estava olhando diretamente em seu próprio rosto. Desorientada, CC piscou e balançou a cabeça, mas a imagem da sargenta pequena afogada não mudava, ela simplesmente sorriu de volta para ela. De volta para ela? Como podia ser isso? CC virou a cabeça para olhar para as bordas de um espelho escondido e percebeu a riqueza de cabelos loiros que estava flutuando em torno dela. Ela estendeu a mão para afagar sua massa lisa.

Nós devemos partir agora.

A voz esta dentro de sua cabeça no fundo, e uma atenção fragmentada de CC recentrou a sua imagem no espelho. CC viu como as mãos que deveriam ter sido dela própria alcançou a gola do top de seu uniforme para puxar a corrente de prata pela cabeça. Em seguida, CC parecia tirar por sobre “sua” cabeça.

Mantenha isto. É o seu talismã, uma parte de sua magia, a voz interna, disse. Então a mulher que parecia CC levantou os braços e inclinou a cabeça para trás, então ela parecia estar chegando na superfície.

Desejo-lhe felicidades. Bendita seja, irmãzinha.

A luz suave em que elas estavam flutuando partiu-se em fogos de artifício de um azul rebelde. O corpo em que CC ocupava foi banhado em um tímido brilho aqua-branco e com uma intensa explosão de luz foi impelido violentamente até a superfície de espera. Pega por uma enorme onda, CC se sentiu arremessada novamente, mais longe do local dos destroços do avião. Tudo ficou confuso e irreal. CC não tinha controle sobre para onde estava sendo levada. Parecia que ela tinha sido pega em um furacão debaixo d'água. Um turbilhão puxou-a mais e mais para as profundezas do oceano, e mesmo que ela não estivesse tendo nenhum problema respiratório, ela ainda estava aterrorizada com a escuridão abaixo dela. Então ela esforçou-se, nadando em volta e através de diferentes níveis de correntes turbulentas.

Finalmente, ela rompeu a parede do turbilhão de fluxo constante e encontrou-se em um túnel de águas calmas. Exausta, ela permitiu-se flutuar por um momento, tentando filtrar os pensamentos dispersos. O que tinha acontecido com ela? Será que ela estava morta? O que ela deveria fazer a seguir?

A água em seu pequeno túnel de calma era confortável, azul índigo, mas fora dele, as correntes escuras e tumultuadas por meio das quais ela tinha lutado ainda a cercavam. CC podia vê-las fervendo e espumando perigosamente. Ela olhou para trás e não viu nada além da escuridão. À frente, mais para baixo do túnel, havia uma luz tênue e bruxuleante. Sendo assim, pensou exausta e empurrou forte para impulsionar-se para frente. Mesmo tão cansada quanto ela estava, CC notou com surpresa que ela nunca nadou tão forte e sem esforço antes – era como se tivesse sido disparada de um canhão de líquidos. Os lados negros de seu túnel de água turvaram enquanto ela movia-se rapidamente em uma linha reta.

E então o ponto de luz estava logo à frente dela e ela rebentou para cima, quebrando a superfície para encontrar-se em uma gruta luminosa. Sua visão estava turva com a fadiga, mas ela poderia apenas margear em torno das águas calmas que giravam suavemente. Ela forçou seus membros endurecidos a moverem-se, e com um esforço que a deixou trêmula e ofegante, ela conduziu seu corpo para fora da água. Curvada em posição fetal, CC finalmente ficou inconsciente e dormiu.

Capítulo 6

O som harmonioso da água batendo contra a pedra acordou CC. Ela abriu seus olhos devagar e foi saudada pela visão de cristais azuis cintilantes. Moveu seu corpo e olhou à sua volta, espantada com a beleza das rochas. Se a alegria tivesse uma cor, ela pensou, seria exatamente este tom de azul. Ela estendeu o braço para tocar a lateral da caverna com sua mão de perfeita forma e cor cremosa... E parou.

Essa não era sua mão. Seu olhar passou da mão para o braço. Era longo e gracioso e parecia que tinha sido esculpido em mármore vivo. Em choque, ela sentou-se. Uma massa de cabelos loiros luxuosos caía sobre um de seus ombros como uma cascata a frente do seu corpo, cobrindo seu tronco como um xale de seda. Ela podia ver a ponta malva de seu seio farto espreitando através da cortina loira. Com as mãos trêmulas, ela jogou a juba maravilhosa para fora de seu caminho e olhou para o resto do "seu" corpo.

A pele impecável sem defeitos se estreitava numa cintura voluptuosamente curvada. Exatamente onde seus quadris começavam a crescer, a pele deu lugar a tecidos escamados hermeticamente fechados. Onde as pernas e os pés deveriam estar, havia uma cauda que terminava em uma enorme barbatana escamosa.

"Mas que merda; eu sou um peixe!"

Desacostumada a usar linguagem tão grosseira, o primeiro impulso de CC foi cobrir sua boca e olhar ao redor freneticamente para se certificar de que sua mãe não a tinha ouvido, mas o movimento irregular da parte superior do seu corpo fez sua cauda virar em resposta. Foi como se ela tivesse juntado as pernas para manter o equilíbrio e elas tivessem respondido juntas.

"Minha linguagem seria a menor das coisas que eu teria que explicar se a minha mãe estivesse aqui", deixou escapar CC. O som da sua voz não era mesmo a sua própria – ao contrário, era perfeita, completa com um sotaque sensual e um tom acentuado e suave.

"E pensar que eu sempre quis ser linda como a Marilyn Monroe." CC balançou a cabeça com a ironia. "Agora que eu sou, eu sou uma... sou uma..." Risos quase histéricos saíram de sua boca. Engolindo sua histeria de volta, ela fechou os olhos e forçou-se a ficar calma. *Respire fundo, respire fundo*, ela disse a si mesma, não ajudaria se ela perdesse a calma agora. Outra respiração profunda, então ela reabriu os olhos e olhou seu corpo novamente. E ela não conseguia tirar os olhos de sua cauda. CC mandou suas pernas chutarem, e a barbatana de escamas levantou graciosamente em resposta.

A luz azul da gruta refletiu nas escamas, e sua cauda brilhou com uma miríade de lantejoulas brilhantes. CC teve de reconhecer que era realmente muito bonita. Ela estendeu a mão trêmula e hesitante e tocou a superfície brilhante da carne de peixe, e foi surpreendida imediatamente pelo calor macio sob seus dedos. Agora que ela a estava tocando, poderia dizer que a cauda não era realmente feita de escamas de peixe afinal, era mais parecida com a pele de um golfinho, colorida com matizes surpreendentes de azuis e púrpuras. Ela acariciou-se, apreciando a suavidade da sua nova pele lisa. Foi como estar envolta em prata líquida, pensou, em vez de apenas uma cor, eram inúmeras cores fantásticas.

E se sentiu incrivelmente poderosa. Ela podia realmente sentir a energia que surgia de dentro do seu corpo. Inclinou a cabeça, como se estivesse ouvindo aquela força recém-encontrada, e percebeu que a água parecia chamar-lhe. CC quase podia ouvir essa voz pedindo-lhe para vir se divertir dentro de suas profundezas.

Talvez estivesse sonhando, ou mesmo morta, mas o pensamento não causava nenhum horror nela. O que quer que lhe tenha acontecido, ainda tinha sua própria mente, e certamente estava recebendo uma grande dose de magia que nunca poderia ter imaginado ser possível em sua antiga vida.

CC mergulhou o final de sua cauda de modo que quebrou a superfície da água sedutora, e em seguida, com uma ondulação do músculo, virou-a novamente. A água cálida do mar precipitou em um arco brilhante em torno dela, onde quer que tocasse em seu corpo, sentia como a carícia de um amante.

Inclinada para frente, ela olhou para as águas calmas da gruta com seu reflexo notavelmente alterado. A única coisa familiar que viu foi a gota de âmbar que pendia entre seus seios nus.

“Eu sou ela.” Os lábios da bela criatura se moveram quando CC falou. “De algum modo eu sou a sereia agora.” Lembrou-se de ver o próprio corpo flutuar em direção à superfície distante. “E ela, sou eu.”

Um tremor correu através dela, e ela ergueu a mão para tocar a curva de um rosto perfeito. Totalmente absorta no estudo de seu reflexo, CC não percebeu o som de um distúrbio na água.

“Ondine, eu preciso te lembrar da lição que os deuses ensinaram a Narciso?”

Uma voz profunda e zombeteira fez CC suspirar e impelir para trás, surpresa. Não muito longe de sua cauda um homem enorme flutuava na água. Seu dorso estava nu e era

fortemente constituído. Seu cabelo era tão loiro que era quase branco, e caía numa onda espessa sobre seus ombros. Ele seria bonito, se não fosse pela sua expressão de escárnio.

"Mas é claro que devo admitir que você é verdadeiramente espetacular." Ele diminuiu sua voz para um ronronar sedutor. Então, observando sua expressão, acrescentou. "Você está surpresa em me ver, querida irmã?" Ele flutuava um pouco mais perto da borda de CC. Seus olhos cinzentos como tempestade eram intensos. "Como você pode duvidar que eu iria atrás de você?"

"O q-quê?" CC sentiu os lábios dormentes, e ela se encolheu.

"Por favor, não vamos jogar os seus jogos cansativos. Nosso pai exige que você retorne, e você sabe o quanto Lir pode ficar zangado quando suas exigências não são cumpridas." Lentamente ele flutuou para perto dela.

CC estava confusa e assustada. O que este homem queria e quem era Lir?

"Quando Lir percebeu que você tinha sumido novamente, eu gentilmente me ofereci para encontrá-la e trazê-la para casa."

Ele não estava olhando nos olhos dela, em vez disso o seu olhar se deslocava de seus seios para a junção em sua cauda, no lugar onde as coxas se encontrariam, se ela tivesse coxas. Seu olhar quente a fazia sentir-se intensamente desconfortável e completamente nua. Ela moveu-se apressadamente para trás até que não pode ir adiante e foi pressionada firmemente contra a parede da caverna.

Ele alcançou a borda onde CC estava e colocou as mãos na beirada. Com uma rápida flexão de braços poderosos, levantou-se parcialmente fora da água, e CC engasgou novamente. O torso muscular dele diminuía gradualmente para encontrar a pele brilhante de uma criatura do mar. Os olhos de CC se arregalaram completamente de choque. Tritão, ela emendou enquanto viu a rígida carne pulsante surgir a partir de uma fenda em sua cauda, onde a virilha de um homem humano estaria. Esta criatura era obviamente do sexo masculino.

"Agora," sua voz era baixa e sinistra. "Eu estou farto de perseguir você. Eu tentei cortejá-la. Tentei argumentar com você. Eu até tentei implorar. Nada funcionou. Você continua a me tratar com desprezo. Seus truques teimosos me deixaram sem escolha. Você me obriga a tomar o que eu desejo".

Sua presença malévola encheu a caverna. CC podia sentir seu coração batendo de forma descompassada. Sua reação foi intensa e imediata. Ela o repeliu.

"Fique longe de mim." CC ficou surpresa com o poder de sua nova voz.

"Não, minha querida. Não mais. Eu estou farto de esperar." Ele estendeu a mão e acariciou um fio grosso de cabelo que havia caído sobre o peito dela.

"Tão adorável." Sua respiração era profunda. CC recuou de seu toque, o que o enfureceu. "Você vai ser minha!" ele gritou para ela. Então, com um esforço, ele recuperou o controle de si mesmo, mudando o tom para um mais razoável. "Por que fingir que não entendeu? Nosso pai está ocupado em outro lugar, e ele está cansado das suas pequenas escapadas. Ele não vai ouvir seus gritos".

O tritão fez uma careta. "E sua mãe a deusa litorânea não pode ouvi-la dentro de minha maravilhosa caverna; eu me certifiquei completamente disso. Você gosta do presente que eu criei para você?" Um braço poderoso gesticulou para mostrar a gruta. "Seja razoável e isso será agradável para ambos. Você deve compreender que o Pai vai ficar realmente feliz quando tivermos acasalado. Eu acredito que ele até mesmo planeje conceder-nos o nosso próprio reino".

A mente de CC zumbiu. Não é de admirar que a bela sereia estivesse tão ansiosa para trocar de lugar com ela! CC preferia muito mais ser uma simples garota humana comum do que uma sereia mágica estuprada pelo irmão pervertido. A criatura impulsionou-se agilmente até a borda. Seu corpo era quase o dobro do tamanho do corpo de sereia de CC. Seu peito e ombros abaulados, e sua cauda poderosa estavam juntas com as listras grossas vermelhas e verdes escuras.

"Você gostou da minha tentativa de duplicar a cor de seus olhos nestes cristais?" Novamente sua voz era insinuante e enganosamente suave. Ele inclinou-se mais perto dela. "Mas nada poderia se igualar com a beleza de seus olhos."

Ele tirou os cabelos caídos do peito dela, deixando-a totalmente exposta. Então ele estendeu suas mãos enormes em concha e pegou os seios dela, segurando dolorosamente os mamilos entre seu polegar e dedo indicador. Antes mesmo que CC pudesse tentar empurrar suas mãos, a atenção dele vacilou.

"Que coisa é essa?" ele cuspiu. "Isso cheira a concepção humana." O tritão libertou os seios para pegar a gota de âmbar, que brilhava suavemente onde pendia entre eles.

No instante em que sua pele encontrou o âmbar, ele gritou de dor e deixou cair o pingente. Atordoadas, CC assistiu-o se curvar sobre sua mão, seu corpo todo tremendo violentamente. Ele gemia e ela podia ver saliva espumando ao redor de sua boca.

As palavras da dama da joia ecoaram em sua mente. Saiba que ela tem o poder de absorver energias negativas e transformá-las em positivas. Você deve precisar disso... Ela tinha que fazer alguma coisa. A caverna era uma prisão; ela tinha que fugir. CC impulsionou-se para frente, se espremendo ao redor do corpo convulsionado do tritão e atirando-se de cabeça dentro da água. Assim que ela estava imersa, sentiu seu pânico diminuir. Com um instinto próprio, seu corpo tomou o controle e mergulhou rapidamente para baixo e para longe da prisão de cristal.

Esperando ser apanhada no turbilhão de águas negras correntes, ficou surpresa ao ver que um azul tranquilo a cercava. Não havia nenhum sinal do túnel através do qual ela havia viajado. Ainda nadando com incrível rapidez, ela olhou para cima e viu o clarão azul da luz do dia contra a superfície não muito acima de sua cabeça. CC inclinou seu corpo para cima, e com um poderoso golpe de sua cauda impulsionou-se para a superfície e rompeu a barreira do líquido.

Ela olhou freneticamente a sua volta. No horizonte atrás dela, podia ver o contorno escuro da gruta. Ficou espantada com o quanto tinha viajado tão rapidamente. Em frente a ela, o oceano parecia ter se acalmado. Confusa, ela esfregou os olhos claros e deixou-se seguir à deriva. Não, não era o mar que tinha parado. Era uma enorme parede de coral. Do outro lado da parede a água era um abismo azul cor de safira, no oceano sem fundo. Ondas de cristas espumosas quebravam contra a barreira. CC virou sua calda e levantou-se para fora da água. Do outro lado da barreira ela podia ver a água azul-turquesa calma, o que levou seu coração a bater mais rápido — uma linha de costa arenosa.

Aquela criatura do mar tinha dito que ele estava se escondendo da sua "Deusa Mãe litorânea". Se ele sentiu a necessidade de se esconder, então isso deve significar que ele estava com medo. Poderia a mãe da sereia ajudá-la? Se assim for, desde que ela estava "encalhada", talvez ela pudesse ser encontrada perto da costa.

Um sentimento apavorante atravessou sua espinha e interrompeu seus pensamentos. Sua pele se contorceu em algum lugar na parte de trás do pescoço onde parecia tocar-lhe os olhos. Ela virou-se rapidamente, buscando o oceano em sinais de seu perseguidor. Nada. Até onde ela podia ver a superfície foi perturbada por nada, exceto as ondas. Quase como se fosse um movimento natural tanto quanto andar para trás, ela agitou sua cauda e mergulhou na água. As profundidades azuis eram claras e a visibilidade era boa, mas CC não conseguia ver nada mais cruel do que uma água-viva à deriva. Ela reapareceu na superfície.

Talvez ela tivesse escapado e estivesse segura naquele momento, mas uma coisa CC sabia com certeza, não poderia apenas flutuar e esperar por aquela criatura para recapturá-la. Fazer qualquer coisa era melhor do que isso. Com um movimento poderoso de sua cauda,

ela saltou para cima e sobre o recife de coral grosso, pulando de cabeça nas águas claras da enseada e diretamente em um cardume de peixes coloridos enormes e brilhantes.

A primeira reação de CC foi de medo – eles eram realmente peixes grandes – e ela os enxotou. Mas eles se recusaram a saírem. Ao invés disso, se sacudiram e giraram em torno dela, um pouco como os filhotes de cachorro. Curiosa, CC esticou a mão hesitante para tocar um de lado escamado fluorescente. Os peixes extasiados entraram em espasmos muito caninos de alegria. CC riu, o que fez toda o cardume explodir em pulos de alegria de divertida animação. Ela estava justamente pensando que ela não sabia como o dia poderia ficar mais estranho quando ficou cara a cara com um golfinho adulto.

“Ah!” Ela recuou, bolhas de surpresa estourando de sua boca. O golfinho não parecia tão chocado com o aparecimento de uma sereia que foi cercada por um cardume de exultação, agindo como peixes bobos.

Eles têm tão pouca dignidade.

O pensamento foi colocado suavemente dentro de sua mente. Ela olhou para o golfinho. Ela nunca tinha visto um de verdade tão perto. Bem, ela havia visitado o Sea World* em San Antonio uma vez, e havia golfinhos lá que as pessoas poderiam pagar para nadar com eles, mas o preço estava além de seu orçamento. E essa criatura não era nenhuma flor de estufa domesticada; era impressionante. Sua pele suave brilhava com vitalidade e seus olhos expressivos telegrafavam inteligência.

* NR: Parque temático de águas. Uma espécie de Disney só que de águas.

Peço-lhe que me perdoe, Princesa Ondine. Eu não queria assustá-la.

Eu, uh, só não esperava você, CC pensou automaticamente.

O golfinho mergulhou sua cabeça em um reconhecimento gracioso.

Posso oferecer-lhe minha ajuda, princesa? Ela podia enviar seus pensamentos para essa criatura maravilhosa? Que presente incrível!

Preciso encontrar minha mãe. CC rapidamente decidiu que valia a pena tentar recrutar toda a ajuda que ela poderia conseguir. E as criaturas pareciam conhecê-la, talvez eles devessem saber como ajudá-la, também.

Claro, princesa Ondine.

CC tinha quase certeza de que o golfinho sorriu para ela.

Gaia vem para estas terras frequentemente, como bem sabe. Seria uma honra.

O golfinho olhou para a escola em que estava servindo com o que CC pensou ser um adorável olhar de nobreza antes de acrescentar,

E a honra destes pequenos, para escoltá-la até a costa.

Gaia! A deusa Gaia era mãe da sereia! Que coincidência bizarra. CC pensou sobre o elevador e a dama da joia... Talvez coincidência fosse a palavra errada. Ela sorriu sua gratidão para a bela criatura. *Sim, por favor, leve-me à minha mãe!*

Juntos, eles nadaram através das águas mornas e claras. O fundo do mar não estava muito abaixo deles, e CC podia facilmente ver cascos de coral agrupados como castelos de pedra misteriosos contra a areia branca do fundo. Peixes brilhantemente coloridos dispararam em torno de delicadas folhas subaquáticas como folhas de outono em um vendaval.

CC olhou com olhos arregalados de admiração para o mundo subaquático. Nunca tinha imaginado que tal beleza existisse. Honestamente, ela sempre teve um pouco de medo da água, nunca tinha sequer mergulhado com snorkel*. Olhe o que eu estive perdendo, pensou cada vez mais para si mesma.

*Espécie de tubo utilizado para auxiliar a respiração quando o mergulhador encontra-se na superfície.

A poucos metros da linha costeira o golfinho apareceu ao lado uma rocha meio escavada. Seu topo achatado se projetava um pouco acima da linha d'água. Como se ela tivesse feito tantas vezes antes, CC deslizou em sua superfície lisa e estudou a costa exuberante. Águas brilhantes rodaram suavemente contra o veludo da areia da praia de modo que a terra e o oceano se misturassem harmoniosamente, como amantes se abraçando. Enormes árvores decoradas com trepadeiras floridas cercavam a enseada.

Uma brisa ligeira trouxe até CC o doce aroma das flores misturado com o sabor de maresia. Havia uma aura de paz definitiva sobre a enseada. CC respirou fundo, apreciando a serenidade inesperada. Sentiu como se pudesse ficar lá para sempre, sob o sol quente e o ar perfumado de mel. *Princesa?* O golfinho estava olhando expectante para ela, voltando seus pensamentos para a situação atual.

E o terror da perseguição do tritão voltou à sua mente. Rapidamente ela olhou por cima do ombro, mas não conseguiu ver nada, exceto a serenidade do mar. Mas ela nem sabia se ele poderia ser visto aproximando-se. Exceto pelo salto sobre a plataforma de coral, ela viajou pela água para chegar lá. Provavelmente não saberia se ele tinha ido direto atrás dela nesse momento. Ela tinha sido estúpida em relaxar como se estivesse em algum tipo de férias no Caribe.

O que ela deveria fazer agora?

Ela estudou a terra, desta vez, não permitindo distrair-se pela sua beleza. Certamente não viu uma deusa esperando em parte alguma. CC brincava nervosamente com o âmbar pendente. Isso não era exatamente como pegar o telefone e chamar a mãe. Mas talvez as mães de todos os lugares tivessem pelo menos uma característica comum; estavam acostumadas a atender os gritos de seus filhos.

CC endireitou os ombros e limpou sua garganta.

"Mãe!" ela gritou, encantada pela forma como a sua voz melódica foi levada sobre a água. "Deusa Gaia! Sou eu. Sua filha, Ondine". Ela olhou nervosamente para o golfinho, que estava flutuando calmamente, ainda olhando em direção à costa. "Eu preciso de sua ajuda." Por favor, me responda, ela orou silenciosamente.

A partir do mais denso ninho de hera verde e flores penduradas, um movimento atraiu seu olhar. Os olhos de CC se arregalaram em surpresa. Uma mulher bonita estava graciosamente aninhada no meio das vinhas. Ela estava sentada em um balanço improvisado feito de plantas vivas.

"Bom dia, filha." A voz da mulher soou sobre a água.

CC sentiu um choque de reconhecimento. "Você é a senhora que me salvou do elevador!" Um sorriso familiar curvou os lábios de Gaia.

"Sim, eu ouvi a chamada original que você ofereceu, sob a lua cheia. "Agradou-me, e eu gosto de cuidar de quem se lembra de mim." Ela fez uma pausa e seu sorriso se alargou. "Mesmo que eles vivam em um mundo distante." Ela apontou para a lágrima de âmbar que pendia entre os seios de CC. "Estou satisfeita que você valorize o meu presente".

CC engoliu em seco passado o caroço que tinha se formado em sua garganta, e seus dedos feriram-se em torno da pedra quente. Ela estava falando com uma deusa real. Ou ela estava morta. De qualquer maneira, foi desesperador.

"Sim, obrigada. É bonito e mágico." Ela limpou a garganta. "Então você sabe que eu não sou realmente Ondine".

Os olhos da Deusa se encheram de lágrimas derramadas, mas a expressão permaneceu gentil.

"Claro que eu sei, jovem. Ondine é filha da minha carne. Você, Christine Canady, sargento da Força Aérea dos EUA, que prefere ser chamada de CC, é filha do meu espírito".

"Como?" CC sentiu-se sobrecarregada.

Gaia fez um ligeiro movimento com uma mão, e a vinha balançou mergulhando baixo o suficiente para deixá-la descer a terra. Graciosamente, ela caminhou em direção à linha de água. CC não conseguia tirar os olhos da deusa. Ela percebeu que a visão que teve de Gaia fora do elevador tinha sido apenas uma sombra do verdadeiro rosto da deusa. Hoje, ela estava magnífica. Seu cabelo era do marrom profundo da terra fértil, e enrolava espessamente em torno de sua cintura. Entrelaçadas nele havia flores e joias brilhantes. CC pensou que seu rosto tinha uma aparência que poderia ter servido de modelo para inúmeras esculturas clássicas—que, pensou ela, provavelmente tinha.

CC não conseguia lembrar-se de obter uma visão clara do que a deusa estava usando, quando ela a tinha visto naquele dia no Tinker, mas hoje suas curvas generosas estavam envoltas em linho verde transparente, que era a cor exata da hera crescendo em profusão em todo seu redor.

"Você é tão bonita!" CC se constrangeu por falar impulsivamente.

O riso de Gaia brilhou entre elas. "Venha, filha," ela disse quando alcançou a água e afundou na areia, deixando os pés descalços brincarem nas ondas de cristal quebrando na praia. "Chegue mais perto de mim."

O golfinho agitou-se alegremente, saltando em torno da enseada enquanto CC deslizou para fora da rocha e nadou até a deusa. Gaia estava olhando fixamente para ela, e CC percebeu que a razão pela qual os olhos assustadoramente azuis de Ondine pareceram familiares para ela era que eles eram a imagem exata dos olhos da deusa. Sem jeito, puxou-se acima na costa arenosa até que ela descansou a curta distância da bela imortal. CC abaixou a cabeça se desculpando.

"Tenho certeza que Ondine era muito melhor do que eu navegando com isso." Ela apontou para sua cauda.

"Você não gosta deste corpo?" A deusa não souou como julgando ou com raiva, só verdadeiramente curiosa.

"Oh, não! Eu o acho incrível. É apenas muito diferente de ter pernas e pés", disse ela. "E ela é tão linda, muito mais do que eu sou. Ou era. Ou..." CC encolheu, confusa com os tempos verbais bem como com a situação.

"Acho que você subestima a si mesma, pequena. Mas estou feliz que você esteja satisfeita com essa forma." A expressão da deusa tornou-se distante. "E estou certa de que minha filha, Ondine, está satisfeita com sua nova forma também."

"Então, agora ela sou eu?" CC perguntou, surpresa em como era fácil falar com Gaia.

"Sim. Ela tomou o seu lugar naquele mundo."

"Eu estou morta?"

O Riso de Gaia fez os ramos das árvores balançarem em resposta encantados.

"Oh, não. Você está muito viva".

"Então eu não entendo," CC disse, sentindo-se mais perdida do que nunca.

A deusa estendeu a mão e tocou o rosto de CC em uma carícia maternal.

"Isso deve ser muito difícil para você, pobre criança. Vou tentar explicar. Ondine é a filha do meu corpo, mas ela é também muito filha de seu pai."

"Lir," CC disse. Gaia olhou surpresa com seu conhecimento, mas acenou com a cabeça.

"Sim."

"Um, que é exatamente Lir?", perguntou.

A deusa sorriu. "Lir é O Grande Deus dos Mares. Você deve reconhecê-lo por um de seus outros títulos. Ele tem sido conhecido como Tethys, Pontos, Netuno, Barinthus, Enki, Poseidon e muitos outros." Os olhos de CC se arregalaram em surpresa. "Poseidon é o pai de Ondine?"

Os olhos de Gaia atingiram uma expressão distante quando ela olhou para longe, nas águas.

"Sabíamos que a terra e o mar não foram feitos para acasalar, mas um dia eu tomava banho aqui, nesta grande enseada, e o Senhor dos Mares lançou os olhos em cima de mim." Seu rosto suavizou com a lembrança. "Por uma noite breve eu permiti que ele me envolvesse, e dessa união Ondine foi concebida."

CC escutou atentamente a história que a deusa contava.

"Ondine nasceu uma sereia, por isso estava destinado que vivesse no reino de seu pai, mas ela não estava contente ali. Ansiava pela terra e pela mãe." O rosto de Gaia estava sombreado por tristeza, e CC sentiu seus próprios olhos se enchem de lágrimas em resposta. "Eu tentei persuadi Lir para me permitir presentear nossa filha com uma forma humana para que ela pudesse viver comigo em terra, mas ele adorava a filha e se recusou a se separar dela."

Gaia tomou a mão de CC e apertou-a. "Não pense que ele cruel. Lir amava sua filha. E ela não foi sempre infeliz. Ela adorava o pai e as criaturas do seu reino, e vinha aqui muitas vezes, sentava onde você está agora, me contava histórias fantásticas sobre o castelo de cristal subaquático em que vivia e as maravilhas do mar".

"Foi apenas recentemente que ela mudou". A expressão da deusa estava assombrada.

"Às vezes eu ia encontrá-la chorando, lá naquela rocha. Incessantemente, ela me pediu para presentear a com uma forma humana." CC estremeceu. Ela pensou que sabia por que Ondine tornou-se tão desesperada. "Ela lhe contou o que estava errado?" Gaia abanou a cabeça tristemente. "Não. Perguntei a ela, mas ela disse apenas que desejava estar sempre comigo." As lágrimas derramaram dos olhos da deusa, mas Gaia não pareceu notar.

"Eu tinha medo que ela pudesse fazer mal a si mesma. Eu sou uma deusa, mas seu pai também é um imortal, e eu não poderia fazer a sua forma mudar sem o seu consentimento, já que ele não poderia ter tirado ela de mim se tivesse nascido na forma humana." Seus olhos brilharam com determinação. "Mas eu também sou mãe, e não poderia deixar minha filha sofrer. Eu teci um feitiço para ela, dando a Ondine a capacidade de obter um corpo humano, mas só se ela pudesse encontrar um ser humano que estivesse disposto a trocar de vida com ela." Gaia olhou nos olhos de CC. "E eu sabia que você teria necessidade ajuda dela, como ela tinha necessidade da sua, filhinha".

"Eu não entendo", disse CC.

"Seu ritual Samhain foi sincero, e eu ainda atendo ao apelo dos meus filhos em outros mundos, até mesmo em um mundo em que fui esquecida. Você me agradou naquela noite, e eu toquei você." CC corou, lembrando a sensação apaixonada do luar em sua pele.

A deusa colocou um dedo perfeito no queixo de CC e levantou o rosto dela. "Nunca se envergonhe de um presente de uma deusa." Antes que CC pudesse responder, ela continuou. "Eu pedi ao Fates para me mostrar o seu futuro, e vi o segmento da sua vida acabar muito cedo em uma sepultura de água." Ela suspirou, tristemente. "Havia pouco que eu poderia fazer para te ajudar, como havia pouco que eu poderia fazer para ajudar a

filha da minha carne, mas juntas vocês poderiam ajudar uma a outra. Assim, você está aqui e ela está lá."

"Onde é aqui?" foi a primeira das muitas perguntas que saltaram à mente CC.

"Aqui é um mundo onde os deuses e deusas ainda vivem". A expressão CC ficou confusa.

Gaia tentou explicar. "Esta enseada é minha criação, por isso não é como nada que seria familiar a você, mas para além de aqui você iria encontrar uma terra que seu mundo chamaria Cymru* medieval". Seu braço varreu em um gesto destinado a incluir toda a terra por trás delas. CC sentiu seu rosto empalidecer. "Você não está falando de algum lugar no sul da Califórnia, está?" Gaia sorriu para ela. "Na verdade, eu acredito que seus livros lhe diriam que é a Terra dos Britânicos, ou mais especificamente, País de Gales antiga"

* Na literatura galesa a palavra Cymry foi usado durante a Idade Média para descrever o galês, embora os mais velhos, mais termo genérico Brythoniaid continuou a ser usado para descrever qualquer dos povos Brittonic (incluindo o galês) e foi o termo mais comum literário até C . 1100. Posteriormente Cymry prevaleceu como uma referência para o galês. Até por volta de 1560 Cymry foi utilizado indiscriminadamente para significar tanto o povo (Cymry) ou a sua pátria (Cymru). Foi latinizado como Cambria.

"Quer dizer que estou bem no meio da Europa medieval!"

Gaia afagou-lhe a mão tranquilizadamente. "Há muito que os historiadores deixaram de fora dos textos de seu mundo." A deusa piscou um grande olho azul para CC. "Como mágica, minha filha".

"E como eu-"

A tagarelice irritada do golfinho interrompeu a pergunta de CC. Ela olhou por cima do ombro e seu corpo ficou dormente. O tritão tinha aparecido no meio da enseada.

"Silêncio sua besta intrometida!" ele rosnou com o golfinho.

Automaticamente, CC correu mais para perto de Gaia.

"Deusa Gaia, que privilégio inesperado em vê-la." Sua voz havia mudado para seda.

"E por que seria inesperado, Sarpedon?" Gaia sorriu graciosamente para ele. "Esta é minha enseada, é sabido que eu venho aqui muitas vezes."

"Sua enseada?" O sarcasmo instantâneo do tritão chocou CC. "Eu pensei que o reino da água pertencesse a Lir."

"Isso seria verdade, jovem Sarpedon, se o seu pai não tivesse me presenteado com todas as águas dentro desta caverna." Os olhos de Gaia se estreitaram. "Você faria bem em lembrar que a água deve fluir sobre a terra, e onde você encontra a terra, lá você sempre encontrará o meu reino".

"Peço que me perdoe, Deusa Gaia. Eu não tive a intenção de ofender ", disse ele, de repente, contrito. "Eu venho à sua enseada em uma incumbência do próprio Lir". Quando Gaia não respondeu, Sarpedon apressou-se, aproveitando a oportunidade de flutuar mais próximo às duas. "Meu pai pediu que escoltasse minha irmã de volta para ele. Ondine tem ficado ausente com tanta frequência recentemente que tem estado muito perdida," disse, e seu olhar intenso deslocou brevemente para CC.

"Não."

A palavra saiu da boca de CC como um sussurro. Ela olhou para a deusa, que a estava estudando com cuidado. Amparada pela presença de Gaia, CC limpou sua garganta e repetiu a palavra em uma voz alta, firme.

"Não!"

"Você deve obedecer nosso pai," Sarpedon disse entre os dentes cerrados.

"Ela deve?" A deusa interrompeu a conversa. Os olhos de Gaia eram sábios quando ela olhou da sereia para o tritão.

"Sim!" Sarpedon lutou para controlar a raiva em sua voz. "Deusa, você sabe que Lir sente falta de sua filha."

"Eu sei que Lir ama sua filha e não ia quer vê-la aflita", Gaia falou abruptamente.

"Eu quero apenas fazer a vontade do nosso pai." Sarpedon levantou as mãos, palmas abertas num gesto de desamparo. CC podia ver claramente os vergões vermelhos irritados que pontilhava uma palma onde a sua pele tinha tocado o amuleto dela. A cabeça de CC estava girando. Ela sabia que Ondine devia estar tentado escapar dessa criatura, mas também sabia que a sereia não tinha confiado seu problema a sua mãe.

Bem, talvez Ondine tivesse passado sua vida sendo perseguida e ameaçada por seu meio-irmão, mas CC tinha passado os últimos sete anos na dominação masculina da Força Aérea dos Estados Unidos. Mesmo antes da deusa a tocar ela sabia como se defender. Se este ia ser o seu mundo, ela poderia muito bem começar a aprender as regras

imediatamente, sem demora. E ela com certeza não iria jogar pelas regras de Sarpedon. Ela levantou o queixo e olhou diretamente em seus cinzentos olhos amendoados.

"Você é um mentiroso", disse ela.

"Você tem estado muito tempo longe de sua casa." Ele tinha se movido ao alcance de alguns metros de CC. Seu rosto escurecido perigosamente. "Você tem se esquecido de si mesma."

"Sério?" CC disse ironicamente. "Eu acho que eu poderia ter vivido a vida inteira e ainda conheceria estupro quando visse um". Com um movimento brusco, Gaia parou. Ela falou com suavidade mortal.

"Você se atreveu a tocar a minha filha contra a sua vontade?"

"Ele tentou, mas o seu amuleto me protegeu", disse ela antes de Sarpedon pudesse responder. Apenas para os ouvidos da deusa ela sussurrou:

"Acho que é ele o que Ondine tanto temia."

"Saia da minha presença, Sarpedon!" A voz da deusa foi ampliada até que encheu a pequena enseada. "E eu o advirto para se manter longe da minha filha." Mas em vez de ficar em alerta, o tritão levantou-se para sair da água, equilibrando-se em sua cauda poderosa até que se elevou sobre CC. Automaticamente, ela se encolheu.

"Eu a terei!" Voou saliva de seus lábios e seus olhos brilharam selvagememente.

"Meu pai é o Senhor dos Mares, você não tem poder sobre mim, Deusa da Terra". Ele cuspiu o título como se fosse um juramento.

"Criatura insensata. Até mesmo o Senhor dos Mares sabe que não deve evocar a ira de uma deusa!"

Gaia apontou um dedo fino para a terra arenosa debaixo dos seus pés e fez um movimento circular pequeno. A areia se mexeu. Com um movimento do seu pulso, ela apontou para o tritão. A areia formou um redemoinho do seu leito úmido e atirou-se no rosto de Sarpedon, fazendo-lhe engasgar e esfregar freneticamente seus olhos. Ele caiu em águas mais profundas, cuspiendo em fúria e amaldiçoando. Então ela estendeu seus braços, como se fosse abraçar a enseada. Quando ela falou sua voz era sedutora e rica com autoridade.

"Ventos que brincam com o meu corpo, que é a própria Terra viva, venham até mim agora e soprem este usurpador de minha presença."

A deusa contraiu os lábios carnudos e soprou uma explosão de luz do ar em Sarpedon. Então, algo incrível aconteceu com aquela luz, quase brincando com o ar. Parecia que todos os ventos na enseada de repente correram para participar. A rajada atingiu Sarpedon como um punho, levantando-o da água e lançando-o para a barreira de recifes de coral.

"Ultrapasse o meu reino novamente, e eu vou te destruir". O poder da voz de Gaia levantou os cabelos na parte de trás do pescoço CC. "Assim tenho dito, assim será". O ar em torno da deusa brilhava, fazendo de sua promessa uma coisa tangível.

Apavorada, CC só conseguia olhar para Gaia. Sua mente não podia entender o que estava presenciando. A deusa parecia enorme e poderosa, e CC foi oprimida por sua majestade. Mas Sarpedon parecia alheio ao poder de Gaia. "Não esqueça que Ondine é uma criatura do mar! Ela deve viver no meu reino, Deusa Terra!" Ele gritou com ela antes de pular sobre o recife de coral e desaparecer nas profundezas azuis. CC olhou para ele, tremendo com um presságio sinistro.

Capítulo 7

"Você foi muito corajosa". A voz de Gaia era como a de uma mãe ao elogiar o filho.

"Não me sinto muito corajosa agora", disse ela, hesitante, ainda impressionada com o poder de Gaia.

A deusa curvou e acariciou os cabelos macios de CC. "Estou orgulhosa de você. Há uma força em você que estava faltando em Ondine. CC sentiu uma onda de prazer em suas palavras.

O golfinho apareceu, soprando a água sobre as duas mulheres e vibrando como uma babá chateada. Rindo, Gaia limpou as gotas de água do mar em seu vestido.

"É melhor consolá-la, ela não vai nos deixar em paz até que ela garanta sua segurança."

Sentindo-se um pouco insegura no início, CC deslizou da costa. Novamente, ela sentiu que aquele formigamento na nuca que a fez pensar que estava sendo vigiada. Não, ela disse a si mesma firmeza, Sarpedon se foi. Ele não pôde entrar no bosque de Gaia. Estava apenas sendo paranoica e quem poderia culpá-la? Felizmente, logo que ela estava imersa na água, seus medos começaram a diminuir. Deslizou até o golfinho distraído e acariciou as partes lisas da criatura.

"Ei, eu estou bem", disse ela em voz alta. "Gaia livrou-se dele. Ele não pode me ferir aqui".

Tememos por você, princesa. O golfinho afagou CC, em seguida, virou-se e inclinou a cabeça reverentemente à Gaia. *Obrigado, grande deusa, por proteger a nossa princesa.*

Solenemente, Gaia inclinou a cabeça e reconheceu a adoração do golfinho.

CC podia ver as formas dos peixes menores timidamente escondidos em torno dos grupos de corais brilhantes. Você pode sair agora. Persuadiu e ficou encantada ao vê-los responder contorcendo-se para ela. Com um braço envolto às costas do golfinho, acariciava e acalmar os peixes assustados.

"Sarpedon estava correto sobre uma coisa", Gaia, disse.

"O que?" A atenção CC estava focada no encantador peixe, mas as palavras da deusa enviaram um calafrio através de seu corpo.

"Eu não posso protegê-la ali." A deusa apontou para a extensão aparentemente ilimitada do oceano. "E você não pode viver eternamente nessa enseada."

"Mas o que vou fazer?" CC sabia que a deusa estava certa. Como ela podia viver sua vida nesta pequena enseada? Era o equivalente a estar preso para sempre em um apartamento. Não importa o quão luxuoso ou maravilhoso, ela ainda estaria presa.

"Faremos o que devemos para mantê-la segura", Gaia, disse.

"Que significa o quê?"

Gaia estudou a garota que habitava o corpo de sua filha. Ela tinha a força, sim. E ela foi sincera e corajosa. Mas ela também tem sabedoria? Talvez a criança tinha um tipo de sabedoria que era estranha a este mundo, mas talvez esse era o tipo de sabedoria que seria necessário para ela sobreviver aos testes que tinha a certeza de estar à sua frente. A deusa fez a sua decisão.

"Há apenas uma resposta. Devo tirá-la do mar." Os olhos de CC se arregalaram de surpresa.

"Mas eu pensei que esse era o problema. Você não podia ter Ondine sem a permissão de Lir". Então veio uma ideia a CC. "Deste modo, por que não podemos obter a permissão de Lir agora? Você disse que ele ama Ondine. Isso não quer dizer que ele não gostaria que seu próprio irmão a estuprasse?"

"Sarpedon também é filho de Lir." A expressão Gaia era sombria. "Talvez Lir tenha dado sua permissão para o acasalamento."

"Ugh, que nojo, irmão e irmã de acasalamento." Só de pensar fez CC sentir-se doente.

"Os deuses e deusas não veem essas coisas como os seres humanos veem", Gaia, disse simplesmente.

"Você pensa que está tudo certo se ele me quiser?" CC ficou chocado.

"Nunca", Gaia, disse com firmeza. "Mas só porque você o rejeitou, assim, ele não tem direito a você. Compreenda que as relações são diferentes entre dos deuses".

"Vou levar sua palavra," CC murmurou. "Portanto, não podemos ir até Lir. Como faço para ficar longe de Sarpedon?"

"Há um caminho, mas pode ser difícil".

"É pior do que ser estuprada por Sarpedon?" CC perguntou.

"Só você pode responder essa pergunta, pequena." A deusa começou dando passos para frente e para trás ao longo da costa explicando a CC. "Eu posso te presentear com a forma humana, mas isso não será permanente. Você ainda vai estar conectada ao mar".

Ela deu um olhar justificatório a CC. "Seu corpo desejará voltar para a água, isso pode até ser doloroso para você. E deve retornar às águas em sua forma de sereia uma vez a cada terceira noite, ou então você vai adoecer e morrer."

"Bem, eu suponho que é melhor do que estar presa nesta enseada para sempre", disse CC duvidosa.

A deusa parou de andar e falou seriamente com ela. "Mas há uma maneira de tornar a sua forma humana permanente. Você deve encontrar um homem para amar e aceitar de todo coração que você seja uma filha do mar, bem como da terra. Então nem mesmo Lir pode quebrar o vínculo de amor verdadeiro, e você será presenteada com a sua forma humana de forma permanente. "

"Oh, Gaia," CC gemia. "Eu não sou muito experiente com homens. Na verdade, eles me tratam como se eu fosse uma irmã." Então ela acrescentou rapidamente, "E de onde eu venho significa que eles não querem nada de romântico a ver comigo."

"O jovem e belo piloto do seu transporte desejou-te." As palavras de Gaia cortaram CC. Seus olhos se encheram de lágrimas quando ela se lembrou da doçura de Sean.

"Sim, e olha o que aconteceu com ele."

"Ele estava vivendo o seu destino, filha." O tom de Gaia foi reconfortante. "Não foi sua culpa, ele estava fadado a morrer nessa viagem. Fê-lo heroicamente. Você deve honrar sua memória."

"Ele ia morrer de qualquer jeito?" CC perguntou.

"Sim. Você não causou sua morte. Sua vida já tinha acabado."

Nas palavras de Gaia CC sentiu o alívio do peso da culpa dela. Ela fechou os olhos e fez uma oração silenciosa em agradecimento a bravura de Sean. Quando ela abriu os olhos, encontrou-se com o olhar da deusa com a consciência limpa.

"Diga-me o que eu preciso fazer."

"Vou lançar o feitiço. Você deve simplesmente encontrar o homem que pode te aceitar e te amar."

"Espere! Isso não deveria ser fácil neste mundo? Você disse que os deuses e deusas vivem aqui. Não são pessoas que costumavam a usar mágica?" CC perguntou.

"Por um tempo, talvez". Gaia hesitou como se pesando suas palavras. "Você tem sacerdotes em seu mundo." Gaia não o tinha feito soar como uma pergunta, mas CC assentiu com a cabeça de qualquer maneira. "Eles estão aqui também. E muitos deles são homens bons que servem a seu deus com amor e devoção". Ela fez uma pausa, e quando ela falou de novo a sua voz parecia enojado. "Mas nem todos eles são honrados. Lá um padre começou uma nova seita que contaminou partes de sua religião. Prega que toda a magia é má, e que só há um caminho a acreditar, o seu caminho. Eles acreditam que a beleza, especialmente a do corpo feminino, é pecado e mau." A risada de Gaia estava seca e sem humor. "Eles são bobos, com medo de seus próprios desejos. Mas é claro que eles querem que as pessoas fiquem longe da beleza. É mais fácil controlar as pessoas que não têm esperança." Ela balançou a cabeça tristemente. "Infelizmente, muitos ouvem o seu veneno."

"Eu não quero ficar com um homem que acredita em qualquer coisa," CC disse.

"Não julgue tão severamente. Mesmo os homens bons podem ser induzidos ao erro. Seja sábia em sua escolha e tudo ficará bem no final."

"Ah! Minha escolha? Eu ainda nem sequer tive um encontro em seis meses". CC sentiu a cor em suas bochechas ao admitir.

"Minha filha", a deusa sorriu com indulgência. "Eu prometo a você aqueles homens a desejarão."

CC olhou para suas curvas sexy. "Oh, eu posso ficar com esse corpo?"

A gargalhada de Gaia tocou em toda a enseada. "O que era dela é seu, Ondine".

"Ooooh". A boca de CC arredondou em maravilha. Ela era bonita. Incrivelmente, surpreendentemente, linda-como-Marilyn Monroe.

"Você tem que surgir como uma princesa que sobreviveu a um naufrágio". As palavras de Gaia estavam chegando rapidamente agora que a decisão foi tomada.

"Mas" Gaia levantou a mão, cortando a questão de CC. "Eu tenho medo, preciso criar uma tempestade." Ela parecia cuidadosa com CC. "Você consegue nadar?"

"Sim, mas não muito," Mais uma vez a deusa a cortou.

"Bom". Gaia passava enquanto ela falava com CC em uma matéria-de-fato, o tom de instrução. "Finja perda de memória. Você deve mesmo parecer desesperada para encontrar sua família..." CC queria perguntar como deveria encontrar o verdadeiro amor baseado em mentiras, e amnésia, mas não houve interrupção da deusa. "...o desespero é que você deve insistir em ficar perto do mar de modo que as mensagens possam ser mais facilmente enviadas e recebidas. E vou ter certeza que você virá para a praia em um lugar cercado de água". O olhar de Gaia era penetrante. "Mas não se esqueça que na verdade você tem que ficar perto da água ou irá morrer". Em seguida, a deusa amaciou. "Mas você já sabe disso, filha. Você sofrerá por estar na água. Basta ser sábia quando mudar sua forma. Não deixe-se ser vista, e fique sempre perto da costa, onde você estará sob minha proteção. Se Sarpedon usar de armadilhas para afastá-la de minhas costas, eu não posso ajudá-la. "

"Mas você vai estar comigo quando estou na terra?" A voz de CC soou em pânico.

"Eu procurarei por você". A deusa sorriu suavemente. "Lembre-se de usar o seu amuleto. Vou sempre estar lá quando você realmente me necessitar, você deve escolher seu próprio caminho, Ondine. Certifique-se de escolher com sabedoria." Antes das dúvidas poderem dominá-la, CC disse, "Eu vou tentar o meu melhor."

"Está pronta, Ondine?" A deusa pediu.

CC lutou contra o nervosismo que ameaçava esmagá-la. Ela quase mudou de ideia e implorou à deusa a deixá-la ficar na enseada protegida onde ela sabia que estaria segura e amada. Mas ela não era um peixe numa vasilha, e já tinha deixado uma vida que tinha sido demasiado pequena limitando-a quando ela se juntou à Força Aérea. Seria realmente tão diferente?

"Eu estou pronta, Mãe", disse ela resolutamente.

"Então, lembre-se que a minha bênção, assim como meu amor irão com você." A deusa afastou-se da água e caminhou de volta para o verde que se alinhavam na costa arenosa. Depois de formado em plantas vivas, ela virou-se e enfrentou o oceano. Levantando os braços acima da cabeça, ela começou a falar, e CC tremia com o poder das palavras da deusa que enchia a enseada.

"Eu apelo aos elementos que eu comando. Ar, que sopra sobre e através de mim, sempre presente e sempre abençoado. Fogo, que é alimentado e trouxe para a vida por mim, um verdadeiro parceiro e amigo respeitado. E a Terra, meu corpo e alma. É através de você que o minha filha nasceu, e que ela deve retornar algum dia. "

O ar em torno de Gaia começou a brilhar CC podia sentir a metade inferior de seu corpo começar a formigar. "Com esta terra mágica eu protejo a minha própria. Eu ordeno que apenas o verdadeiro amor possa vencer a morte e só ele pode quebrá-lo. Assim falo, assim será".

O brilho que estava em torno de Gaia explodiu, lançando o seu brilho e indo diretamente para CC. Ela fechou os olhos e atirou as mãos sobre o rosto um pouco antes de estar envolta de um ofuscante clarão de cores e sensações. Ela poderia dizer que estava sendo puxado pelo ar, e seu corpo sentia como se estivesse em chamas. CC não conseguia ver nada e ficou aturdida por uma cacofonia de vento uivante.

Momento que não tinha sentido. Ela tentou gritar o nome de Gaia, mas as palavras foram arrancadas de sua boca, perdidas em uma tempestade natural de barulho e luz. E então ela mergulhou de volta à água. Apenas seu corpo não se submetia ao incrível poder de uma sereia. Desta vez, ela podia sentir as pernas humanas chutando debilmente contra a atual raiva como se ela lutasse para chegar à superfície. Ela não conseguia respirar e seus pulmões gritavam. Finalmente, ela rompeu a superfície e engoliu ar em seco.

O céu estava negro e aparentava-se ferido. Ondas caíam sobre sua cabeça fazendo-a arfar e sufocar. A enseada pacífica não estava à vista, nem estavam seu amigo golfinho ou a deusa. Ela podia ver uma costa desconhecida a uma distância assustadoramente longe dela. Tentando deixar um crescente sentimento de pânico na baía, ela começou a nadar para terra.

O céu abriu e a chuva começou a cair sobre ela. A crista* da onda bateu, e CC foi batido sob a água. Ela lutou para chegar a superfície e percebeu que na escuridão líquida que ela não poderia dizer em que direção era para cima. Todo pensamento racional fugiu de sua mente e o pânico aumentou através si quando ela falhou impotente na escuridão do afogamento.

* N.R. Crista = É aquela parte superior da onda. No texto está White-capped, que é uma expressão da crista da onda que é branca e espumosa.

Fortes mãos apertaram-na pela cintura e a levantou, segurando acima da água tempestuosa para que ela pudesse puxar o ar para seus pulmões em chamas. Ela tossiu e vomitou, vômitos de água do mar eram incapazes de mantê-la na deglutição. Seu corpo tremia incontrolavelmente. Ela podia sentir as mãos envolvendo a cintura de forma segura. Suas costas nuas estavam pressionadas firmemente contra os músculos rígidos do peito de um homem, ela podia sentir a sua profundidade, até mesmo a respiração. Ela pensou que ele tinha que estar de pé em terra firme para poder apoiá-la tão bem. Com as mãos trêmulas, ela esfregou os olhos apartando a água salgada, com a expectativa de ver a margem diante dela. Em vez disso, ainda era uma linha muito distante nas penumbras.

Confusa, CC se contorceu tentando de descobrir o que ela estava fazendo nos braços de um estranho estranhamente familiar. Seu negro cabelo selvagem pendurado em camadas em torno de seus ombros. Ele não falava, mas seus olhos de cor negra foram fixados com atenção sobre ela. Perguntas surgiram na mente de CC. Como ele poderia parecer familiar para ela? Gaia não a havia enviado para um mundo medieval? A deusa tinha cometido um erro?

E então a realização a golpeou com um ataque de vertigem e desejo. Ele parecia familiar, porque ele lembrou o homem do seu sonho! Aquele que a tinha chamado tão desesperadamente na noite em que invocou a deusa e dançou na chuva.

Fascinada, CC olhou para ele. Seu peito largo estava vazio e suave e sentia-se duro e quente contra os seus seios nus. Os músculos dos braços flexionados no emprenho de segurá-la acima da superfície. Mas, em vez de ser capaz de sentir os músculos das pernas de um homem contra suas próprias pernas nuas, a metade inferior de seu corpo foi pressionada firmemente contra uma extensão única de carne, lisa e quente, que estavam flexionadas e debatiam constantemente contra a corrente. Ela olhou para baixo. Mesmo com o turbilhão de água ela podia ver o alaranjado e o brilho do ouro de sua grossa cauda.

Capítulo 8

CC se engasgou com o choque. O pensamento que inundou sua mente é que tinha de fugir, e empurrou violentamente o peito dele, chutando o seu caminho para se livrar dos braços. Instantaneamente uma outra onda a abateu, puxando-a sob a água novamente. Quando sentiu as suas mãos sobre ela, forçou-se a ficar calma e conteve o impulso irresistível de lutar. Ela o deixou levantá-la de volta à superfície.

Desta vez, ao invés de segurá-la firmemente contra o peito, ele agarrou sua cintura e segurou seus braços para longe de seu corpo, sustentando-a tão longe dele quanto podia. CC podia ver a sua cauda grossa batendo com força contra a água embaixo, mantendo-os boiando.

"Se você não me permitir ajudá-la, você vai se afogar." Sua voz profunda soou surpreendentemente suave. "O novo corpo não pôde respirar sob a água."

"Quem é você?" , ela perguntou, sem fôlego, puxando seus cabelos encharcados de água para a frente para cobrir os seios nus. "Eu me chamo Dylan."

"Eu não vou voltar para Sarpedon". As sobrancelhas do tritão se uniram, e ele balançou a cabeça. "Eu não sou amigo do filho de Lir."

"Ele não mandou você aqui?" Ela não conseguia parar de tremer.

"Não." A palavra foi cortada.

"Foi Gaia?" Ele balançou a cabeça "Como-" ela começou a perguntar, mas ele interrompeu apressado.

"Ondine, devo levá-la a terra." Ele parou e olhou profundamente em seus olhos. "Seria melhor se você colocar seus braços em volta dos meus ombros. Eu..." Ele hesitou novamente, tentando recuperar o fôlego, então ele continuou com um dar de ombros apologetico. "Eu não tenho a força para carregá-la para a praia como eu estou te segurando agora."

E ele obviamente não tinha. Sua respiração estava chegando em suspiros, e os músculos em seus braços estavam apertados e trêmulos. CC podia ver o esforço que estava custando a ele para mantê-los boiando nas águas agitadas. Ela olhou para ele com mais cuidado. Se ele fosse humano, teria sido um homem alto. O tronco do tritão era bem definido, seus braços eram poderosos e seu abdômen liso ondulado com força. Mas ele não tinha as

ligações volumosos de músculos que Sarpedon a tinha comprimido, tampouco o tamanho esmagador dos outros tritões. Obviamente, as criaturas marinhas nasciam com diferentes formas e forças, assim como as pessoas.

"Eu lhe dou meu juramento de que não vou prejudicá-la, Ondine". Dylan falou as palavras lentamente e de forma clara, enunciando cuidadosamente em sua respiração irregular.

"A-" Ele passou uma mão em sua cintura, fazendo-a escorregar um pouco para baixo na água. Ele segurou o braço dela, ainda mantendo a cabeça e ombros acima da água, e com a outra mão, ele chegou em direção a seus seios.

"Pare!" CC recuou.

"Você entendeu mal", garantiu ele rapidamente. "Gostaria apenas de tocar o amuleto da deusa. Se não me queimar, você vai ver que não tenho qualquer desejo de prejudicá-la."

CC reteve-se muito mais quando mão do tritão se moveu lentamente entre os seios. Ele colocou a gota ambarina na palma da mão. Nada aconteceu. Dylan deixou cair o amuleto da sua mão e segurou a mão aberta para sua inspeção. Estava marcado. "Você acredita em mim agora, princesa Ondine?" ele perguntou.

Ela assentiu.

"O que você quer que eu faça?"

"Agarre os meus ombros e o resto do seu corpo em volta das minhas costas. Então eu posso nadar sob a água enquanto você permanece acima da superfície."

"Tudo bem", disse ela, lutando contra seu medo.

"Venha, então".

Ainda segurando-a firmemente pelo braço, ele a puxou para si e virou para que ela ficasse de frente para as costas largas. Sua pele era bronzeada e impecável. Seu cabelo caiu grosso e pesado passando de seus ombros. Ele estava molhado e brilhava como uma asa de corvo. Ele escorregou na água para que ela pudesse alcançar facilmente seus ombros. Hesitou, com medo de tocá-lo. *Ele está apenas tentando me ajudar*, disse a si mesma e forçou-se a agarrar o topo dos ombros arredondados.

"Você tem que agarrar". Ele virou a cabeça e falou sobre seu ombro.

"Estou tentando," CC disse. Sentindo suas mãos entorpecidas e parecendo não querer obedecê-la. Seus lábios estavam frios e na pele em seus braços pareciam estranhamente pálidos.

Dylan a envolveu com o braço segurando-a firmemente contra ele. O comprimento do corpo nu de CC foi pressionado às costas do tritão. Podia sentir seus músculos enrijecendo contra ela. Sua respiração era áspera, e sua pele estava incrivelmente quente contra o seu corpo frio. Ele virou a cabeça novamente e seus olhos se encontraram. Os dela estavam arregalados com o choque, o dele estava escuro, com uma emoção não mencionada.

"Você não tem nada a temer. Eu não vou deixar você cair", disse ele simplesmente.

Um forte impulso de sua cauda direcionou o tritão para frente. Ele abaixou a cabeça sob a água e começou a nadar abaixo da superfície. CC agarrou suas costas, lutando para respirar com ondas atingindo seu rosto. De encontro ao corpo dele, podia sentir a batida rítmica da cauda do tritão quando ele se colocou na direção da costa.

Quando se aproximavam da costa, a chuva parou. O céu começou a clarear e as ondas se acalmaram. Dentro de minutos, era como se nunca tivesse havido uma tempestade. Dylan nadou pelos pedaços salientes de coral e pedras até que CC pudesse ver que a costa estava a poucos metros deles. Com um movimento gracioso de cauda, ele ergueu o tronco para fora da água.

CC ainda se agarrava, ofegante, à sua volta. Hesitante, como se ele não quisesse parar de tocá-la, ele abriu o braço em torno de CC. Seus pés encontraram o fundo de areia, e ela abriu mão de seus ombros.

No instante em que seus pés tocaram a terra, ela sentiu um formigamento elétrico em todo seu corpo, e houve uma explosão de luz incrível. Tópicos de brilho obscurecendo sua visão, como se ela estivesse presa em uma brilhante teia de aranha. Então, tão abruptamente como tinha começado, o show de luzes acabou. CC estava em pé na água que chegava logo abaixo dos seios, e seu corpo parecia de algum modo diferente. Ela olhou para si mesma e suspirou. Estava vestida de camadas e camadas de tecido que resultavam num lindo vestido, que brilhava com as cores exatas que foram a sua cauda de sereia.

O tecido estava pesado e molhado, mas CC ainda podia ver os intrincados bordados que cobria quase cada centímetro dele. Seus dedos e pulsos estavam cobertos de anéis e pulseiras. Ela balançou a cabeça maravilhada e sentiu brincos roçando em seu pescoço. Seu cabelo também, sentia anormalmente pesado, e CC levantou a mão para tocar as linhas de joias que estavam magicamente teadas e envoltas no pescoço delgado.

"A Deusa Gaia cuida por sua própria vontade", disse Dylan.

A cauda de tritão estava enrolada debaixo dele para parecer que estava em pé ao seu lado. Ele se afastou um passo, como para dar um espaço para a mágica funcionar, mas ele não pareceu surpreso com a súbita manifestação das novas roupas de CC.

"Obrigado, Gaia," CC disse em voz alta. Ela estudou as grossas árvores folheadas alinhadas na praia, mas ela não viu nenhum sinal da deusa. Em seguida, voltou seu olhar para o tritão.

"E muito obrigado", disse ela. "Eu acho que lhe devo minha vida." O sol tinha saído e os seus raios já a aqueciam. Ela estava exausta e seu corpo parecia que era feito de chumbo, mas a seu incontável tremor parou, e agora que ela estava vestida, não se sentia tão impotente.

Negou seus agradecimentos. "Não, Ondine. Não há nenhuma dívida entre nós. Eu só ofereci ajuda quando era necessário."

"Bem, obrigado de qualquer maneira." Automaticamente, ela ofereceu-lhe a mão, e com apenas uma ligeira hesitação ele tomou. Mas em vez de sacudi-la, ergueu-a lentamente até a boca e apertou-a aos lábios. CC parou de respirar. Os lábios de Dylan eram quentes, e o calor percorreu seu corpo, erguendo os cabelos dos braços em resposta.

Seus olhos encontraram os dela, e CC percebeu como eles eram escuros e bonitos. Viu-se querendo sussurrar '*Acho que sonhei com você*', mas seu olhar fascinado e sua falta de ar a fez ficar em silêncio. Ele continuou segurando a mão dela na sua, e sentiu o toque suave do polegar. Sua pele vibrou com o carinho, e sua respiração voltou em uma corrida. O sorriso em seus lábios carnudos se refletiu nos olhos escuros e expressivos dele. Quando falava sua voz era áspera com emoção.

"Ondine, você é a mais..."

Um grito da terra assustou-os. Num piscar de olhos, Dylan deixou cair a mão e mergulhou de cabeça, de imediato, desaparecendo sob as ondas. CC virou-se para a costa a tempo de ver a afluência a partir da linha das árvores um homem montado num cavalo preto enorme. Ela deu um passo à frente e os pés dela ficaram emaranhados na saias grossas do vestido. Ela caiu e o rosto foi o primeiro a entrar na água, onde lutou e se debateu impotente contra o peso de sua roupa.

Antes que pudesse recuperar os seus pés, ela foi puxada quase à superfície, arrastada para os braços do homem e levada para a praia como uma criança. Tossiu e limpou a água de

seus olhos, pensando em como ela estava extremamente cansada da ingestão de água do mar.

"Você está segura agora", minha senhora, disse o homem fervorosamente. Colocando-a suavemente sobre a areia, ele se ajoelhou ao lado dela.

"O- Obrigado." CC tossiu. Olhou para ele e não podia encarar. Estava vestido como ela imaginava como um antigo cavaleiro estaria vestido. Ele usava um elmo pontudo feitas de metal de prata, que deixou a maior parte de seu rosto descoberto, com exceção da proteção do nariz, que era de metal.

Uma longa túnica de cota de malha cinza cobriu a partir do tronco até os joelhos, deixando a grossa e musculosas pernas nuas. Ele tinha uma grande espada presa à cintura e a capa escarlate que foi lançado sobre os ombros foi mantida no lugar por um grande broche de estanho formato de um leão rugindo. Cabelos loiros escapavam debaixo do capacete e enrolavam em torno de seus ombros. Ele parecia um jovem deus da guerra. Mas ele não estava olhando para ela. Sua atenção estava voltada para a água.

"Minha senhora, não havia outros sobreviventes do seu navio?"

"Não", ela disse rapidamente. Então, ela lembrou as palavras de Gaia e apertou a mão à testa, inclinando-se fortemente para trás como se estivesse à beira do desmaio. "Eu-Não sei. Eu não consigo me lembrar." Ela sentiu seu corpo tremer com o choque e o soluço que escapara dos lábios foi subitamente muito real. "Eu não consigo lembrar de nada."

Ele voltou sua atenção para ela e seus olhos se arregalaram quando seus sentidos registraram a beleza que estava dentro de seus braços.

"Perdoe-me, senhora", disse ele à pressa, acariciando o ombro dela desajeitadamente. "Você já passou por um terrível calvário. É só que, por um momento pensei ter visto alguém na água com você."

Dois homens à cavalo irromperam através das árvores. O guerreiro gritou ordens a eles.

"Marten, Gilbert, procurem na costa e nas águas outros sobreviventes. Esta senhora está traumatizada. Devo levá-la para o abrigo. "

Os dois homens o cumprimentaram e imediatamente obedeceram suas ordens, mas CC não pôde deixar de notar a forma como os seus olhos continuavam serpenteando em volta dela. As maneiras que eles olharam para ela, fizeram-na sentir como se ela ainda estivesse

nua. O homem ajoelhado ao seu lado parecia notar seus olhares também, porque ele moveu seu corpo para bloqueá-la da visão deles.

"Você pode andar?" ele perguntou suavemente.

CC olhou para a besta negra gigante e engoliu em seco. Lançou um olhar a parte da aparência estranha, um pomo curvado com um grande escudo de prata que parecia um pouco como um papagaio monstruoso. A criatura deu coices perigosamente. O único cavalo que ela já tinha montado estava anexado a um carrossel, e tinha sido há muitos anos.

"Não sem ajuda." Ela definitivamente não estava fingindo quando sua voz tremeu.

Em um movimento ele a tirou da areia e caminhou para o cavalo, que bufou e evitou o corpo encharcado nos braços de seu mestre. Sem qualquer aviso, ele atirou CC na sela, em seguida, pegou um punhado grosso da juba escura do garanhão e montou atrás dela. Inclinado para frente, reuniu as rédeas, atitou com os calcanhares o cavalo e este saltou para frente.

"Espere!" CC sentiu uma pontada de pânico quando se dirigiram para a floresta, longe do oceano. Algo dentro dela era arrancado, e uma onda de tontura caíram sobre ela.

"Onde você está me levando?"

"Não tenhas medo, minha senhora. Existe um mosteiro não longe daqui. Os monges de boa vontade vão lhe prestar ajuda."

"Mas não posso deixar o oceano", disse ela freneticamente. "Minha família...", ela rompeu com um soluçar amedrontando. Os braços dele apertaram envolvendo-a de forma protetora quando ele pensou no seu desamparo encantador. Ele estava acostumado a ter uma mulher e tocar suas emoções, mas sentia como se a beleza dessa jovem já tivesse lançado um feitiço sobre ele. Ela apertou-lhe mais segura. Quando ele falava sua voz era rouca, fazendo em suas palavras um som áspero.

"Nós não estamos deixando o oceano. O Mosteiro Caldei está há apenas uma pequena distância acima desta costa". Ele forçou-se a acrescentar uma leveza a sua voz, tentando tranquilizá-la. "E seria impossível para nós dar um passeio longe do oceano. O Mosteiro Caldei foi construído na ilha de Caldei. Estamos cercados pelo oceano."

As palavras do homem não pareceram registrar-se em seu cérebro cansado. Ela não conseguia parar de tremer. O que tinha feito a si mesma? Onde estava Gaia? Eles romperam as árvores em uma estrada cheia de terra e o guerreiro apontou o seu cavalo para a direita. Pigarreou e obrigando-se a falar em um tom mais suave, disse:

"Meu nome é Sir Andras Ap Caer Llion, filho mais velho do grande Senhor Caerleon. Estou contente por estar a seu serviço, e eu prometo que não vou permitir qualquer dano suceder-lhe." Sua respiração quente tocou ao lado de seu rosto. "Posso ser agraciado com seu nome?"

CC forçou seus olhos a vislumbrar o pedaço do mar através das árvores. Sua mente estava num turbilhão. Ela queria nada mais que lançar voo da gaiola de armadura do cavaleiro para arremessar-se de volta ao oceano. *Você vai sofrer por estar nas águas.* As palavras de Gaia vagaram em sua memória quando ela lutou contra o desejo primitivo que tomou conta dela.

"Seu nome, senhora?" o cavaleiro solicitou.

CC respirou profundamente, obrigando-se a relaxar nos braços dele. O sol brilhava por entre as árvores que ladeavam a estrada de terra, e como o cavalo galopava, o jogo de luz e sombra dançava sedutoramente sobre o elmo do cavaleiro de prata com cabelos dourados. CC sentiu outra onda de emoção avassaladora. Ela havia sido resgatada primeira pela criatura dos seus sonhos, e depois por um autêntico cavaleiro de armadura brilhante. E apesar de tudo, seu corpo doía e gritava para o mar.

"Eu sou a princesa Ondine, e não posso sair da água", ela sussurrou, fechando os olhos permitindo que sua cabeça descansasse contra a força do seu ombro.

Uma distância segura da costa Dylan viu como o homem humano carregava Ondine a distância. Suas mãos se fecharam em punhos, e ele apertou o queixo até que doía. Não importava que ele soubesse que era aquilo que ela sempre quis. Não importa mesmo que ele sabia que a alma dentro de seu corpo não fosse de sua companheira de infância, Ondine. Ele ainda se sentia atraído por ela. Lembrou-se seu olhar quando ele beijou sua mão, e a esperança de que o tinha enchido a sua reação inesperada de seu toque. Vê-la ir embora, o fez sentir-se como se um pedaço de seu corpo tivesse sido cortado.

Através das árvores, ele podia ver que o cavalo tinha virado e estava viajando paralelo para o oceano. Ignorando seu desespero, ele deslizou através da água, tendo o cuidado de mantê-la sempre dentro de seus olhos. Ela poderia ainda ter necessidade dele. Ele não a teve na gruta, ele não a deixaria novamente.

Capítulo 9

"Princesa Tin foi a naufrágio!" O guerreiro gritou por trás das portas trancadas com o homem vestido que estava nervosamente de pé. "Eu sou Andras, filho de Caerleon. Exijo o ingresso e proteção para esta dama.

"Devo chamar o abade.*" O homenzinho saiu rapidamente fora de vista.

* Abade, aquele que governa a abadia, chefe do mosteiro, padre superior

Andras produziu um som irrisório pelo nariz, e o garanhão negro bateu a pata inquieto. CC fechou os olhos em uma onda de náusea. Ela já não podia mais ver o oceano. O monastério tinha sido construído no topo de um penhasco que caía abruptamente em uma costa rochosa. Embora fora de vista, ela podia ouvir as ondas batendo contra as rochas abaixo, e se ela se concentrasse o suficiente no som, ele acalmaria seus nervos desgastados. "Não há muito mais tempo, princesa", disse Andras. "Abade William e minha família estão bem íntimos. Vamos ser admitidos."

CC queria dizer que pensava que os monges deveriam ajudar as pessoas, mesmo se eles conhecesse as suas famílias ou não, mas ela não podia reunir a energia para falar. Ela queria tirar a roupa encharcada e dormir por dias, mas não necessariamente nessa ordem. Porém, mais que tudo ela queria que o mar parasse de chamá-la.

"Andras! É você, meu filho?" Uma voz suave, com um acento que parecia vagamente britânico chamava de dentro dos muros do mosteiro. "Sim, Padre. Estou precisando de sua ajuda".

"Claro, claro", disse a voz apressadamente. "Irmão, destranque o portão e permita a entrada do nosso amigo."

As dobradiças enferrujadas se queixaram quando a porta se abriu. CC tentou sentar-se reto, com vergonha de sua aparência desarrumada. Mas antes que ela sequer conseguisse alisar o cabelo, Andras deslizou de volta o cavalo e a puxou para baixo ao lado dele.

CC ficou horrorizada ao perceber que não conseguia ficar de pé sozinha. Sua visão estava embaçada e tudo ficou nublado e cinza enquanto seus joelhos entortavam. Instantaneamente, o guerreiro a levantou nos braços.

"A princesa precisa descansar e de cuidados. Eu a achei molhada na costa não muito longe daqui."

"Irmão Peter, preparou o quarto de hóspedes para a dama e tem uma das ajudantes de cozinha para atendê-la. CC podia ouvir a agitação das vestes enquanto o homem se apressava a obedecer às ordens do abade. "Existem outros sobreviventes a ajudar, meu filho?" CC podia sentir o guerreiro balançando a cabeça.

"Pobre criança", o padre falou calmamente, mas ele não fez nenhuma tentativa de mascarar a curiosidade evidente em sua voz. "E você diz que ela é uma princesa?"

"Ela lembrava do seu o nome, mas receio que ela não será capaz de dizer muito mais", disse Andras.

"Qual é seu nome?"

"Ela é a princesa Ondine".

Silêncio acolheu as palavras do cavaleiro, e CC queria desesperadamente abrir os olhos e ver a expressão do abade. Mas o senso comum a avisou que era melhor manter a pretensão de que tinha desmaiado e ainda estava inconsciente.

"Ondine?" O homem anunciou o nome cuidadosamente. "você está certo que ela disse Ondine?"

"Eu acredito que sim," Andras respondeu. "Sim, eu tenho certeza que ela disse que seu nome era Princesa Ondine. Você reconhece o nome padre?"

"Eu só sei que em algumas línguas Ondine é um espírito do mar. Que estranho."

"Abade William." O primeiro monge se apressou voltando a eles. "O quarto de hospede está pronto para a dama e a ajudante de cozinha está à espera."

"Vamos deixá-la em segurança antes", disse Andras. "Haverá tempo para questionar nomes e tal, quando ela estiver recuperada."

CC podia sentir os olhos do guerreiro sobre ela e quando ele falou seus lábios estavam perto de seu ouvido. "Olhe para ela, abade. É mais que certo que ela é uma princesa."

Os braços de Andras apertou possessivamente envolvendo-a.

"Não nos deixemos enganar pela beleza, meu filho." A voz do abade foi condescendente. "Mas você está correto, ela precisa descansar antes de esperarmos que fale. Siga-me para o quarto de hóspedes."

CC descansou a cabeça contra o ombro de Andras, abrindo uma brecha com os olhos para tentar um vislumbre de sua volta. Ela viu o verde da grama quando eles atravessaram uma espécie de pátio, e se surpreendeu ao notar a claridade. Era, obviamente, o por-do-sol, mas parecia que tinha se passado apenas alguns minutos desde que tinha sido puxada para terra pelo tritão. Sua mão se contraiu em lembrança. Certamente que não era o seu beijo que ela ainda sentia aquecendo sua pele?

Quando eles entraram no mosteiro, os saltos dos sapatos de Andras ressoava contra a pedra no chão, e tudo que CC podia ver através de seus olhos semi-fechados foi o cinza das paredes de pedra em um corredor estreito e escuro.

"Por essa porta, meu filho", o sacerdote instruiu. "Deixe-a na cama. A empregada vai cuidar dela."

Andras a colocou suavemente sobre um tipo rígido de cama berço e relutantemente soltou o seu abraço. CC curvou-se de lado, com o cuidado de manter os olhos fechados.

"Isabel!" a voz do Abade William era dura e fria quando se dirigiu à empregada. "Deixe-a com um pouco de água com que se lavar e uma das vestes do bom irmão para vestir, antes que sua própria roupa possa ser limpa e seca. Se ela precisa recuperar as forças, lhe oferecerei algum caldo e regadas de vinho. Em seguida, venha reportar seu progresso para mim".

"Sim, Abade." CC podia ouvir o farfalhar das saias da criada enquanto reverenciava e saía correndo da sala.

"Vamos ter o nosso próprio jantar, meu filho. Haverá tempo suficiente para falar com a criança amanhã." A voz do padre estava perdida em sua avançada idade, quando ele falou ao cavaleiro. "Sua princesa está em ótimas mãos e, como você disse, ela precisa descansar."

A porta se fechou trás deles. CC suspirou de alívio e abriu os olhos. O quarto era pequeno e árido. As paredes eram feitas de uma pesada pedra cinza. CC abraçou a si mesma, sentindo um frio que o fogo recém-aceso pouco fez para dissipar.

O quarto mantinha apenas uma pequena e rígida cama, que foi coberto com um áspero cobertor marrom e uma cômoda estreita em que foi colocada uma grande e lisa tigela feita de cerâmica marrom. Sobre a cabeceira da cama pendia a única decoração da sala, um crucifixo de madeira ao qual estava sem efeites, exceto por lascas de madeira que se assemelhavam aos pregos que haviam sido impulsionados no local por onde Cristo teria sido pendurado, ou seja, nas mãos e nos pés.

Ela apertou os olhos e aproximou-se do crucifixo. Durante seus anos na Força Aérea , ela tinha assistido os cultos em várias bases de muitas lugares diferentes, tudo, desde a Metodista até a Batista, Protestante a católicos, mas ela nunca tinha visto nada parecido com essa decoração de pregos na cruz . Algo sobre o crucifixo sem enfeites a fez se sentir muito sozinha.

Uma lufada de ar fresco soprou no pequeno quarto e arrepiou seus cabelos. CC respirou profundamente, saboreando um perfume que era ao mesmo tempo mágico e familiar. Ela respirou profundamente de novo.

O ar estava cheio de sal, água e vida. Desejo inundou-a. Como se seguisse o som de um flautista* imaginário, seu rosto virou-se para a parede mais distante da porta. No alto dessa parede foi cortado uma estreita janela, provavelmente menos de três metros de largura. O corpo de CC sentiu ainda como se respirasse o cheiro do mar. Ela podia ouvir o barulho das ondas contra a costa. Ela quase podia sentir os dedos de água quente contra seu corpo.

N.R.: Originalmente Pied Piper, a palavra se refere a um flautista, Pried Piper of Hamelin é a lenda de um flautista que atraía crianças e depois estas desapareciam. É uma lenda com diversas versões.

A imagem de Dylan surgiu pressionando sua mão sobre seus lábios. Ela tocou a parte de traz da mão, lembrando-se do solavanco de sentimento que a sua carícia havia lhe causado. A porta se abriu e CC saltou culposamente.

Uma pequena, encurvada mulher usando um vestido feito de uma áspera e indescritível lã marrom entrou mancando no quarto. Seu rosto estava tão fortemente enrugado que quase parecia deformado; CC achava que ela era a mulher mais feia que já tinha visto. Em uma mão esquelética, ela equilibrada uma bandeja, que continha um jarro, um cálice e uma tigela. Na outra, ela segurava um pedaço dobrado de material. O corpo dela estremeceu de surpresa quando viu que CC estava acordada e imediatamente caiu em uma nervosa e desequilibrada reverência, espalhando um pouco do líquido vermelho para fora da taça.

"Oh, eu sinto muito, princesa." Ela cambaleou até o armário, empurrando a bandeja para o topo. Em sua pressa, quase derrubou a taça que já estava colocada lá "receio que você tenha me assustado. Eu pensei que você ainda estaria dormindo." Sua voz era baixa , sussurrante e chiado pela idade.

"Sou eu quem deveria se desculpar," CC disse rapidamente, resguardando o choque pela aparência da mulher. . "Eu não queria assustá-la."

A velha abaixou a cabeça e não se atrevia a encontrar seus olhos. Ela reverenciou sem jeito novamente, então parou e ficou mexendo nervosamente na saia com sua mão livre.

CC esperou que ela dissesse algo, mas ela só ficou ali, olhando como se não conseguisse decidir se queria desmaiar ou correr.

CC pigarreou e fez um gesto para taça que ainda estava na bandeja. Com uma voz suave, ela disse, "Eu realmente estou com muita sede."

"Sim, claro, minha senhora!" Em um movimento instável, a mulher arrancou a taça da bandeja e estendeu-a para CC, que o aceitou com um sorriso agradecido e bebeu profundamente.

Era vinho regado com água fria, e estava doce e delicioso. "Se a princesa me permitir ajudá-la a despir-se, irei pegar suas vestes para serem limpas e secas."

Sacudiu o material com as mãos nodosas e surgiu uma toalha de pano e uma longa túnica. "Eu vou ajudá-la a lavar a água salgada de seu corpo, então você pode vestir esse manto até suas roupas secarem."

CC olhou para o seu vestido, que na verdade eram diversos panos, cada camada por cima da outra. Mesmo molhada as saias se penduravam graciosamente e as longas e cheias mangas terminavam em pontos de bordado que quase se arrastaram pelo chão.

A roupa certamente era linda, mas não se via um zíper ou um gancho. Ela não tinha ideia de como iria sair dela sem a ajuda da mulher, e ela estava honesta, cansada demais para tentar.

"Por favor," CC disse agradecida. "Eu apreciaria a sua ajuda."

CC sentiu as pernas trêmulas enquanto levantava. A mulher de idade moveu-se rapidamente para atrás dela. CC podia sentir-la puxando e puxando rendas e laços enquanto ela despia várias camadas de roupa úmida de seu corpo.

Quando CC ficou com apenas um tecido de cor branca, feito de linho quase translúcida, a mulher desviou os olhos rapidamente.

"Eu lhe dou minha palavra de que eu não vou olhar para o corpo da minha senhora. Vou apenas segurar e enxaguar o pano de lavar para você, se minha senhora desejasse se limpar por baixo da camisa."

CC estava confusa. Limpar-se sob sua camisa? Mas a coisa estava molhada, salgada e simplesmente nojenta. O cérebro cansado de CC ficou enevoado. Como que ela deveria se limpar com suas roupas no corpo?

"Preciso tirar essa coisa molhada, então eu posso me limpar e colocar o roupão," CC disse, sentindo-se estúpida por ter de dizer o óbvio em voz alta.

A mulher parecia chocada. "Você vestiria o manto sem roupas íntimas?" CC passou a mão na frente do tecido, onde estava começando a secar e enrugar com a água salgada do mar.

"Qual é seu nome?" CC perguntou.

A velha mulher deu-lhe um olhar desconfiado, e seus olhos quase desapareceram nas dobras enrugada.

"Isabel".

"Isabel", CC disse calmamente. "Esse tecido precisa ser limpo. Eu preciso me limpar. As duas coisas não podem acontecer juntas. Agora, nós duas somos mulheres, então está bem para mim se você me ver nua." CC deu a ela um olhar cansado. "Eu realmente aprecio sua ajuda, e eu não quis te ofender, mas eu receio que se não tirar essa coisa molhada e não me sentar logo, eu irei desmaiar."

Olhos de Isabel aumentaram, e com movimentos sacudidos ela se virou, despejou a água do jarro na bacia, molhou o pano na água e, em seguida, sem olhar para CC, ela entregou-lhe o pano gotejamento.

"Obrigado", disse CC.

Que atitude ridícula, CC pensou enquanto se lavava. A mulher tinha, literalmente, olhado horrorizada com o pensamento de ver o corpo nu de uma mulher.

CC despiu-se do tecido de seda verde da deusa que estava usando. Ele tinha feito pouco para esconder a erótica e voluptuosas curvas de Gaia. E a forma de sereia Ondine só tinha sido revestido de pele. O que era que a deusa tinha dito? Algo sobre alguns sacerdotes ter medo de beleza.

CC puxou sobre a cabeça o manto áspero, cor de pergaminho não tingindo de lã, e fez uma careta quando se roçou os seios nus. Ela olhou para seu próprio corpo exuberante, agora afundado, quase completamente assexuado no manto que a envolvia.

Um pequeno mal-estar a invadiu. Ela lembrava de ter lido na faculdade em um de seus textos de Humanidades, algo sobre as pessoas medievais acreditarem que o corpo nu, especialmente o corpo feminino nu, era pecado e fundamentalmente mau?

"Você está coberta, minha senhora?" Isabel perguntou.

"Sim, completamente," CC disse, tentando manter a preocupação fora de sua voz. Isabel virou-se e a estudou..

"Devo prender seu cabelo para trás, a princesa? É mais conveniente do que ele todo solto" - ela parou e fez um gesto com as impotentes e murchas mãos, para seu próprio cabelo, que foi fortemente puxado para trás e coberta com um livre turbante branco liso.

CC automaticamente estendeu a mão, deslizando a sua mão através do comprimento das mechas grossas e pesadas que chegavam até a cintura. Ela podia sentir as joias de Gaia que magicamente haviam se torcido por todo seu cabelo. O pensamento de esconder esse cabelo maravilhoso e as generosas doações de sua mãe deusa fez seu estômago apertar.

"Não", disse ela. "Eu acho que vou deixá-lo como ele está hoje."

Isabel deu-lhe um olhar sombrio e abriu a boca para argumentar. Antes que ela pudesse falar, CC sorriu docemente para a velha.

"É jeito do meu povo, as donzelas usam o cabelo solto.

Agora, da onde que isso surgiu? CC pensou. Mas estava feliz por haver dito isso, mesmo que o esforço tomado para enfrentar Isabel diminuíssem todas as suas forças restantes.

Sentiu seus joelhos vacilantes, e, de repente, ela se encontrava sentada na cama dura, enquanto o quarto girava em torno dela.

"Minha senhora," a voz de Isabel era gentil e subserviente. "Está esgotada. Aqui, esse caldo vai ajudá-la a recuperar as forças."

Isabel colocou a taça nas suas mãos, e CC bebeu o líquido quente, surpresa com o quão maravilhoso estava.

Quando a taça estava vazia, Isabel tirou dela e recolheu as roupas úmidas de CC.

"Durma agora, minha senhora. Você vai se sentir melhor de manhã." Sem outra palavra, a empregada saiu.

CC pensou ter ouvido o trinco da porta ser fechado, mas estava cansada demais pra se preocupar. Ela adormeceu ouvindo o calmanete som do bater das ondas contra a costa distante.

Capítulo 10

O aroma puro do mar provocou seu despertar. Sem abrir os olhos, ela respirou fundo. O quarto estava muito quieto. Em algum lugar distante, CC podia ouvir o som das ovelhas intercaladas com a chamada das gaivotas e as ondas se chocando sobre a rocha. Ela sentiu seu corpo tremer com a necessidade. Ali é onde deveria estar. É onde ela queria estar. A dor foi aparecendo profundamente dentro dela, como um segredo insuportável. Ela abriu os olhos e seu olhar foi imediatamente atraído para a janela.

Levantou-se hesitante, como se as pernas não tivessem exata certeza de como deveriam trabalhar, e cambaleou para ficar sob a alta janela aberta. Mesmo com a altura de seu novo corpo esticado tão alto quanto podia, ela não conseguia ver o exterior.

CC olhou ao redor do quarto vazio. Houve um grande penico que foi colocado próximo à cama. Felizmente, estava vazio. Ela se arrastou até a janela e se virou de cabeça para baixo. Agarrando a borda da janela para o equilíbrio, e se elevou.

A parede do quarto dela fazia parte da parede exterior do mosteiro, e estava de frente ao oceano. A vista era deslumbrante. Sob a sua janela, havia apenas alguns metros de terreno aberto, então parecia que a terra se abria em um precipício para dar lugar ao majestoso oceano.

CC podia ver a costa rochosa abaixo e as calotas espumosas das ondas brincalhonas. Seus dedos branquearam enquanto ela se agarrava ao parapeito da janela, forçando-se a ignorar o insistente desejo do seu corpo.

Duas rápidas batidas na porta forçaram sua atenção para longe da janela, e ela correu desajeitadamente para colocar o penico de volta em seu lugar.

"Sim?" ela chamou enquanto se sentava na cama.

"É Isabel, minha senhora." A porta abriu-se lentamente, e a mulher mancou para dentro, dando a CC uma tentativa de sorriso. "Vejo que você parece bem descansada."

"Eu me sinto muito melhor." CC estava feliz ao ver que Isabel levava um pacote com suas recém-limpas roupas secas.

"Abade William pede para que você se junte a ele para o jantar se estiver recuperada o suficiente."

O Estômago de CC rosnou, e de repente ela percebeu que ela estava morrendo de fome. "Eu tenho que esperar até a noite para comer?" Isabel olhou surpresa. "É noite agora."

CC sentiu uma onda de mau presságio. "Quanto tempo eu estive dormindo?" "Você esteve dormindo por duas noites e no fim da tarde do segundo dia", respondeu Isabel. "Se você me permitir ajudá-la a se vestir, você poderá se juntar o abade imediatamente."

Quase como se fosse arrancada de seu corpo, CC deixou Isabel ajudá-la a se vestir. Não admira que seu corpo doesse tanto. Esta era a terceira noite. Ela teria que encontrar uma maneira de chegar à água hoje à noite para que pudesse mudar de volta para a forma de sereia.

Apenas o pensamento da transformação fez seu coração martelar contra o peito.

"Pronto, minha senhora", Isabel disse quando amarrou o último dos laços. "Por favor, siga-me".

Elas saíram do quarto e viraram no longo e escuro corredor que CC tinha vislumbrado entre os olhos semicerrados, dois dias antes. Ela ficou aliviada de que quanto mais andava, mais forte ela sentia as pernas, porque apesar de Isabel possuir uma agilidade notável para uma mulher, velha e aleijada, CC teve que lutar para manter-se junto à ela. Elas saíram do corredor e atravessaram um pátio gramado, a uma longa distancia do portão fechado por meio do qual CC tinha chegado.

Bem no meio do pátio estava um grande, muro redondo, feito da mesma pesada pedra cinza que o resto do mosteiro. Enquanto caminhavam por ela, CC sentiu uma onda de ar frio, e ela foi surpreendida com uma tontura.

"Princesa Ondine!" Isabel chamou alarmada quando notou que seu cargo não estava mais ao seu lado. CC esfregou a mão sobre os olhos.

"Sinto-me estranha." Braço de Isabel pousou em volta da cintura de CC.

"Você ainda está fraca do seu calvário. Deixe-me ajudá-la." As duas mulheres tropeçaram para frente juntas.

Após alguns passos a tontura passou e CC foi capaz de andar sozinha novamente. Ela pensou que deveria estar com tanta fome que seus níveis de glicose estavam brincando

com seu equilíbrio, e ela cheirou o ar esperançosamente, tentando pegar o cheiro de algo cozinhando.

Elas deixaram o pátio através de uma abertura em arco e entraram em uma sala que era preenchida com longas mesas de piquenique de madeira. Sentados nas mesas estavam monges, todos vestidos com o mesmo creme monótono lã cor creme, cinto e um enorme rosário de madeira.

CC rapidamente estimou que houvesse provavelmente vinte ou trinta monges na sala, mas era estranhamente silencioso para uma sala cheia com muitas pessoas. O único som de conversa veio da mesa da presidência, na qual estava sentado um homem franzino cujas vestes eram carmesim brilhante, em vez de creme, dois monges nas mais típicas vestes levemente colorido, e o cavaleiro, Sir Andras.

No instante em que o cavaleiro a viu, pulou de pé e se apressou para seu lado. CC foi golpeada, novamente, por seus fortes traços masculinos e seu encanto fácil.

"Princesa Ondine", disse ele, tomando sua mão e beijando-o galantemente.

"Estou satisfeito em vê-la tão bem." Ligou-lhe a mão ao seu braço e levou-a até à sua mesa. "Princesa, tenho a honra de apresentar-lhe um velho amigo da família, o abade William. Caldei é o seu mosteiro."

Em vez de saudar CC, o abade ignorou-a e sorriu calorosamente para Andras. "Sir Andras, Caldei verdadeiramente pertence a você, assim como pertence a mim. Foi o seu bom pai, que o cedeu a nossa Santa Ordem. Ficaria satisfeito se você pensasse em Caldei como sua casa enquanto você nos visitar."

Finalmente, seu olhar mudou para CC e todos os traços de calor morreram instantaneamente. Algo sobre a frieza na expressão do homem disse a CC para não oferecer-lhe a mão. Em vez disso, ela decidiu que - seria melhor se abaixar em uma rápida reverência, de improviso.

"Estou feliz em conhecê-lo, Abade William. Obrigada pela sua hospitalidade."

O abade era um homem baixo e esguio, com características bem definidas e acentuadas entradas nas têmporas. Suas mãos eram muito brancas, pequenas e com aparência suave e CC notou que ele gostava de usá-los para pontuar seus gestos quando falava.

Ele usava um anel grande e quadrado no dedo médio da mão direita, que segurava solícito, como se tivesse medo que pudesse escorregar. A pedra quadrada cor de ferrugem

que estava fixado no meio do anel refletiu a penumbra da sala de jantar e piscou com um forte brilho. Mas a característica mais marcante do padre eram seus olhos, que formavam uma sombra incomum de azul brilhante. CC pensou que ele teria sido considerado um bonito homem, tivesse a sua expressão não tão atormentada e difícil de olhar.

"O prazer é meu." O sorriso do padre estava apertado. "Por favor, se junte a nós." Ele apontou para um lugar vazio na extensão da mesa. "Você deve estar com fome."

Andras retornou ao seu assento ao lado de William Abade. Os outros dois monges sentados à mesa assentiram brevemente com a cabeça para ela e depois voltaram para sua refeição. Uma velha se apressou e uma generosa porção de um aromático guisado foi servida no prato de CC. Quando ela sorriu para a mulher em agradecimento, a mulher atirou-lhe um olhar surpreso antes de sair apresada.

"Não foram encontrados outros sobreviventes, princesa."

A voz do abade William era suave e parecia gentil, mas quando CC encontrou seus olhos, sua expressão era lisa e protegida. Ela obrigou-se a pegar um pouco de guisado e mastigar cuidadosamente, ganhando tempo enquanto tentava escolher a melhor forma de responder a este estranho olhar intimidador.

Ela nunca tinha sido uma boa mentirosa, em seus sete anos na força aérea tinha apenas reforçado sua antipatia por mentiras. Desonestidade leva a problemas, geralmente problemas de fim de carreira. Ela tinha decidido desde cedo que era melhor dizer a verdade e lidar com as consequências do que ser uma pessoa desonrosa. Infelizmente, pensou, essa lição não era muito útil na sua atual situação.

Ela espiou o Abade William. Ela tinha um sentimento de que lhe dizer a verdade, provavelmente, a levaria a ser queimada na fogueira. A próxima melhor opção era ficar o mais próximo da verdade possível. Engolindo, ela disse,

"Sinto muito em ouvir isso, abade. Eu estava esperando que outro sobrevivente pudesse me ajudar a lembrar mais sobre o meu passado".

"Então você ainda não recuperou sua memória?" Sir Andras perguntou. Inclinado para frente ele chegou mais perto da mesa e pegou a mão dela. No gesto Andras, CC viu uma sombra negra nos olhos do padre. Ai está definitivamente um homem que tem problemas em lidar com as mulheres, sérios problemas.

CC não quis contrariar o padre, mas Gaia tinha deixado claro que ela tinha que encontrar um homem para amá-la. Agora Andras é a sua melhor chance, se não a única, chance

disso. E, ela admitiu para si mesma, o cavaleiro era certamente bonito e, obviamente interessado nela.

No inconsciente de sua mente a lembrança do beijo do Tritão estava sendo lembrada continuamente, mas ela empurrou isso para fora. Gaia disse o homem, não Tritão. E, além disso, Dylan está muito longe em algum lugar no mar e poderia ser de nenhuma ajuda para ela.

Tentando o seu melhor em ignorar o olhar odioso Abbot William, ela sorriu calorosamente para o guerreiro e apertou sua mão antes de liberá-lo. CC apertou os olhos, como se estivesse se esforçando para pensar.

"Não. Eu lembro o meu nome, mas não me lembro de muito mais." Ela mordeu o lábio inferior. "Eu nem sei que ano é." Ela piscou inocentemente para eles, enquanto seu coração disparava.

"É o ano do Senhor, 1014. Encontra-se na ilha de Caldei próximo ao continente de Cymru." A voz do abade foi tão dura como seus olhos. CC engoliu em seco.

Ele tentou não demonstrar seu choque ao ouvir, a confirmação que ela estava, na verdade, bem no meio da Idade das Trevas Europeia. Ela lançou um sorriso agradecido ao abade.

"Obrigada. Quanto mais souber, mais eu poderei ser capaz de me lembrar." Ela fez uma pausa. "Eu também me lembro de uma tempestade terrível e um vento gigante." Ela deixou seus olhos se alargarem. "Ele me pegou e me derrubou no oceano. Lembro que eu estava me afogando", disse CC verdadeiramente e pegou uma taça de vinho com as mãos trêmulas.

"Após essa provação horrível, é compreensível que a sua memória falhou", disse Andras rapidamente. "Você não consegue se lembrar de nada mais sobre sua viagem, princesa Ondine?"

Abbot William enunciou o seu nome com cuidado. "Ou talvez, por que você estava tão perto da nossa ilha?"

CC podia sentir os olhos a estudando, e ela se forçou a encontra-los, enquanto balançava a cabeça tristemente. "Não. Eu gostaria de poder".

"E você não se lembra de nada sobre sua família, nem o seu país de origem?"

CC não conseguia dizer o que a irritava mais, os gestos flutuantes da mão ou o cruel e afiado tom condescendente.

A mulher moderna nela queria bater nele para impedi-lo de ser tão idiota, mas ela rapidamente reprimiu esse impulso. Ela não estava no mundo moderno; estava no antigo País de Gales, e este homem estava oferecendo seu santuário. E não era perfeitamente natural para ele ter se preocupado com ela? Ela literalmente tinha sido levada à sua porta; ele realmente não sabia nada sobre ela. Encontrou-se com seus frios olhos azuis com um sorriso apoloético e doce.

"Eu me lembro do meu nome e que meus pais me amam muito. Eu realmente desejo poder lembrar mais." Então ela acrescentou: "Estou certa de que minha família estará procurando por mim, e que eles irão recompensar qualquer um me ajudar."

O sacerdote apertou os lábios juntos. Os cantos se tornaram em uma paródia de um sorriso. "Aqueles de nós que escolheram o sacerdócio, buscam uma recompensa que não pode ser encontrada neste mundo."

"Claro que não, Abade," CC concordou rapidamente, aferroada novamente no tom frio e desdenhoso do homem. "Eu não quis insinuar nada, exceto que eu tenho certeza que minha família vai ser muito grata a você por me ajudar."

"Vou enviar perguntas para os portos nas proximidades do continente. Talvez haja conversas de sua família lá", disse o cavaleiro.

"Você não vai embora, não é?" CC perguntou. Ela definitivamente não queria ser deixada sozinha com o abade.

Sir Andras pegou sua mão e sorriu novamente. "Eu prometi ser seu protetor. Se você tivesse que ficar, eu mandaria meus homens em meu lugar."

Não olhando para o padre, CC concordou. "Eu gostaria disso."

"Sim", o tom do Abade William's era insinuante. "Eu gostaria de receber sua visita. Recebo tão poucas notícias do interior. E você não me disse, o que o trouxe à nossa ilha?"

Andras encolheu os ombros com indiferença. "Meu pai estava realizando um torneio e, como um favor a um amigo, e concordei em completar uma missão no mar." Então ele sorriu calorosamente para o abade. "Quando minha busca me levou perto de Caldei, eu sabia que não poderia continuar até que eu tivesse aportado aqui e cumprimentado o meu

antigo professor." Então ele voltou a olhar para CC. "E como eu ia saber que a minha busca pelo mar traria tal tesouro?"

"Ah, o Torneio Llion Caer. os olhos do Abade William brilharam, e ele ignorou o último comentário de Andras. "Como lembro bem daqueles jogos. Você deve informar-me de todos que participaram."

Enquanto o padre monopolizava a conversa de Andras, CC se concentrava em comer, contente por um momento por não ter que fabricar mais nenhuma resposta. Como muitas vezes que podia, sem parecer ridiculamente óbvia, ela furtivamente olhava para o guerreiro. Era definitivamente um homem lindo. Hoje ele não estava usando a armadura ou o elmo de prata.

Em vez disso, uma lisa túnica marrom feita de um linho fino drapejado sobre seu forte corpo e um cinto na cintura. CC teve difíceis momentos para se impedir de encará-lo. Ela simplesmente não estava acostumada a ver uma exposição tão flagrante de músculos e força masculina.

Sim, tinham homens lindos e bem constituídos no serviço militar, mas eles apenas não se sentavam parcialmente nus e com essa curvatura, a menos que eles estivessem trabalhando na academia da base. E isso certamente não era uma academia. Ela também não estava acostumada com o jeito de Andras ficar olhando para ela. Se ela tivesse tido alguma dificuldade para lembrar-se de que o corpo em que sua alma residia era estranhamente bonito, o olhar descarado e apreciativo deste belo cavaleiro era todo o lembrete de que precisava.

Seus olhos se encontraram e CC sentiu o calor atingir suas bochechas quando ela percebeu que ele estava falando com ela e ela não tinha nenhuma ideia do que ele estava dizendo.

"Sinto muito, senhor Andras, minha mente estava em outro lugar. O que você disse?"

"Eu perguntei se teria seu consentimento para fazer uma pequena caminhada comigo antes de ir para a sua câmara."

"Acha que é sensato?" Abade William perguntou numa voz que CC pensou que era um pouco tingida demais de sarcasmo para ser considerada interessada em seu bem-estar. "A princesa ainda não se recuperou de seu calvário."

CC enxugou a boca com o guardanapo e se levantou. "Obrigado por sua preocupação, Abade, mas acho que uma caminhada me faria bem. Eu acredito em exercício."

"Isso significa que você está lembrando mais sobre sua vida, princesa?" o sacerdote revidou. "Não", CC, disse, sorrindo energicamente para seus olhos congelados. "Isso significa que eu sou saudável."

Colocando a mão no braço que Andras estendeu para ela, ela inclinou a cabeça graciosamente para o padre. "Obrigado pela comida saborosa." Em um redemoinho de saias, CC permitiu que o guerreiro a levasse pela da sala de jantar.

"Vamos caminhar ao redor do pátio, princesa?" Andras perguntou. CC olhou em toda a extensão verde ao portão de ferro fechado. O gramado perfeito foi quebrado apenas pela grande pedra que estava assentada bem no meio do pátio.

A brisa agitava o ar à sua volta, e CC respirava o aroma sedutor de água salgada.

"Na verdade, Sir Andras, eu gostaria de ver a paisagem." Olhou decididamente em direção ao portão.

"Oh," ele pareceu surpreso, mas se recuperou rapidamente. "Certamente princesa."

"Eu gostaria que você me chamasse de Ondine", CC disse assim que eles começaram a cruzar o pátio.

"Eu ficaria honrado, Ondine". Ele olhou em seus olhos intimamente quando repetiu o nome dela.

"E me agradaria se você não me dirigisse formalmente, mas simplesmente me chame pelo meu nome de batismo, Andras."

"Então eu chamarei." Eles sorriram um para o outro.

Eles estavam andando perto do poço, quando um acentuado calafrio passou por CC. Foi tão intenso que era doloroso, e ela sentiu o sangue sendo drenado de seu rosto. Seus joelhos estavam fracos, e tropeçou. Se não tivesse sido pelo braço forte Andras, ela teria caído.

"Ondine! O que foi?"

"Eu só preciso de ar fresco", ela conseguiu sussurrar, e o cavaleiro a ajudou até o portão.

Depois de caminhar alguns metros, o calafrio a deixou, e ela podia sentir a cor de volta em seu rosto. O que estava errado com ela? Seria a parte do seu corpo sentindo saudades de a sua verdadeira forma? CC não pensou assim.

Este sentimento era diferente da dor que parecia plantada permanentemente dentro dela. "Talvez Abade William estivesse certo, você não está recuperada o suficiente para nossa caminhada." Os olhos de Andras estavam brilhantes de preocupação.

"Não, eu estou melhor agora. Eu estava me sentindo um pouco tonta. Eu quero andar, o exercício vai ser bom para mim. E se eu continuar segurando em você, eu tenho certeza que vou ficar bem". Ela sorriu e apertou seu braço.

Ele colocou a mão quente ao longo da dela. "Então eu simplesmente tenho que estar certo de que você não liberará o seu apoio sobre mim."

Tentando se livrar da assustadora sensação de que parecia ter-se enraizado em sua coluna, ela caminhou para frente. Andras destrancou e abriu o portão para ela.

A estrada que levava ao portão da frente estava alinhada com altos pinheiros exóticos, e parecia vagamente familiar, como se CC tivesse visitado em um sonho. Mas não era a estrada ou as árvores que lhe interessava.

Como um pombo-correio, seus pés encontraram um pequeno caminho que abraçava ao lado da parede exterior do mosteiro. Ela puxou Andras com ela. "Ondine, esse caminho pode ser perigoso. Leva para a face do penhasco. A queda para o mar é traiçoeiro."

"Serei cuidadosa", prometeu sem fôlego. Ela teve de forçar-se a caminhar lentamente, quando tudo dentro dela queria correr ao redor da curva no caminho e beber a visão do oceano.

Finalmente, eles viraram a esquina e CC sentiu um arrepio de prazer. O interminável oceano estava engolindo um sol enorme, brilhante, que pintou as águas de ouro e âmbar. Como dentes gigantes, as rochas da costa salpicada acidentada, e mesmo na luz esvaída CC podia ver as espumas do bater das ondas. Ela queria descer o barranco do precipício e deixe a água levar seu corpo embora. Então, a interminável dor dentro dela iria parar, ela estaria onde pertencia.

"É tão bonito", disse CC, incapaz de esconder o desejo em sua voz.

"Sim, eu nunca vi nada tão bonito." A voz de Andras tinha se aprofundado, e ela tirou os olhos do oceano para ver que ele estava olhando fixamente para ela. Algo mudou dentro de seus olhos e seu olhar queimava com calor tomando CC completamente de surpresa. Com um gemido sufocado, ele agarrou a mão que ela tinha envolvido seu braço e levou-a aos lábios. Fechando os olhos, beijou-lhe a mão como se estivesse morrendo de sede e sua pele era a água.

Seus lábios estavam quentes e suaves, e CC apreciou a paixão que ele demonstrava. Ela estudou as linhas fortes do seu belo rosto e apreciou a forma como o peito flexionava enquanto respirava profundamente. Então era isso. Seu toque despertou nada dentro dela, exceto uma destacada apreciação pela sua beleza masculina.

Andras ergueu o rosto da sua mão e seus olhos capturaram os dela. Luxúria queimava tão descaradamente que por um momento eles brilharam com uma luz artificial. Ainda parecia que suas características estavam deslocadas e escurecidas. Sua respiração saía em arfadas irregulares.

CC sentiu um tremor de mau agouro. Este homem não era o cavaleiro cortês que a salvou e garantiu a sua proteção. Ele era um poderoso estranho cuja expressão estava cheia de luxúria mal controlada. CC engasgou com a mudança nele.

Imediatamente, uma sombra ergueu dos olhos do cavaleiro. Ele largou a mão de CC e deu um passo longe dela, piscando em confusão.

"Perdoe-me, princesa", disse, esfregando a mão na testa como se estivesse suando profundamente. "Eu não quis me aproveitar de você."

"Você não se aproveitou de mim, você só beijou minha mão", CC disse nervosamente, tentando manter seu tom leve.

"Se eu te assustei", ele começou a dizer, mas CC interrompeu.

"Não, você só me surpreendeu." Ela ficou aliviada que ele parecia estar novamente sendo ele mesmo, mas ela continuou a observá-lo cuidadosamente. Ele parecia confuso, como se estivesse acabado de acordar de um sonho ruim. Novamente, CC sentiu um tremor de alerta através de seu estômago.

"Você não está brava comigo?" perguntou o cavaleiro.

"Não, eu não estou com raiva."

"Então você vai me perdoar? Garanto-vos que o meu comportamento não é usualmente tão desonrosa."

"Não há nada a perdoar. Você só beijou a minha mão." Mas mesmo quando ela disse isso, uma parte de sua mente sussurrou que tinha havido mais nas ações do cavaleiro do que um beijo impulsivo.

"Obrigado, minha senhora", disse Andras, inclinando a cabeça em um pequeno arco. "Gostaria de continuar nossa caminhada?" perguntou ele hesitante.

CC olhou para o caminho e depois de volta para o cavaleiro. Ela realmente tinha necessidade de continuar sua caminhada. Era à terceira noite, ela tinha que estudar o terreno ao redor do mosteiro e descobrir como ela iria chegar ao oceano.

O cavaleiro parecia estar em seu normal, novamente galante, seus olhos tinham parado de piscar, e sua respiração voltou ao normal. Talvez ela tivesse exagerado. Afinal, ela não tinha tido muitas reações tão apaixonantes de muitos homens a ela. Ok, ela admitiu, ela nunca teve um homem tão apaixonadamente reagindo a ela.

E era suposto que ela deveria encontrar o amor verdadeiro? Como diabos ela ia fazer isso se ela fugisse do desejo de um homem? Começou um aperto novamente, Sarg! CC tomou uma profunda e firme respiração "Sim, eu gostaria muito de continuar nossa caminhada".

Quase com relutância, ele ofereceu-lhe o braço e continuaram a andar pelo caminho, que curvava suavemente até que chegasse a uma área onde o penhasco se desprendia quase diretamente sob seus pés. CC parou ali, olhando para o mar.

Andras não falou, e CC pretendia assistir ao pôr do sol, a presença do cavaleiro quase esquecido enquanto sua mente corria com possibilidades. Atrás deles, o mosteiro sabia escuro e silencioso. O ponto de vista de onde ela estava era familiar o suficiente que CC teve certeza de que uma das janelas na parede mais próxima deveria ser a janela do seu quarto. Rochas e troncos caídos descansavam contra o lado do mosteiro.

Escalar dentro para fora da sua janela não seria impossível. Ela estudou o rosto do penhasco rochoso. De seu quarto, ele parecia muito simples e impossível de escalar, mas agora que ela estava mais perto, ela podia ver que era cheio de pequenas trilhas que cruzavam para baixo até o oceano.

À distância, ela podia ouvir o som sempre presente de ovelhas balindo e silenciosamente agradeceu-lhes por gostar de escalar falésias. Se ela tivesse cuidado, ela poderia usar as

trilhas para chegar até a água. Como se repetindo seus pensamentos, em uma última explosão de luz, o sol se afundou no oceano.

"Devemos voltar, Ondine," disse Andras.

CC concordou com relutância e o deixou leva-la de volta do jeito que veio. Ela estava tão ocupada, considerando tudo o que ela precisaria fazer naquela noite que ficou surpresa quando ela e Andras tinham parado em frente a porta de seu quarto.

"Obrigado pela honra de sua companhia esta noite, Ondine". Seus movimentos eram formais, enquanto curvou-se para ela. Ele se virou para sair tão rápido que ela teve que alcançar e agarrar seu braço para detê-lo. Ao seu toque, ele endureceu, mas virou-se para ela.

"Eu não lhe agradei por me salvar." Esticou-se na ponta dos pés para que ela pudesse beijar seu rosto suavemente. "Obrigado." Seu olhar congelado descongelou um pouco, e ele sorriu para ela.

"Estou apenas feliz pelas minhas ações que trouxeram você para minha vida."

CC sabia que seria o momento certo para dizer algo encorajador para o cavaleiro, mas a memória da mudança que havia o tomado mais cedo, ainda parecia pairar no ar entre eles. Quando ela falou, tudo o que podia se fazer dizer foi: "Boa noite, Andras. Poderia, por favor, enviar Isabel para mim? Estou muito cansada".

"Claro que sim. Você deve descansar e recuperar sua força. Verei-lhe amanhã." Desta vez, sua reverência foi acompanhada por um sorriso caloroso. "Descanse bem, Ondine".

"Obrigado, Andras. Você é muito gentil", disse ela antes de entrar em seu quarto. Ela fechou a porta e encostou-se nela.

O que estava errado com ela? Andras era bonito, doce e obviamente interessado nela. Sim, por um momento tinha sido um pouco assustador, mas não poderia ter sido a sua própria inexperiência que a assustou?

"Mas eu não senti nada quando ele me beijou", ela sussurrou. "Pelo menos nada de bom." Seu beijo tinha sido um pouco como visitar um museu e admirar uma bela estátua. Tinha sido bom o suficiente para olhar, mas ela certamente não queria ir para a cama com ele.

"Bem, Gaia não disse nada sobre ter que amar o homem de volta. Talvez o feitiço funcionasse se ele só se apaixonasse por mim", disse CC para a sala silenciosa, mas tinha medo de que era um desejo inútil.

Gaia disse que Lir não quebraria o vínculo do amor verdadeiro, e CC não pensou que "amor verdadeiro" e "o unilateral desejo apaixonado" estavam perto de serem sinônimos.

Vou tentar mais me preocupar com ele, ela prometeu a si mesma. Da próxima vez que ele me beijar, eu vou ter certeza que será nos meus lábios, e não na minha mão. E eu não vou deixar que sua paixão assustar-me. Ela balançou a cabeça para si mesma. Ela não era uma irrequieta adolescente.

Ela era um sargento da Força Aérea dos EUA, e certamente não estava com medo dos homens. Espontaneamente, a memória do beijo do tritão queimava através de sua mente. Apenas a lembrança causava um formigar em corpo em resposta.

Capítulo 11

Desta vez, Isabel não discutiu com ela sobre seu cabelo. Ela parecia tocada que CC estivesse disposta a usar suas vestes sob o grosseiro manto da noite, e CC resolveu o problema do banho dizendo que estava muito cansada para se lavar naquela noite e que iria fazê-lo pela manhã. Isabel tinha mesmo parecido preocupada com o evidente esgotamento de CC e a importunava, bem-humorada, sobre fazê-lo demasiado cedo. CC prontamente concordou com ela e pediu apenas que Isabel se certificasse de que não fosse perturbada para que pudesse ter uma boa noite de descanso. Isabel saiu sem pressa, cantarolando alegremente enquanto sua custodiada fingia adormecer antes que a copeira tivesse terminado de dobrar suas roupas e passado o ferro.

Assim que a porta foi fechada CC pulou para fora da cama, tirou o manto áspero e colocou seus sapatos. O barulho das muitas pulseiras soou como alarme ecoando na sala silenciosa, e ela rapidamente tirou todas as suas joias, exceto, é claro, o amuleto de Gaia, deixando as pulseiras e anéis em uma poça cintilante no centro de sua cama. Pressionando o ouvido contra a porta, ela escutou atentamente. Não conseguia ouvir nada — nem mesmo o som das vestes farfalhantes dos monges.

"Eles provavelmente estão todos na igreja ou algo assim," CC murmurou para si mesma.

Ela foi até a cômoda estreita e colocou o jarro e a bacia com cuidado no chão. Então, muito lentamente, para não fazer nenhum barulho, arrastou o móvel pesado até a janela. Usando as gavetas inferiores como degraus de escada, subiu para o topo liso. CC deu um suspiro de alívio. Era a altura perfeita. Tudo o que ela tinha que fazer era sentar-se na moldura da janela estreita e deixar as pernas balançarem para baixo até que encontrasse um ponto de apoio. E ela notou em sua caminhada que havia um monte de escombros para fora, contra a parede. Ela não deveria ter nenhum problema empilhando o suficiente de modo que poderia facilmente subir de volta pela janela.

Ela olhou para a noite. A lua tinha acabado de nascer. Estava quase cheia, e brilhava fora do oceano esperando como um farol. Quando ela olhou para a água, a dor em seu corpo retorcia insuportavelmente. Nada se movia fora de sua janela. Ela deslizou para o parapeito. Com seu mocassim macio como chinelos, foi fácil para ela encontrar um ponto de apoio, balançar em seguida, e então cair calmamente no chão gramado. Seus pés pareciam leves quando tomou seu caminho cuidadosamente para o lado do penhasco, seguindo o caminho bem desgastado das ovelhas. Ela podia ouvir seu próprio coração ecoando o som das ondas.

Então seus pés afundaram na areia, e ela estava em pé na praia, tremendo com a

necessidade. O que devo fazer? A mente de CC gritou. Ela estava ofegante, e se sentiu desorientada.

"Basta chamar seu verdadeiro corpo para você, filha."

Sorrindo graciosamente para ela, Gaia estava sentada perto da praia confortavelmente apoiada contra o tronco de uma antiga árvore. "Eu não sei como," CC engasgou.

"Seu corpo sabe. Ouça-o," a deusa a tranquilizou. CC tentou ouvir, mas tudo o que ela conseguia era ouvir o chamado da água.

"Então siga esse apelo", Gaia disse, como se pudesse ler sua mente.

CC começou a avançar, mas parou quando a deusa chamou, "Tire sua camisa. Você não quer que eles tenham qualquer prova de onde você esteve." Sem qualquer hesitação, CC tirou suas vestes. Nua exceto pelo brilhante amuleto da deusa, ela entrou no oceano envolvente. Esticando os braços acima da cabeça, ela mergulhou na arrebentação. Eu quero o meu verdadeiro corpo de volta, pensou desesperadamente. O formigamento começou na cintura e se espalhou rapidamente por seu corpo, estourando em uma explosão de energia através das barbatanas escamadas, que substituíram seus pés. Sua cauda poderosa cortou a água, impulsionando-a para frente. Então, com um movimento simples ela mudou de direção e disparou através da superfície com uma gargalhada alegre. CC sacudiu a água de sua cabeça e olhou para a deusa, mas ela havia desaparecido.

Ela estava prestes a gritar um agradecimento ou um adeus, ou algo assim, em homenagem à deusa ausente, quando sentiu a pele na parte de trás do pescoço se contrair. Assim como ela sentiu na enseada, pensou. Alguém devia estar vigiando ela. Uma tagarelice familiar por trás de CC a fez saltar, mas ela se virou com um grito alegre de boas-vindas.

"É você! Estou tão feliz em vê-lo." CC nadou até o golfinho e acariciou sua lateral lisa.

Senti saudades suas, Princesa. O golfinho esfregou seu nariz nela.

"Senti saudades suas também," disse CC. "Nade comigo. Eu quero estar cercada pela água."

Claro, Princesa!

O golfinho empurrou CC alegremente, em seguida, mergulhou sob as ondas. Rindo, CC o seguiu. Surpreendentemente, não era escuro sob a superfície da lua. As águas cristalinas pareciam capturar a luz da lua e o mundo subaquático estava iluminado com um brilho de prata. CC estava excitada pela forma como facilmente alcançou o golfinho e se divertia

com o poder do seu corpo enquanto os dois brincavam de pique, nadando em torno das rochas que pontilhavam os trechos de águas rasas, em seguida, ao longo e através de massas coloridas de coral que cresciam em águas mais profundas. CC queria nadar para sempre. Quanto mais profundo dentro da água ela nadava, mais queria mergulhar nas profundezas de seda e nunca mais sair.

Uma mão forte agarrou seu braço e a empurrou para uma paragem.

CC rodopiou, ao mesmo tempo assustada e irritada. Dylan flutuava em frente a ela, a preocupação vincando sua testa. A deusa lhe disse que você deve ficar perto da costa. As palavras atravessaram sua mente. Um arrepio passou por CC. Como poderia ter se esquecido de Sarpedon? Ela olhou ao redor freneticamente.

Sarpedon não está aqui essa noite, mas ele faz a busca nas águas por você, então deve ter cuidado aonde vai.

Como você sabe tudo isso? CC pensou para ele.

Venha para perto da costa, e vou explicar.

O golfinho nadou de volta entre eles, fazendo ruídos e assobiando sem descanso. CC assistiu o rosto do tritão amolecer quando ele tocou suavemente a lateral da criatura azul-cinza. Vou cuidar da princesa agora, criatura fiel. O golfinho abaixou a cabeça, esfregando o nariz brevemente contra o lado de CC e em seguida desapareceu nas profundezas.

Dylan fez um gesto em direção ao litoral, e CC assentiu com a cabeça. Ela seguiu o tritão, observando como, na água iluminada pela lua, o laranja e o dourado de sua cauda cintilavam como se reluzisse magicamente de dentro. Eles surgiram ao lado de uma das pedras enormes que se alinhavam nos trechos de águas rasas. CC encarou o tritão. Essa noite seus cabelos grossos e escuros estavam amarrados para trás. Ele flutuava ao seu lado com seus ombros e a maior parte de seu peito expostos acima da água. O luar tocou-lhe o peito nu e claramente iluminou os cumes musculares e as depressões. CC ainda se sentia um pouco desconfortável com a nudez de seu próprio corpo, e ela estava feliz que sua massa de cabelos cobria os seios.

"Ok, agora me diga como você sabe tanto", CC exigiu, cobrindo seu nervosismo com um absurdo tom de voz militar.

"Eu a segui."

"Depois que justamente aconteceu de estar lá para me salvar e me levar para a praia?" CC balançou a cabeça. "Isso não explica o suficiente. Você estava lá quando eu estava me afogando, e agora você está aqui outra vez esta noite. Parece coincidência demais para mim."

"Eu a segui desde a gruta", admitiu, olhando para longe dela com uma expressão de dor. "Eu não sabia que Sarpedon tinha você aprisionada na caverna. Eu sabia que algo estava muito errado quando eu não consegui encontrá-la durante um dia inteiro. Foi só depois que você escapou dele que a encontrei novamente. Eu a segui até a enseada da deusa, e assisti a sua transformação. Foi assim que eu soube como ajudá-la quando você estava se afogando."

"Então você sabe que eu não sou realmente Ondine?"

"Sei que a alma de outra vive no corpo de Ondine", ele respondeu simplesmente.

"Você diz isso com tanta facilidade, como se fosse uma coisa normal. Obviamente conheceu Ondine antes. Isso não te surpreende, ou perturba, ou te irrita? Por que esta disposto a me ajudar quando você sabe que eu não sou ela?"

"Ondine e eu éramos amigos de infância. Passamos muitos anos juntos", explicou ele, escolhendo suas palavras cuidadosamente. "Mas ela não estava feliz aqui. Ansiava pela terra e pela mãe."

"Você a amava?" CC perguntou, subitamente entendendo a expressão tensa no rosto do tritão. Dylan apertou a mandíbula, mas assentiu com a cabeça. "Sim, mas ela não iria se permitir amar uma criatura dos mares".

"Mas ela era uma sereia—e isso é definitivamente uma criatura do mar."

"Quando você está na terra, seu corpo é humano, não é?" Dylan perguntou.

"Sim, claro."

"Mas você não anseia continuamente a água?" A memória de CC daquela dor horrível, vazia, foi acentuada. "Sim, constantemente."

O sorriso de Dylan estava triste. "Era como Ondine se sentia. Estou contente por ela. Ela finalmente teve seu desejo concedido e seu anseio terminou."

"Então, você está me ajudando por amor a ela." CC teve vergonha da pontada de inveja que sentiu.

"Eu poderia muito bem não deixar você se afogar." O sorriso repentino de Dylan era puerilmente cativante. Ele estendeu a mão para arrancar um longo pedaço de alga marinha do cabelo de CC.

"E você não sabe nada de como é ser uma criatura do mar." CC surpreendeu-se por brincar de bater na mão dele. "E você vai me ensinar?" Ele levantou uma sobrancelha para ela com a aparência alegre "Isso eu vou, minha princesa."

O coração de CC bateu em um pequeno salto com a expressão dele. Será que suas palavras tinham um duplo significado, ou ela estava ficando demasiado sensível? CC disse firmemente a si mesma para não ser ridícula. Ele estava sendo gentil com ela, porque era apaixonado por Ondine. Bem, ela certamente poderia permitir-se o prazer de sua companhia—e realmente tinha muito a aprender sobre seu mundo. Ela abriu os braços, com o sentido de abranger todo o oceano.

"Bom! Eu quero saber tudo."

"Tudo?"

Ele cruzou os braços. CC pensou que se ele tivesse pés, teria batido um deles nela.

"Que tal tudo nesta pequena área por aqui — para os iniciantes."

"Isso pode ser facilmente realizado." Ele segurou a mão dela, encantado com o seu entusiasmo inocente. "Venha comigo; vou mostrar-lhe as maravilhas do nosso mundo".

CC colocou a sua mão na dele. Ao seu toque, ela sentiu um arrepio de excitação, mas não teve tempo de alongar-se em sua reação, pois imediatamente ele mergulhou, puxando-a sob a superfície.

De mãos dadas, nadaram ao redor de águas rasas. Dylan parecia saber exatamente onde os peixes mais incomuns estavam brincando e onde os corais mais coloridos cresciam. Ele mostrou a CC longos tubos laranja, ventoinhas vermelhas brilhantes e retângulos roxos, todos, que explicou, eram tipos de esponjas. Ele apontou um grande polvo de nariz flácido que repousava serenamente no leito de areia; CC riu e pensou que parecia um velho enrugado. O polvo pareceu se ofender e nadou pra longe em um jato de tinta escura, o que fez os dois rirem. Como anjos subaquáticos, águas-vivas flutuavam silenciosamente por

eles, etéreas e translúcidas. Enormes anêmonas do mar parecidas com gotas encantaram CC com sua coloração lilás, e ela ficou intrigada com os seus amigos, os peixes-palhaços coloridos.

E Dylan ficou intrigado com essa nova Ondine. Era verdade que a primeira vez ele tinha prestado atenção nela porque ela tinha tomado a forma da sereia que ele tinha conhecido e amado por toda a vida, mas sua forma física era onde qualquer semelhança entre elas acabava. A sereia Ondine tinha sido uma bela criatura etérea que era gentil, mas distante. Ela tinha sido amiga dele, mas sempre desejou ser outra coisa, em outro lugar. Esta nova Ondine era muito diferente. Ela parecia estar explodindo de energia e curiosidade. Ela abraçou o mar como se não pudesse ter o suficiente dele. Suas intermináveis perguntas foram atadas com humor e uma doçura que mexeu com o tritão mais do que queria admitir.

Ela, também, era uma criatura da terra, ele lembrou a si mesmo. Ela pertencia à terra; ele pertencia aos mares. Dylan tinha sido tão paciente com as muitas perguntas dela que CC tinha pensado que ele estava realmente se divertindo, então ela ficou um pouco surpresa quando ele a puxou pra longe de um aglomerado de estrelas do mar e voltou à superfície.

"O que-" ela começou a perguntar, mas o amanhecer iluminando o céu da manhã foi explicação suficiente. "Oh. Eu não havia percebido que tanto tempo tinha passado."

"É quase amanhecer", disse ele. Seu rosto, que tinha sido tão expressivo e animado durante toda a noite, agora estava morto. "Você deve voltar para a terra".

CC assentiu com a cabeça, mordendo o lábio inferior. "Você foi o professor perfeito. Obrigada."

O sorriso rápido dele a aqueceu. "Nos oceanos, dizemos que o professor é tão bom quanto o aluno."

"Bem, não é uma coincidência?" CC sorriu de volta para ele. "Dizemos a mesma coisa na terra." O riso de Dylan, rico e profundo, os envolveu. Eles ainda estavam de mãos dadas, e ela usou sua mão livre para jogar água nele.

"Não é muito digno de um professor rir de seu aluno."

Dylan tentou compor seu rosto, mas seus olhos brilhavam com bom humor quando ele brincando inclinou a cabeça para ela. "Perdoe-me, minha princesa. Tem sido uma honra ser seu professor." Dylan levantou sua mão, pretendendo dar-lhe somente um beijo

galante, brincalhão, mas quando seus lábios tocaram a pele dela todos os pensamentos gracejadores com ela fugiram de seu cérebro.

Ele respirou profundamente, e seu perfume delicado e feminino o preencheu. Sua pele era insuportavelmente macia, e ele não conseguia parar de virar a mão dela e pressionar seus lábios até o batimento do pulso dela. Ele a sentiu tremer, e levantou o rosto lentamente, com medo de que veria rejeição nos olhos dela. Ela estava olhando para ele, e nos seus olhos ele pensou ter lido paixão, não desgosto. Sua mente registrou a expressão dela, e mesmo que ele soubesse que não deveria tocá-la, não deveria permitir-se amá-la, ele não podia parar. O jeito que ela olhou para ele o fez sentir como se seu coração fosse quebrar de felicidade.

"Quando você me toca," CC disse suavemente, "me faz tremer." Ainda segurando a mão dela, Dylan chegou mais perto até que seus corpos quase se tocaram. "É porque eu a amedronto?" perguntou. Talvez ele tivesse interpretado mal seus olhos. Seu coração parou de bater enquanto esperou a resposta.

"Não," a voz de CC soou sem fôlego.

Lentamente, ela se aproximou e tocou um lado de seu rosto. Deixou seus dedos deslizarem para baixo, pelo pescoço e ombros dele, até que vieram finalmente descansar contra seu peito. Ele tremeu sob sua carícia.

"Isso é porque eu o assusto?" ela sussurrou as palavras de volta para ele.

"Não", ele disse rapidamente. Em seguida, ele capturou os olhos dela com os seus. "Qual é seu nome?" A pergunta a surpreendeu, e, não sabendo o que ele quis dizer, ela hesitou em responder-lhe.

"Eu quero saber o seu verdadeiro nome", explicou. "Eu não quero que você pense que cuidei de você só porque quero estar com Ondine".

CC podia sentir suas bochechas tingirem. Ela não tinha pensado naquilo; ela não tinha pensando em nada exceto na maneira que sentiu quando ele a tocou.

"Meu verdadeiro nome é Christine Canady, mas quase todo mundo me chama pelas minhas iniciais, CC."

Ele levantou uma sobrancelha para ela. "Quase? Quem não a chama por essas iniciais?"

"Minha família".

"Então eu peço que me seja concedido esse privilégio. Posso chamá-la de Christine?"

"Sim." Ela pensou que seu nome nunca soou tão bonito.

"Christine, quando você vai retornar para a água?" Mais uma vez, ele tentou manter a sua face neutra, mas ela ouviu os anseios de sua voz.

"Eu tenho que voltar a cada terceira noite." Sob a palma da mão que ainda tinha pressionada contra seu peito, ela podia sentir sua pulsação. "Você vai estar aqui?" Ele estava acariciando-lhe a mão suavemente com o polegar, assim como tinha feito no dia em que se conheceram.

"Eu vou estar aqui a cada terceira noite até o fim da eternidade".

Com essas palavras o coração dela balançou, mas um pensamento imediatamente atravessou sua mente, que mesmo que não quisesse deixar a água ou ele, ela não tinha uma escolha. Ela não estava segura na água. Dylan tinha dito que Sarpedon estava procurando por ela, era apenas uma questão de tempo até que ele a encontrasse novamente. Dylan poderia protegê-la? Ela se lembrou do tamanho e da força incrível de Sarpedon e bloqueou esse pensamento de sua mente. Ela não iria colocar Dylan em perigo.

"Eu tenho que mudar de volta", disse ela em voz alta. Assim que tinha dito as palavras, sentiu o já familiar formigamento começar em torno de sua cintura. Calor abateu o seu corpo e um instante depois, ela estava chutando as pernas debilmente e segurando no peito de Dylan para não escorregar dentro da água.

"Sinto muito", disse ela. "Eu não sabia que seria tão fácil mudar de volta."

Seus braços fortes se envolveram em torno da cintura dela e ele segurou-a firmemente contra ele. Seu sorriso era triste. "Eu entendo. Você deve ir." Mas nenhum deles se moveu. "Eu gostaria que você me beijasse," CC disse as palavras rapidamente, antes que ela pudesse levá-las de volta.

Com um gemido, ele inclinou a cabeça para dela e seus lábios se tocaram, delicadamente no início. CC tremeu em resposta. Contra seus lábios Dylan novamente perguntou uma última vez, "Não é medo?"

Como sua resposta, CC ergueu o queixo e recapturou seus lábios. Envolvendo suas mãos no pescoço dele, ela apertou-se contra seu corpo e abriu a boca para aceitá-lo. As mãos

dele acariciaram suas costas e em seguida deslizou para os lados e para cima, de modo que seus polegares friccionaram círculos eróticos entre as bordas de seus seios. CC estava perdida no gosto dele, que era salgado e selvagem. Seu corpo estava em chamas e sua boca a consumia.

O anúncio do sino que chamava os monges para a missa da manhã dividiu o mundo deles. Dylan quebrou o beijo e por um momento descansou sua testa de encontro à dela enquanto forçou sua respiração sob controle.

"Vou levá-la para a praia." Ele inclinou-se para trás, puxando-a acima de seu peito de modo que ela ficasse mais segura em seus braços. Com movimentos fortes de sua cauda, ele nadou lentamente para trás, com CC posicionada confortavelmente de encontro a ele. Quando a água estava rasa o suficiente para permitir a ela pôr-se de pé, Dylan afrouxou o aperto e ela deslizou para fora de seus braços.

"Eu quero beijá-la novamente", disse ele. "Mas tenho medo, se eu fizer isso, nunca serei capaz de te deixar ir." CC sentiu lágrimas queimando em sua garganta e ela assentiu com a cabeça, não confiando em si mesma para falar. Ela caminhou para fora da água e voltou para onde havia deixado suas vestes amassadas e os sapatos. Ela não podia olhar para a água. Não queria vê-lo desaparecer sob as ondas. Sem olhar para trás, CC vestiu sua roupa e seguiu em direção ao caminho. "Christine," a voz de Dylan foi carregada facilmente sobre a água.

Ela virou-se. Ele estava flutuando exatamente onde ela o deixou.

"Lembre-se que eu estarei aqui", disse ele resolutamente. "Por uma eternidade, Christine. Eu esperaria por você por uma eternidade." Ela assentiu com a cabeça novamente e virou-se para começar a sua viagem até o lado do penhasco. Desta vez, o caminho não foi obscurecido pela escuridão, e sim por suas lágrimas.

Seu coração tomou a decisão por ele. Se ele só puder tê-la a cada terceira noite, então que assim fosse. Ele a amaria, e, apenas talvez, desta vez ele quebraria o ciclo e seria amado de volta.

Capítulo 12

CC acordou pensando nele. A dor interna que vibrava com o incessante lembrete que seu corpo humano era apenas um escudo emprestado, misturava-se com o desejo de ver Dylan novamente, até que ela não podia dizer onde começava uma e acabava outro. Só esta noite, então amanhã à noite, então ela seria capaz de ir para a água, ir para ele. Ela suspirou e tocou seus lábios. Sentia-os maravilhosamente feridos e sensíveis.

Ela havia sonhado com ele. De algum modo, em um outro mundo, em uma outra época, ele a tinha chamado, e agora ela não queria nada mais do que retornar para o oceano e responder a esse chamado. Duas batidas rápidas na porta a fizeram saltar. Ela limpou o som de sua garganta.

"Sim, eu estou acordada."

Isabel claudicou rapidamente para o quarto. CC estava começando a se perguntar se a mulher nunca desacelerava.

"Bom dia, princesa", ela disse com sua voz rouca, trocando o velho jarro de água por um novo. "Sir Andras pediu que quebrasse o jejum com ele. Eu acredito que ele tem algo especial planejado".

"Alguma coisa especial?" CC sentou-se e tirou o cabelo de seu rosto.

"Sim, minha senhora. Aqui, deixe-me ajudá-la com seu vestido." Isabel abanou a cabeça e cacarejou o que provavelmente significava uma repreensão leve quando ela percebeu o que CC estava, ou melhor, não estava vestindo. "É impróprio para você dormir apenas com essa camisa leve".

"Por quê?" Ela não pôde deixar de perguntar quando entrou nas camadas de tecido macio que compunham seu vestido maravilhoso. "Esse outro manto é quente e o material arranha. E a única pessoa quem poderia me ver nele é você".

Isabel trabalhou os laços emaranhados, e sua voz tomou o tom de um professor. "É bom que o tecido grosso do manto nos lembre de nossos pecados, que carregamos conosco eternamente, de modo que estamos constantemente conscientes da nossa necessidade de absolvição. Cercar-nos de luxo é ceder à tentação do mundo material."

CC de repente se sentiu muito triste por Isabel. A velha mulher tinha passado a vida inteira desprovida de beleza por medo da condenação? CC teve o cuidado de manter sua voz leve e curiosa quando perguntou, "E de quem precisamos de absolvição?".

"Do bom abade, evidentemente." Isabel pareceu surpresa que ela tivesse que perguntar.

"Isabel, e se a beleza que nos rodeia fosse concebida como um lembrete dos muitos presentes que nos foi dado, e nossa necessidade de dar graças por eles?" CC perguntou lentamente, tal como se tivesse acabado de considerar a ideia de si mesma. Isabel fez um barulho de escárnio em sua garganta, mas quando CC se virou e seus olhos se encontraram, a velha mulher estava estudando-a com uma expressão abertamente curiosa. "Foi apenas um pensamento," CC disse, sorrindo brilhantemente para Isabel enquanto ela colocava a joia que fora um presente de uma deusa. Isabel desviou os olhos para o espetáculo de opulência. CC só conseguia imaginar qual seria a reação da velha mulher se ela soubesse de onde as joias realmente vieram.

"Sir Andras está esperando no salão de jantar. Eu posso levá-la até lá em apenas um instante", disse Isabel quando começou a fazer a cama.

"Não há necessidade, eu me lembro do caminho. Vá em frente e faça o que você precisa fazer Isabel. Eu sei que você deve estar muito ocupada. Obrigado por sua ajuda com o meu vestido".

Ignorando a expressão sombria de Isabel, CC sorriu alegremente e caminhou rapidamente para fora do quarto. Ter Isabel em volta era como ser assombrada por uma tutora pessoal rígida. A mulher parecia não gostar dela à vista. CC suspirou. E não se surpreendeu. Olhou para seu corpo exuberante, ricamente vestido. Isabel tinha sido criada para acreditar que beleza e luxo eram perigosos e pecaminosos.

"Para ela, eu devo ser a personificação de tudo o que foi ensinado que é ruim", CC murmurou.

Ela percebeu que a antipatia da velha mulher realmente a incomodava. As pessoas geralmente gostavam muito de CC. Talvez não com a resposta apaixonada que o corpo de Ondine evocava, mas CC nunca tinha tido qualquer problema em fazer amigos. Bem, ela ainda era a mesma pessoa, estava apenas com a casca de um corpo diferente. CC fez uma nota mental para se certificar de que ela se levantaria suficientemente cedo no dia seguinte para fazer sua própria cama. Iria mostrar para Isabel que não era uma princesa mimada e paparicada. Sexy, corpo incrível ou não, Christine Canady iria ganhar a amizade da velha mulher.

O corredor esvaziou bruscamente no pátio. O sol radiante no espaço aberto foi um grande contraste com o interior escuro e CC teve que manter uma mão levantada para sombrear os olhos do brilho súbito. Piscando, ela saiu para o gramado bem cuidado, indo em direção à porta em arco que levava à sala de jantar. Um movimento no poço chamou sua

atenção, e ela sentiu um arrepio de medo passar por seu corpo. Pairando sobre o meio do poço aberto estava uma forma escura, facilmente percebida no pátio contrário iluminado. A silueta tinha a forma do tronco de um homem, mas era sem substância. CC podia ver claramente o muro do pátio através dele. Suas costas estavam voltadas para CC, e havia algo terrivelmente familiar na respiração maciça de ombro e no comprimento do cabelo grosso fantasmagórico que flutuava em torno da aparição como se fosse água.

Enquanto CC observava, ele girou lentamente e deslocou seu olhar incandescente até que ela estava olhando nos olhos espectrais de Sarpedon. A criatura a viu, e seu sorriso triunfante era terrível. Ela não conseguiu conter o grito que rasgou de sua garganta.

Andras explodiu pela porta em arco no pátio, seguido de perto pelo Abade William. No momento em que os dois homens apareceram, a imagem de Sarpedon vacilou e se dissipou de volta para as profundezas líquidas do poço. Andras apressou-se para seu lado. "Ondine! O que aconteceu? Está doente?"

"E-eu vi alguma coisa". Ela apontou. "Lá, sobre o poço."

Os dois homens se viraram para olhar para a estrutura agravada. Abade William foi até ele. CC vacilou quando ele se inclinou sobre a boca aberta e olhou para baixo. "Não há nada aqui agora", ele falou por cima do ombro.

"Venha". Andras colocou um braço forte em torno de sua cintura. "Deixe-me ajudá-la a ir para a sala de jantar e fora do sol."

Abade William deu ao poço uma última olhada antes de segui-los.

"Traga para a princesa um pouco de vinho!" Andras ordenou a um dos funcionários, ajudando CC em um banco.

O servo reapareceu quase que imediatamente. As mãos de CC tremiam tanto que ela derramou um pouco do vinho. Bebendo profundamente, ela tentou se estabilizar, enquanto ela se perguntava o quanto, se alguma coisa, ela poderia ousar dizer aos dois homens.

"O que exatamente você viu?" Abade William perguntou. Ele estava estudando-a com uma expressão que beirava a alegre.

CC sentira um tremor de premonição. Foi como se ele se realizasse em seu medo. "Eu não tenho certeza", disse ela lentamente. "Eu tinha acabado de sair para o pátio, e olhei para o poço. Havia alguma coisa lá, flutuando sobre o topo dele. A figura era escura, como uma sombra, mas parecia ser a forma de um homem."

"Não poderia ter sido a sombra de uma nuvem de formato estranho?" Andras disse. "O dia está claro e você acabara de entrar no pátio. Talvez seus olhos tenham se enganado."

A explicação arrancou de CC um riso aliviado, contente que o cavaleiro tinha-lhe dado uma resposta aceitável. "Você provavelmente está certo, Andras. Eu apenas me assustei. Acho que o medo e minha imaginação temporariamente devem ter-me feito ver algo."

"Claro." Andras acariciou suas costas sem jeito.

CC ainda podia sentir os olhos do sacerdote sobre ela, mas ele permaneceu em silêncio. "Eu tinha planejado uma pequena surpresa para você, princesa", disse Andras. "Você apreciou tanto a vista na noite passada que eu tinha algumas coisas acondicionadas em uma cesta para nós. Pensei que poderíamos quebrar o nosso jejum lá fora, perto do mar que você acha tão intrigante. Mas talvez agora não fosse um bom momento para tal esforço."

"Não!" ela tranquilizou-o rapidamente. "Estou me sentindo muito melhor. Foi ridículo de mim ficar tão assustada por uma pequena sombra. O ar fresco e uma paisagem parecem maravilhoso." Apenas o pensamento de estar perto da água novamente fez o coração de CC acelerar — e se Sarpedon estivesse por perto, certamente ela estaria mais segura longe das paredes que encerram o mosteiro e perto da terra exuberante que era o domínio da deusa.

"Se você está certa." O rosto de Andras se iluminou com a perspectiva. "Vou tomar cuidado para não sobrecarregar sua força."

Ele chamou o servo para trazer uma cesta que já havia sido preparada, mas antes que eles pudessem deixar a sala de jantar, o Abade William falou com uma nitidez marcada pela decepção.

"Princesa Ondine, antes de ir, devo perguntar-lhe sobre o exemplar interessante que decora seu vestido. Você sabe o que esses símbolos representam?"

CC olhou para o vestido fabuloso. Era composto de várias camadas de material que parecia uma mistura intrigante de seda e gaze. Ela sorriu para a coloração familiar que tão fielmente representava sua cauda de sereia. A camada superior do material foi coberta com bordados de prata. CC tinha notado a intrincados bordados antes. Era um padrão de repetição de símbolos entrelaçados com pássaros e flores. Agora que ela o estudou, podia ver que entre as criaturas da terra e símbolos Gaia tecera golfinhos e estrelas do mar. Ela correu um dedo reverentemente para uma longa manga prateada trançada.

"Não, eu não sei o que eles representam. Só sei que eles são bonitos."

"Não nos esqueçamos de que a beleza pode esconder muitas coisas," o sacerdote disse enigmaticamente. CC deu um sorriso radiante para ele. "Bem, você não diria que esse vestido esconde muito menos do que as tuas vestes?" Ela riu e apontou para suas saias volumosas. "Eu acho que você provavelmente poderia esconder uma pequena pessoa debaixo dela".

"Ondine!" A voz de Andras tinha uma ponta dura que CC não tinha ouvido antes. "É inadequado dizer uma coisa dessas para o Abade William."

CC não permitiu que o seu sorriso hesitasse, mas enquanto ela estudou o belo rosto de Andras, sentiu uma pontada de desconforto. Por um instante ela havia esquecido onde estava, que definitivamente não era o século vinte e um da América. Mulheres na Europa medieval não brincavam em torno de abades nervosos, ou se o fizeram, provavelmente, acabaram esfoladas ou fervidas ou... Ela mordeu o lábio.

"Oh, Andras, você está certo. Eu acho que ainda estou um pouco nervosa sobre o que eu pensei ter visto no pátio." Ela virou seu sorriso firme para o sacerdote. "Eu me desculpo, Abade William; eu certamente não quis ofendê-lo."

Abade William acenou com a mão com desdém. "Não há necessidade de se desculpar, princesa. Eu compreendo que as mulheres jovens às vezes dizem coisas que são repletas de diversos significados, mesmo que elas não tenham consciência disso".

Os olhos de CC se arregalaram com a aspereza do abade, mas seu sorriso não vacilou. "Essa é uma observação interessante, porque tenho notado que os homens às vezes lêem duplos sentidos em coisas que as mulheres dizem, mesmo quando não são pretendidos. Eu acho que pode ser porque parece haver tanta confusão entre os sexos. Vou ter que ser mais cuidadosa no futuro para que não haja mal-entendidos entre nós." Ela virou-se para Andras e pegou seu braço. "Você está pronto? Toda essa excitação me fez faminta."

Andras sorriu e acariciou-lhe a mão. Sua fachada de "namorado bom moço" estava segura de volta no lugar. "Claro, Ondine". Ele inclinou a cabeça reverentemente para o abade William. "Estou ansioso para a nossa noite de jogo de xadrez, Padre".

"Eu também, meu filho", disse o padre. Em seguida, ele acrescentou, como se fosse um segundo plano, "Princesa Ondine, sobre os símbolos de seu vestido. Eles me fazem lembrar runas que vi nos templos pagãos." Ele fez um som seco na garganta que CC supôs que pretendia ser uma risada. "Mas, como você disse, não sabe nada disso."

"Está correto", CC disse verdadeiramente. "Não sei nada sobre ruínas ou templos pagãos."

"Então você não teria nenhuma objeção de se juntar a nós para a hora canônica esta noite?" Seus olhos estavam brilhantes, e ele prestou atenção à reação dela de perto.

"Tenho certeza que a princesa ficaria feliz em comparecer a missa à noite", disse Andras rapidamente.

CC teve de cerrar os dentes para não dizer ao cavaleiro que preferia falar por si mesma. Em vez disso, ela encontrou o olhar imparcial de sondagem do padre. "Seria adorável; obrigado por me convidar."

"Vou esperar ansiosos para vê-la lá", disse o Abade William.

Capítulo 13

Andras não escolheu o caminho que haviam tomado na noite anterior, em vez disso ele seguiu outro caminho. Era acentuadamente declinado, depois teve uma queda brusca, virou a direita em direção ao mar. Durante todo o tempo que eles andaram ele falou sobre a história da ilha e como não havia um mosteiro no lugar por mais de quatrocentos anos. CC esforçou-se para escutá-lo. A maior parte de sua atenção estava voltada para a proximidade do mar e o convite que tinha para seu corpo. Ela tentou parecer atenta quando ele explicou que ele estava tão bem familiarizado com o mosteiro e o Abade William, porque o terreno pertencia à família de sua mãe durante séculos. Quando sua mãe casou-se com seu pai, o terreno passou para o Senhor do Caer Llion e, naturalmente, o sacerdote mais antigo do baronato do seu pai teve de assumir o Mosteiro de Caldei.

"Ah, é por isso que você e o Abade se conhecem muito bem," CC disse, tentando parecer interessada.

"O Abade me ensinou a ler e escrever. Ele é um professor excepcional, implacável no seu desejo de instruir", Andras disse com um tom que era definitivamente um culto do herói.

CC pensou sobre a forma como o Abade William olhou para Andras, e ela perguntou cinicamente se ele teria sido um professor excepcional se Andras tivesse sido menos rico e bonito.

"É bom ver que teve um professor tão dedicado", foi tudo que ela disse em voz alta. Andras sorriu para ela. Ela não podia deixar de sorrir para ele. Ele era realmente encantador uma espécie, clichê chauvinista de alguma maneira.

Depois que eles foram ao nível do mar, vários pequenos caminhos ramificaram-se a partir da estrada principal. Andras virou para um que passava por um bosque espesso, altos pinheiros perfumados derramavam sombras sobre a pura areia da praia. O mar estava um azul de quebrar o coração naquela manhã, e CC tremeu em sua beleza. Ela queria arrancar suas roupas e mergulhar nas ondas de espuma.

"Você gostou?" Andras perguntou com uma voz presunçosa. "Escolhi este local especialmente pensando em você".

CC arrancou os olhos do fascínio das ondas e deu-lhe um sorriso agradecido tentando cobrir seu ressentimento que de repente sentiu em direção ao cavaleiro. Ele não sabia nada sobre o oceano ou sobre ela.

"Espero que lhe agrade."

Na sua hesitação, a voz de Andra tinha perdido o tom presunçoso, e ele era mais uma vez apenas um homem tentando o seu melhor para impressionar uma mulher. CC suspirou. Não era que ele estivesse fazendo nada de errado, ela percebeu. Era só que ele não era Dylan.

"É perfeito", disse ela, aquecendo o seu sorriso. "Eu amo o oceano. Me sinto em casa quando estou perto dele."

Ele deu-lhe um olhar estranho e disse: "Eu acho um pouco surpreendente, Ondine. Gostaria de pensar que, à luz da sua experiência recente que você estaria com medo dele."

"Eu não tenho medo dele, ou pelo menos eu não tenho mais."

A água puxou seu olhar e sua expressão tornou-se sonhadora. Ela se perguntava onde Dylan estava naquele momento. Ele disse que iria ficar lá, enquanto ela estivesse lá também. Na verdade, ela lembrou ele tinha dito que iria esperar por ela durante uma eternidade. Mas isso não significa que ele estava constantemente procurando por ela, ele não estava esperando que ela voltasse para o mar até a terceira noite. Ele poderia estar lá fora, olhando para ela agora? Ela estremeceu com o pensamento de sua possível proximidade.

"Eu não digo que você deve estar com medo?" Andras tinha desdobrado um cobertor que estava embalado na cesta, e ele fez uma pausa para olhar para ela enquanto ele descarregava o lanche. "Você está tremendo."

Ele estava debruçado sobre o cesto e seu bem modelado traseiro era muito fácil de ver. Ela teve um impulso repentino, malicioso de levantar a perna e chutá-lo diretamente no sua oh-tão-perfeita-bunda e vê-lo cair, oh tão cara perfeito e, em seguida, dizer-lhe que mulheres não precisam de homens que pensem por elas.

"Eu tremia porque o oceano e meu recente acidente lembram-me da fragilidade do corpo humano, que não importa o quão forte ou sábio os seres humanos pensam que são, o poder do mar é ainda maior. "

Andras deu-lhe um olhar de apreciação, como se ela pudesse ser mais inteligente do que tinha inicialmente previsto, mas o olhar era passageiro, e logo voltou a desembalar a comida. CC assistiu Andras descarregar seu brunch. Ela entendeu que ele realmente não poderia se ajudar com sua atitude arcaica em relação às mulheres afinal, ele realmente era arcaico. E ele não era um homem mau, na verdade, ele era muito charmoso. Não era culpa dele que ele estava tentando cortejar uma mulher moderna com ideais antigos. Ele a tinha transportado da água, ela lembrou a si mesma, e ele prometeu protegê-la. Pelo que ele

merecia ser tratado com cortesia. Ela olhou para seu perfil bonito. Talvez eles possam até ser amigos.

Sentou-se na borda do cobertor. Pegando um ovo cozido e as pernas de uma ave grelhada, ela começou a comer com genuíno entusiasmo. Tão perto como ela conseguia entender, ela só tinha dormido apenas algumas horas, e ela devia ter estado muito cansada, mas ao invés de cansaço se sentia alegre, como ela tinha se exercitado durante todo o dia e dormiu a noite toda o seu corpo estava exigindo alimentá-lo. Ela terminou o ovo e começou com uma grossa fatia de queijo amarelo picante.

"Isso é realmente muito bom", disse ela através de mordidas saudáveis.

"Você parece estar gostando. Eu raramente testemunhado uma senhora comendo com tanta força". Seu tom de voz disse que as senhoras não devem comer com tal vigor, ou se o fizerem, deveriam fazê-lo apenas quando não estiver em companhia de colegas.

Como um grande velho do sul, ela pensou, e quase riu.

"De onde eu venho, Senhores desfrutam de seus alimentos", disse ela, pensando que às vezes até comia baldes de frango frito, especialmente quando é seu aniversário e eles estão sob a influência de muito champanhe.

"Ondine, você está lembrando mais sobre a sua pátria?" Andras perguntou ansiosamente.

Oops. CC deu outra mordida grande na carne, forçando-o a esperar enquanto ela mastigava e pensava uma resposta adequada.

"Às vezes me lembro de pequenas coisas, no decurso de conversas e, em seguida, pergunto-me agora como eu sabia? Então porque lembro mais." Ela moveu os ombros. "Como quando Isabel tentou puxar meu cabelo para trás e eu disse-lhe que não, que moças da minha terra usam o cabelo para baixo. Lembrei-me do fato de donzelas na minha terra poderem deixar seu cabelo ser livre, mas nada mais." Ela mastigou pensativa e esperava que ele estaria satisfeito com a resposta vaga.

Atingindo todo o espaço que os separava, ele capturou um de seus cachos cintilantes e envolveu-o em seu dedo. "Estou satisfeito que você lembrou-se este costume de seu povo. Eu não teria o seu cabelo preso."

CC percebeu que ela não precisava se preocupar muito com o seu questionamento. Ao contrário do Abade William, Andras não era interessado dobrado em interrogatórios; seus

interesses estavam, obviamente, em outros lugares. CC puxou o fio de cabelo fora do seu dedo e riu com o que ela esperava ser o nervosismo de uma donzela.

"Não é a memória uma coisa engraçada?" Ela bateu as mãos, em seguida, fez um show de pesquisa através da comida. "Você trouxe algo para beber? Comer tudo isto esta me dando muita sede."

"Claro. Eu trouxe um vinho de couro que nós podemos compartilhar." Andras desenvolveu um saco mole antes de passar para ela. Ele deixou seus dedos demorar apenas um momento mais do que o estritamente necessário no dela, antes de liberá-lo para ela. CC reprimiu o desejo de dar-lhe um tapa como se fosse um mosquito. Cortesia, lembrou-se com firmeza. Tratá-lo como um oficial superior que está agindo agradavelmente.

"Obrigado", disse ela, e sorriu com a boca cheia de comida. Sua rápida careta em seu comportamento grosseiro valeu a violação das boas maneiras. Ela sentiu a tensão em seus ombros relaxar quando ele se retirou para fora de seu espaço pessoal. O vinho era grosso e delicioso, e ela sentiu um calor de satisfação começar no poço de seu estômago.

Comeram em silêncio, e CC aproveitou a oportunidade para absorver a visão do oceano. Ela teve que admitir que Andras tinha escolhido bem. Nessa área em particular da costa era muito mais do que a quebra domada abaixo do monastério. Aqui as ondas ainda estavam cobertas de branco, mas eles se encontraram na praia com pancadas preguiçosas, ao invés do bater violento das águas contra as pedras. E o mar parecia mais raso, também. A água que se alinhavam a praia estava turquesa, mais do que o safira de mares profundos. Havia uns cachos de alguns dos corais que se incrustaram aqui e ali. Seus lábios cheios de curvas em lembranças. Dylan Na noite passada avia introduzido ela a muitos dos peixes coloridos que faziam do coral sua casa.

"Você é tão bonita quando você sorri desse jeito." A voz de Andras quebrou seu devaneio. "O que você está pensando?"

"Eu estava pensando sobre as criaturas do mar e sua beleza", disse ela. De repente, ele estendeu a mão e agarrou a mão dela que estava temporariamente, vazia de alimentos. Ela recuou, surpresa, mas ele manteve um firme controle sobre a mão.

"Nenhuma fera do mar poderia esperar parecer com a sua beleza", disse ele fervorosamente. Ele levantou a mão aos lábios e beijou-a apaixonadamente, deixando uma mancha molhada no meio da sua pele.

O estômago de CC sacudiu, oscilante de medo, e ela olhou atentamente para seu rosto bem definido, com medo de que ela iria ver a luxúria assustadora que tinha coberto seu rosto pela primeira vez que ele tinha beijado. Inspirou em uma respiração trêmula de

alívio quando tudo o que ela leu na sua expressão era séria e aberta adoração. Infelizmente para o cavaleiro, ela não sentia nada, exceto em resposta uma sensação de mal-estar envergonhado. O único desejo que tinha de tocá-lo era afagar seu rosto e pedir desculpas por sua falta de interesse romântico.

"Andras", disse ela com cuidado. "Eu não acho que sou boa para você," A tagarelice alta interrompeu, e Andras deixou cair-lhe a mão com surpresa. CC virou a atenção para a água, e com um riso alegre, ela saltou para os pés. Levantou a saia, ela correu para a beira da praia. "Olá, menina bonita", ela chamou o golfinho, que continuou a vibrar ao pular e girar em volta dando as boas vindas eufórica. "Não é este um belo dia?" CC riu de novo, e sem pensar ela fez um passo de dança e girou ao redor, sentir suas amáveis saias enroscando suas pernas.

O contato de pedra contra a carne veio dura e afiada, dissonando com a felicidade de CC. O grito de dor estridente do golfinho perfurou o ar, o animal mergulhou sob a ondas e desapareceu. CC girou ao redor para ver Andras testando o peso de outra pedra na mão. "O que você está fazendo?" A voz de CC tinha a borda afiada de sete anos que o comando da força aérea tinha afiado. Andras piscou em surpresa.

"É um animal selvagem, que poderia ter ti causado dano."

"Você não sabe que selvagem não é sinônimo de mal?" Ela forçou a voz a suavizar. Ele pensou que ele a estava protegendo. "O golfinho não ia me machucar. Ela era apenas uma bela criatura desfrutando sua liberdade."

"O Abade William recorda-nos que muitas coisas não são tão inocentes como eles aparecem, Ondine, e que a beleza excessiva deve ser protegida, pois pode esconder a intenção lasciva", ele rebateu.

CC mal podia acreditar que ela tinha ouvido corretamente. Intenção lasciva? Um golfinho? Ela tomou uma respiração profunda e contou até dez antes de falar novamente. "Andras, eu realmente aprecio a ajuda de que o abade me deu e eu não quero parecer desrespeitosa, mas você nunca considerou que algumas pessoas que ficam no poder convencem os outros que constantemente com medo?", perguntou ela.

"O Abade William recebeu o seu poder de Deus", disse Andras como se estivesse recitando a lição da Escola dominical.

"Eu não estou dizendo que não, estou apenas dizendo que só porque algo é belo ou exótico, ou mesmo selvagem, não significa que ele é perigoso ou pecador", disse ela, forçando o cavaleiro a retribuir o seu olhar. Ele olhou para longe rapidamente.

"Eu acho que você está cansada cansa, e é tempo de voltar", disse Andras rigidamente. Ele já estava ocupado reembalando suas sobras.

"Eu acho que você está certo. Estou pronto para voltar", disse CC.

Ela ficou olhando para o mar como uma estátua, ignorando os sons que o cavaleiro estava fazendo quando ele jogou seus restos de forma anárquica na cesta. Sentia-se deslocada e sozinha. Todo o seu ser doía para ser uma parte das ondas. Por um instante ela pensou que viu o brilho laranja e o ouro, pouco visível ao longe abaixo da superfície de cristal, e ela teve que fechar os olhos. Se ela realmente o viu ela seria capaz de parar-se e ir com ele? Então o que aconteceria com eles? Com os olhos ainda fechados, ela concentrou-se em duas palavras e envio para fora no oceano. Sinto muito, ela pensou desesperadamente. Ela não tinha certeza se ela estava enviando a mensagem para o golfinho ou a Dylan. Ela aceitou o braço cansado oferecido de Andra e marchou longe da água, mais uma vez, um pensamento era tudo em sua mente. Ela tinha que falar com Gaia.

Capítulo 14

"Devo acompanhá-la de volta para seu quarto? Você só tem tempo para uma soneca refrescante as vésperas da noite e antes do jantar."

Andras virou para encará-la enquanto entraram no pátio da frente. Eles não falaram durante a caminhada de volta ao mosteiro, e a rigidez na voz do cavaleiro correspondia à sua linguagem corporal. CC sabia que o comportamento dela deve confundir-lo, e ficou triste pela situação de tensão entre eles, mas sua cabeça estava latejando. Queria alívio do stress de ter de observar continuamente suas palavras e ações em torno de Andras, mas ela não queria estar fechada em seu quartinho.

"Não, eu acho que eu prefiro explorar o mosteiro". Andras abriu a boca e CC apressou-se antes que ele pudesse insistir em acompanhá-la. "E eu acho que preciso passar algum tempo sozinha, uh, meditação, oração antes da missa da noite." Ela piscou inocentemente para ele.

"Claro. Eu não iria querer invadir a sua necessidade de oração". Sua voz era suave, mas seus olhos tinham endurecido. CC inesperadamente lembrou o Abade William. "Não vimos outro pátio e alguns jardins fora da sala de jantar?" , perguntou ela.

"Sim. A entrada é pelo corredor do outro lado do mosteiro. Você pode entrar através da câmara de jantar. Preciso levar nossa cesta de volta para a cozinha, por isso você pode me acompanhar até a entrada. " Ele sorriu, satisfeito que ela não poderia escapar-lhe imediatamente.

CC tentou não suspirar quando ela tomou braço o braço dele. Sabia que o cavaleiro era bem-intencionado, mas ela podia sentir o pulso na têmpora direita bater com a dor de cabeça. Ela realmente precisava de algum tempo sozinha. À medida que passavam, ela teve o cuidado de manter espaço entre Andras e ela, mas nada de anormal aconteceu. Ela inclinou um olhar para a estrutura de pedra em silêncio. Parecia inocente e mundano. Certamente ela não imaginava a imagem de Sarpedon?

A sala estava vazia e Andras atravessou levando-a para outro corredor mal iluminado. Na extremidade desse corredor havia uma saída em arco que abria para um pátio grande como uma área. Andras apontou para a saída.

"Depois dali estão os jardins e um lago. No fundo é a capela."

Seu olhar era abrasador quando ele levantou a mão e apertou-a com firmeza aos lábios. "Estou ansioso para escoltá-la essa noite."

Ela puxou a mão livre. "Obrigado pelo almoço. Vou assistir às minhas orações agora", lembrou a ele caso estivesse tendo dúvidas sobre deixá-la ir.

Então, ela bateu em retirada. CC intensificou o passo rapidamente para a área de jardim e olhou ao redor para se certificar de que não havia ninguém por perto. Sem um pensamento consciente, limpou impressão dos lábios Andras de fora de sua mão. Ela precisava falar com Gaia. Talvez esta noite ela deva fugir para a floresta. Talvez fosse capaz de encontrar a deusa lá. Distraidamente, ela continuou a esfregar as costas de sua mão. Ela suspirou, desejando que ela tivesse um par de Tylenol*.

**remédio para dor de cabeça.*

CC começou a caminhar lentamente uma pequena trilha curvada através dos jardins do mosteiro. Árvores ornamentais e plantas trepadeiras atado com flores perfumadas da área pontilhada. Tudo foi meticulosamente cuidado, nem uma folha estava fora do lugar ou uma sucursal não podada.

"Nada selvagem com certeza," CC murmurou para si mesma.

Bancos de pedra foram dispostos estrategicamente no meio do verde para que alguém pudesse sentar e meditar com o melhor da vida privada. CC pensou que estava errado, muito artificial, muito bem planejado. De alguma forma, sua beleza controlada parecia pomposo e forçado.

Uma brisa delicada trouxe o tilintar da água corrente para ela, e automaticamente ela seguiu o som, a escolheu uma bifurcação a esquerda o caminho virou na direção da parede do mosteiro. O caminho trouxe-lhe todo o caminho para o muro, que foi forrado com carvalhos que eram decididamente mais velhos do que os do resto do jardim.

CC sorriu para eles. Estes eram obviamente muito grandes para os monges reduzir e remodelar a sua ideia de vegetação adequada. Na verdade, toda essa área parecia mais natural do que o resto dos jardins. Flores pintadas e gramíneas com salpicos de laranja, violeta e rendas, e madressilvas, videiras cobertas na parede, enchendo o ar de doçura. Um pequeno riacho correndo ao longo da parede, também. O borbulhar ruidoso sobre rochas lisas reunidas em uma área arredondada, antes de desaparecer sob a parede para floresta. Não havia nenhuma área orquestrada para sentar, de modo que CC limpou uma pedra grande que descansava perto da piscina e sentou-se. Ela observou um salto de rã do banco para uma almofada de lírio e deixou o som de água corrente aliviar a sua dor de cabeça.

"O que eu vou fazer?" ela sussurrou.

"Sobre o quê, filha?"

CC pressionado a mão contra o peito como se estivesse tentando manter seu coração pulando. A voz clara e bonita da deusa veio de cima dela. CC olhou para cima para ver Gaia reclinada regamente ao longo de um ramo grosso do maior carvalho. Hoje, suas vestes eram transparentes da cor da casca, exceto que os marrons e cinzas no material brilhavam magicamente como se tivesse sido polvilhados com pó de ouro.

"Você vai me dar um ataque do coração algum dia," CC disse.

O riso de Gaia fez a água e a grama oscilarem em resposta. CC olhou em volta rapidamente, com a preocupação vincando a testa.

"Não se preocupe, Ondine", Gaia tranquilizou-a. "Eu escolho quem pode ver e ouvir-me." Uma breve careta marcou seu rosto adorável. "E ninguém aqui vai poder ouvir-me, além de você".

"Estou um pouco surpresa em te ver." CC gesticulou ao redor do mosteiro. "Aqui, de qualquer maneira."

Os cantos dos olhos de Gaia enrugados com o sorriso. "Você pode se surpreender filha, ao saber que até aqui não fomos completamente esquecidos. Mas não é por isso que eu vim." Ela sentou-se. O tecido brilhante de seu vestido espalhou-se sensualmente em torno dela. "Você está com sede, filha." Ela bateu palmas manicuradas juntas e ordenou: "O vinho, por favor!"

Imediatamente uma taça de estanho, decoradas com videiras e flores, apareceu em sua mão. CC piscou em surpresa e a deusa apontou para um ponto no chão em frente ao CC, onde uma taça idêntica havia aparecido.

"Eu acho que você vai apreciar o sabor. Cernunnos me presenteou com este vintage especial durante o festival de fertilidade do passado." Ela bebeu e suspirou feliz. "Ele certamente sabe de vinho".

CC tomou o cálice e levantou aos lábios. O vinho era na cor dourada e tão frio que doía os dentes. Enquanto tomava a bebida as bolhas da superfície fizeram cócegas no nariz, e ela quase espirrou. Então seus olhos se arregalaram de espanto. "É champanhe! O champanhe mais delicioso que eu já provei!" Ela sorri para a deusa. "Após o dia que eu estou tendo, pode-se utilizar parte deste."

"Eu pensei que você apreciaria. Agora filha me diga o que tem lhe incomodado." CC bebeu e conversou. "Andras não pode ser ele"

"Andras é que o guerreiro, alto e bonito que você tirou da água?" Gaia perguntou com um ronronar em sua voz.

CC com a cabeça e revirou os olhos. "Sim, mas ele não é o Sr. Hero. Por uma questão de fato, quanto mais tempo eu passo com ele, mais ele me lembra do Abade William."

O rosto de Gaia se contorceu em uma carranca. "Abade William! Essa criança boba. Ele tem pavor de tudo o que ele não pode controlar ou compreender, o que significa que ele está cheio de amargura e raiva, especialmente para as mulheres. Ele é um eunuco."

A deusa parecia que queria dizer mais, mas em vez disso, ela tomou um gole profundo de sua taça. Balançando a cabeça como se para libertar seus pensamentos, ela perguntou. "Você tem certeza de que o guerreiro e ele são os mesmos?"

"Bem, eu não acho que Andras é exatamente como ele, na verdade, às vezes ele pode ser muito charmoso. E eu entendo que é um mundo diferente com diferentes crenças, mas e se ele não respeitar as mulheres, e eu passei os últimos sete anos trabalhando duro para ser respeitada de modo que é um grande baque pra ele. A verdade é que eu não estou interessada apenas nele, mesmo se ele for o clássico cavaleiro de armadura brilhante e eu deveria desmaiar por telo aos meus. " CC suspirou e tomou outro gole de champanhe delicioso. "O Abade William realmente é um eunuco?"

Gaia fez um barulho escárnio na parte de trás de sua garganta. "Não fisicamente, refiro-me ao caminho que ele escolheu para viver a sua vida. Ele se esconde atrás do manto do sacerdócio e usa a sua posição por motivos egoístas. Ele não está apto a servir a qualquer deus. Tenha cuidado com ele. Ele é um desesperado, um homem solitário, e ele deve ser um coitado, mas lembre-se sempre que o desespero é desconhecido pode tornar os homens perigosos. "

"Eu vou ter cuidado. Foi muito fácil ver que ele não gostava de mim. E não é que eu ache que Andras é o mesmo tipo de homem que ele é, é apenas porque o cavaleiro parece um papagaio das crenças do Abade de William sem pensar por si mesmo."

Os olhos de Gaia se estreitaram pensativos. "Eu não gosto do som disso".

"Então, tem que ser ele?" CC deixou escapar.

"Explique ", disse a deusa.

"Você sabe, a coisa do meu amor verdadeiro. Tem que ser Andras ou não, não é suficiente ele me amar sem amá-lo de volta?"

A deusa jogou o cabelo para trás e riu de novo, e embora CC tivesse certeza que ninguém podia ouvi-la, os olhos de CC procuraram inquietos por ouvintes.

"Filha, como você me faz rir! O verdadeiro amor não é uma porção que uma pessoa pode engolir e outra recusar a bebida. só acontece quando as almas dos dois se juntam para formar uma".

"Bem, eu acho que não vou juntar a minha alma com Andras. Eu nem gosto quando ele beija minha mão," CC disse.

"Isso não prevê nada bom para o amor verdadeiro", a deusa concordou. Elas bebiam juntas em um silêncio pensativo.

CC pigarreou e olhou para Gaia. "Um, falando do beijo, você sabe alguma coisa sobre um tritão chamado Dylan?"

Gaia estudou a jovem habitando o corpo de sua filha. Ela era realmente viria cuidar desta criança e não apenas porque ela se sentiu obrigada a vigiá-la. Ela era especial, esta jovem curiosa, sincera e espirituosa. Seria uma coisa encantadora, ter esta criança notável vivendo ao seu lado como sua filha para sempre. Mas Gaia reconheceu que a menina estava se esforçando para esconder o desejo. A deusa sorriu tristemente com ironia. Ela finalmente tinha uma filha, que poderia ser dotada com a capacidade de existir na terra, e a criança estava caindo de amor com o mar. Às vezes a vida era surpreendente, mesmo para uma deusa.

"Eu conheço bem Dylan. Ele foi um velho amigo de infância de Ondine." Gaia levantou as sobancelhas delicadas para a menina. "O que é isso sobre beijo?"

CC sentia seu rosto quente. "Bem, é só que eu me sinto diferente quando Dylan me beija". Agora seu rosto estava praticamente em chamas. Ela não podia falar com sua mãe sobre sexo, aparentemente, isso significava com qualquer mãe, mesmo que ela fosse uma deusa.

"Assim, este é o tritão que foi visto beijando você?"

CC podia ouvir o sorriso na voz de Gaia, mas ela não olhou para a deusa. Ao contrário, ela se ocupou com beber a última gota de champanhe.

"Pena que se foi", disse ela, tentando evitar o assunto do beijo ela tropeçou. "Foi delicioso." Gaia estalou os dedos e de repente o cálice tinha recarregado. "Obrigado!" CC tomou outro gole. Dessa vez a fê-la espirrar com as bolhas.

"O tritão beijou você?" Gaia repetiu insistentemente. CC concordou. "E você encontrou o prazer de seu toque?" Gaia perguntou. CC concordou novamente.

Perdido em pensamento, a deusa permaneceu em silêncio até que CC não podia aguentar mais.

"Isso é uma coisa ruim?" ela exclamou, olhando desesperadamente pra Gaia.

"Não criança", Gaia, disse. "Mas é preciso entender que Dylan é uma criatura menor do que Sarpedon." A deusa levantou a mão, silenciando CC, quando ela teria defendido Dylan. "Eu não quero dizer que Sarpedon é mais honroso do que Dylan, o que obviamente não é verdade. O que eu quero dizer é que Sarpedon detém uma posição de poder muito maior do que Dylan. Sarpedon, como você sabe, é o grande deus, Lir. Sua mãe é Morrigan, a Deusa mãe da Batalha. A de Dylan é uma ninfa da água simples chamada Okynos. Infelizmente, ela cometeu suicídio depois de seu amante humano, pai de Dylan rejeitá-la." A deusa segurou mão de CC em um gesto simpático. "Dylan não tem a proteção de uma mãe ou de um pai. Ele não é impotente, mas os seus dons são muito inferiores às do filho de Lir. Dylan existe pacificamente dentro das águas só porque Lir é generoso e porque Sarpedon ignora-o".

"Mas se Sarpedon pensar que ama Dylan ele iria destruí-lo ", completou o pensamento indizível de CC. Os olhos de Gaia estavam afiados." Você ama ele?"

CC analisou a questão, enquanto ela olhava para o pequeno lago. Ela nunca tinha amado antes. Ela não era tecnicamente uma virgem, mas era difícil contar que uma vez logo após a formação da base, quando ela tinha voltado para casa de licença e seu namorado da escola, Jerry Burton, tinha deitado ela no banco traseiro de seu Impala*. Ele havia penetrado ela. Ela vividamente lembrou-se do flash de dor, mas foi rápido e tudo se acabou em sua parte interna da coxa. O evento foi inábil e insatisfatório uma experiência que CC não teve com pressa alguma para repetir.

*<http://www.rentaclassic.com.br/fotos/carro8/carro8-1.jpg>

Desde Jerry, ela não tinha sequer chegado perto de ter uma amante, e muito menos fazer sexo. Ela pensou em Dylan, e a maneira como ele a fazia sorrir. Ele tinha sido tão paciente com suas perguntas tolas. E quando ele se tocou ele o mundo se dissolveu em uma piscina de sentimentos. Mas será que isso quer dizer que o amava?

"Eu não sei", disse ela à deusa honestamente. "Eu preciso passar mais tempo com ele. Eu acho que poderia, mas é apenas muito cedo para saber com certeza."

"Uma resposta sábia de alguém tão jovem."

Olhar de Gaia era terno e maternal, e CC sentiu uma onda repentina de saudade de sua própria mãe.

"Então gaste tempo com ele filha. Procure a verdade de seus sentimentos", a deusa acrescentou. "Mas seja gentil com o guerreiro também. Permita-se ao luxo de aprender mais sobre os machos. Não deixe que a luxúria decida seu do coração. Não confunda desejo com amor verdadeiro. E lembre-se, agora os mares são apenas seguro para se você ficar perto da costa e sob minha proteção. Mesmo se você decidir pelo o amor do tritão, você tem que ficar no seu corpo humano até eu encontrar uma solução definitiva para o problema de Sarpedon. Essa criatura é ainda mais perigoso do que o padre infantil".

"Sarpedon!" CC bateu a testa. "Como eu posso ter esquecido? Acho que o vi, ou pelo menos algum tipo de visão fantasmagórica dele hoje." Os olhos da deusa se arregalaram com as palavras de CC, mas uma mensagem a impedia de responder.

"Princesa Ondine!" Isabel apareceu mancando e sem respiração. No instante em que a serva apareceu tanto a taça de champanhe deliciosa como a deusa sumiram. "Bem, aí está você! Procurei-te pelos jardins. O senhor Andras enviou-me para encontrá-lo. A missa da noite está começando, você tem que vir de uma vez." CC relutantemente permitiu que a empregada doméstica ajudá-la a caminhar.

"Sir Andras aprecia a sua devoção, mas você certamente não pode deixá-lo as Vésperas, até mesmo por uma oração". Isabel olhou acentuadamente a CC. "Pelo menos você não deve perdê-la novamente."

"Suponho que não se pode se deixar levar com as minhas orações", disse CC, seguindo a velha que correu pelo caminho que as levaria através do jardim para a capela que ficava na sua extremidade.

"Tenho certeza que você estava a precisar de muita oração", Isabel olhou por cima do ombro.

"Se você soubesse," CC murmurou sob sua respiração.

Isabel escolheu o caminho mais direto em toda a área do jardim, o que levou às portas de madeira de uma capela modesta. Ela foi feita com a mesma rocha cinza como foi o resto do mosteiro, mas nesta construção as pedras foram esculpidas de forma intrincada. CC

apertou a talha e, em seguida, ela abriu os olhos em estado de choque. Todas as cenas eram horríveis. Demônios chifrudos estavam comendo pessoas nuas se contorcendo. Chamas em pedras queimavam por completo as mulheres. Os homens que eram meio cabras chicoteando homens humanos que estavam acorrentados uns aos outros, as suas bocas abertas torturadas, congelados eternamente em um silencioso grito. CC estremeceu e ficou contente que Isabel a puxou literalmente através das portas e na capela mal iluminada.

A primeira coisa que CC notou foi o incenso. Era grosso, pungente e enrolado em ondas sobre os bancos de pedra talhada, que foram preenchidos com os monges que já estavam ajoelhados e cantando em uma ladainha. Suas vestes cor creme os tornavam parecidos com espíritos pairando no escuro esfumado. CC espirrou. No som, vários dos monges viraram rapidamente em sua direção. Uma figura alta loira ficou de pé, moveu-se rapidamente pelo corredor e ao lado dela. Andras tinha um olhar para ela e balançou a cabeça como se tivesse apenas reprovando algum tipo de teste.

"Por que você não está preparada para a massa?" , perguntou em tom tenso, fazendo um esforço óbvio para manter sua voz baixa.

CC piscou para ele em confusão. Ela estava aqui, não era? Mas antes que ela pudesse perguntar o que ele quis dizer, Isabel suspirou e deu-lhe um olhar severo.

"Princesa, estou chocada que você não pensou em trazer uma cobertura para a cabeça." Cacarejou e balançou a cabeça, Isabel cavou no fundo do bolso do avental. "Não é por acaso que eu achei necessário trazer um lenço extra, embora não seja tão grande como a princesa está acostumada, tenho certeza." Isabel entregou a CC um lenço cor-de-marfim feito de linho simples da serviçal. Sua cabeça já estava coberta com um pano semelhante.

"Obrigado", disse CC, jogando o tecido sobre sua cabeça.

"Foi muito amável de você pensar da princesa", disse Andras formalmente.

"Eu só desejo servir. Às vezes, aqueles que são muito jovens e muito bonitos também podem ser muito esquecidos", disse Isabel indiferente, mas CC tinha certeza que ela ouviu a mágoa se escondendo na velha voz gravemente. Então o servo fez seu caminho silenciosamente para um banco traseiro.

CC assistiu com tristeza ela desaparecer na escuridão. Ela certamente não estava fazendo muito progresso em sua busca para ganhar Isabel. "Eu esperei por você e fiquei perturbado que você não veio", sussurrou Andras ferozmente para ela.

CC permitiu o rosto assumir uma expressão chocada. "Eu estava rezando, Andras. O tempo parecia sem importância." Ela viu quando ele trouxe a sua raiva sob controle.

"Claro. Eu só estava preocupado com sua ausência."

Oh, certo, CC pensou. É por isso que ele parece abalado até a morte.

"Venha, estamos sentados na frente. É uma grande honra". Com um suspiro CC seguiu para o centro da capela, fazendo uma breve pausa no edifício de pedra que segurava lâmina d'água de água benta. E ela pensou nos domingos na base, quando, por engano ela foi pra cerimônia católica ao invés dos serviços Metodista, acabara sendo uma cerimônia agradável. Sem medo de fazer um tolo de si mesma, ela seguiu os movimentos corretos de mergulhar os dedos na água benta e genuflexão.

Ela correu para acompanhar Andras que a levou a segunda fileira de bancos. (A primeira linha estava desocupada.) Ele fez sinal para ela ir antes dele, e ela escorregou no banco vazio, tentando não fazer caretas na frieza do banco de pedra. A missa da noite já estava em andamento, e CC tinha certeza que o abade William tinha atirado a ela um olhar rápido e insolente, mas era tão escuro na capela que era difícil ter certeza. Sua voz falou por diante suave e rítmica em uma linguagem que o CC decidiu ser latim. O padre ficou atrás de uma mesa ornamentada de madeira esculpida na frente da capela. A mesa estava cheia de relíquias douradas que brilhavam e brilhavam, mesmo na penumbra.

Havia um cálice de ouro e uma enorme travessa de correspondência, que detinha uma fatia de pão. Candelabros enormes em pé de cada lado da mesa, mas nem mesmo a luz de suas muitas velas pouco fizeram para dissipar as trevas da capela. Suspenso quase diretamente sobre a cabeça de Abade de William estava uma imagem de um crucifixo dourado. CC olhou tentando obter um melhor olhar para ele. Como na cruz em seu quarto, o único sinal de Cristo foram os cacos de pregos de madeira que cruzam onde suas mãos e pés teriam sido perfurados. Desta vez, gotas de sangue foram pintados em ouro, a cor fez CC lembrar das vestes do Abade William, e ela teve que reprimir um arrepio de repulsa.

O que aconteceu com Cristo? Por que ele visivelmente estava fora do crucifixo? A omissão, tanto entristeceu como irritou. A cruz estava suspensa entre duas grossas colunas cinza. Na base de cada coluna foram acesas dezenas de velas brancas. Suas chamas moles pareciam sugar as sombras da cruz. CC seguiu os passos de Andras, o rebaixamento e a genuflexão, quando apropriado. Ela ainda conseguiu sussurrar o que ela achava que eram as respostas corretas para a pequena parte do serviço que estava em uma linguagem compreensível.

CC tinha apenas começado a pensar que seus joelhos tinham adormecido quando o abade William virou as costas para a congregação e levantou a taça para a cruz sangrando

pedindo a bênção sobre o vinho. Quando ele retornou o cálice para a mesa e levantou o pão para ser abençoado da mesma forma, um movimento oscilante para a esquerda pegou olhar de CC. As sombras que cercavam os bancos eram grossas, mas ela tinha certeza que ela viu algo em um nicho ao lado do santuário. Ela se concentrou, perscrutando a escuridão sombria por uma imagem formada na névoa. Sua respiração ofegante e seu batimento cardíaco acelerado.

"Nós vamos tomar a comunhão vem", a voz de Andras falou em seu ouvido. Ela olhou em volta, assustada com suas palavras. Os monges que estavam sentados na fileira de bancos em estavam fazendo o seu caminho lentamente e reverentemente para tomar o sangue e a carne das mãos do Abade William.

A decisão de CC foi rapidamente feita. Quando Andras se levantou, ela ficou com ele, mas ao invés de segui-lo como um cordeiro bem pequeno, ela bateu a mão e sussurrou: "Por favor, me desculpe, Andras. Há algo que devo fazer."

Quando ela saiu do outro lado do banco, o rosto do cavaleiro apertou com raiva, mas ao invés de segui-la, ele se dirigiu para fora do lado oposto da sua linha e ficou obedientemente na linha atrás dos monges. Ela ignorou sua irritação e dirigiu com infalível certeza para uma alcova esquecida no lado da capela.

A figura da Virgem Maria foi esculpida na parede da capela. Um arco de mármore marfim, emoldurando ela. Intrigada CC se aproximou. A estátua estava suja, completamente coberta de poeira e teias de aranha, mas uma área ao redor da base da figura foi gasta, como se centenas e centenas de joelhos outrora descansou ali. Os olhos de CC viajaram pela figura requintada. As vestes de Maria eram de uma simplicidade graciosa em torno de seus pés com sandálias. Suas mãos estavam abertas e acenando, CC encontrou algo muito reconfortante no gesto. Os olhos de CC continuaram, e ela chupou uma respiração em estado de choque.

A face de Maria! Era etérea em sua beleza serena e surpreendentemente familiar.

"Gaia!" CC engasgou. A estátua tinha o rosto da deusa. As palavras de Gaia voltou a ela: *Você pode se surpreender, filha, ao saber que até aqui não fomos completamente esquecidos.*

O embaralhamento dos monges para a comunhão invadiu seus pensamentos, atraindo a atenção de volta. A profusão de velas piscou para ela. Moveu-se rápida com silêncio na ponta dos pés deslizando através da névoa, pegou uma vela acesa em cada mão e levou de volta para a estátua. Colocou aos pés de Maria, o prazer que as chamas queimaram de repente pareceu mais brilhante.

Num impulso, ela caiu de joelhos, apertou as mãos e baixou a cabeça.

"Grande Mãe", rezava em voz alta. "Ajuda-me a ser sábia."

Ela olhou para o rosto que ela sabia que era o da deusa, sorriu brilhantemente e deixou soltar a voz em um sussurro. "Por favor, mantenha-me seguro de Sarpedon eu acho que posso lidar com o resto dessa bagunça. Dele eu não estou muito certa."

CC ficou surpresa quando uma resposta soou em sua cabeça que ela soltou um pouco de choque.

Sarpedon está perto e é perigoso, mas fique perto de meu reino filha e o tritão não poderá possuí-la. Minhas bênçãos vão com você ...

"Ondine! O que você..." a voz irritada do guerreiro sumiu quando ele reconheceu a estátua em que estava ajoelhada adiante.

CC fechou os olhos com força, rangendo os dentes. Deliberadamente ignorou-o mantendo a cabeça baixa. Seus lábios se moviam silenciosamente, enquanto ela recitou a si mesma a parte do rosário que ela conhecia. O que ela não sabia que ela pulou, enviando um apelo silencioso de perdão à Virgem / deusa pela blasfêmia não intencional. Ela levou o seu tempo de terminar, antes de ajoelhar-se deliberadamente e lentamente. Então ela olhou para o cavaleiro que ainda estava de pé ao seu lado e piscou os olhos, fingiu surpresa.

"Oh, Andras!" Ela estendeu a mão e automaticamente ele ajudou-a a ficar de pé. "Eu sinto muito. Eu estava tão perdida na oração que eu nem sabia que você estava aí." Ela olhou em volta, a capela vazia e pintou de propósito uma carranca em seu rosto. "É a missa? Eu gostaria de não ter perdido a final, mas quando vi esta estátua maravilhosa da Virgem Mãe, eu me senti obrigada a vir para ela."

A expressão de Andras disse que ele estava dividido entre seu desejo de repreendê-la por mais uma vez fazer o inesperado e sua satisfação com sua piedade decididamente católica.

"Estou apenas surpreso. Eu nunca tinha notado antes esta estátua da Virgem".

"Não é de se admirar." CC não escondeu a irritação em sua voz. "Parece que ela foi abandonada!"

CC inclinou-se e puxou uma teia de aranha da cabeça de Maria.

"É vergonhoso que a Mãe de Deus está em tal estado! Eu pretendo falar com o abade William sobre isso."

Andras parecia estar tendo problemas para transformar os seus pensamentos em palavras, mas ele finalmente limpou a garganta e perguntou:

"Quer que eu a escolte para o jantar, princesa?"

CC tomou seu braço oferecido. "Isso seria bom. Obrigado, Sir Andras."

Capítulo 15

O jantar já estava sendo servido, quando CC e Andras entraram na sala de jantar. CC tentou ignorar o aspecto carrancudo que os monges lhe lançaram, mas ela sentiu um pouco como um colegial errante que estava sendo enviada para a sala do diretor.

Obviamente, ela estava com problemas por perder a comunhão. CC lutou para manter sua expressão neutra enquanto Abade William levantou-se e cumprimentou Andras com um calor efusivo, oferecendo ao cavaleiro seu anel, que Andras beijou sem hesitação. Embora ele a tenha ignorado, CC curvou-se respeitosamente para o padre antes de se assentar.

Um funcionário se apressou e encheu seu prato com um ensopado fumegante de cordeiro que deu a CC, água na boca. Outro funcionário trocou sua taça por um doce vinho branco. CC bebeu profundamente, apreciando o líquido fresco.

"Eu percebi que você se recusou a tomar a Santa Comunhão, princesa Ondine". A voz do padre era um chicote.

CC franziu as sobrancelhas em confusão. "Recusei? Por que eu me recusaria a Sagrada Comunhão, abade?" Ela balançou a cabeça. "Lamento que você interpretou mal. Descobri uma bela estátua da Santa Mãe, e eu estava simplesmente tomada pela emoção, quando notei o seu estado de ruína." CC encontrou seu frio olhar imparcial, e ela verificou se a voz dela fluiu.

"Eu sei como você deve estar ocupado, abade, então tenho certeza que você não tinha ideia de que a Mãe de Deus estava sendo negligenciada." O rosto do padre escuro, e sua mandíbula se apertou. CC apertou o braço de Andras e sorriu para ele. "Eu sabia que o abade não perceberia o terrível estado daquela estátua".

"É verdade que foi por acaso que você percebeu isso", disse Andras. O rosto de CC se iluminou e ela deu uma risadinha de menininha. "Eu tenho uma ideia! Tomarei especiais cuidados quanto a Abençoada estátua de Nossa Senhora. Enquanto eu estou aqui, será atendida amorosamente e restaurada à sua glória original." Quando o abade William começava a falar, o brilhante sorriso dela silenciou-o.

"Não há nenhuma necessidade de me agradecer." Ela sorriu. Então CC deliberadamente imitou as palavras que ele tinha falado com ela no dia anterior. "Por isso, eu procuro uma recompensa que não pode ser encontrada neste mundo."

Os olhos do padre se estreitaram, mas seus lábios sorriam. "É claro, Princesa. Isso é muito", ele hesitou, como se escolhesse suas palavras cuidadosamente "generoso da sua parte."

"Tenho notado que não há muitas mulheres aqui, então eu suponho que não é surpreendente que a Santa Mãe tenha sido acidentalmente negligenciado."

Ela olhou para Andras e arregalou os olhos. "Talvez seja o meu propósito em vir aqui. Talvez a Santa Mãe me orientou a esta terra, não apenas para me salvar, mas para salvar a sua estátua."

E, ela acrescentou silenciosamente, talvez se o cavaleiro acreditasse que ela teria sido especialmente abençoada pela Virgem, ele seria menos inclinados a sedução e mais inclinado a respeitar.

Andras parecia impressionado. "Sim, Ondine. Estou certo que a Santa Mãe está cuidando de você."

A voz do padre cortada através da mesa. "É bom para uma pessoa saber seu propósito."

CC estudou-o sobre sua taça. "Eu concordo totalmente com você, abade William." O olhar, que o sacerdote mandou foi claramente contraditório. Ela se revidou com um sorriso forçado.

"Pai, eu tenho considerado o movimento que levou a minha última noite mate..." Andras começou, alheio à tensão entre seu antigo professor e a mulher ao seu lado.

Enquanto a atenção do abade desviava dela, CC reprimiu um suspiro de alívio e concentrou-se em sua segunda porção de guisado. Ela precisava de alimento para se fortalecer e parar de enrolar a cabeça. Tantas coisas aconteceram em tão curto período de tempo.

Apesar da confiança que Gaia mostrava nela, sentiu um pouco como o menino holandês que tinha tentado parar o vazamento do dique com o dedo. E seu dique medieval estava sentindo muito, muito gotejante. Não admira que estava sobrecarregado.

Ela viajou mil anos em um passado mítico, trocou de corpo com uma criatura marinha, encontrou-se com uma deusa, beijou um tritão... Com o pensamento o estômago de CC ficou com se tivessem borboletas, e ela teve de lembrar-se de mastigar.

Agora, ela tem que lidar com o ódio óbvio de um abade poderoso e as atenções amorosas de um cavaleiro incrivelmente belo. E, claro, houve Sarpedon. Os pensamentos de CC sobre as palavras da deusa naquele dia no jardim e, novamente, repreendeu a si mesma de não ter pensado antes em falar da manifestação de Sarpedon na conversa delas.

Mas ela tinha recebido a sua resposta na capela. Sarpedon não pode possuí-la enquanto ela estiver sob a proteção de Gaia. Distraidamente com uma das mãos levou os dedos ao amuleto de âmbar. Ela deve ter cuidado em ficar perto de terra, mesmo quando ela voltasse ao seu corpo de sereia, não importa quão sedutora era o chamado do mar.

Sua silenciosa contemplação foi interrompida pelo barulho de botas contra o chão do refeitório. CC olhou para cima para ver um dos homens de Andras se aproximar rapidamente de sua mesa. Ele parou e curvou-se bruscamente ao cavaleiro.

"Perdoe-me por interrompê-lo, Sir Andras."

"Gilbert, você teve notícias da família da Princesa Ondine?" Andras perguntou. CC prendeu a respiração.

"Não, Sir Andras". O escudeiro deu uma olhada ao redor da sala e baixou a voz, obviamente relutantes em falar mais.

"Eu tenho uma mensagem para você do continente."

Andras olhou se desculpando ao Abade William e CC. "Lamento, mas devo lhe pedir para me da licença."

"Claro, meu filho, não pensaríamos em manter-lo longe de seus deveres legítimos".

O abade vibrou seus dedos na direção da saída. "Eu não devo ficar detido por muito tempo." Andras levantou-se e curvou-se a eles. Ele e o escudeiro apressaram-se pela sala.

A ausência do cavaleiro deixou um buraco na conversa, que o abade preencheu com uma fria indiferença. Exceto por um ocasional olhar desdenhoso, ele fingiu que CC não existia. CC manteve os olhos afastados dele e tentou se concentrar em terminar o delicioso guisado de carneiro.

Ela não iria dar-lhe o prazer de vê-la mastigar apressadamente sua refeição e correr para o quarto como uma criança aterrorizada. Lembrou-se da reação do abade ao perceber seu medo ao ver o fantasma de Sarpedon. Medo alimentou o padre. Ela mastigou lentamente e tomou um gole de vinho.

Ela já esteve em situações difíceis antes. Como no tempo quando era uma jovem do 2º escalão e o suboficial encarregado do Centro Comercial. Pegou uma violenta virose, trinta minutos antes de ele dar um instruções gerais sobre a mudança de procedimentos instrucionais para o recém-instalado sistema de computador.

Entre as viagens para o banheiro ele ordenou CC para dar as instruções. Duas centenas de pessoas encheram a sala de reunião da base naquele dia, e CC tinha certeza de que 197 delas tinham *ranking* maior que ela.

Ela tinha feito muito bem. Não, ela tinha feito melhor do que bem, ela tinha sido adjudicada com louvor por sua capacidade de trabalhar sob pressão.

Ela não era uma flor que se encolhia facilmente por intimidação de homens poderosos. Ela não o deixaria ver o seu medo. Não, como antes, ela faria melhor que isso. Ela não iria deixar um padre mesquinho intimidá-la.

Gaia lhe tinha dito que deveria ter mais compaixão, e que era ridículo ser intimidada por alguém que ela deveria sentir pena.

Eventualmente, sua tigela de guisado estava vazia e seu estômago ficou agradavelmente cheio, e CC, não conseguia esconder um bocejo.

Desta vez, quando ela sentiu o olhar de censura do padre ao encontrar-se com ele. "Eu vou ter de lhe pedir que me desculpe, Abade William. O dia esgotou-me, e eu receio que não serei capaz de esperar pelo retorno de Sir Andras. Poderia dar-lhe o meu pedido de desculpas e dizer a Isabel que não há nenhuma necessidade dela vir a mim até de manhã? Eu sei como ela está ocupada."

Se CC conseguia colocar para funcionar um complexo sistema de comunicação militar, ela certamente poderia descobrir como desfazer o enlaçamento do seu vestido, e ela realmente não queria ficar parecendo para Isabel como egoísta e incomoda.

"É compreensível que você esteja cansada. As mulheres foram feitas como vasos mais fracos." Sua voz estava atada com indisfarçável hostilidade, e seu sorriso era uma fachada paternalista. "Vou aguardar o cavaleiro. Posso assegurar-lhe que ele não vai se preocupar com a sua ausência. Ele desfrutará do nosso jogo de xadrez".

Bom Senhor, ele fez parecer que os dois eram rivais.

"Estou contente por ele. Espero que vocês dois tenham uma noite agradável", CC disse com o único sorriso genuíno que conseguia forçar em seus lábios cansados. "Boa noite, e, novamente, muito obrigado por sua hospitalidade."

CC fez uma reverência e se apressou pela sala, ciente de que olhar de réptil do padre a seguiu sem piscar.

Ela fez uma pausa na sair do arco. Era tarde da noite, e altas nuvens obscureciam a luz fraca, lançando o pequeno pátio que separava o salão de jantar e sua ala do mosteiro na sombra da escuridão .

CC pisou na grama macia e revirou os ombros, determinada a relaxar agora que estava longe da presença opressiva do padre. Respirou profundamente o fresco e úmido ar. Cheirava a chuva. O pensamento de água, mesmo se seja apenas vindo do céu, iluminou seu espírito. Ela bocejou e esticou, desejando que tivesse um livro assim poderia enrolar um pouquinho antes de adormecer.

Ela estava na metade do pátio, quando um barulho a assustou. Era o som de uma profunda risada de homem, mas sem qualquer humor. Em vez disso, vibrava com sarcasmo. CC parou. Piscando, ela olhou através da escuridão, incapaz de distinguir entre sombras e formas.

"Ondine".

"É você, Andras?" Uma das sombras se moveu e tornou-se um homem. Ele estava em pé perto do poço. Enquanto falava, ele caminhou em sua direção.

"Você acha que poderia se esconder de mim?" Sua voz tinha um não natural som profundo, como se estivesse falando com ela de uma grande distância, em vez de alguns metros. Alguma coisa estava muito errada. Medo ondulando em seu peito, e ela tinha dificuldade para respirar.

"Por que eu me esconderia de você? " Ela tentou manter sua voz calma e sem emoção "Eu apenas pedi que o padre William desse-lhe minhas desculpas. Eu estava receosa que ele estivesse certo sobre eu estar fazendo coisas demasiado cedo. Eu estou muito cansada." O cavaleiro parou diretamente na frente dela; eles estavam quase se tocando. Seus olhos brilharam com a mesma misteriosa luz prata que tinha visto dentro de dele a primeira vez que ele beijou sua mão. Petrificada por uma sensação paralisante de horror, ela assistia enquanto seu rosto parecia mudar, como se suas características bem definidas, de repente tornassem fluida e mutável. Potência radiada dele com uma força palpável. Seus lábios torcidos em um obsceno olhar malicioso.

"Você pertencerá a mim!" ele rosnou e avançou para a frente, agarrando seus braços em um punho de ferro. Ele esmagou-a contra seu corpo, e CC podia sentir sua enorme ereção pulsando sobre as camadas de seda do vestido. Então, uma rajada de tiros de calor com uma velocidade elétrica saíram a partir de seu peito quando o amuleto da deusa entrou em contato com o corpo do cavaleiro.

Seu grito foi ensurdecedor, e ele arremessou CC para longe dele com tanta violência que ela caiu no chão com um estridente baque.

"Qual é o significado disso?" A voz do abade cortou a noite. A ar saiu fora dela, CC só podia olhar para cima e tentar respirar. A silhueta do padre apareceu na porta da sala de jantar. Como um ninho de passarinhos, vários monges chocados olharam para ela por trás do padre. Quanto tempo eles tinham estado vendo? Ela tentou desesperadamente recuperar o fôlego e olhar para Andras. Ele estava perto dela, esfregando o peito e com um olhar atordoado.

"O poço..." Andras começou, parecendo instável. "Havia algo no poço." O cavaleiro estava respirando com dificuldade, e CC podia ver que um brilho de suor cobrindo o seu rosto pálido.

"Sim! Foi assustador!" a respiração de CC voltou em uma avalanche de palavras.

Ela deu uma risada nervosa e estendeu a mão. Depois de apenas uma ligeira hesitação Andras a pegou e a ajudou a ficar de pé.

"O que tem no poço?" O abade perguntou bruscamente, caminhando pelo pátio e se aproximando de Andras.

O cavaleiro encolheu seus ombros e se esforçou para falar. Seus olhos estavam vidrados e brancos. CC não estava igualmente confusa. Ela sabia quem tinha emergido do poço. Ela também sabia que seria desastroso se o abade percebesse o que tinha realmente acontecido.

"Morcegos!" CC disse de repente e acrescentou um arrepio que ela não tem que fingir. "Eu tinha apenas começado a atravessar o pátio, quando notei Andras de pé perto do poço. Ele disse que tinha visto alguma coisa, e depois da minha experiência de hoje mais cedo ele tinha, naturalmente, sentido a necessidade de dar uma olhada."

Pensando rapidamente, ela teceu a fabricação. "De repente morcegos enormes vieram voando para fora do poço. Ele bateu no peito de Andras e, em seguida, veio direto para mim. Gritei e caí no chão." Ela estremeceu novamente e franziu seu rosto. "Eu odeio morcegos".

"Isso deve ter sido o que você viu esta manhã", Andras disse lentamente. A confusão estava saindo de seu rosto e ele parecia disposto a aceitar a história de CC.

Aliviada, CC assentiu com entusiasmo. "Acho que o mistério do poço foi resolvido. Eu me sinto como uma tola fazendo um grande barulho por nada. Abade William, por favor, perdoe-me por interrompê-lo novamente."

O olhos azuis do abade se estreitaram, mas ele lhe deu um breve aceno. "Temos de falar, padre", disse Andras de repente. CC estava contente que ele parecia coerente e no controle, mais uma vez. "Tive notícias de que o continente é motivo de preocupação para Caldei". Em um segundo, Andras virou-se para CC.

"Ondine, Eu-"

CC acenou sua mão. "Eu não pensaria em tirá-lo de importantes negócios com o abade. Hoje eu estou bem e posso facilmente encontrar o caminho para o meu quarto. Boa Noite Andras, abade William."

"Venha, meu filho. Vamos nos retirar para minha câmara onde podemos falar em paz." Sem um outro olhar para ela, o Abade e o cavaleiro apressaram-se do pátio, e os monges voltaram para a sala de jantar. CC foi deixada sozinha com o silencioso poço.

Ela passou a mão tremendo em seu rosto. Seus joelhos balançavam e ela sentiu a mordida afiada da bile na parte de trás de sua garganta. Sarpedon tinha seguido ela, e ele tinha encontrado uma maneira de ir além do seu reino. O pensamento de estar presa dentro dos muros do mosteiro com o espírito malévolo do tritão oprimiu-a. Ela precisava de espaço.

Não, ela reconheceu amargamente para si mesma, ela precisava do oceano. Ela ansiava pelo seu conforto e sentimento de pertencer a algo, ela sempre se sentia submersa em seu abraço líquido. E Dylan, lembrou-lhe o seu coração. Ela precisava de Dylan. Ele poderia estar lá fora na calmante água, esperando por ela?

CC hesitou, mordendo seu lábio inferior.

Sim, no mar estava reino de Sarpedon, e ela era vulnerável a ele lá, mas aparentemente essa vulnerabilidade agora se estendia para o mosteiro. CC sentiu uma onda de raiva. Que direito ele tinha de persegui-la ?

O portão do mosteiro foi aberto, e era muito mais fácil andar por ele do que teria sido escalar para fora de sua janela. Ela só estaria fora um pouquinho, ela prometeu a si mesma. Estaria de volta antes que alguém notasse a sua ausência.

Inclinou os ombros teimosamente, ela seguiu o som das ondas do mar chamado até o portão e fora do mosteiro. Recolhendo sua saia, ela correu pelo caminho que levava em torno da parede exterior do mosteiro para a borda do precipício.

O sol estava baixando no céu, e corando o mar de cores lilás e açafrão. No horizonte de nuvens acumuladas se formavam como coelhinhos de pó gigante que tinha sido pintado nas cores da noite.

Cuidadosamente, ela escolheu o caminho tortuoso que tinha seguido na noite anterior, obrigando-se a diminuir o ritmo de modo que o vestido não ia pegar e rasgar no áspero caminho que ladeavam a pequena trilha.

Inesperadamente, o nevoeiro começou a se formar sobre a água. CC o assistiu se espalhar, surpresa com a facilidade com que cobria as cores ricas do céu noturno. Como o manto de um gigante, se expandindo ao lado do penhasco. Dentro de poucos passos CC estava totalmente cercado e teve que retardar sua descida ainda mais, escolhendo sua descida por um caminho que parecia dissolver um uma mágica névoa.

Ela esticou a mão em frente ao seu corpo e ficou intrigada com a forma com que as gavinhas molhadas se enrolavam em torno dela. Ela nunca tinha visto um nevoeiro como este antes, brilhava com uma estranha mudança de cores, como se fosse feito de opala e pérolas. Ela provavelmente deveria estar assustada, ao invés disso, o úmido nevoeiro a fazia sentir-se escondida e segura.

Seus sapatos afundaram na areia no momento em que uma pequena porção de neblina se deslocava e se separavam, permitindo que Gaia andasse pelo caminho deixado pelas dispersas nuvens. Hoje suas vestes eram da cor de fumaça brilhavam com a luz das estrelas e diamantes.

"Boa noite, minha filha." A deusa abraçou CC, segurando-a dentro do conforto de seus braços maternos.

"Pensei que você desejaria estar livre do mosteiro esta noite." CC estava com a cabeça encostada no ombro da deusa. Gaia cheirava a grama de verão e lilases.

"Foi Sarpedon, não foi?"

"Sim. Ele possuiu o cavaleiro." Gaia acariciou seus cabelos.

"Eu estava tão assustada!" CC soluçou, sentindo seu corpo começar a tremer novamente. Mantendo um braço em torno de sua filha, Gaia apontou para uma grande rocha coberta de musgo atrás delas, convidando-a a sentar-se.

"Sarpedon apenas intensificou os desejos que já existe dentro do jovem." Os lábios de Gaia se apertaram. "O cavaleiro é honroso, mas o filho de Lir é muito poderoso. É uma coisa simples para ele manipular - luxúria de Andras. O cavaleiro não tem defesas contra Sarpedon, e você não pode avisá-lo. Andras é um homem que foi formado a desprezar o sobrenatural e o desconhecido."

"Ele não parecia se lembrar de nada. Ele só aceitou a explicação que eu inventei."

"Sem dúvida, Andras tem apenas uma memória vaga e sonhadora de seus atos enquanto ele estiver sob influência de Sarpedon. Ele não é o tipo de homem que admitiria fraqueza e perda de memória, ou de controle, seria algo que Ele se recusaria a reconhecer, de modo consciente, ele vai se apegar a qualquer pretexto que lhe oferecerem. É só que, inconscientemente, ele estará em tumulto. A vontade e a alma do cavaleiro são como um reino na guerra civil, e ele não tem a capacidade de chegar mais além do que foi ensinado a procurar ajuda."

"Então o que posso fazer?"

"Eu não quero dizer para você não ter medo de Sarpedon, mas eu quero que você seja sábia. Agora ele gosta de brincar com Andras. O diverte utilizar o desejo do guerreiro enquanto ele procura uma maneira de possuí-la." O tom deusa foi eficiente, tanto que foi um consolo para CC tanto quanto foi a sua presença.

"Mas enquanto você ficar sob minha proteção, ele não pode possuí-lo diretamente, nem eu acredito que ele possa forçar o cavaleiro a agir contra a sua natureza de modo a realmente fazer-lhe mal, mesmo que essa era sua intenção." CC deu a deusa de um olhar duvidoso.

"Lembre-se, Sarpedon não quer você ferida, ele simplesmente quer que você volte para ele." A Expressão de Gaia demonstrava uma leve censura. "Você não confia em mim, minha filha?"

"É claro que eu confio em você", CC disse rapidamente, sentindo o medo começa a descongelar.

"Não ..." Gaia pegou o queixo de sua filha com uma mão. "Tudo vai ficar bem, não duvide disso." A deusa beijou sua testa suavemente. "Agora, eu ouço a água te chamando. Eu sei que ela irá acalmá-la ainda melhor do que eu"

"Sarpedon ainda não está procurando por mim?" CC perguntou.

"Minha névoa te escondera de seus olhos esta noite. E eu acredito que você precisa conduzir uma busca de seu próprio eu."

Gaia ergueu as maravilhosas sobrelhas arqueadas sugestivamente e balançou a cabeça em direção ao som das ondas. "Encontrar o que está em seu próprio coração, filha."

"É Dylan lá fora?" a voz de CC tornou-se quase num sussurro.

"Ele não disse que estaria esperando por você?"

"Ele acha que eu não estarei aqui até que eu precise voltar a minha forma de sereia, e isso é só daqui mais duas noites." CC passou a mão pelos pesados cabelos.

"Posso me mudar esta noite?" Ela sentiu o chamado da água, como sempre, mas não foi tão intenso como tinha sido na noite anterior. Em vez de um desejo irresistível, era apenas uma coceira em algum lugar sob sua pele.

"Você deve aguardar a terceira noite para mudar para sua forma de sereia, se você mudar mais frequentemente do que isso, você pode não ser capaz de superar seu desejo de continuar a ser uma criatura da água."

"E então Sarpedon irá me pegar." E ele mataria Dylan, CC acrescentou silenciosamente para si mesma.

"Não se preocupe com Sarpedon esta noite. Em vez disso concentre-se em conhecer o seu coração."

"Mas se eu não posso mudar de volta para uma sereia ..."

"Se Dylan é o seu verdadeiro amor, ele deve aceitar a parte de você que é humana."

CC apontou para suas camadas de saias. "Eu não estou exatamente vestida para nadar." O sorriso de Gaia transmitia divertimento quanto ao constrangimento de CC. "Eu sempre acreditei que não se deve estar totalmente vestida quando se encontra abraçada pelo oceano." Com um dedo fino, ela tocou os intrincados laços na parte traseira do CC.

Imediatamente eles se abriram e o pano caiu de seus ombros como se vinte dedos ágeis tivessem ajudado ela.

CC se levantou para sair do vestido e estendeu-o em uma rocha. Antes dela sair da mudança, ela olhou para Gaia. "Como eu vou voltar para aquela coisa?" O sorriso de Gaia se alargou, e ela passou a mão sobre a forma elegante do vestido, falando baixinho para ele.

"Quando ela quiser, suas tranças se reconstróem. Então, eu tenho falado, assim será." O ar em torno do vestido se agitou, e CC podia sentir o brilho mágico de Gaia.

CC sorriu para a deusa. "Obrigado."

Então ela levantou a camisa sobre a cabeça e chutou seus sapatos. Quase automaticamente, ela puxou o longo cabelo para a frente, obscurecendo a visão de seus seios nus. "Você tem vergonha do seu corpo, minha filha?" Gaia perguntou.

"Não. Eu acho lindo."

"Então, talvez, vivendo no mosteiro tenha se convencido de que a beleza é algo a ser temido e escondido?" O sorriso na voz de Gaia suavizou a repreensão.

"Absolutamente não", CC disse com firmeza. Em um movimento rápido, ela varreu o cabelo para trás, deixando seus seios totalmente expostos. Então, nu, exceto por suas joias, ela começou a caminhar em direção ao som das ondas. Mas logo os seus passos vacilaram e ela foi subitamente tomada pela insegurança.

"Chame por ele." A voz de Gaia veio de trás dela.

"Só chamar?" CC perguntou, olhando por cima do ombro à deusa.

"Ele vai te ouvir."

A névoa começou a fechar e engrossar em torno de Gaia, de modo que suas últimas palavras foram sumindo. "Você não pode ficar muito esta noite. Há uma tempestade que se aproxima, e eles estarão procurando por você. Minha benção vai com você, filha."

"Vou me lembrar", disse CC a névoa antes de voltar a encarar o som da água. Ela caminhou lentamente para a frente, fazendo o seu caminho cuidadosamente entre as muitas pedras e conchas que obstruíam a areia. O nevoeiro cercava, roçando sua pele numa carícia molhada, formando pequenas gotas de orvalho que brilhava para decorar o seu corpo como joias líquidas.

Quando seus pés tocaram a água ela parou, olhando ao redor, mas ela não conseguia ver nada através da espessa neblina. Sentindo um pouco tola, ela cobriu sua boca com as mãos em forma de conchas e chamou pelo tritão. "Dylan! Você está aqui?" Apenas o som das ondas quebrando contra a costa rochosa a respondeu. Ela suspirou e cobriu sua boca novamente. "Dylan!"

CC o sentiu antes de vê-lo. Havia um formigamento ao longo de toda sua pele que se instalou em algum lugar baixo, em seu estômago e ela sabia que ele estava lá. a névoa diluída sobre o comprimento de oceano que se estendia à sua frente.

Dylan quebrou a superfície, varrendo seu longo e escuro cabelo de seus olhos brilhantes. Seu sangue pulsava quente a visão dela. Ela era tão linda, ali em seu exótico corpo humano com todas as curvas suaves e linhas longas e flexíveis. Seu belo rosto iluminado com a visão dele, seus lábios carnudos e um sorriso em forma de prazer que era apenas Christine, sua vibrante, alegre Christine.

Houve risos na sua voz quando ele falou. "Você não precisa gritar para mim, Christine. Você só precisa me chamar daqui." Ele sorriu e apontou para seu próprio templo. "Basta enviar-me seus pensamentos, como fazemos com a água. Vou te ouvir."

"Ah," CC disse se sentindo boba. Ela tinha certeza de que ele também podia ouvir o enxame de borboletas que estavam batendo em torno de seu estômago. "Eu não sabia. Gaia apenas me disse que você viria se eu chamar." Sua expressão sóbria.

"Sempre, Christine. Vou sempre atender a sua chamada." Ele olhou para o nevoeiro.

"Isto é trabalho da sua deusa?" CC concordou. "Parece que Sarpedon está à espreita. Gaia diz que ela não pode me encontrar aqui. E, de qualquer maneira, acho que ele está ocupado hoje no mosteiro".

"Ele quase me faz sentir pena dos monges," Dylan disse, tentando aliviar a sua voz, mas ficou claro que a menção de Sarpedon fez o tritão desconfortável. "Não seja tão apressada, com sua simpatia. Penso que o mosteiro poderia precisar de uma sacudida, ou pelo menos o abade precisava."

Ela cavou seus dedos do pé na areia e olhou para baixo. Ela não quis dizer para Dylan sobre a posse de Andras por Sarpedon. Ela só conseguia imaginar como iria fazê-lo sentir, provavelmente louco e frustrado e invejoso que não podia fazer nada sobre isso. E ela não queria que o opressivo tema de Sarpedon arruinasse seu tempo com Dylan.

Ela olhou para o tritão, e todos os pensamentos sobre Sarpedon se dissiparam. Os olhos de Dylan estavam sobre seu corpo nu. Ela podia sentir seu olhar. Ele fez sua pele, corar com um formigamento sensual. Ele a fazia se sentir sem fôlego e muito nervosa. "Eu sei que não é a terceira noite, assim que eu estou adiantada, e, bem, eu não posso mudar, mas eu estou contente que você veio."

Ele sorriu para ela. "Estou feliz por você ter aparecido mais cedo."

"Mesmo que eu não possa, uh, ser uma sereia hoje à noite?" ela gaguejou. Ele levantou uma sobrancelha, sorrindo para ela como um menino.

"Você está preocupada que eu possa deixar você se afogar?"

Com sua simples brincadeira, CC sentiu seus nervos se afrouxarem, e ela sorriu para ele.

"Bem, eu me lembro de engolir muita água pela primeira vez que nos encontramos."

Ele riu.

"Isso é só porque eu não estava preparado para seus chutes e seus contorcimento. Deslizando mais perto da costa, ele ergueu uma forte mão para fora da água e aprofundou a sua sedutora voz. "Hoje eu estou preparado, venha pra mim. Eu não vou deixar você se afogar." Sem hesitar, CC entrou na água. Quando seus pés não mais tocaram a terra, ela começou a nadar, mas antes que pudesse terminar uma braçada completa Dylan a puxou em seus braços. "Eu acho que seria mais seguro se você permitisse que eu nadasse", ele disse com uma simulada seriedade.

"E o que você faria se eu chutasse e me contorcer-se?" CC brincou.

"Eu disse que hoje eu estava preparado."

Seus braços circularam seu corpo nu, pressionando-a firmemente contra seu peito. CC podia sentir a batida rítmica de sua poderosa cauda enquanto ele pisava na água, facilmente mantendo ambos flutuando no calmo e enevoadado oceano. "Eu simplesmente te abraçarei mais."

"Isso me faz ter vontade de chutar e me contorcer", ela disse sem fôlego, o seu toque fazendo ela se sentir um pouco tonta.

"E eu serei cuidadoso para que você não se afogue", murmurou Dylan enquanto ele inclinava a cabeça para ela. Seus lábios se encontraram em uma onda de calor, e CC colocou os braços envolta de seus ombros, amando a mistura de rígidos e lisos músculos, pele molhada sobre suas mãos. "Oh, Dylan," CC sussurrou contra seus lábios.

"Eu senti sua falta hoje." Dylan beijou sua testa suavemente. Quando falou sua voz era áspera com emoção reprimida. "Eu vi você." CC piscou surpresa. "Você quer dizer quando eu vim para a praia para comer lanche?" "Sim. Com o homem"

CC tocou seu queixo delicadamente, odiando o olhar assombrado em seus olhos. "Eu estava vendo quando ele a beijou." O queixo do tritão se apertou. "Eu nunca quis antes ter pernas, mas hoje eu não queria nada mais do que caminhar para fora da água e te tomar dele."

Um tremor de emoção liberou-se do seu corpo com as palavras dele. Ela tomou o rosto entre as mãos e olhou para o marrom profundo de seus olhos. "Você precisa saber uma coisa." Ela o sentia tenso, como se preparando-se para um golpe, e ela se apressou. "Eu não sou muito boa nisso. Quer dizer, eu não sou muito experiente em relacionamentos. Eu realmente não tive muita prática, por isso há muita coisa que eu não tenho certeza. Mas há uma coisa que eu sei. Eu não vou mentir para você. Eu acredito na verdade e na fidelidade. E eu estou te dando minha palavra de que eu não quero Andras. Ele não é o homem para mim." A tensão no queixo do tritão foi relaxando em suas mãos, mas seus olhos ainda estavam sombreados.

"O homem..." Dylan disse, sorrindo tristemente. "Você diz que ele não é o homem para você, e eu estou contente com isso. Mas eu também não sou um homem."

"Eu não quis dizer"

Os lábios de Dylan encostaram suavemente contra os dela. "Shssh. Eu tenho algo para te mostrar."

Antes que CC conseguisse dizer mais, ele virou de costas, puxando-a para que ela descansasse contra ele, segura fora da água. Ele os impelia para trás, cuidadosamente para mantê-la protegida da ressaca das ondas, enquanto ela estava em segurança dentro de seus braços.

"Eu senti sua falta", ela sussurrou em seu ouvido. Ele não respondeu, mas ela sentia a afirmação de sua cabeça, e sua mão acariciou intimamente a curva de suas costas.

Depois de viajar até o litoral, Dylan parou na frente de um grande arranjo de pedra e coral, parte da qual se erguia acima do solo. Era vagamente semelhante a uma caverna, mas o topo estava a céu aberto. Era redondo e a lembrou de um curral.

"Não há outra maneira de entrar do que por baixo da superfície. Você terá que segurar a respiração, mas não será por muito tempo."

O sol se punha, e estava quase totalmente escuro, com neblina encobrindo até mesmo a luz fraca deixada no céu à noite. CC olhou nervosamente para a imponente estrutura que se projetava para fora da água.

"Você tem certeza?"

Dylan sorriu encorajadoramente para ela. "Você promete não chutar e se contorcer?"

"Eu serei boazinha", disse ela, tentando rir fora de sua apreensão.

Dylan a beijou delicadamente na testa e pegou seu queixo com a mão. "Eu nunca iria lhe causar algum dano."

Seus olhos estavam quentes e ela se sentiu inegavelmente segura envolto em seus braços fortes. "Eu estou pronta", disse ela.

Dylan a trocou de posição para que ela flutuar na sua frente, então ele a virou de modo que ela estivesse de costas para ele. Suas mãos seguraram sua cintura, o que deixou as mãos dela livres. "Quando você estiver pronta, respire fundo e mergulhe. Vou fazer o resto."

Antes que ela pudesse mudar de opinião, ela respirou profundamente, assentiu com a cabeça e esticou os braços acima da cabeça, mergulhou sob a superfície. Orientando e empurrando-a por trás, o poder de Dylan fez CC se sentir renovada e forte sob a água e estava quase decepcionada com a rapidez com que ele os angulou de modo que suas cabeças rompessem a superfície juntos. CC sacudiu a água do seu rosto, rindo.

"Uau! Foi quase como se eu tivesse minha própria calda..." Suas palavras foram sumindo enquanto ela registrava a beleza que a rodeava. Eles flutuavam no centro de um anel de rochas e corais. Como ela já havia observado a partir do exterior, a estrutura era aberta para o céu, e o círculo formava uma calma piscina no centro, abrigando-os do ritmado bater das ondas contra as rochas.

Mas não foi isso que era tão espetacular na estrutura. Tudo ao seu redor centenas, talvez milhares, de peixes azuis fosforescente do tamanho do polegar de CC, movendo-se como em uma escola de natação perfeitamente sincronizadas.

Suas luzes iluminavam o anel de água com um brilho azul turquesa, dando a eles uma pequena seção do oceano com a aparência de uma piscina iluminada por lâmpadas mágicas em movimento. Era um oásis de brilho em seu mundo coberto de nevoa.

"Dylan", CC respirava. "Eu nunca vi nada como isso".

"Isso não é tudo." Ele puxou-a com ele para o lado da parede. Apontando para baixo em uma pequena bolsa de corais sob a água, ele disse, "veja".

CC espreitou para dentro da água clara, néon-iluminado e engasgou em maravilha. Dentro do bolso rochoso podia ver dois cavalos-marinhos. As réplicas em miniatura dos equídeos tinham cerca de seis centímetros de comprimento e a maioria de incrível coloração de bronze, preto, com exceção de uma área do seu corpo que pareciam coletes, lá estavam eles salpicada com manchas brilhantes de rosa, amarelo, azul e branco.

Enquanto CC assistia as duas criaturas nadavam em círculos delicados em torno de si, cada vez mais próximos. Finalmente, eles se encontraram em um tremendo abraço, juntando os corpos.

"Há mais." Os lábios de Dylan se moveram contra sua orelha e ele apontou para outro local dentro da parede de coral. CC seguiu o seu gesto ao ver que um outro par de cavalos marinhos estavam começando a sua graciosa dança de acasalamento.

CC recostou-se contra o tritão, envolvendo os braços em torno dele. "Eu não sabia que havia tanta beleza no oceano. Eu nunca passei muito tempo perto dele, e eu não sabia como poderia ser incrível." Ela virou-se com fluidez em seus braços. "Você realmente é um professor maravilhoso. Obrigada por me mostrar. "Eu não posso imaginar você longe da água." Parece ridículo agora, mas eu costumava ter medo da água. Como você pode ter notado, eu nem sou uma boa nadadora."

"Então você não conhecia qualquer uma das criaturas do mar* em seu mundo antigo?" Dylan perguntou.

*N/R: mer-folk Acredito que a palavra signifique criatura do mar, mas pode ser o nome de uma espécie específica de criatura mítica do mar.

CC riu.

"Não há qualquer tritão ou sereia de onde eu vim."

Dylan parecia assustado. "Você tem certeza?"

"Bem, eu tenho certeza. Eles são considerados seres mitológicos. Pessoas contam histórias sobre eles e desenham imagem deles, mas se alguma vez existiu no meu mundo elas não tem sido observados em mais de mil anos."

Dylan estudou a mulher em seus braços com novos olhos. Ele ficou impressionado ao perceber que ele amava uma mulher que não era simplesmente uma criatura da terra, mas de um mundo estranho onde nenhum de sua espécie ainda existia. Como ele poderia esperar ganhar o seu amor em troca? Ele sabia que ela o achava interessante e provavelmente até mesmo exótico e atraente, mas essas não são emoções em que se baseia uma vida de amor, eles são fugazes e transitórios, e desapareceriam como neblina com o sol nascente da experiência. Ele começou a entender o desespero que havia destruído sua mãe.

"Eu devo parecer muito estranho para você."

CC podia ouvir a vulnerabilidade em sua voz e senti-lo se afastar dela não o suficiente para ela estar em perigo de escorregar para baixo da superfície, mas a intimidade com que ele a

estava segurando hesitou, como que se de repente ele estivesse com medo de estar muito perto dela.

"Estranho não é a palavra que eu escolheria." Ela apertou os braços em torno dele, para que ele tivesse que voltar para ela.

"Então, qual palavra você escolheria?" Dylan perguntou, tentando ao máximo manter sua voz neutra e suas tumultuosas emoções controlada. "Bem, eu não acho que uma palavra daria, acho que eu teria que usar várias."

Ela manteve um braço seguramente envolta do ombro dele. Com o outro ela deixou sua mão traçar um caminho pelo seu rosto e sobre o seu forte maxilar.

"Lindo", disse ela suavemente, movendo a ponta dos dedos para baixo do pescoço e sobre o músculo firme de seu ombro. "Espetacular", parou para acariciar a espessura do seu bíceps antes de percorrer seu peito e continuar para baixo. "Maravilhoso". A mão de CC se moveu para o lado de sua cintura esticada. Quando os dedos sentiram a mudança de pele humana para um ser marinho, ela hesitou e o seu olhar mudou para os olhos. Ele estava observando atentamente, e sua respiração tinha se aprofundado.

"Tenho pernas agora e não uma cauda", CC disse.

Suas palavras fizeram os lábios de Dylan se curvarem em uma sombra de um sorriso surpresa. "Sim, eu percebi isso", disse.

"Alguma vez, uh, você esteve com uma mulher humana?" , ela perguntou . Agora, a surpresa foi completa.

"Não, eu nunca antes tinha conhecido uma mulher humana." Ele fez uma pausa, tentando encontrar as palavras certas. "... De qualquer forma ... O que eu quero dizer é que eu não..."

CC concordou rapidamente. "Então o que você está me dizendo é que você nunca foi íntimo, ou mesmo conhecido, uma mulher humana, ainda que você não me ache repugnante, ainda que agora meu corpo é absolutamente humano."

"Eu não conseguiria achá-la repulsiva", Dylan disse enquanto compreensão iluminava seus olhos.

"Apesar de eu não ter conhecido outros seres de sua espécie." Ela estava preocupada com a sua aceitação. Ela verdadeiramente o desejou! Em uma parte de sua mente, ele se permitiu

começar a acreditar que talvez ele não estava destinado a repetir a tragédia de sua mãe. Alívio inundou seu corpo e o fantasma de um sorriso tornou-se real.

"Então eu não acho que você deveria se preocupar em eu não ter conhecido qualquer outros tritão. A não ser que você queira que eu comece a me preocupar sobre você achar que as minhas pernas são nojentos." CC podia sentir o corpo de Dylan relaxar, e ela flutuou facilmente contra ele mais uma vez. Uma de suas mãos viajaram pelas suas costas e passou pela sua cintura.

CC puxou ar com surpresa quando um movimento rápido passou pela sua bunda e acariciou o comprimento de sua coxa. "Suas pernas são macias e quentes." Sua voz era profundamente sedutora. "E eu admito querer tocá-las muito."

"Eu quero tocar em você, também," CC disse, deixando que sua mão movesse propositadamente para baixo de sua cintura para a peculiar textura do resto de seu corpo. Ela olhou em seus olhos. "Mas eu gostaria de vê-lo também. Um pouco mais claramente. Você se importa?" Ela apressou-se como a testa franzida. "Quero dizer, você me viu, toda, muito nu. Apenas há pouco eu estava na praia não muito, exceto um sorriso. Mas, bem, eu realmente não tenho sido capaz de ver ..." Ela assentiu com a cabeça em direção à água que brilhavam com cor de ouro e laranja por baixo, "você".

Dylan fez um barulho abafado na parte traseira de sua garganta, mas ele balançou a cabeça, segurando o seu olhar com o seu próprio. "Não, eu não me importo", disse ele.

Olhando ao redor do anel de rocha, Dylan procurou até que encontrou o que precisava.

Com CC ainda em seu abraço, ele flutuou pela piscina azul turquesa para uma borda lisa que projetava cerca de um pé acima da água. CC olhou. Tinha facilmente sete ou oito metros de comprimento, curvando-se suavemente ao longo do interior do curral de pedra.

Parecia grande o suficiente para que duas pessoas pudessem deitar uma próxima da outra, especialmente se eles estivessem deitados lado a lado e não se importassem de estar muito perto.

CC sentiu um arrepio de nervos misturado com empolgação enquanto Dylan a levantou da água e sentou-a suavemente na borda. Ela moveu-se para seu lado com as costas contra a rocha e se sentou, olhando para ele.

Em um forte movimento, ele agarrou a borda da borda e levantou-se para fora da água, deslocando seu peso para que ele se deitasse ao seu lado, também, encarando CC.

A primeira coisa que CC notou foi seu tamanho, ele parecia muito maior fora da água.

Ela se sentiu diminuída por ele, apesar do corpo humano de Ondine ser alto e voluptuoso. "Você é muito grande", desabafou ela. A risada de Dylan ajudou a aliviar algumas das suas tensões.

"Christine, eu sou o mesmo de quando eu estava na água."

Seu cabelo escuro tinha caído sobre seu ombro, e CC empurrou para trás de seu rosto. Ele virou a cabeça e pegou a palma da mão em um rápido e brincalhão beijo, fazendo ela sorrir. O torso de Dylan era forte e familiar, e CC deixou sua mão descansar brevemente em seu peito.

Então, respirou profundamente, e olhou para baixo. Sua pele bronze ampliava para seu bem musculosa cintura, onde se juntava com a cauda de tritão. As cores eram inacreditáveis.

O que CC tinha pensado era só laranja com faixas de ouro mas realmente era uma convergência de diferentes tons de amarelo e creme, vermelho e ferrugem, tudo combinando para formar um arco-íris das cores da luz do sol e das chamas.

As linhas de cor do ouro eram metálicos, e eles correriam em grossas listras horizontais em torno de sua musculatura caudal, terminava em uma enorme barbatana que brilhavam em listras de ouro com ébano.

CC inclinou-se para o lado e deixou seus dedos afagar a surpreendente cauda. Como ela tinha descoberto com o seu próprio corpo de sereia, o corpo não era realmente dimensionado, apenas pegavam a luz em um padrão de redemoinho que podia ser confundida com escamas. Sob os dedos o corpo Dylan era quente e suave.

Ela deixou sua mão explorá-lo, desfrutando da sensação da forma e magnitude de seus músculos, ele estremeceu sob seu toque. CC forçou seu olhar do corpo para os olhos. "Você é incrível, Dylan. Eu poderia explorar você para sempre."

Dylan pensou que seu coração iria explodir de alegria. Ela era sua! Por algum inacreditável milagre, ela queria ele como ele queria. Com um gemido ele envolveu CC em seus braços e apertou-a contra ele.

Seus lábios se encontraram e ele começou sua própria exploração enquanto provavam um do outro. Intoxicados pela sensação dela, as mãos de Dylan moveram sobre o corpo de CC, agarrando sua bunda e acariciando-lhe as pernas.

A respiração de CC ficou presa em sua garganta quando sentiu sua dureza contra o centro de seu corpo. Ela desligou a imagem mental da masculinidade latejante de Sarpedon como surgiu inchada e exigente de sua fenda pélvica.

Não! Ela não permitiria que as lembranças de Sarpédon manchassem as delas. Este era Dylan, ela saudou o seu toque, e ele nunca iria machucá-la.

Ela deslizou a mão entre seus corpos e agarrou ele, desejando que, de repente, ela tivesse mais experiência com os homens.

Ele parecia muito como se ela tivesse se lembrado dos sentimento Jerry, com a maravilhosa combinação de dureza envolto em um eixo de suavidade de veludo que ela havia encontrado despertando, apesar da tentativa desajeitada de Jerry de fazer amor.

Timidamente, a princípio, CC acariciou-o, permitindo que ela se acostumasse a ele. Ele é apenas um homem, pensou. Apenas um diferente e incrível tipo de homem. A Pela de Dylan era quente e seu corpo foi se tornando escorregadio de suor. A essência dele encheu seus sentidos com singularidade.

Ele era o mar e o homem moldados juntos e ela queria se afogar nele. Sua respiração era irregular quando ele de repente quebrou o beijo. "Devagar, Christine." Sua mão tremia quando ele acariciou seu rosto. "Seu toque me inflama."

Ela puxou abruptamente a mão de entre seus corpos. "Sinto muito. Eu disse que não era muito experiente com homens ou machos ou ..." ela desviou o olhar, envergonhada. Ele tomou seu queixo em sua mão, obrigando CC a encontrar os seus olhos.

"Você não compreendeu. Eu é que estou tendo uma experiência", ele levantou uma sobrancelha e deu-lhe seu sorriso de menino ", ou melhor, devo dizer, problemas de controle. Você está fazendo isso muito certo para mim, mas eu teria que ser assim para você também, meu amor. "

"Oh, eu não sei", CC disse, sentindo uma onda de alegria em seu carinho. "Deixe-me explorar seu maravilhoso corpo humano. Talvez eu encontre uma maneira de dar prazer aos dois."

Então ele começou sua própria exploração. Na primeira CC fechou os olhos enquanto sua boca se moveu dos seus lábios para o pescoço, e continuou até beijar o inchado seios, onde permaneceu. Mas logo ela descobriu que preferia manter os olhos abertos.

Ela gostava de vê-lo enquanto ele se inclinava sobre ela, seus olhos escuros e seu rosto tenso de desejo. Seus lábios beijavam a curva de sua cintura e sua mão moveu-se sobre o quadril

arredondado para as pernas. Ele Inclinou uma das pernas e beijou o interior de seu joelho. Vagarosamente ele beijava e beliscava suavemente.

"Eles são tão macios que clamam pelo meu toque", Dylan murmurou, os lábios ainda explorar suas pernas. Ele adorava o cheiro distintamente feminino dela. O calor suave do seu corpo encheu seus sentidos, e ele lutou para controlar seu desejo de enterrar-se dentro dela. Não permitiria que se apressasse.

Ele respirou profundamente e deixou sua língua provar sua coxa. "Sua pele é uma fina seda mais do que qualquer outro, nem mesmo sua deusa poderia usar." CC mordeu o lábio inferior para abafar um gemido. "Do que você gosta, meu amor?" Dylan perguntou.

"Eu gosto quando você me toca", CC disse sem fôlego. "Em qualquer lugar, em toda parte." As mãos de Dylan acariciaram a parte interna de suas coxas, deslocando-se em direção a seu centro. Quando ele finalmente tocou o molhamento, ela não conseguia parar de arqueia-se em sua mão e gemer alto.

"Me mostre", ele suplicou. "Eu quero saber como agradá-la."

Com as mãos trêmulas ela guiou a sua, até que seus dedos encontraram o ritmo certo. Quando ela gritou o nome dele em liberação, ele cobriu a boca com alegria feroz e segurou-a contra ele, de modo que quando o mundo parou de girar, ela estava deitada em cima dele.

Ela conseguia sentir a tensão em seus músculos, seu coração batendo descontroladamente contra o peito nu. Sentando-se, ela moveu as mãos para a sua cintura dele enquanto ela sentava em sua pele de ouro. Seus olhos se arregalaram de surpresa quando ela se levantou e alcançou entre eles mais uma vez, desta vez orientando sua dureza para o centro dela.

Ela apertou os dentes contra a dor que ela lembrou ter experimentado com Jerry, e em um movimento rápido, colocou dentro dela com o calor de sua própria habilidade. Mas ao invés de dor, ela repetiu o grito de prazer dele como se ele encaixasse perfeitamente dentro dela.

Dylan falou o nome dela, murmurando sons sem palavras de paixão conforme ele mantinha firmemente seus quadris enquanto ela arqueava as costas e balançava contra ele. Agora era sua vez de guiá-la e eles se moveram juntos mais e mais, seu ritmo crescente até que a onda de prazer chegou ao topo e puxou primeiramente CC, seguida Dylan em demasiada satisfação.

Ela caiu contra ele, e sustentaram um ao outro, enquanto seus corpos paravam de tremer. CC adormeceu embalado dentro dos braços de Dylan.

O som de um tagarelar aborrecido a acordou. Ela estava aconchegada seguramente contra Dylan.

Seus olhos estavam fechados, mas seus lábios estavam inclinados para cima em um sorriso satisfeito, e ele estava acariciando seus cabelos. "Ela parece com raiva de você", disse ele. Levantando-se sobre um cotovelo, CC espiou por cima do ombro para a água fluorescente.

A cabeça do golfinho parada no meio da calma piscina. *A deusa mandou-me para você, princesa.* CC sentiu uma pontada de medo. "Eu não percebi! Quão tarde é?"

Não se preocupe. O golfinho acalmou. *Você tem tempo.* Dylan sentou bruscamente e puxou-a em seu colo.

"O que é isso?"

"Eu tenho que voltar. Gaia me avisou para não ficar muito tempo. Ela disse que eles estariam procurando por mim."

Dylan apertou a mandíbula, mas ele concordou e deslizou ambos facilmente na água. Em um distraído gesto de bondade, ele estendeu a mão para acariciar o escorregadio golfinho.

"Obrigado, fiel guarda. Assegure a deusa que eu retornarei agora a sua princesa para terra."

O golfinho respondeu a ele, apertou o nariz em CC e desapareceu sob a superfície. Dylan beijou o lado do pescoço de CC. "Você está pronta?" ele perguntou.

"Assim como antes". Ela assentiu com a cabeça e respirou fundo, mergulhando com o poder de seu amante a direcionando para a segurança.

Eles não falaram quando Dylan nadava de costa até a costa. CC agarrou a ele, tentando não pensar sobre a separação que tinha que vir em seguida. "Você pode ficar agora", disse o tritão relutante.

CC concordou, mas permaneceu perto dele, ainda envolto em seus braços. Ela podia ouvir as ondas quebrando contra o litoral nas proximidades, mas a névoa e escuridão a impediu de ver.

"Eu tenho que voltar", ela disse, não capazes de olhar para ele.

"Eu sei". Os braços dele esticado ao seu redor.

"Você vai voltar amanhã à noite?"

"Eu não sei", disse ela. "Vou tentar. Mas se não for amanhã, a próxima será a terceira noite, e eu tenho que retornar e voltar à forma de sereia". Ele afrouxou o controle sobre ela para que pudesse olhar em seus olhos.

"Eu vou estar aqui. Sempre. Você só precisa me chamar."

CC apontou para a cabeça, tentando sorrir.

"Por aqui?" Dylan beijou sua testa.

"Sim, e eu escuto seu chamado aqui." Ele pegou sua mão e colocou sobre o peito sobre o coração. CC inclinado seu rosto para ele e eles se reuniram com urgência desesperada. O beijo foi profundo e frenético.

"Você é uma parte de mim agora!" Dylan quebrou o beijo para segurar seus ombros e forçá-la a encontrar o seu olhar. "Nós pertencemos um ao outro. Haverá um caminho."

Então ele a beijou uma última vez. Lutando contra as lágrimas, ela se afastou dele. Ele levou a mão dela aos lábios antes de liberá-la.

Ela se virou e se forçou a sair da água. Quando ela pisou terra firme, ela olhou por cima do ombro, mas o nevoeiro já tinha o escondido da sua vista.

"Christine"? Sua voz desencarnada a encontrou.

"Eu ainda estou aqui", disse ela.

"Você sabe como você se sente quando você está separada do mar? Como seu corpo anseia por ele?"

"Sim. Eu conheço o sentimento", disse ela ao nevoeiro.

"Isso é como me sinto quando você não está comigo. Se você dúvida de que eu estarei aqui, ou dúvida que eu vou esperar por você, lembre-se do sentimento, e saiba que não posso fazer nada mais. Por uma eternidade, Christine. Vou esperar por você até a eternidade..." Sua voz se desvaneceu como se ele voltasse para o mar.

"Eu lembrarei ", ela chamou-o, mordendo o lábio inferior para não chorar.

Na frente dela a névoa se desfez, e ela podia ver a pedra onde tinha deixado suas roupas. Se apressando, ela usou a troca para secar-se, fazendo caretas quando ela puxou o pano úmido sobre sua cabeça. Então, ela entrou no vestido em camadas. Logo que ela colocou os braços na manga, CC sentiu um puxado para trás e os laços intrincados magicamente se retrançaram.

“Obrigada, Gaia.” Ela disse para a silenciosa e misteriosa noite.

Desta vez, a deusa não respondeu, mas quando ela saía do nevoeiro, ele rodou e se separou, fornecendo pouco de clareza na escuridão do caminho. Ela seguiu inquestionavelmente, tentando ignorar a pontada de perda que ela sentia a cada passo que a levava mais longe da água e de Dylan. Logo ficou evidente que o caminho que ela estava tomando não era nenhum dos que levavam até o precipício. Envolvia um longo caminho em torno das rochas e dunas de areia, e no início parecia ser levá-la longe do mosteiro.

Justo quando ela estava começando a se preocupar por onde a deusa a estava levando, o nevoeiro passou e subitamente se abriu em um ângulo direito e CC encontrou-se seguindo uma familiar trilha, que ela reconheceu como sendo o caminho que ela e Andras tinha tomado mais cedo naquele dia.

O caminho passava por árvores altas e esvaziava no sentido da estrada. CC virou para a direita e suspirou de alívio quando viu as luzes do mosteiro brilhando vagamente na turva distância.

Ela não tinha percebido antes como ela estava esgotada, mas duas noites muito pouco sono tinham pego ela. Ela sorriu tristemente para si mesma. Mesmo sua dura, cama estreita seria bem-vinda naquela noite. Ela levantou a saia e tentou persuadir seus cansados pés de se moverem mais rapidamente.

"Vamos lá, meninas, antes que eles enviem um destacamento."

"Para quem você fala, Ondine?"

CC soltou um gritinho de surpresa quando o cavaleiro materializou-se fora da névoa à sua frente. "Andras! Você me assustou." Ela sentia como se seu coração pudesse bater para fora do peito.

Mas Andras não estava olhando para ela. Ao contrário, ele estava andando em círculo em torno dela, obviamente, vasculhando a área. "Para quem você fala, Ondine?" Ele repetiu a pergunta com mais força.

"Ninguém, exceto para meus pés. Receio que você tenha me pegado falando sozinha." Ela sorriu e balançou a mão na frente do rosto como se estivesse tentando eliminar o calor do embaraço, mas sua boca ficou seca quando ele se virou para ela. Tinha Sarpedon o possuído novamente? Ela engoliu o medo e o estudou.

Seu rosto era uma máscara de fúria mal contida, mas sem a maníaca luz prateada brilhando em seus olhos e seu rosto parecia o dele. CC sentiu uma onda de alívio. Ela apenas lidaria com um homem irritado, não um espírito malévolo.

Automaticamente, CC deu um meio passo para longe dele, mas o cavaleiro avançou e pegou seus ombros com as mãos calejadas. "Onde você estava?" ele exigiu.

"Nenhum lugar. Eu só fui dar uma caminhada."

CC se obrigou a encontrar o seu olhar furioso calmamente. "Sozinha, enquanto a noite estava surgindo? Por que você faria uma coisa dessas?" Os pensamentos CC corriam enquanto ela inventava uma resposta. "O morcego que saiu do poço me assustou mais do que eu imaginei." Ela permitiu que sua voz tremesse.

"Você estava ocupado com o abade, e eu realmente não queria interromper qualquer um de vocês de novo com meus medos bobos, mas eu não poderia aguentar ficar no meu quarto sozinha, então eu pensei que eu poderia voltar para a linda praia que você me mostrou hoje. "

Ela fez um gesto com a cabeça para a estrada, e ela viu os olhos do cavaleiro ampliarem ao reconhecer a entrada para o caminho que haviam tomado anteriormente. CC enviou um rápido e silencioso agradecimento a Gaia por colocá-la em um lugar que lhe daria uma pronta desculpa por ter estado fora tanto tempo.

"Então, este nevoeiro veio e eu me perdi." Deixou um pequeno soluço escapar dos lábios. "E ficou escuro e eu achei que eu nunca iria encontrar meu caminho de volta." Andras estudou o rosto dela, percebendo pela primeira vez, os círculos escuros que rodeavam os encantadores olhos.

Ela parecia exausta e desconcertada. A princesa precisava de sua proteção, o que era muito aparente. E, claro, ele queria muito protegê-la. Ele quase a puxou em seus braços, até que ele percebeu que sua espessa massa de cabelo estava encharcada, mas parecia que abaixo das suas mãos o vestido estava seco.

Seus olhos se estreitaram. "Como seu cabelo ficou tão molhado?" Antes que sua sentença estivesse completa o escuro céu se abriu e uma fria chuva começou a cair, efetivamente dissipando o nevoeiro.

"Tudo em mim está molhado!" CC disse, incapaz de manter a exasperação de sua voz. "Foi uma noite neblinosa de chuvosa." Ela balançou os ombros. "Andras, você está me machucando".

Lentamente, Andras deixou cair as mãos dos seus ombros. CC abraçou-se e tremeu. "Estou com frio e molhada e cansada. Eu estive perdida e com medo a maior parte da noite, e os meus pés, que você já me ouviu falando estão doendo. Agora gostaria de me acompanhar de volta ao mosteiro, ou eu terei que andar de volta sozinha?"

Silenciosamente, o cavaleiro segurou seu braço erguido para dela. Seu olhar lhe disse que ele não gostou do que ela havia dito, ou o tom com que ela havia dito, mas como ela teve seu braço, ele não fez comentários sobre sua grosseria ou repreendido dela. Ao contrário, ele parecia estar absorto em pensamentos.

CC estava contente que ele não estava questionando, mas não gostou da ideia dele pensar demais ou, pelo menos não sobre ela ou sobre suas mentiras. Estava chovendo firmemente quando eles entraram no pátio deserto. CC foi cuidadosa de nem mesmo olhar para poço, mas ela não precisa olhar para sentir sua presença ameaçadora.

Estavam quase no seu quarto quando o abade saiu das sombras do corredor mal iluminado. "Vejo que você a encontrou, Andras." Ele sorriu calorosamente para o cavaleiro, mas quando ele virou o rosto para CC, sua expressão mudou para um sorriso sarcástico. "O bom cavaleiro estava preocupado com você, princesa, e assim deveria ter sido. Eu não posso imaginar por que você escolheria deixar o mosteiro sozinha a noite." Cortesia, ela lembrou a si mesma. Ela forçou o irritado sarcasmo de sua voz.

"Eu não acho que eu estava fazendo alguma coisa fora do comum. Talvez de onde eu venha mulheres não precisam se preocupar sobre segurança, se elas quiserem dar um passeio." Antes que qualquer homem pressionasse a questão, acrescentou. "Não! Isso não significa que eu lembre alguma coisa sobre de onde eu sou, infelizmente. Agora, se você me desculpar, eu preciso dormir. Por favor chame Isabel para vir me ajudar a sair deste vestido molhado."

Ela começou a girar para abrir a porta, mas a voz do abade a parou. "Isabel já está dentro. Ela é a razão de como sabíamos que você estava desaparecida. Quando ela veio para a sua câmara para ajudá-la, como você pediu, você não estava lá. Ela também estava muito preocupada, e ela imediatamente comunicou a sua ausência para mim."

CC não podia acreditar no que estava ouvindo. Ela pediu especificamente para esse idiota para enviar a Isabel. Obviamente, ele estava a deixando saber que ele estaria sendo observada, não importa o quê. "Eu pensei que tinha pedido para que Isabel não se incomodasse por mim hoje à noite. Talvez seja porque eu estou tão cansada que minha memória não está clara. Vou pedir desculpas a Isabel por tê-la preocupado. Eu não sou

normalmente tão imprudente." Ela deu um sorriso apertado a Andras. "Boa noite, Andras. Lamento que tenha te preocupado, também."

Seu olhar deslocou para o abade e endureceu. "Eu vou ser mais cuidadosa no futuro."

Desta vez, ela tinha a porta parcialmente aberta quando a pergunta do padre a parou. "Princess Ondine, o que o nome Wyking significa para você?"

Exausta, ela olhou por cima do ombro dele. Os olhos brilhantes do padre estavam fixos nela, mas CC percebeu que Andras não estava olhando para ela, ao invés disso ele estava olhando para Abbot William, e sua expressão dizia que a pergunta do padre veio como um choque.

A palavra que ele disse soou muito como Viking que fazia sentido, ela percebeu. Esta era uma ilha e os Vikings tinham feito uma série de incursões durante a Idade Média ao longo da costa da Europa, ou pelo menos ela pensou que lembrava que eles tinham.

Ela abriu a boca para dar uma resposta rápida, negando qualquer conhecimento de qualquer coisa, mesmo que a palavra soasse familiar, mas uma ideia lhe veio. Lentamente, e distintamente CC ergueu o quadrado queixo e os ombros, forçando o cansaço de sua posição e substituindo-o com o que ela esperava era o porte real de uma princesa.

Ela sorriu cordialmente para o padre e disse: "Se você quer dizer Viking", ela enunciou a palavra com cuidado- "para mim, isso significa alto, loiro e vingativos guerreiros que não gostam quando algo que lhes pertence é maltratado por um outro. Senhores, boa noite. Mesmo uma princesa pode se cansar de responder perguntas." Alta e loura, pisou normalmente em seu quarto, fechando a porta firmemente atrás dela.

Capítulo 16

A insistente dor no corpo de CC a levou a acordar cedo na manhã seguinte. Tudo começou no fundo de seu estômago e a percorreu em uma onda de dor. Os sons distantes do oceano derramando através de sua janela, seduzindo e atormentando, ao mesmo tempo.

Ela estava deitada com os olhos fechados, respirando profundamente e tentando dominar seu tormento interno. Só mais uma noite, ela disse a si mesma, então ela poderia descansar em sua forma natural e que ela poderia estar com Dylan novamente.

"Dylan", ela sussurrou o nome do Tritão. Só o som do nome fez seu estômago agitar-se. Ontem à noite ela não tinha tido a oportunidade de pensar sobre o que tinha acontecido entre eles.

Após o seu confronto com Andras e o abade, ela só tinha sido capaz de manter os olhos abertos o tempo suficiente para pedir desculpas a uma silenciosa, irritada Isabel, tirar a roupa e cair na cama. Ela pensou que poderia ter adormecido antes de ter batido a cabeça na dura e estreita cama.

Mas esta manhã ela estava completamente acordada. O suave cinza da aurora encheu o seu quarto com uma vaga luz cor de ardósia, lembrando-a da névoa da noite passada. CC sorriu e se estendeu como um gato, a dor em seu corpo de repente se tornou secundária em comparação com memória do prazer. Ela queria estar com ele novamente e não apenas para que eles pudessem fazer amor, embora ela admitisse para si mesma que ela estava ansiosa para fazer isso de novo, também.

Queria ouvir a sua profunda e carinhosa voz enquanto ele explicava o fascinante mundo abaixo do mar para ela. E ela queria fazê-lo rir. Ela queria ele, todo ele.

"Eu o amo" ela falou rapidamente as palavras, em seguida, cobriu sua boca como se tivesse traído um segredo. "Oh, Gaia" ela respirava. "O que vamos fazer?" Sentando-se, ela chutou as pernas do áspero cobertor. A força aérea tinha lhe treinado para agir quando havia um problema a ser resolvido, não para se sentar e se preocupar.

Essa manhã, ela disse um silencioso agradecimento pela sua formação em crises mais cedo. Ela precisava da ajuda de Gaia, e um plano para isso já estava se formando em seu cérebro militar. Não querendo esperar até que Isabel decidisse ajudá-la, ela rejeitou o vestido multicamadas. Em vez disso, ela puxou o manto de lã crua que Isabel tinha deixado em seu quarto e tirou todas as suas jóias, exceto pelo amuleto de Gaia.

Então ela enrolou as mangas da túnica e usou um dos longos colares de pérolas preso como um cinto. Satisfeita com os resultados, CC se lembrou de fazer a cama antes de abrir discretamente a pesada porta de madeira

Examinando o corredor, ela ouvia atentamente. Nada se movia, e ninguém estava fazendo qualquer ruído. Ela percorreu silenciosamente na ponta dos pés o corredor, feliz pelas solas dos seus chinelos serem macios e não provocavam ruídos. Quando chegou à entrada do pátio, ela hesitou. Não, ela pensou com firmeza.

Absolutamente, ela não queria a chance de enfrentar Sarpedon. Mas ela precisava chegar à cozinha e à entrada da cozinha estava do outro lado da sala de jantar, que estava do outro lado do pátio. Ela fechou os olhos e visualizou a sala de jantar.

Lá estava, ela contou em sua cabeça, na entrada do pátio, a entrada que os funcionários usavam tinha que levar para a cozinha ou passar por ela ou os outros dois. Abrindo os olhos, ela olhou para o sombrio corredor que levava para longe do pátio.

Era, afinal, um corredor principal. Deveria levar a algo que eventualmente a levaria até a cozinha, ela decidiu rapidamente. Ela definitivamente preferia ficar perdida e cambalear para dentro do quarto de um monge devasso do que ficar cara a cara com Sarpedon.

Quando o corredor chegou a um T, CC escolheu a bifurcação da esquerda e deu um suspiro de alívio quando o cheiro de mingau quente fluiu para ela. À frente ela podia ver que o salão virava para a esquerda novamente, e ela pensou que a partir daí, provavelmente dava em algum lugar perto da área da sala de jantar.

Rapidamente, ela recolheu seu manto, pronta para correr em frente, quando ela ouviu o som de duas conhecidas vozes. Ela desacelerou, andou silenciosamente nas pontas dos pés até que ela pudesse escutar as palavras, então ela parou, escutando atentamente. "Mas um Wyking?" Andras soou tão chocado como tinha olhado na noite anterior, quando o padre tinha mencionado a palavra. "Eu não teria pensado isso."

"Depois que você recebeu a notícia ontem à noite, como você pode duvidar? Os pagãos foram invadindo as margens do novo continente. É simplesmente muita coincidência que ela foi descoberta ao mesmo tempo. Ela estava muito possivelmente envolvida na invasão. Sabe-se que os Wykings educam as suas mulheres, então porque não envolvê-las em seus saques, também?"

"É tão difícil para eu acreditar. Você tem certeza, padre? Ela participava das cerimônias católicas. E ela tinha uma conexão com a Mãe Abençoada, como poderia um não cristão ter uma ligação com ela?"

"Ela é uma princesa. Ela poderia facilmente ter sido amamentada por uma escrava que tenha sido capturada nas nossas costas. A pobre mulher provavelmente tentou o seu melhor para inspirar em Ondine a verdadeira religião. Você deve se lembrar, porém, que ela se recusou a tomar a Santa comunhão." ele disse, auto-satisfeito e orgulhoso. "Meu filho, e a sua beleza que te enganou." A voz do abade tornou-se quente e paternal. "Desde o começo eu sabia que ela era má. Olhe para o berrante mostrar de riqueza em que ela está envolta, e sua estatura anormalmente alta. E lembra-se como franca e intencional, ela se tornou ontem à noite?" CC puxou o lábio inferior; pena que ela não manteve um melhor controle do seu temperamento na noite anterior.

"E eu simplesmente pensei nela como exótica e bela". Mesmo que CC não amasse o cavaleiro, ela se sentiu picada com a traição em suas palavras.

"Os pagãos pretendem nos levar a esquecer de nós mesmos", veio a resposta do padre. "Então, meu tempo aqui tem sido desperdiçado, e minha busca para encontrar uma mulher que trazer Caer Llion de volta ao seu estado original de glória falhou."

CC piscou em choque. Andras estava em uma caça à esposa e suas jóias e seu título tinham feito Ondine parecer a presa perfeita. Ela balançou a cabeça em desgosto pessoal. Por que ela deveria estar tão surpresa? Nobres vêm se aliando a eles mesmos com a riqueza e terra por séculos.

Na verdade, casamentos arranjados era provavelmente a norma antiga do País de Gales. O que seria incomum casar-se por amor. E ela teve que admitir que sentia uma sensação de alívio. O cavaleiro não a amava. Claro, ele desejou seu corpo, mas pelo menos ela não tem que se sentir culpada por quebrar seu coração.

"Não vamos descartar as possibilidades da princesa precipitadamente" continuou o abade William. "Você teria que me aliar Caer Llion com os nórdicos?"

"Talvez". CC podia ouvir Andras começar a gaguejar uma resposta, mas o abade o interrompeu. "Na verdade, os Wykings são assassinos pagãos, ladrões e patifes, mas eles têm riqueza. Caer Llion está longe o suficiente no interior, você não precisa se preocupar que sua família poderia aparecer em sua porta, assim a aliança seria muito tênue." Em outras palavras, CC pensava com raiva, Andras deveria apenas pegar o dinheiro e a garota e fugir.

"Lembre-se, uma vez que ela seja sua esposa, ela é sua propriedade para fazer como você desejar." A voz do abade era manhosa. "E ela estaria fora do alcance do seu povo pagão. Claro que você teria imediatamente que corrigir o seu espírito voluntarioso e ter certeza de que sua formação religiosa é completada."

"Eu já tinha decidido que se ela se tornasse minha esposa ela teria que reduzir a sua língua e no final o seu inaceitável comportamento." Ele fez um som de escárnio sarcástico. "Andar sozinho à noite não é o comportamento de uma boa esposa cristã!"

"Basta lembrar a regra de ouro, meu filho." A voz do padre parecia satisfeito. "Você não pode golpeá-la com alguma coisa mais grossa que o dedo polegar, não importa o quanto ela incomode você, ou como ela é merecedora da mais dura disciplina." A boca de CC caiu aberta em estado de choque.

"Não me agradaria golpeá-la, mas eu entendo que é meu dever." disse Andras.

"Não tenho dúvidas de que faria seu dever." CC pensou que o abade parecia quase tonto com a perspectiva, mas seu tom de voz mudou e tornou-se mais sério, quando ele continuou.

"Há uma coisa que me preocupa muito. Não estou certo de que seu andar sozinha à noite é totalmente inocente." CC tentou segurar seu coração de bater quando se esticou para pegar cada palavra. "Ela pode ter tentado entrar em contato com seu povo." CC piscou surpresa.

Como foi que ela deveria ter feito isso? "Como poderia ela, abade?" Andras repetiu sua pergunta.

"Por todos os seus supostos vínculos com a Santa Mãe, eu acredito que ela é pagã, e talvez até mesmo uma feiticeira." Ela ouviu claramente a acentuada respiração do cavaleiro. "Ela poderia ter lançado um feitiço em uma tentativa de contato com os nórdicos. Você não reparou como a misteriosa névoa subitamente cercou Caldei? Poderia ter sido o seu encantamento em uma tentativa de cobrir seu uso de magia negra. Desde a chegada de Ondine, Caldei foi preenchido com uma sensação de desconforto." O abade fez uma pausa, e nenhum dos homens falaram por várias respirações. "Eu também senti alguma coisa."

Andras voz era quase um sussurro, mas era levado para os atentos ouvidos de CC como um sino de igreja. "Eu não queria falar disso, mas eu senti a discórdia dentro destas boas paredes." "Eu não posso ajudar, mas concordo com você, meu filho. A presença da mulher aqui, de alguma forma está causando o mal".

CC pensava que o abade soava mais satisfeito do que chateado com a perspectiva. "E, sabendo disso, você ainda acha que eu deveria pensar em casamento com ela?"

"A regra de ouro, meu filho. Não se esqueça da regra de ouro. E não subestime o poder de um marido forte, temente a Deus. Acredito que quando ela está longe do mar e da possibilidade de contato com outras pessoas das nações, ela será capaz de ser controlada. Claro, você pode optar por não se casar com ela em tudo."

"Então, o que será de Caer Llion?" Andras perguntou.

"A princesa poderia ser resgatada. Verdadeiramente, um dote seria provavelmente mais rentável do que um único pagamento de resgate, e os comerciantes Wykings são notoriamente difíceis, mas então você estaria livre dos problemas que ela poderia criar, e você teria pelo menos uma parte do dinheiro necessário para a Caer Llion."

O padre parecia estar pensando em negociar um animal ou a compra de um imóvel. "Eu vou decidir o meu curso com a princesa em breve. Não é honroso dar a impressão de cortejá-la, quando eu estou, na verdade, só disposto a resgatá-la." CC ficou satisfeito ao ouvir que o cavaleiro fez soar sincero o seu desejo de não enganá-la.

Ele não era mau, ele era apenas um homem de seu tempo. "Não se preocupe, meu filho. Não há necessidade de uma decisão precipitada. Se seus poderes forem grandes o suficiente para realmente chamar os pagões, ela certamente não teria se permitido estar perdida todo esse tempo, e vai demorar algum tempo para seus escudeiros espalharem a notícia de seu resgate para então alcançar o seu povo. Talvez a resposta deles iluminem o caminho que você precisará tomar. "

"Como sempre, Pai, eu procuro você para orientação."

"Você foi sábio quando criança, e você tem se tornado um bom homem." A voz do padre foi melancólica. "Eu sempre desejei que você não fosse o primogênito de seu pai, de modo que você poderia ter entrado no sacerdócio. Mas Caer Llion precisa de você, e o meu desejo não era para ser." As sobranceiras de CC se levantaram. Ela pensou que sabia exatamente o verdadeiro desejo do Abade William para o cavaleiro, mesmo se Andras recusasse a ler entre as linhas muito sugestivas de William.

"Você me lisonjeia, Abade."

"E você me agrada, meu filho..." A boca de CC se contorceu em uma careta enquanto silenciosamente refez seus passos. Ela não tinha necessidade de ouvir a conversa deteriorar-se em um concurso de "Você é tão nobre, não, você que é tão nobre". E de qualquer maneira, ela ouviu o que precisava. Eles acreditavam que ela era uma Viking pagã que tinha poderes mágicos.

Bem, pensou ela, sua careta transformando-se em um sorriso, um em cada três não foi tão ruim. Ela tinha mágica. Isso ela sabia com certeza. Também sabia que não ia ser propriedade de ninguém, se esse alguém for Andras ou Sarpedon...

Ela andou alguns metros de volta pelo corredor antes de ter virado e começado a fazer barulho pelo caminho até a entrada da sala de jantar. Sorrindo, ela começou a cantarolar em voz alta a canção tema da USAF, ouvindo o "Lá vamos nós, na imensidão azul..." cantando em sua cabeça. Ela fingiu não notar o cavaleiro e o abade até Andras limpar a garganta, então ela pulou e deu uma risadinha de menininha.

"Oh, você me assustou! Eu não sabia que mais alguém estava na sala. Bom dia Andras, Abade Williams. A aurora não é maravilhosa?"

"Bom dia, Ondine". A voz do Cavaleiro soou forçada e artificial. "Estou surpreso com o seu traje, princesa Ondine".

O padre agitava os dedos no manto monástico que ela usava. "Eu ousaria dizer que nossas simples vestes são singelas para o seu aguçado gosto."

CC suspirou e pintou o rosto com uma expressão de muito sofrimento. "Muitas pessoas acreditam que princesas tenham que ser constantemente envolta em jóias e seda. Isso simplesmente não é verdade. Como é que nós conseguiríamos ter o trabalho feito?"

O padre levantou uma única e arrogante sobrancelha para ela. "E que trabalho que poderia haver aqui para você fazer, princesa?"

"Prometi que iria restaurar a estátua da Santa Mãe." ela repreendeu. "Surpreende-me que você tenha esquecido de uma tarefa tão importante."

Pela primeira vez, o sacerdote não tem um comentário eloquente à espera. CC percebeu que ele realmente tinha esquecido e pressionou a sua vantagem, dirigindo rapidamente para a saída dos serventes. "Eu só irei para a cozinha e ver se os servos me emprestam algum material de limpeza." Andras finalmente encontrou sua língua.

Falando rapidamente, ele disse "Ondine, eu posso ajudá-la com a coleta e transporte do seu material."

"Não, Andras, isso é algo que eu preciso fazer sozinha. Eu sinto uma ligação especial com a Virgem Mãe, e eu acho que é importante que ela seja cuidada por outra mulher, mas obrigado. Você sempre parece estar olhando para o meu bem-estar. Eu aprecio muito sua consideração." Ela sorriu calorosamente para ele e ficou contente ao ver a mudança em seu rosto, culpa em seu lugar.

"Princesa Ondine, estaremos vendo você na missa hoje à noite?" perguntou o abade.

"Sim, abade William, agrada-me dizer que você estará vendo um monte de mim na capela. A estátua da Mãe de Deus está em um triste estado de abandono, e terá muito trabalho para ser restaurada." disse ela sobre seu ombro enquanto ela desapareceu na sala dos funcionários. Ugh. Que homem horrível!

Capítulo 17

O salão realmente abria para a área da cozinha, que era um aposento enorme, imaculadamente limpo e alegre. Penduradas no teto com vigas baixas estavam dezenas de diferentes tipos de ervas, muitas das quais CC estava contente por ter reconhecido. As paredes da cozinha eram revestidas com lareiras, grandes e pequenas. Isabel e três mulheres que CC não tinha visto antes estavam ocupadas preparando o que provavelmente seria a refeição do meio da manhã. Nenhuma delas percebeu CC na entrada sombreada, e ela aproveitou a oportunidade para estudá-las. Era fácil perceber um padrão nas mulheres escolhidas para serem servas no mosteiro. Cada uma delas era velha e de alguma maneira desfigurada. O lado direito do rosto da mulher amassando um impressionante monte de massa de pão era caído e flácido, dando-lhe uma aparência parcialmente desfigurada. A mulher que estava cortando batatas e cebolas, o fazia com apenas uma mão, segurando sua inútil mão esquerda retorcida firmemente contra seu corpo. A terceira mulher, que estava arrancando as penas de uma galinha gorda, fazia-o curvada em um ângulo estranho causado por uma grande corcova nas costas.

CC sentiu a queimação lenta da raiva em sua garganta. O abade poderia muito bem ter colocado um enorme cartaz pendurado no pescoço de cada mulher dizendo: eu sou permitida aqui porque os homens não me acham atraente. Não admira que Isabel não gostasse dela à vista.

Sobre um ardente fogo baixo estava suspenso um enorme caldeirão enegrecido no qual Isabel, de costas para CC, estava lentamente acrescentando alho amassado e folhas de manjerição.

"Isso cheira maravilhoso," CC disse. Cada mulher pulou de surpresa ao som da sua voz. CC sorriu calorosamente para Isabel. "Eu não sabia que você fez o ensopado. Se eu soubesse, teria lhe dito mais cedo como é delicioso. Você é uma cozinheira maravilhosa."

CC não podia ter certeza, mas imaginou que o súbito rubor no rosto enrugado de Isabel poderia ter sido de satisfação com o elogio inesperado. Ela virou-se e incluiu as outras mulheres em seu sorriso.

"Bom dia! Certamente é bom ver rostos femininos. Eu tenho me sentido meio em desvantagem numérica recentemente." Ela acenou com a cabeça para trás em direção ao resto do mosteiro. Quando as mulheres não falaram, mas continuaram a olhar, ela só alargou o seu sorriso. "Meu nome é Ondine".

Isso pareceu descongelá-las para a ação, e as três mulheres se inclinaram rapidamente, dobrando os joelhos desajeitadamente e murmurando saudações de sentido geral. Isabel foi mancando para o seu lado.

"Princesa, você está perdida?"

"Não, eu estava procurando a cozinha."

"Eu não pensei que você fosse despertar tão cedo ou eu teria ficado lá para ajudá-la a se vestir".

"Ah, não é por isso que eu estava procurando a cozinha. Preciso pegar alguns materiais de limpeza para levar para a capela. Eu pensei que a cozinha seria um bom lugar para encontrar um balde e alguns panos, bem como água e sabão. Será que pensei certo?"

"Sim, princesa, mas tudo que você precisa fazer é me dizer o que você deseja limpo; você não precisa supervisionar os detalhes." O choque da aparição repentina de CC passara e o tom de Isabel voltou a ser cortante com sarcasmo fracamente velado.

"Oh, eu não quero que você faça a limpeza - eu farei." CC ficou satisfeita quando os olhos de Isabel se arregalaram de surpresa. "Tudo que eu preciso é que você me mostre onde eu posso pegar o material." Ela olhou para cada mulher enquanto continuou falando. "Vocês sabiam que há uma bela estátua da Virgem Maria na capela?" Todas as mulheres permaneceram em silêncio, mas CC acenou com a cabeça para o grupo como se tivessem lhe respondido. "Aparentemente, ninguém sabia sobre ela. É uma tragédia. Ela obviamente tem sido ignorada e negligenciada durante anos. Encontrei-a ontem durante a missa e prometi à Mãe que iria restaurá-la." Ela voltou seu sorriso para Isabel, que estava olhando para ela como se tivesse perdido a cabeça totalmente.

"Vai limpá-la você mesma?" Isabel perguntou, incerta se ela tinha ouvido CC corretamente.

"Sim. Não tenho medo de ter minhas mãos molhadas," CC disse, adorando sua própria piadinha pessoal. "Então, se você apenas me apontar um balde e sabão, vou começar a trabalhar."

Estarrecida, Isabel apontou para uma área próxima à mulher corcunda que estava depenando o frango.

"Obrigada!" CC disse. Cheia de propósito, ela atravessou o cômodo e pegou um balde vazio.

"Tem água no barril, panos e sabão ali, princesa." A mulher corcunda apontou para um armário próximo a uma das lareiras pequenas que pareciam ser fornos.

CC sorriu seus agradecimentos e pegou um balde. Havia uma grande concha pendurada ao lado do barril de água fresca, e ela rapidamente encheu o balde, então pegou vários panos limpos e uma barra bruta de sabão de odor forte no armário.

"Qual o caminho para a capela?" perguntou para Isabel.

"Esse corredor vai levá-la para os jardins. Você pode encontrar o caminho de lá, princesa?"

CC concordou. O balde estava pesado, e ela estava feliz que o corpo de Ondine era alto e forte. Antes que ela saísse do aposento virou-se, falando para todas as quatro mulheres.

"Eu aprecio sua ajuda. E, por favor, vocês não precisam me chamar de princesa. Meu nome é Ondine - e eu sou apenas outra mulher em um lugar cheio de homens."

Satisfeita com seu comentário de despedida, seu sorriso não vacilou nem mesmo enquanto ela se esforçava em seu caminho através dos jardins perfeitos, ocasionalmente deixando cair água sobre suas vestes e nitidamente ignorando os olhares chocados de monges já ocupados com as tarefas da manhã.

"Eles agem como se nunca tivessem visto uma mulher trabalhar antes", murmurou. Subindo os degraus até a capela ela tentou não olhar para as horríveis interpretações do inferno esculpidas em torno da entrada, mas seus olhos não podiam deixar de se prolongar sobre eles. Por algum motivo, elas eram ainda mais perturbadoras na segunda vez que os viu, mesmo que desta vez ela estivesse preparada para eles. Ela hesitou, procurando na pedra por algum vislumbre de esperança e salvação, mas cada cena refletia apenas desânimo e desespero— condenação eterna e dor.

"É como um terrível acidente de carro que eu não consigo desviar o olhar", ela sussurrou. Sacudindo-se, ela forçou seus olhos para longe da arte macabra e entrou no edifício sombrio saturado de incenso. Mesmo a suave luz cinzenta da madrugada era brilhante em comparação com a escuridão de dentro, e CC parou por um momento, piscando para acostumar-se à escuridão.

A capela estava deserta, exceto por dois monges que estavam ajoelhados diante do monte de velas cintilantes que estavam à direita da nave. Quando olharam para ela, ela sorriu uma saudação a eles. Eles a reconheceram com breves acenos antes de retornarem ao seu monótono canto.

Como se um ímã a estivesse puxando, CC fez seu caminho ao longo da parte traseira da capela para o lado esquerdo profundamente sombreado. Duas ardentes velas brilhantes a chamaram de volta para estátua esquecida. Ela parou em frente a ela, levando um momento

após colocar o balde no chão para recuperar o fôlego. Ela não estava errada. A fascinante estátua tinha o rosto inconfundível de Gaia.

Primeiro, ela pensou, ela deveria ter mais luz. Sem hesitação, caminhou para a parte frontal da nave. Ela estava carregada com velas apagadas e longos pedaços secos de ramos que eram obviamente usados para acendê-las. Juntando tantas quanto seu manto volumoso poderia segurar, ela andou o caminho de volta para a estátua. Então, ela trabalhou na colocação das velas ao redor da estátua e acendeu-as. No momento em que seu pequeno canto da capela brilhou com luz, sentiu os olhos dos monges em suas costas. Olhando rapidamente por cima do ombro, ela os apanhou olhando para ela.

"Irmãos, por favor, adicionem às suas orações aquelas para a renovação da estátua da Virgem. Está muito atrasada." Sem esperar pela resposta deles, voltou para o trabalho à sua frente. Era pior do que tinha percebido no dia anterior. A estátua estava lascada e suja, mas isso não era tudo. Esse lado inteiro da capela parecia ter sido ignorado. Sujeira e aranhas governavam supremas. Quando CC mergulhou o primeiro pano para dentro do balde ela teve certeza de que ouviu algo arrastar-se nas sombras.

Rangendo os dentes, ela passou a barra de sabão contra o pano úmido, dizendo-se repetidamente que coisas rastejantes tinham mais medo dela do que ela deles, embora sinceramente não soubesse como aquilo poderia ser verdade.

Enquanto trabalhava, ela pensou e rezou. Ela pediu orientação a Gaia e tentou pôr em ordem o emaranhado de seus próprios sentimentos. Não demorou muito para perceber que entender que estava apaixonada não era a resposta para tudo - em vez disso, era o começo de muitas perguntas mais.

Logo, ela caiu em um ritmo de limpeza. Ela sempre tinha sido amante de manter tudo arrumado e em seus devidos lugares - essa foi uma das razões pelas quais a força aérea havia sido um bom ajuste para ela. A limpeza militar era uma coisa boa, não sem paixão e artificial como os jardins do mosteiro; apenas tudo no lugar em que pertencia e tudo na melhor forma possível. CC rasgou um dos panos no meio horizontalmente e usou para amarrar seus cabelos grossos para trás de seu rosto. Três vezes ela fez a caminhada através do jardim à cozinha para pegar água limpa. As mulheres ainda não falavam com ela a menos que ela lhes falasse primeiro, mas Isabel tinha uma caneca de chá de ervas e um pedaço de pão pronto para ela após a segunda viagem, e em sua última viagem a mulher com a mão atrofiada sorriu timidamente para ela.

Ela notou que o sol estava bem elevado e que o dia estava agradavelmente quente, mas estava muito ocupada limpando para prestar atenção em muita coisa — até que ela

endireitou-se, gemendo e esfregando uma torção em suas costas. Se alongando, ela recuou e estudou sua obra.

"Oh!" Ela suspirou, impressionada com a beleza repentina da estátua. A Virgem recém-limpa parecia brilhar com vida. A luz quente das muitas velas iluminava o azul do seu vestido e o ouro profundo do seu cabelo, e parecia que ela estava cercada de um halo de cor suave.

"Você está fazendo um trabalho maravilhoso. Filha." A voz de Gaia veio por trás dela, e CC virou-se para encontrar a deusa sentada na beira de um banco próximo. Hoje ela estava usando um vestido de seda tão branco e etéreo que parecia que a deusa tinha encontrado uma maneira de capturar uma nuvem e envolver-se nela.

CC olhou ao redor da capela. Ela não tinha ideia de quando os dois monges tinham ido embora, mas estava aliviada por ver que o prédio estava deserto.

"Estou feliz que você pense assim." Ela limpou as mãos molhadas na veste manchada de sujeira e caminhou até Gaia. Com um suspiro sentou-se no chão aos pés da deusa. Encostando-se ao banco, ela sorriu para Gaia. "É um trabalho cansativo, limpar toda aquela imundície."

Os olhos de Gaia se voltaram para a estátua. "Ela tem sido esquecida por anos. Eu quero que você saiba que está lavando mais do que simples sujeira. Você está lavando ódio e negligência."

"Como eu poderia fazer isso? Eu não entendo."

"Você vai entender, filha. Vai entender" A deusa estendeu a mão e alisou um fio de cabelo para trás do rosto de CC. Ao seu toque, CC sentiu um pouco do cansaço deixá-la. "Agora, sinto que você chegou a uma decisão. Você está pra me dizer?"

CC concordou. Olhando nos olhos da deusa, ela disse, "Estou apaixonada por Dylan, e quero passar minha vida com ele."

Por um instante CC pensou ter visto uma tristeza incrível passar sobre o rosto de Gaia, mas a emoção foi embora tão rápido que ela se questionou se tinha sido apenas sua imaginação.

"Dylan é uma sábia escolha", Gaia disse, tocando a bochecha de CC em uma carícia maternal.

"Você quer dizer exceto pelo fato de que eu não posso viver no mar sem Sarpedon matá-lo e me estuprar?" CC colocou o queixo nas mãos e apoiou os cotovelos sobre seus joelhos dobrados.

"Eu devo simplesmente pedir a Lir em seu nome."

CC olhou de soslaio para ela, não se deixando enganar pela leveza na voz da deusa.

"Se fosse realmente tão simples você o teria feito antes de agora," CC disse.

"Você não sabia que amava Dylan até agora", rebateu Gaia.

"Você acha que Lir vai ouvir você?" CC perguntou timidamente, quase com medo de ter esperança.

O sorriso de Gaia era o de uma sedutora. "Ele já ouviu antes. Você é prova disso."

CC quase revirou os olhos e disse que não queria ouvir os detalhes, mas parou em tempo. Então ela olhou para cima para ver a deusa observando-a com os olhos brilhantes, e ambas começaram a rir.

"Há algumas coisas que todas as filhas não querem saber", Gaia disse, enxugando as lágrimas divertidas de seus olhos.

"Você está certa sobre isso", CC, disse, em seguida acrescentou: "Na verdade, você está certa sobre a maioria das coisas. Então, eu gostaria de saber, você acha que eu estou tomando a decisão certa escolhendo Dylan?"

"Antes de eu lhe responder, gostaria que me respondesse uma pergunta, filha. E não pondere sua resposta; eu quero saber o primeiro pensamento que vem à sua mente." A pergunta foi objetiva. "O que você mais ama no tritão?"

Sem hesitação CC respondeu: "Sua bondade."

"Ah", a deusa suspirou. "Eu entendo. Então, sim, eu acredito que você tenha feito uma escolha sensata, pois quando a emoção do corpo dele desaparecer ou mudar, e as dificuldades de comprometer-se a apenas uma pessoa aparecerem, bondade será o bálsamo que alivia as feridas da vida."

"Obrigado, Mãe", CC disse suavemente, os olhos cheios de lágrimas.

Inesperadamente, Gaia descobriu que ela também tinha que piscar as lágrimas, e limpou sua garganta delicadamente antes que pudesse falar novamente.

"Eu irei chamar Lir esta noite. Talvez eu tenha notícias para você tão logo quanto amanhã à noite."

CC sentiu seu coração pular. "Então talvez eu não tenha que mudar de novo para a forma humana!"

Gaia devolveu o sorriso da moça, tendo o cuidado de não mostrar qualquer tristeza em seu rosto. "Talvez", ela repetiu. "Mas lembre-se, criança, os imortais têm seu próprio calendário, e os deuses, particularmente, não gostam de serem apressados. Lir pode precisar de alguma persuasão". Gaia balançou as sobrancelhas sugestivamente.

CC fez uma careta para ela, e elas se sentaram juntas em um silêncio harmônico, cada mulher perdida em sonhos do futuro, enquanto a deusa lentamente acariciava os cabelos da filha.

Após vários minutos CC disse, "Você sabe, não é apenas a estátua que está em má forma por aqui." Com um movimento do seu pulso, ela fez um gesto englobando todo aquele lado da capela. "Esta área inteira está uma bagunça. É como se alguém intencionalmente quisesse que esta parte da capela repelisse as pessoas. Você não acreditaria em todas as porcarias que eu encontrei, e tudo em que eu foquei até agora tem sido a estátua." Ela apontou para os cantos densamente sombreados. "Ainda não comecei a limpar por lá, mas cheira como se algum animal tivesse usado este local como banheiro. É nojento".

Gaia abanou a cabeça tristemente. "É o que William tem permitido, até mesmo incentivado. Ter a estátua da Mãe esquecida não foi suficiente para ele. Ele a queria suja e profanada."

"Por quê? O que há de errado com ele?" CC perguntou.

"William é uma alma complicada, e um excelente exemplo do que acontece com um homem quando ele abraça todos os aspectos negativos do poder. Ele controla através do medo e da manipulação, predando sobre a fraqueza dos outros, para que suas fraquezas não sejam descobertas. Esse é um caminho particularmente perigoso para um homem que escolheu o sacerdócio. Em vez de abraçar o amor, ele incentiva seus seguidores a se voltarem para o medo e a negação em busca da salvação. Na verdade, ele é um homem muito passional, que uma vez teve uma grande dose de amor para dar." Gaia suspirou. "Agora ele é um homem triste e amargurado. Tenho pena dele, mas estou aliviada que você não terá de ficar perto dele por muito mais tempo." A deusa sacudiu o cabelo para trás como se estivesse jogando fora um mau hábito. "Chega de pensamentos tão melancólicos! Eu devo me aprontar para chamar Lir, mas primeiro eu acho que devo dar a minha filha trabalhadora um pouco de ajuda com sua tarefa."

A deusa se aproximou da estátua. Surpresa, CC se levantou e a seguiu. Gaia parou diante da Virgem recém-limpa.

"Sim, eu me lembro muito bem que o jovem escultor dedicado queria acrescentar uma coisinha aos cabelos, mas o abade que encomendou o trabalho não podia pagar por ela..." As palavras de Gaia desapareceram enquanto ela sorriu secretamente para si mesma.

"Você conheceu o homem que a esculpiu?" CC perguntou, intrigada com a ideia.

"Claro! Como você acha que ele reproduziu tão bem minhas características?" Ela sorriu maliciosamente para CC. "Eu fingi ser uma pastora que calhou de cruzar o seu caminho enquanto ele estava orando em busca de inspiração para a estátua da Virgem. Foi um prazer atender as orações de um artista tão talentoso." Seu sorriso brincalhão alargou-se. "Sempre acreditei que a arte não deveria ser controlada pela carteira de alguém. Você concorda, Filha?" Sorrindo, CC concordou.

"Bom! Então vou terminar o trabalho do escultor."

CC observou enquanto a deusa manteve aberta sua mão esquerda, palma para cima. Com sua mão direita ela rodou o ar acima de sua palma até que CC pode ver claramente um pequeno tornado de brilhos que pareciam pó de ouro flutuante. Falando à roda de poeira, a deusa entoou, *"Complete o que o artista começou. Assim tenho dito; assim será"*. Então, ela soprou suavemente sobre a pequena espiral, que se desfez. Em um banho de cachoeira dourada, a poeira caiu sobre a estátua, formando-se como uma nuvem de fadas no cabelo de Maria. Por mais um instante ela piscou e brilhou magicamente, então Gaia fez um pequeno som de estalo, língua contra dentes.

"Não tão brilhante, belas", ela disse, e o brilho intermitente diminuiu para um brilho mais terreno de simples ouro fundido.

"É tão lindo!" CC exclamou, então ficou séria. "Mas será que isso não fará o Abade William me fazer um monte de perguntas difíceis de responder, tipo 'Como você lançou um feitiço sobre a estátua, princesa?'" CC fez uma carranca, imitando o tom afetado do abade.

Gaia riu levemente. "Não, criança, assim ele teria que admitir que sabia como a estátua sagrada parecia em sua glória, provando assim que ele propositalmente permitiu que ela fosse esquecida e mal aproveitada." Ela balançou a cabeça. "Isso abriria muitas perguntas difíceis de responder para ele. Ainda há gente boa sobrando em Caldei, pessoas que iriam se chatear com a profanação intencional da imagem da Virgem. William não quer fazer nada para despertá-los de sua apatia." Ela tomou a mão da filha.

"Mas saiba que mesmo que ele não vá mencionar o seu adorno, ele vai reconhecer que foi adicionado à estátua, e saberá que você é responsável. Cuidado com ele, especialmente

hoje à noite e amanhã pela manhã, quando eu posso estar de outra forma ocupada e incapaz de chegar rapidamente se você tiver necessidade de mim."

"Eu vou ser cuida—", ela começou a dizer, mas o som de alguém entrando na capela interrompeu-as.

CC olhou para as portas para ver a forma distinta do corpo manquejante de Isabel emoldurado contra a luz exterior. De repente, a deusa foi embora. CC suspirou, mas fez uma cara feliz quando Isabel se aproximou.

Isabel olhou ao redor do santuário. "Eu pensei ter ouvido você falando com alguém, princesa."

"Eu estava conversando com a Santa Mãe, dizendo-lhe quão maravilhosa ela parece."

A velha mulher virou seu olhar questionador para a estátua e seus olhos se arregalaram, imediatamente se enchendo de lágrimas. Tremendo, ela se aproximou da Virgem e caiu de joelhos na frente dela com uma graça que surpreendeu CC.

"Olhe para ela! Eu nunca vi nada tão bonito. É como se a Santa Mãe brilhasse com vida." Isabel abaixou a cabeça e apertou as mãos. Quando ela tinha acabado de rezar, ela ajoelhou e levantou-se instável em seus pés. Então virou-se para encarar CC.

"Você fez isso. Você a trouxe de volta à vida. Obrigado", Isabel disse simplesmente.

"Não há nenhuma necessidade de me agradecer, Isabel. E de qualquer maneira, em um lugar cheio de homens, as mulheres precisam ficar juntas. Você não pensa assim?"
"Sim, princesa."

Desta vez, quando Isabel usou o título ela fez isso com um sorriso, transformando-o de uma formalidade para um termo carinhoso. CC mal pode acreditar em como aquele sorriso verdadeiro transformou o rosto da velha mulher. Pela primeira vez, CC vislumbrou a Isabel mais jovem que se escondia atrás da máscara de amargura da velha mulher.

"Você deve estar com fome, Ondine. Trabalhou durante todo o dia. É quase hora das Vésperas*".

*N.T.: A sexta das sete horas canônicas do ofício divino. N.R.: é celebrada ao fim da tarde.

CC ficou surpresa que tanto tempo tinha se passado. "Parece que não deveria sequer ser o meio-dia ainda." Ela olhou para sua túnica encardida. "Embora eu adoraria ficar e observar as reações dos monges quando virem pela primeira vez a nossa estátua, eu não acho que estou vestida apropriadamente para as Vésperas".

O rosto de Isabel se dividiu em outro sorriso feliz quando CC usou a palavra nossa, para descrever a estátua, e CC sentiu uma onda de prazer na alegria evidente da velha mulher.

"Vamos mudar esta túnica suja para roupas limpas", disse Isabel.

"Roupas limpas soa maravilhoso", disse CC.

Ela esvaziou o balde de água suja lá fora, e ela e Isabel caminharam lentamente pelo jardim, conversando sobre que materiais de limpeza CC precisaria na manhã seguinte para continuar a renovação.

Eles pegaram um pequeno desvio no caminho e atravessaram uma área dos jardins que CC não reconheceu. Aquela parte dos jardins carecia de flores, mas em ambos os lados caminho foi dividido fileira após a fileira por pequenas plantas de aparência elegante. CC parou para dar uma olhada na vegetação.

"Oh!" ela disse com um suspiro encantado. "Ervas! Isabel, olhe." CC pisou cuidadosamente na ponta dos pés entre as linhas, então se inclinou e passou a mão sobre a planta mais próxima. Tinha folhas verde-escuras com bordas levemente irregulares. Ela inspirou profundamente o perfume maravilhoso. "Hortelã." O olhar dela se desviou e ela acariciou outras folhas. "E manjerição, coentro e salsa." Ela riu. "Não, quero dizer, salsa e coentro. É fácil confundir os dois". Ela sorriu para Isabel que estava olhando para ela com evidente surpresa.

"Você tem conhecimento de ervas?"

CC concordou. "Não tanto quanto eu gostaria de ter, mas sempre cultivei coisas. Eu adoro cavar na sujeira e saber que foi por meu próprio esforço que o meu chá de hortelã tem um sabor tão maravilhoso. Na verdade", ela fez uma pausa, escolhendo as palavras com cuidado, de modo que ela não queria ofender a velha mulher.

"Você já pensou sobre a adição de hortelã em seu ensopado maravilhoso? Eu acho que iria complementar a carne de carneiro muito bem."

A velha mulher piscou como coruja.

"Eu não quis ofendê-la", disse CC rapidamente, preocupada com o silêncio de Isabel.

"Seu ensopado ainda é o melhor que eu já provei."

"Você não me ofendeu. Você me surpreendeu. Creio ter me enganado em minha opinião sobre você, Ondine, e quando estou errada eu não demoro em fazer correções. Devo pedir-lhe que me perdoe."

"Não há nada a perdoar." O sorriso de CC refletia seu prazer com as palavras da velha mulher. "Você não me conhecia, e eu não conhecia você. Vamos apenas chamar isso de um mal-entendido."

"Um mal-entendido", a velha mulher repetiu. "Eu gosto disso. Também gosto de sua ideia da adição de hortelã em meu ensopado. Devemos colher alguns?"

"Juntas". CC sorriu.

"Sim. Juntas." Isabel devolveu o sorriso e as duas mulheres começaram a quebrar os topos das ervas perfumadas.

O avental de Isabel foi preenchido com hortelã, e ela e CC estavam conversando amigavelmente sobre os vários usos do coentro quando entraram na cozinha. As outras três mulheres olharam para cima, mostrando claramente a surpresa em seus rostos envelhecidos.

Isabel despejou a hortelã no balcão mais próximo. Vários cachos de cabelo prateado tinham escapado do seu coque e enrolavam-se descontroladamente em torno de seu rosto. Ela empurrou-os para trás das orelhas e sorriu, de repente lembrando CC de uma menina.

"Ondine me deu uma ideia maravilhosa para o cozido da noite." Isabel olhou para cada uma das outras mulheres. "A princesa é sábia no manejo de ervas".

"Bem, eu não chamaria isso de sábia. Eu só gosto de trabalhar com as plantas, e gosto de usá-las na minha própria cozinha", CC disse, um pouco constrangida com os inesperados elogios efusivos de Isabel.

"É uma mulher sábia, que compreende o manejo de ervas", a senhora corcunda falou baixinho.

CC sorriu para a velha mulher. "Eu gosto de trabalhar com as minhas mãos. Faz eu me sentir bem quando termino algo, e sei que é um trabalho bem feito."

"Oh, vocês devem ver a Santa Mãe!" Isabel exclamou. "É um milagre!"

"Não é um milagre", a mulher com a mão atrofiada resmungou. "É fácil constatar que a princesa simplesmente pegou a sujeira da Mãe e colocou-a sobre si mesma!" Então, ela gargalhou ruidosamente de sua própria piada.

As outras mulheres ficaram em silêncio, olhando CC para ver se ela se ofendera.

"Eu ainda acho que ainda poderia ser classificado como um milagre", CC disse seriamente. "Vocês já souberam de alguma razão para uma *princesa* ficar tão suja, quero dizer, a menos que ela fosse terrivelmente desajeitada e tivesse caído da garupa de seu cavaleiro, enquanto ele a estivesse levando para seu castelo de ouro". Ela colocou as costas da sua mão manchada de hortelã contra a testa suja e tentou sua própria versão de um desmaio condizente de princesa.

Isabel riu. "Princesa, acho que você precisa praticar o seu desmaio. Não parece muito..." Ela procurou por uma palavra.

"... crível." A mulher de rosto deformado terminou para ela, pronunciando a palavra ligeiramente.

"Não é crível!" CC se fingiu ofendida, pressionando a mão contra o seu coração. "Você me feriu!"

"Oh, lindo", a mulher com a mão atrofiada, disse. "Você é muito resistente para ser ferida tão facilmente."

CC sorriu para elas. "Bem, talvez vocês quatro gostariam de demonstrar para mim um desmaio crível?"

Quatro pares de olhos brilhantes olhavam para ela, depois um para o outro. Então o caos surgiu uma vez que cada velha mulher, em meio a muitas risadas e suspiros, caminhou com dificuldade em torno da cozinha, demonstrando sua própria versão de um desmaio crível.

CC não conseguia se lembrar de quando ela rira tanto. Ela tinha acabado de cair em uma cadeira, segurando seu lado e implorando as mulheres para pararem, quando um monge, que CC reconheceu como Irmão Pedro, explodiu na cozinha.

"O que está acontecendo nesta sala?" ele gritou. Então, ele deu a uma parada abrupta quando notou CC.

As mulheres ficaram sérias instantaneamente, e CC claramente viu um lampejo de medo em seus olhos.

Ela ficou de pé rapidamente, dirigindo-se ao monge no que ela esperava que fosse o tom mal-humorado e imperioso de comando real. "Você é o Irmão Pedro, não é?"

O monge concordou. "Sim, princesa."

"Como você pode ver pelo estado imundo da minha roupa, estive limpando a estátua da Virgem Mãe durante todo o dia. É um trabalho cansativo e tedioso, e eu precisava de alguma leveza. Claro que eu não queria incomodar qualquer um dos Santos Irmãos, por isso vim à procura de Isabel. Ordenei que ela e as outras servas me divertissem." Ela abanou a mão distraidamente na direção das mulheres congeladas. "Eu terminei de ser distraída agora." Ela sorriu graciosamente para o monge aparentemente confuso. "Obrigado por ter vindo averiguar. Por favor, transmita ao abade meu pesar por eu ter que perder a missa esta noite, mas como você pode ver eu não estou vestida para as Vésperas." Ela virou-lhe as costas com desdém.

"Sim, princesa", disse ele e saiu correndo da sala.

Quando ela teve certeza de que ele tinha ido embora, disse para as mulheres: "Os monges não têm muito divertimento, não é?"

As mulheres lentamente descongelaram, fazendo sons de escárnio em suas gargantas.

"Isso não significa que não podemos ter," CC disse. As mulheres lançaram para ela seus olhares duvidosos.

"Abade William diz que a alegria é pecado", disse Isabel, só que desta vez sua voz não soou presunçosa, como tinha soado das outras vezes que ela tinha repetido os ditames do abade para CC; desta vez parecia cansada e triste.

"E o que Jesus disse?" CC perguntou, e todos os quatro pares de olhos ficaram imediatamente atentos. "Ele disse: 'Deixai as criancinhas virem a mim.' Bem, crianças, especialmente crianças pequenas, riem e brincam e se divertem o tempo todo. Vocês não acham que se a felicidade fosse um grande pecado, então Cristo teria dito algo como, 'Deixai as criancinhas calarem a boca ou eu vou bater nelas e oprimi-las ao céu.' Ele não diria? "

"Você tocou num excelente ponto, Ondine," a mulher com as mãos enrugadas disse.

"Qual é seu nome?" Ondine perguntou a ela.

"Lynelle", ela respondeu com um sorriso brilhante, mostrando um monte de grandes dentes amarelos.

"E o seu?" Ondine perguntou a mulher com o rosto parcialmente paralisado.

"Bronwyn", ela falou devagar.

"Meu nome é Gwenyth", a senhora com a corcunda disse voluntariamente antes que CC pudesse perguntar.

"Senhoras, é uma grande honra conhecê-las. Eu sou a princesa Ondine 'Que Não Se Lembra De Nada Que Não Seja Seu Nome'," CC disse em sua melhor imitação de uma rainha britânica. Seu público gargalhou apreciativamente. Então, ela se dobrou em um arco de uma bailarina - e quase caiu de cara no chão quando seu pé pegou na bainha de seu manto. Rindo, Isabel a pegou. "Talvez eu devesse ajudá-la a sair desta túnica."

CC sorriu para ela. "Para algo mais majestoso?"

"Claro", disse Isabel, imitando a imitação real de CC. "Depois de você, minha senhora."

Ambas saíram da cozinha, acenando de maneira real para suas risinhas "súditas".

"Existe alguma maneira possível de eu poder tomar um banho?" CC perguntou enquanto elas fizeram seu caminho através da sala de jantar deserta.

Isabel acariciou a mão dela. "Vá para seu quarto. Vou pegar a banheira. Se ficar em pé nela, eu vou derramar a água sobre você."

"Posso ficar nua?"

Isabel tentou, sem sucesso, abafar um sorriso. "Se você insiste."

"Eu insisto", CC disse com firmeza.

"Eu na verdade não uso a minha camisa enquanto eu tomo banho", a velha admitiu.

"Eu sabia disso," disse CC.

Isabel franziu a testa fortemente alinhada com surpresa. "Como você sabia?"

CC inalou em sua direção. "Você não cheira mal".

CC podia ouvir as risadas da velha mulher muito tempo depois que ela desapareceu para ir buscar a banheira.

Capítulo 18

O estômago de CC soltou um ronco muito vulgar quando Isabel terminou de amarrar o vestido de fora.

"Esqueceu-se de comer, não é?" Isabel riu.

"Por favor, diga-me que há um pouco do seu maravilhoso cozido sobrando."

"Para você, sim. Afinal, você foi a única que pensou em acrescentar a hortelã."

"Ficou bom?"

"Ficou maravilhoso. Acho que Bronwyn ficou tão impressionada que ela pode até ter guardado um pedaço de seu excelente pão para você".

"Isso soa muito bem", CC disse enquanto elas se apressavam pelo corredor. "Você acha que os monges ainda estarão na missa da noite? Estou realmente cansada, e prefiro não ter de conversar com o abade e Andras." O árduo trabalho físico de limpar e lavar o dia todo, junto com o sempre presente desejo pela água a tinham esgotado, e a última coisa que CC precisava era discutir com o abade ou rechaçar as tentativas de cortejo de Andras.

CC podia sentir o olhar de Isabel. Quando ela falou, a voz da velha mulher parecia sábia. "É óbvio que você e o abade não gostam um do outro, o que certamente não é surpresa. Abade William desaprova a beleza, e você é a beleza personificada. Até eu a julguei duramente por causa de sua aparência."

CC começou a dizer algo, mas Isabel sacudiu a cabeça, não querendo ser interrompida. "Não, não me desculpe. Eu sou velha o suficiente para reconhecer quando o meu comportamento é insensato. Então isso explica por que você teria ressentimentos pelo abade, mas eu não entendo por que você não está contente com as atenções de Sir Andras. Parecia no início que você gostava de sua companhia, mas tenho observado vocês dois. Ultimamente parece que você está mais frequentemente irritada ou distraída quando está com ele do que não."

"Eu não pensei que eu estava sendo tão óbvia."

"É aparente apenas quando você está muito cansada." Isabel sorriu para ela. "E talvez só para outra mulher."

Elas começaram a atravessar o pátio, e CC mordeu o lábio inferior, incerta do quanto deveria admitir a Isabel. Ela olhou para o poço silencioso, mas ele parecia uma pilha comum de pedra. Bem, pensou ela, pelo menos ela não está me perguntando sobre isso.

"Perdoe-me, Ondine, se eu perguntei uma questão muito pessoal", disse Isabel.

"Não", assegurou-lhe CC. "Eu não me importo que você pergunte. Eu estava apenas tentando descobrir a melhor forma de responder-lhe." Ela suspirou, e decidiu contar-lhe a verdade ou pelo menos tanto quanto da verdade ela podia. Mentirosos não faziam bons amigos, e CC queria muito ser amiga da velha mulher. "Você está certa. No começo eu pensei que poderia ser capaz de me importar com ele, talvez até amá-lo. Ele parecia simpático, e é certamente bastante bonito."

Isabel fez um ruído positivo e acenou com a cabeça.

"Mas quanto mais tempo eu passei com ele, e melhor vim a conhecê-lo, o mais óbvio é que ele não é o homem para mim. Não é que ele seja um cara horrível ou algo parecido. Não é realmente culpa dele mesmo. A verdade é que ele e eu somos incompatíveis." CC inclinou a cabeça para Isabel e baixou a voz. "E esta manhã, o ouvi falar com o abade sobre mim. Eles estavam discutindo se ele deve ou não casar comigo e soava como se estivessem pensando em comprar uma égua de cria ou um pedaço de propriedade." Isabel levantou as sobrancelhas. "E isso te surpreendeu, Ondine?"

"Não realmente." CC suspirou. "Mas eu nunca iria me casar com um homem que pensasse em mim como sua propriedade".

Isabel piscou lentamente para ela. "Você deve ser de uma terra distante."

"Isso é uma coisa que sabemos com certeza", CC disse com firmeza. "Outra coisa que eu tenho certeza é que nem todos os homens pensam nas mulheres como propriedade. Alguns deles são gentis e respeitosos e nos consideram parceiras na vida." A voz de CC suavizou-se quando pensou em Dylan.

"Então você ama outro?" Os olhos da velha mulher brilharam, e CC não pode evitar sorrir de volta.

"Meretriz!" A palavra sibilou no ar por trás delas.

Ambas as mulheres engasgaram e viraram para encarar Andras. O cavaleiro estava de olhos arregalados e tão estranhamente pálido que parecia fantasmagórico. Seu cabelo loiro estava em desordem selvagem, e seus olhos se inflamaram com uma sinistra luz de prata.

"Meretriz!" ele assobiou. *"Não pense que você tem nos enganado. Nós sabemos o que você realmente é. Sabemos que você não é pura. Você se prostituiu e vai pagar o preço por sua traição!"*

CC se arrepiou ao som assustador de suas palavras. Elas ecoaram de sua boca com uma força sobrenatural. Nós? De quem ele estava falando? Seus pensamentos corriam por sua mente enquanto ela olhava para o poço. Pairando acima dele CC podia ver ondas escuras, como o calor subindo através do asfalto de uma estrada queimado pelo sol.

"Vá buscar ajuda!" CC sussurrou freneticamente para Isabel.

"Não! Eu não vou deixar você", ela sussurrou de volta. Então fez um gesto de enxotar para o cavaleiro e falou bruscamente com a voz confiante de uma avó irritada, "Vá embora, Sir Andras, deixe a princesa em paz. Se vocês dois tiveram um mal-entendido, há outras maneiras de resolvê-lo. Eu não acho que o abade aprovaria suas palavras não cavalheirescas."

Os olhos do cavaleiro se estreitaram quando ele respondeu Isabel. *"Sim, nós tivemos um mal-entendido."* Como cobras, seus olhos brilhantes se deslocaram para Ondine. *"Um que só poderá ser corrigido quando estivermos unidos. Eu terei o que é meu por direito!"*

Antes que CC pudesse se mover, Andras pulou para frente e agarrou seu pulso em um aperto muito firme.

Ao seu toque, o amuleto da deusa começou a irradiar calor. CC podia sentir seu poder crescendo rapidamente.

"Pare com essa charada tola," a voz desencarnada murmurou palavras quentes em seu ouvido. *"Você não pode mudar o final. Você será minha."*

Ela olhou nos olhos de prata e falou diretamente com o espírito que possuía o cavaleiro. "Nunca! Eu nunca serei sua, Sarpedon." CC se concentrou no poder da deusa que ardia dentro da pedra pendurada entre seus seios. Ela podia senti-lo como sentia o ir e vir da maré. O poder era fluido, e ela sabia que era dela para reivindicar. Em um movimento extremamente rápido, CC lançou o poder do amuleto para baixo dela e feriu o cavaleiro com um duro golpe em seu rosto.

Andras gritou enquanto o poder da deusa o jogou para longe de CC. Ele dobrou e caiu de joelhos. De onde estava, CC assistiu a fumaça escura dissolver-se no poço.

Exceto pelos sons da respiração irregular do cavaleiro, o pátio ficou em silêncio. CC se sentiu fraca, como se o golpe que tinha realizado tivesse drenado todas as suas forças. Ela recuou um pouco, e Isabel correu para lhe dar uma mão firme.

"Meu filho! O que é isso?"

O abade caminhou para o pátio, o manto vermelho batendo atrás dele como uma bandeira vermelha. Vários monges correram atrás dele, parecendo ratos brancos confusos. O padre fechou o espaço entre elas e ajudou Andras a ficar de pé.

"Abade William, o cavaleiro-" Isabel começou com uma voz trêmula, mas CC a interrompeu.

"Ele deve ter desmaiado." CC terminou para ela, apertando sua mão para mantê-la quieta. "Isabel estava acompanhando-me para jantar, e encontramos Andras deitado aqui no pátio. Ele não estava se movendo. Foi um choque."

"Sim", acrescentou Isabel. "Eu teria ido imediatamente ajudar, mas a princesa estava tão perturbada que eu não senti que poderia deixá-la."

CC enviou-lhe um olhar agradecido.

"Então Andras começou a se mover, e foi quando você entrou no pátio."

Todo mundo virou-se para o cavaleiro. O brilho de seus olhos estava completamente extinto, e suas feições tinham voltado ao normal. Sua expressão estava confusa. Suor grudava seus cabelos na cabeça e escurecia círculos molhados debaixo da túnica.

"E-eu me lembro de ter ouvido a voz de Ondine". Ele balançou a cabeça em uma tentativa de limpar a confusão de sua mente. "E o amuleto. Lembro-me do amuleto." Ele passou a mão trêmula pelo cabelo molhado. "Então não me lembro de mais nada até que ouvi sua voz, Padre".

"Não tenha medo, meu filho. Nós vamos descobrir o que é que estava nublando a sua mente." Sua voz era suave e paternal "Como essa influência fugiu de minha presença, o que quer que o tenha afetado deve ser das trevas porque fugiu da luz de Deus."

O padre não estava olhando para o cavaleiro enquanto falava; em vez disso, ele estudava CC. Ela pode sentir isso quando o seu olhar encontrou a lágrima de âmbar que pairava sobre sua longa corrente de prata. Na luz da noite parecia mais escura do que seu habitual dourado. Automaticamente, CC tocou o amuleto. O calor que ainda irradiava dele confortou-a. O abade aproximou-se de CC, estreitando seus olhos quando olhou para o pingente.

"O que é esse talismã pagão?" Sua voz perdeu o seu encanto delicado quando se dirigiu a CC. "Tire-o e me deixe examiná-lo."

CC balançou a cabeça. "Não é pagão, e eu não posso tirá-lo. É um presente da minha mãe." Os olhos do padre se estreitaram. "Agora você tem memória de uma mãe?"

"Lembro-me de seu amor e me lembro do seu presente", CC disse em tom desafiador.

"Eu devo examinar este presente", ele zombou.

Ele caminhou em sua direção em câmera lenta, e tudo que CC conseguiu pensar foi que ela sabia que o amuleto *iria* queimá-lo. Ele não tinha falhado em afastar a energia negativa para longe dela, e o padre era uma grande bola de energia negativa. Seus pequenos olhos de porco olharam para ela, e ela sentiu como se ela fosse hiperventilar.

É isso!, ela pensou. E com um suspiro que teria feito Lynelle, Bronwyn e Gwentyth se orgulharem, CC desmaiou dramaticamente.

Felizmente, os braços fortes de Isabel estavam lá para pegá-la, e as duas mulheres caíram no chão. CC deitou no colo da serva enquanto Isabel a embalava como uma criança. Engolindo o ar, ela vibrou suas pestanas, fingindo consciência parcial.

"Coitada!" Isabel disse. "Ela não comeu quase nada hoje. A criança tem estado desde a madrugada trabalhando para a Santa Mãe". Fora do canto de sua visão, CC podia ver vários dos monges fazendo o sinal da cruz reverentemente à menção da estátua. "Aqui!" CC sentiu um puxão quando Isabel agarrou o amuleto firmemente na palma da sua mão calejada. "Ele não queima. É apenas um presente de uma mãe amorosa. Sir Andras teve um ataque apoplético infeliz. O bom cavaleiro não está em seu juízo perfeito. Ele obviamente precisa de sua ajuda, como a princesa precisa da minha". Isabel falou com uma firmeza que pareceu chocar o abade em silêncio.

"Oh, Isabel, eu me sinto tão fraca", CC ofegou. "O que aconteceu?"

Isabel alisou o cabelo de CC para trás. "Se acalme, anjo, está tudo bem. Você vai se recuperar quando tiver comido."

Esforçando-se para ficar de pé, a velha mulher puxou CC com ela. "Agora peço-lhe que nos desculpe, Abade. Irei fazer com que a princesa seja cuidada e depois me retirar pela noite."

Isabel começou a mancar em direção à porta da sala de jantar, um braço envolto protetoramente em torno da cintura de CC. O mar de monges silenciosos se afastou delas.

"Até entendermos exatamente o que causou o ataque de Sir Andras, vou colocar um dos Irmãos do lado de fora da porta da princesa para protegê-la de *algum mal*." O som chicoteante na voz do abade fez as mulheres pararem.

CC manteve um abraço apertado em Isabel enquanto ela meio que virou para encarar o padre. Ele havia voltado para o lado do cavaleiro e sua mão estava descansando protetoramente sobre o ombro de Andras.

"Obrigada por sua preocupação com minha segurança", disse CC, permitindo que sua voz soasse fraca e instável.

"Tenho preocupação com todos os perdidos..." A voz do abade flutuou depois delas quando as mulheres deixaram o pátio.

"Eu não quero comer na sala de jantar", CC sussurrou para Isabel no corredor. Isabel assentiu em compreensão, e se dirigiram para a entrada da cozinha das serventes.

Lynelle foi a primeira a notá-las. Seu olhar de boas-vindas mudou imediatamente para um de preocupação.

"Sir Andras a atacou", disse Isabel de forma sinistra, levando CC para um banquinho grosseiramente entalhado que estava perto da mesa central. "Ela precisa de comida e bebida."

As quatro mulheres passaram a trabalhar como uma máquina bem oleada, e logo CC estava comendo um prato fumegante do excelente ensopado de Isabel com sabor de hortelã e alternando pequenos goles de uma caneca de chá de ervas e uma taça de rico vinho tinto.

"Beba todo o chá", Bronwyn falou indistintamente enquanto ela e as outras mulheres ciscavam em torno de CC como galinhas. "É camomila e rosehips*. Vai ajudar a acalmar seu estômago."

*N.T.: Rose Hips são os frutos, não completamente amadurecidos de espécies de rosáceas, ricos em vitamina C, usados como tônico, adstringente e calmante para a pele.

"E beba todo o vinho", Lynelle grunhiu em sua voz mal-humorada. "Isso vai ajudar com todo o resto."

CC sorriu fracamente para as velhas mulheres.

Isabel ofereceu-lhe uma segunda porção do guisado, que CC aceitou com entusiasmo. Quando Isabel colocou a panela fervendo na frente dela, perguntou: "Você se recuperou o suficiente para explicar?"

As outras mulheres pararam em seus afazeres, seus interesses despertados. CC assentiu com a cabeça lentamente.

"O cavaleiro não era ele mesmo?"

"Não, ele não era", respondeu CC, encontrando o olhar de Isabel de frente.

"Ele parecia estar possuído", disse Isabel.

CC ouviu os suspiros chocados das velhas mulheres, mas ela manteve os olhos em Isabel.

"Sim. Andras estava possuído por uma criatura chamada Sarpedon. Eu estava fugindo dele quando o cavaleiro me encontrou desmaiada na praia."

Isabel concordou. "Eu sabia. Eu podia ver claramente a mudança do cavaleiro, e esse era o nome que você usou quando falou com ele." A velha mulher respirou fundo antes que fizesse a pergunta seguinte. "Você não queria que o abade tocasse o seu amuleto Por quê?" A sala ficou em silêncio esperando a resposta.

"Porque eu não sabia o que ele sentiria se o tocasse. O que você sentiu?"

"Calor", Isabel disse simplesmente.

CC concordou. "Porque você não quer me prejudicar. Sarpedon queria, e o amuleto me protegeu. Eu acho que o abade me deseja mal, também. Eu não sabia o que aconteceria se ele tocasse".

"Você é uma feiticeira?" Isabel perguntou.

Ainda olhando em seus olhos, CC sacudiu a cabeça. "Não, eu não sou."

"Mas como você sabe?" Gwentyth interrompeu sem fôlego. "Você não se lembra do seu passado."

"Lembro-me mais sobre o meu passado do que eu posso admitir para vocês agora, e eu sinto muito por isso. Posso assegurar-vos, porém, que não sou uma feiticeira". CC olhou para cada mulher enquanto ela falou. "Mas eu acredito que as mulheres têm magia. Eu não quero dizer nada escuro e pecaminoso. Eu só quero dizer que acho que há algo de especial dentro de nós, e isso é uma parte do que faz de nós mulheres. Eu não acho que você tem que ser jovem ou bonita ou uma princesa para ter isso, você apenas tem que ser feminina e disposta a ouvir dentro de você e acreditar."

A sala ficou em silêncio enquanto CC continuou a comer, mas o silêncio não parecia tenso, em vez disso, parecia pensativo.

"Eu não tinha ideia de que eu teria que usar o que você me ensinou esta tarde tão rápido", disse CC, quebrando o silêncio com um sorriso.

CC foi cercada por olhares de confusão até que Isabel jogou a cabeça para trás e riu.

"Foi uma farsa! O desmaio foi uma farsa", disse Isabel alegremente, empurrando delicadamente as duas mulheres mais próximas dela. "Você deveria ter visto a nossa princesa. Como uma flor delicadamente maleável, ela desmoronou em meus braços." Isabel fez uma imitação grosseira do desmaio de CC e as mulheres gargalharam felizes.

"Provavelmente não tão verdadeiro quanto o meu desmaio", resmungou Lynelle antes de piscar para CC e recarregar o seu vinho.

CC bebeu o resto do vinho, grata pelo sussurro quente em seu estômago que ajudava a compensar a dor dentro dela que parecia estar ficando mais forte a cada minuto. Agora que o trabalho ou a conversa não a estavam distraindo, seu desejo pelo mar rolou através dela e juntou-se com a saudade que sentia de Dylan, quase a levando a estremecer com a dor. Amanhã à noite, ela lembrou a si mesma. Então, talvez ela nunca tivesse que abandonar a água ou Dylan novamente.

"Você está cansada, Ondine. Venha, deixe-me levá-la para a sua câmara." Isabel disse suavemente.

"Obrigado, senhoras. Agradeço a todas vocês. O jantar estava delicioso - quase tão bom quanto a companhia. E obrigada por confiarem em mim. "

Uma confusão de "Durma bem, princesa", seguiu CC e Isabel pela sala.

No meio da sala de jantar, CC parou. "Eu não quero voltar através do pátio. Podemos ir por outro caminho?"

"Certamente", disse Isabel, mudando de direção para a porta no final da sala através da qual CC tinha entrado naquela manhã.

"O espírito da criatura vem do poço, não é?" Isabel perguntou em voz baixa.

CC olhou para a velha mulher. Então, ela balançou a cabeça. "Ele está usando o poço para entrar no mosteiro."

Isabel olhou bruscamente para CC. “Essa coisa pode te machucar?”

CC balançou a cabeça lentamente. “Não diretamente, mas ele pode causar todo tipo de problemas para mim, como fez esta noite. E eu me preocupo com o que aconteceria se o abade ou mesmo Sir Andras percebessem o que está acontecendo.” CC virou-se para Isabel e agarrou as mãos nodosas da velha mulher. “Muito obrigada por não me entregar para o abade.”

O sorriso de Isabel era maternal. “Como você já disse, as mulheres devem ficar juntas.”

“E nós certamente ficamos juntas.”

As mulheres compartilharam um sorriso satisfeito que era decididamente feminino. Elas continuaram a descer o corredor escuro, balançando suas mãos unidas.

“Estou aliviada por saber que o espírito do mal não pode prejudicá-la. Mas eu também ficaria aliviada em saber...” Isabel disse pausadamente.

“Não, eu não acho que ele seja capaz de possuir você e as outras senhoras.” CC inclinou a cabeça para o lado e sorriu para ela.

“Isso é, a menos que qualquer uma de vocês esteja escondendo desejos ocultos pelo meu corpo.”

Isabel gargalhou e demorou alguns instantes para ela responder CC. “Estou certa de que falo verdadeiramente pelas outras mulheres quando digo que nós não sentimos tais desejos por você.”

“Estou contente em ouvir isso.”

Isabel bufou, e CC riu.

Elas andavam um pequeno caminho antes que CC falasse novamente. “Eu tenho que ficar no mosteiro por um pouco mais de tempo.”

Isabel piscou-lhe um olhar de compreensão. “Você está segura aqui”.

“Sim, e minha família está me ajudando.”

“Assim como a Santa Mãe”, disse Isabel com certeza.

CC apertou sua mão. "Sim, a Grande Mãe está me ajudando."

Elas viraram a esquina. Um monge um pouco gordo estava ajoelhado perto da porta do quarto de CC. Ele parecia estar em profunda oração.

"Seu guarda", cochichou Isabel.

"Mais como um carcereiro," CC sussurrou de volta.

As mulheres trocaram olhares sombrios quando entraram no quarto de CC, ignorando o monge ajoelhado.

Capítulo 19

CC lutou consigo mesma. Ela queria pular a janela, descer correndo o caminho até o mar e lançar-se em seu conforto molhado. Sentia falta de Dylan, e, claro, estava preocupada com ele também. Ela sabia que ele a esperava, tão certo quanto ela sabia que Sarpedon procurava por uma maneira de possuí-la.

Sua pele procurou lembrar dos olhos brilhantes e o toque da mão dele sobre sua pele. Gaia tinha-lhe dito para não ter medo do espírito do tritão, mas as palavras de Andras a tinham assustado. Ele havia dito: nós sabemos que você não é pura. Será que isso significava que Sarpedon sabia que ela amava Dylan? Ou ele estava falando sobre um caso imaginado com Andras? Se Sarpedon teve acesso à mente de Andras quando possuiu o cavaleiro, saberia que Andras e Ondine não eram amantes, o que dava ao 'nós' um significado ameaçador. Ele provavelmente sabia sobre Dylan. Será que ela não estava exatamente colocando Dylan em perigo se ela se encontrasse com ele de novo?

E depois, é claro, ela tinha que se preocupar com o abade. Antes do incidente no pátio, ele já acreditava que Ondine era uma bruxa Viking. Os acontecimentos do dia não tinham feito nada além de apoiar a sua crença, o que definitivamente deixou CC inquieta.

Se agitando aflita em sua cama estreita, ela queria desesperadamente chamar Gaia, mas sabia que não podia. Gaia poderia estar ocupada com Lir, e CC não podia interrompê-la apenas para perguntar-lhe uma sequencia de questões de auto-ajuda. CC suspirou. Ela precisava de Dylan. Ela ansiava ter o conforto de seus braços limpando o veneno da luxúria de Sarpedon, e a dor de estar separada do mar, mas esta noite a resposta tinha que ser que ela ficaria segura em seu quarto e tentaria dormir. Fechou os olhos. Ela havia sonhado com Dylan antes, talvez hoje ela sonhasse de novo...

Dylan nadava inquieto para frente e para trás ao longo da costa. Ele podia sentir a necessidade de Christine tão claramente quanto tinha sentido o medo dela mais cedo naquela noite, um medo que tinha de ter sido causado por Sarpedon. O tritão deve tê-la encontrado no mosteiro e descobriu uma maneira de abordá-la. A mandíbula de Dylan cerrou. Ele pode sentir quando ela usou o poder da deusa para frustrar o ataque de Sarpedon. Se ao menos ele pudesse estar lá ao lado dela!

Uma turma de peixes-anjo gigantes fugiu de seu caminho quando sua raiva fez com que as águas em volta espumassem e fervessem. Ele sentiu outra onda de frustração quando Christine lutou sozinha em terra contra a sua necessidade.

"Pelo tridente de Lir, deve haver algo que eu possa fazer!" Dylan se enfureceu.

"Para começar, você pode mudar sua maldição. Evocar o poder de Lir não irá ajudá-lo de qualquer modo se o que você deseja está na terra." A voz melodiosa de Gaia era uma canção quando se transportou claramente sobre as ondas.

"Gaia!" Dylan exclamou.

Com fortes impulsos, ele propeliu-se para a costa. A deusa estava sentada em um velho pedaço de madeira flutuante, balançando os pés nas ondas que quebravam na praia. Ela estava usando um vestido da cor da noite, que brilhava com o reflexo da água como se fosse feito de veludo líquido.

"Sua filha precisa de mim, Grande Mãe," Dylan disse respeitosamente. O peito dele arfava enquanto tentava recuperar o fôlego.

O olhar da deusa estava afiado. "Você está dizendo que sente a necessidade dela, tritão?"

Dylan fechou o punho sobre seu coração. "Como se fosse a minha própria."

Os olhos de Gaia se aqueceram. "Sim, eu posso ver isso. Você e Christine estão ligados. Suas almas encontraram seus pares. É uma coisa rara e maravilhosa, mas é uma faca de dois gumes. A dor dela é sua, como a sua é dela."

"Eu não a teria de nenhuma outra maneira."

"O que quer de mim, Dylan?" ela perguntou tão suavemente que o tritão teve de se esforçar para ouvi-la.

"Conceda-me a forma humana!" disse ele em uma corrida de palavras. "Permita-me ir até ela e confortá-la."

Gaia tocou um dedo fino contra os troncos enquanto considerou o pedido do tritão.

"Meu pai era da terra. Isso deve vincular-me a você de alguma maneira", suplicou Dylan. "Eu peço apenas uma forma temporária. Permita-me o resto desta breve noite como um homem humano."

"É verdade que você tem um vínculo com a Terra. Mas esta ligação é mortal, como era seu pai. Se eu o presentear com a forma de um ser humano, irá reforçar a parte de você que é mortal. O custo poderia ser muito alto, Dylan. Você pode envelhecer. Você certamente se tornará mais vulnerável a lesões, especialmente se você for ferido por um imortal." A bela voz de Gaia estava triste.

"Christine precisa de mim."

A deusa buscou e manteve o olhar firme do tritão. Ela leu claramente o seu amor por Christine. E ela podia sentir a alma de Christine, também, como se ansiasse pela trégua que apenas os braços de seu amante poderiam proporcionar.

"Eu sempre fico fraca, quando confrontada com o verdadeiro amor." Gaia falava mais para si mesma do que para Dylan, mas suas palavras fizeram o rosto dele brilhar com alegria. A deusa ergueu a mão num gesto de repressão. "Ouça bem, Dylan. A magia vai durar apenas uma curta duração de tempo. Você deve voltar para a água antes que a luz do novo dia toque a terra. Se não, —" ela acrescentou poder as suas palavras o que arrepiou o cabelo na nuca do pescoço dele — "você ficará preso. Você não pertencerá a nenhum reino, terra ou mar. Você perecerá, e sua alma vai vagar sem descanso por toda a eternidade."

O tritão assentiu gravemente. "Eu não vou esquecer, Grande Deusa."

"Não esqueça mesmo. Minha filha ficaria muito descontente." Dylan sorriu. "Como eu ficaria."

Gaia tentou sem sucesso manter os lábios virados para cima. "Eu estou começando a entender porque minha filha o escolheu, tritão".

"Ela simplesmente mostrou a sabedoria de discernir de sua grande mãe." Dylan se curvou galantemente.

O riso da deusa brilhou em torno dela quando acenou para o tritão nadar mais perto para que ela pudesse começar a lançar seu feitiço.

CC decidiu que a noite nunca ia acabar. Seu corpo doía e sua mente não se calava.

"Vinho", ela disse para a sala em silêncio enquanto acendia a vela ao lado de sua cama.

"Esse monge fora do meu quarto tem que ser bom para alguma coisa. Vou apenas agir com realismo e mandá-lo me trazer um pouco de vinho". Ela falou com o pavio que crepitava. "Um par daquele material grosso e vermelho que eu tinha na outra noite deve fazer o truque."

Isabel tinha deixado um manto de lã fresca, e CC envolveu-o ao seu redor como uma capa. Satisfeita que a camisa transparente estava bem coberta ela caminhou rapidamente até a porta, estremeando no frio do chão de pedra contra os pés descalços. Mentalmente ela fez uma nota para atizar o fogo para diminuir a sensação de frio da sala.

Ela abriu a porta devagar, não querendo assustar o Irmão. Ele estava sentado com sua costas descansando contra a parede ao lado de sua porta. Seu capuz estava puxado para cima, e ela não conseguia ver seu rosto.

O monge não se mexeu.

"Hmm, desculpem-me, irmão", disse ela.

"Ele dorme." A voz profunda veio das sombras. O som dela fez seu coração pular em resposta.

"Quem está aí?" CC perguntou.

"Você precisa perguntar, meu amor?" Dylan disse enquanto andava em sua direção.

"Oh!" CC pressionou sua mão contra a boca, certa de que estava tendo alucinações, ou que Sarpedon estava jogando um truque horrível sobre ela. Dylan tocou seu rosto. "Eu estou assim tão diferente, Christine?"

Seus olhos corriam das linhas fortes do seu rosto familiar para a parte de baixo de seu corpo.

Ele usava vestes de um monge, mas a espreitar por baixo estavam dois pés muito humanos, e muito descalços.

"Eu... você ... mas como?" Estaria ela sonhando com ele?

"Vamos chamar isso de presente de uma deusa."

Seu sorriso a convenceu. Ele não poderia ser um truque. Sarpedon não seria capaz de usar tamanha alegria como uma farsa. Ela agarrou sua mão e puxou-o para dentro de seu quarto, fechando cuidadosamente a porta atrás deles.

"O monge não vai despertar. Gaia cuidou disso." Os olhos de Dylan estavam brilhando. Então, ele olhou ao redor com aberta curiosidade. "Este é o lugar onde você passa seus dias?"

"Bem, não exatamente", disse ela, surpresa com seu nervosismo repentino. "Quer dizer, eu troco de roupa aqui, e durmo aqui, mas passo a maior parte do meu dia lá fora." Ela sacudiu seu polegar na direção da porta e ordenou a sua boca para parar de tagarelar.

"Isso é..." Dylan hesitou. "...muito cinza", ele finalmente concluído. Então, ele acenou com a cabeça para a cama estreita. "E é aí que você descansa seu corpo durante a noite?"

"Em teoria", suspirou CC. "Eu não pareço ter muito sucesso com repouso ultimamente."

Dylan se virou para ela e tomou seu rosto nas mãos. Ele percebeu os círculos escuros sob seus olhos e o tom pálido de sua pele. Beijou sua testa e, em seguida, beijou suavemente seus lábios. Os olhos dela vibraram fechados.

"Eu vim para ajudá-la a descansar", disse ele.

Mantendo os olhos fechados, ela se inclinou para ele. "Agora que você está aqui, eu não estou cansada". Ela podia sentir a risada ressoando através do peito dele.

"Então talvez você esteja disposta a me ensinar algo desse corpo humano. É uma coisa estranha ter pernas."

O beijo dele cortou-lhe o riso. Quando eles se afastaram os olhos de Dylan tinham escurecido com o desejo. CC pegou sua mão e levou-o para sua cama. Primeiro, ela deixou cair o manto de cima de seus ombros. Depois, ela deixou cair a camisa. Ela puxou o manto dele, e ele se inclinou para que ela pudesse puxar o tecido áspero de lã pela sua cabeça.

"Olhe para você", ela disse sem fôlego. Ele era alto e tinha o corpo de um atleta. "Obrigada, Gaia".

Dylan sorriu. "Eu sou um homem adequado?"

CC levantou uma sobrancelha quando o seu olhar subitamente abaixou para a carne que já estava ereta entre as suas longas pernas musculosas. Seu rosto aqueceu enquanto suas bochechas ficaram rosadas. "Ah, sim. Você é mais do que um homem adequado."

Dylan puxou-a para seus braços. "Me ensina como te amar como um homem humano ama uma mulher."

CC olhou para ele e sentiu a dor inquietante dentro dela afrouxar seu nó. "É a mesma coisa, meu amor. De qualquer forma você e eu fomos feitos para encaixar perfeitamente juntos." Eles afundaram na cama, perdidos um no outro.

Dylan sabia que não tinha eliminado a dor dentro dela, mas a tinha acalmado e tornado suportável. Ela precisava dele, e ele tinha respondido. Nenhum preço era tão alto a pagar para estar com ela. Eles pertenceriam um ao outro por uma eternidade.

Capítulo 20

O grito de uma gaivota o acordou . Era um som tão normal, um som que ouvia todos os dias de sua vida. Ele tinha quase voltado a dormir quando a gaivota gritou novamente.

"Faça isso ir embora", resmungou CC, e se aconchegou mais segura contra seu peito. Os olhos Dylan se abriram de repente, e ele foi imediatamente acordado. Seu coração bateu dolorosamente no peito até que sua mente registrou que o quarto ainda estava fundido na escuridão da madrugada. Ele forçou a diminuir o pânico. A gaivota gritou novamente. Os olhos de CC abriram em uma fenda. O pássaro estava empoleirado no parapeito da janela. "O que ele está fazendo?" ela resmungou. Então, ela beijou o peito de Dylan e pressionou seu nariz ali.

"Eu acredito que é um mensageiro de sua mãe, lembrando-me que o meu tempo é limitado."

"Você tem que ir?" ela perguntou, sonolenta.

Dylan beijou o topo de sua cabeça. "Se eu não fizer isso, eu não vou viver", ele disse simplesmente.

"O quê?" Os olhos de CC se esbugalharam. Ela leu a verdade no rosto do seu amante. "Você deveria ter me avisado!" Ela pulou da cama, puxando-o depois dela. "Quando você tem que voltar?"

"Antes da luz tocar a terra." CC correu para a janela. Dylan se moveu para trás dela, olhando por cima do seu ombro. O amanhecer já estava começando a deixar cinza o escuro oceano. Seu estômago contraído.

"Você não terá o tempo necessário para sair do mosteiro." Seus olhos corriam pelo corpo masculino, medindo seu tamanho. "Eu acho que pode servir se você apertar". Ele levantou suas sobancelhas em uma pergunta. "Através da janela", ela disse, apontando. "O lado do penhasco está logo ali. Rápido!" Dylan balançou a cabeça e inclinou-se para beijá-la rapidamente. Então, ele ergueu seu corpo nu até a janela. Foi um ajuste apertado, e a rocha raspou sua pele dolorosamente, mas ele levou apenas um momento para pular a janela. Na ponta dos pés, CC olhou pela janela. Seu sorriso brilhou na escuridão.

"Me divertir sendo um homem, Christine." Seu sorriso era carinhosamente masculino. Mesmo através da preocupação, CC sorriu.

"Depressa, bobo."

"Eu vou esperar por você esta noite", disse Dylan. "E por toda a eternidade."

Então ele se virou e correu para o precipício. A boca de CC se abriu em um silencioso grito, quando viu seus músculos nus se flexionarem poderosamente. Antes que ela pudesse gritar um aviso, ele alcançou a borda do penhasco e saltou do lado incrivelmente íngreme. Seu corpo arqueado em um mergulho espetacular, e no momento que antecedeu o toque do sol na terra CC viu o flash de fogo que sinalizava sua mudança de humano para tritão. Ela ficou na janela por muito tempo, lutando contra o doloroso desejo de segui-lo.

A madrugada tinha trocado do cinza para o lilás, quando ela finalmente se afastou da janela. Todos os sinais de Dylan tinham ido embora. Lentamente, com movimentos que poderiam ter pertencido a uma mulher com a idade de Isabel, ela puxou seu manto e se evoluiu. Enrolando as mangas, ela empurrou a porta, que quase causaram ao monge, que estava ajoelhado fora no corredor, um tombo. "Bom dia, eu não queria assustá-lo", disse CC. O monge parou. CC percebeu que sua face estava vermelha e ele parecia meio tonto, como se ele tivesse acordado de um delicioso sonho, induzido pela Deusa.

"O abade pediu que eu levasse você para ele assim que acordasse." A voz do monge fraca pelo sono. CC balançou sua cabeça. A ausência de Dylan era uma ferida em carne viva, e isso a deixou com nenhum humor para lidar com o desonesto questionamento do Abade William.

"Por favor, diga ao abade que eu estou honrada pelo seu convite, mas que deve começar a trabalhar imediatamente na minha restauração da Santa Mãe". A boca do monge abriu e fechou compulsivamente. CC Pensou que o fazia parecer como uma espécie bizarra de peixe. "Tenho certeza que o abade vai entender. Ele, de todas as pessoas, sabe a importância de honrar a Santa Mãe. Tenha um dia abençoado, irmão, e obrigada por se cuidar de mim a noite passada." CC se apressou pelo corredor. Quando ela olhou sobre seu ombro para o monge, ele ainda estava de pé na frente de sua porta. E ainda estava com a boca aberta.

O caminho através da sala de jantar, que levava à entrada dos serventes para a cozinha me fazia sentir como um familiar amigo, e os chinelos de couro de CC faziam macios ruídos de passos enquanto ela contornava o pátio e silenciosamente observando bem. Espreitando para a sala de jantar, ela soltou um suspiro aliviado. Estava vazia, exceto por Isabel, que estava limpando o último dos pratos de uma das mesas. "Bom dia", disse CC.

"Aquele olhar teimoso me diz que não importa o quão cansada você esteja, pois ainda estará a negócios da Virgem", declarou Isabel com preocupação frustrado.

"Teimoso? Eu não sou teimosa." a resposta de Isabel era um ruído rude na parte traseira de sua garganta, que quase fez CC rir.

Ambas dirigiram para a cozinha, que era uma maravilhosa mistura de ocupadas mulheres e deliciosos cheiros. Cada mulher cumprimentou CC com um sorriso e um “Olá” caloroso.

"O balde já foi levado para a capela", disse Lynelle em sua voz rouca.

"Obrigada, mas você não precisa ter algum problema por mim. Você já tem o suficiente para fazer", disse CC.

"Nós não fizemos isso", disse Gwenyth. "Nós pedimos a alguns dos irmãos para recolher e transportar as coisas." CC piscou surpresa. "Existem aqueles entre os irmãos que estão satisfeitos de que a Santa Mãe está sendo restaurada", explicou Isabel.

"E carregar um pouco de água não os levariam longe de cuidar de suas preciosas ovelhas e jardins", Lynelle resmungou.

"Fiz isso por você", Bronwyn balbuciou suavemente, entregando a CC uma caneca de chá quente. "Coma isto no caminho para a capela. Você não deve permitir-se enfraquecer. A Santa Mãe precisa de você forte e saudável." Gwenyth deu-lhe um rígido pão com um grande pedaço de queijo e carne dentro dela.

"Você não tem ideia de quanto isso significa para mim esta manhã", disse CC, de repente sentindo à beira das lágrimas. "Obrigado. Agradeço a todas vocês." As quatro mulheres deram risadas, desconsiderando seu agradecimento, mas CC podia ver o prazer que tornava seus rostos enrugados vermelhos.

"Vá em frente", disse Isabel. "Hoje vamos ter certeza de que você comerá." Num impulso, CC se inclinou e beijou a bochecha da velha mulher antes de correr para fora da porta. Deve ter chovido em algum momento durante a noite, porque os jardins ainda estavam molhados e brilhantes. CC respirou fundo, apreciando o cheiro da úmida grama e flores como se misturado com o sempre presente sal do oceano nas proximidades. Mastigando o último pão de café da manhã, caminhou lentamente pelos caminhos de torção, tomando o caminho mais longo até a capela. Ela passou por vários monges ocupados em podar e capinar e ficou agradavelmente surpreendida quando dois deles encontraram seu olhar e acenaram bom dia com a cabeça. A capela estava escura e ainda preenchida com uma opressiva camada de incenso em massa da madrugada, mas enquanto CC fazia seu caminho para a estátua da Virgem, ela sentia seu espírito clarear. A Santíssima Virgem era iluminada por dezenas de velas brancas, e a estátua brilhava como um dourado farol de esperança. Ontem, CC havia deixado seis velas acesas em torno da base da estátua. Alguém, talvez até mesmo diversos alguém, já começavam a visitar a Virgem. Colocado em uma linha reta de um lado do espaço da parede que sustentava a estátua, três baldes de água limpa, um pedaço de sabão, um monte de panos limpos e uma grande vassoura de palha.

"Hora de começar a trabalhar", ela disse para o sereno rosto de Gaia. "Ugh!" CC pegou outra pilha de sujeira com cheiro rançoso, enquanto murmurava para si mesma. "Não tenho nenhuma maneira de estar certo, mas acho que isso é cocô de um esquilo gigante."

"Na verdade, é de um guaxinim, mas um esquilo gigante é uma suposição excelente." Gaia se materializou na frente da estátua, a sua azul e dourada seda espelhava as cores suaves nas vestes da Virgem.

"Eu deveria saber que mesmo um esquilo gigante não seria gigante o suficiente para fazer essa desagradável confusão." CC sorriu para a deusa. "Bom dia, é bom ver uma cara limpa."

"Boa tarde para você, filha. Você tem trabalhado pela manhã." Gaia voltou seu sorriso e estralou os dedos. Em uma chuva de faíscas de prata uma toalha molhada apareceu em uma mão e uma taça apareceu no outro.

Ela apontou para que CC se juntasse a ela. "Venha, sente-se e refrescar-se. Tenho notícias."

CC sentou-se perto à deusa e muito agradecida aceitou a úmida toalha, limpando a sujeira do rosto e as mãos com um suspiro de prazer. Quando ela estava, pelo menos, semi-limpa, Gaia entregou-lhe a taça. Ela estava cheia de um grosso líquido, cor de mel. CC bebeu.

"Yum! Isto é delicioso. O que é isso?"

Com uma onda suave de seu pulso, Gaia produziu seu próprio copo.

"É hidromel Viking. Eu pensei que era a bebida adequada, pois você tem sido confundida com uma feiticeira nórdica".

"Muito apropriado," ela concordou. "Eu quero agradecer o presente que você deu a Dylan e a mim ontem à noite." Ela sentiu o calor da primavera em seu rosto quando os brilhantes olhos de Gaia sorriram intencionalmente para ela.

"Ele parecia um homem espetacular", a deusa disse melancolicamente.

"Como de costume, você está correta. A última noite foi ..." Ela suspirou sonhadora. "... Exatamente o que eu precisava. Obrigado, Mãe".

Gaia acenou graciosamente e tomou um gole de hidromel. Ela não compartilharia com a filha o custo da noite de paixão passada. Tinha sido a escolha de Dylan, e ele tinha feito de bom grado. Ela não iria manchar o seu sacrifício, dizendo a Christine notícias que certamente lhe causariam culpa e dor. E, se o destino fosse gentil, o preço que Dylan teria que pagar seria não mais do que algumas rugas ou um atraente grisalhar de seus cabelos cor de ébano.

Gaia pigarreou. Sem preâmbulo, ela disse, "Lir está preocupado. O chamei da nossa privada baía, e ele enviou uma *Selkie* como seu mensageiro." A deusa virou seu grosso cabelo para trás e cruzou as pernas, obviamente irritada. "Há algum problema com Pele, a deusa havaiana do fogo. Mano está a causar algum mal com suas sacerdotisas locais, e Pele ameaçou que um vulcão submarino entraria em erupção como retribuição. Mano pediu para Lir. E, claro, Lir nunca mente intercedendo quando a paixão de uma deusa está envolvido.

"Quem é Mano?"

"O deus havaiano tubarão e um rapaz bastante desagradável." Gaia balançou a cabeça em desgosto. "Imortais Island são todos tão mesquinho. Muito pouca terra para ajudá-los a tomar boas decisões e proporcionar-lhes a profundidade que eles precisam de real sabedoria."

"Então você não conseguiu falar com Lir apesar de tudo?"

"Não, sua mensagem dizia que ele viria para mim logo que tivesse resolvido o problema do Havaí.

"E ele não disse quando isso seria."

"Não, mas eu não lhe permitirei colocar-me fora por muito tempo. Eu sou uma deusa e eu não serei brincadeira de ninguém." Os olhos de Gaia brilharam com poder suprimido.

"Falando de ser brincadeira, Sarpedon tornou-se mais irritante," CC disse. "Ontem ele possuiu Andras novamente. Seu amuleto lembrou-lhe que não foi uma jogada inteligente, mas quando ele estava possuído Andras fez alguns comentários sobre saber que eu não sou pura."

Os olhos de Gaia se estreitaram. "O tritão é incômodo, mas agora que ele te descobriu parece que está focalizando sua atenção no mosteiro. Sei pelos seus amigos golfinhos que ele tem estado claramente ausente nas águas perto de Caldei". A expressão de Gaia aliviou e ela sorriu alegremente para CC. "Isso é particularmente favorável porque o relatório dos golfinho reportam sobre outro tritão, que está gastando todo o seu tempo nas águas que circundam a ilha."

"Dylan?" "Claro que é Dylan. Quem mais?" CC sorriu timidamente. "Eu sei que é bobagem, mas eu só queria ouvir você dizer isso."

"Essa bobagem, como lhe chamam, é parte da magia do amor. E lembre-se o amor é a magia mais forte do mundo. Ele ainda tem a capacidade de domar uma deusa."

"Eu quero estar com ele, mãe. Sempre". Gaia alisou o cabelo de CC para trás.

"Eu sei, filha, e hoje você estará com seu amante novamente. Finja exaustão e retire-se cedo para a cama.

"Vou convocar nuvens de tempestades para obscurecer o sol, para que você não precise esperar estar totalmente escuro para ir com Dylan." O olhar de Gaia virou manhoso.

"É a minha vez de usar a conexão Sarpedon com o jovem cavaleiro. Eu sussurrei sonhos a Andras em que você é a figura predominante. Sarpedon será mantido muito ocupado hoje a noite tentando decidir o que é real e o que é fantasia. Ele estará muito ocupado perseguindo os fantasmas dos sonhos para assombrar as águas procurando por você." CC abraçou Gaia em sinal de gratidão, e o riso da deusa encheu a capela. "Tudo vai ficar bem, filha. Com mais um pouco de paciência, tudo ficará bem. Não se esqueça, você deve retornar ao mosteiro, quando os sinos tocarem para a missa da manhã."

"Eu não vou esquecer. Você vai estar em terra hoje a noite?" CC perguntou.

"Hoje eu vou deixá-la com seu amante. Você vê, eu também vou me concentrar em chamar um amante. Lir não será capaz de resistir por muito tempo." CC imaginava como Lir poderia resistir à deusa. Mesmo na penumbra da capela, a beleza de Gaia era inspiradora, e quando ela mencionou seu amante, a luz que sempre brilhou dentro dela intensificou-se até CC quase sentir a necessidade de evitar os seus olhos. CC sorriu para Gaia.

"Lir é um caso perdido, e ele nem sequer sabe ainda."

"Oh, ele sabe, filha. Ele sabe." O alegre brilho amarelo das velas que circundavam a estátua de Maria piscou e tremeu, em resposta ao riso das mulheres, enchendo CC com uma sensação de bem-estar. Como pode alguma coisa correr mal, desde que Gaia estivesse ao lado dela?

De repente, a expressão no rosto de Gaia foi sóbria e antes de CC poder falar, a deusa dissipou-se em centenas de pequenas luzes douradas, que pulsaram uma vez e depois desapareceram. Seu desaparecimento foi seguido pelo som de uma profunda voz masculina.

"Bom dia, Ondine", disse Andras. CC olhou cautelosamente ao cavaleiro, meio que esperando que seus olhos comessem a brilhar, mas não havia nenhum sinal de qualquer coisa incomum na sua aparência.

"Olá, Andras."

Ela respirou fundo e decidiu que não havia nenhuma maneira que pudesse evitar o assunto. "Você parece se sentir melhor hoje. Você e o abade descobriram o que aconteceu ontem no pátio?" A expressão de boas-vindas do cavaleiro se tornaram frias.

"Abade William está diligentemente orando sobre o evento. Mantém-se confiante que a resposta será encontrada."

"Bem, eu estou apenas contente de ver que você se recuperou. Tenho certeza que as orações do abade vão ser útil." Ela manteve sua voz calma. Em vez de encontrar os olhos, o olhar do cavaleiro se afastou se deparando com a estátua.

"Você tem feito um excelente trabalho aqui. É bom ver que você está tomando tal interesse na religião. Uma mulher precisa ser fundamentada na estrutura da igreja para que ela possa conhecer o seu lugar como esposa e mãe." Seu rosto estava relaxado e seu sorriso era genuíno, mesmo que as palavras fossem padronizadas.

"Eu não estou restaurando a estátua da Santa Mãe por zelo religioso ou piedade, estou restaurando-a por amor", disse ela, lembrando-se que não era culpa dele que fosse um homem medieval. Ele provavelmente pensou que tinha acabado de oferecer-lhe um enorme elogio.

"Exatamente." Andras parecia satisfeito. "O amor pela igreja."

"Não", ela automaticamente corrigiu ele. "Amor pela Mãe".

A confusão se espalhou sobre sua face. "Existe uma diferença?"

"Acho que sim. Penso que há um mundo de diferença entre a devoção ao homem e à devoção ao divino".

"Você não acredita que o homem pode ser divino?" A risada de Andras dizia que achava engraçado que ele estava discutindo teologia com uma mulher.

"Sinceramente, eu não tenho encontrado muitas provas disso."

Andras apertou os olhos para ela, como se ele não tivesse certeza se tinha a escutado corretamente. Então, ele sorriu com indulgência. "Ondine, acho o seu senso de humor refrescante, mas a razão de eu precisar falar com você nos obriga a ser sérios. Meus escudeiros tem me retransmitido vários relatórios de natureza incomum."

"Relatórios incomuns?" ela solicitou quando ele apenas a olhou e não continuou a falar.

"Criaturas foram vistas nas águas ao lado da costa." Ela forçou sua expressão a ser uma de leve curiosidade.

"Criaturas? Quer dizer, como baleias e golfinhos? Isso não parece muito incomum para mim. Você e eu vimos um golfinho muito perto da costa apenas um par de dias atrás. "

"Eu não quero dizer criaturas que eram formadas por Deus. Os pescadores falam de seres anormais, metade homem e metade peixe, que foram vistos habitando as águas que cercam a ilha."

"E você acredita nas fantasias dessas pobres pessoas? Isso me surpreende, Andras. Eles são, afinal, os camponeses". Ela esperava que estivesse usando as certas palavras da época. Andras era um cavaleiro, o que significava que ele era uma parte da nobreza. Ele não tinha sido criado para olhar para baixo para as classes trabalhadoras? Naquele momento ela esperava tão fervorosamente que não. "

Você está correta. Eles são camponeses. Eu simplesmente achei seus avistamentos interessante, especialmente porque parecem coincidir com a sua aparência nas nossas costas." CC riu.

"Você está dizendo que acha que eu sou metade peixe?"

"Claro que não."

"Então o que você está dizendo?" , perguntou ela. Ao falar sobre o mar, o desejo dentro dela saltou dolorosamente vivo, desgastando sua capacidade de ser cordial ao arrogante cavaleiro.

"Eu sei do seu amor pelo mar. Estou dizendo que você deve se contentar em observar de longe, e guarde as excursões para o litoral para tempos mais calmos."

CC apertou um sorriso apertado nos lábios. "Como sempre, agradeço a preocupação que você mostra pelo meu bem-estar, mas eu tenho certeza que não é nada mais que tolas superstições preocupando os pescadores. Afinal, eu fui trazida para terra por uma tempestade. É lógico que outras criaturas do mar foram arrancadas naturalmente, também. "

"As outras criaturas do mar?" Andras atacou. "Parece que você está dizendo que você é uma criatura do mar, também."

"Pareço uma criatura do mar?" perguntou ela com um sorriso brincalhão.

"Eu peço que você me de sua palavra de que não irá andar sozinha pela costa novamente." A voz de Andras tinha sem dúvida um tom acusatório e a capacidade de CC para ser educada foi rapidamente desaparecendo quando a irregular voz de Isabel estremeceu toda a capela.

"É bem depois do meio-dia e se esqueceu de comer de novo, Ondine". A velha mancou em direção a eles. Ela fez uma pausa quando se aproximou da estátua de Maria, se benzeu e se curvou em reverência. Então ela acenou com a cabeça respeitosamente para o cavaleiro.

"Obrigado por me lembrar, Isabel. Agora que penso nisso, estou com muita fome."

"O ensopado de carneiro que será servidos para refeição desta noite está pronto."

Justo esta manhã eu colhi uma nova safra de menta ", Isabel sussurrou feliz.

"Prometi me encontrar com o abade e dividir com ele as notícias que eu recebi de meus homens, mas se você puder esperar, eu ficaria satisfeito de ter uma refeição de início de noite com você, Ondine ", disse Andras.

"Eu queria poder esperar, mas eu acho que deveria me apressar e comer para que possa voltar ao trabalho antes da capela ser necessária para as vésperas*. Eu não iria querer criar um inconveniente para o abade."

* As **Vésperas** são uma das horas litúrgicas da Liturgia das Horas, celebrada **ao fim da tarde**. A oração de Vésperas destina-se a agradecer a Deus todas as graças recebidas e o bem feito nesse dia.

Antes que ele pudesse argumentar Isabel falou alto. "Princesa, acho prudente que você coma imediatamente." Ela compartilhou um olhar conspirador com Andras.

"Temos de ter certeza que a princesa tome cuidado com sua saúde."

"Claro que eu não iria colocar a saúde da princesa em perigo. Talvez possamos tomar ar esta noite, Ondine?" Andras pegou sua mão para beijar. Rindo nervosamente CC puxou para fora de seu alcance.

"Oh, você não quer fazer isso. Minha mão está suja." Ela fez um grande show de limpar as mãos em seu sujo manto.

"A caminhada seria bom, se eu não estiver muito cansada."

"Eu virei para a sua câmara, esta noite depois das vésperas, lá eu rezarei para que você não esteja muito cansada." Seu olhar era intenso. CC sentiu seu rosto corar. Não poderia simplesmente deixá-la sozinha? Felizmente, Isabel falou.

"Sir Andras, você não precisa se incomodar. Eu sei como você gosta de seus jogos de xadrez com o abade. Se a princesa não estiver muito cansada, eu levarei as palavras dela." Ela olhou rapidamente para CC. "Se isso é agradável para a princesa." CC correu para Isabel.

"Sim! Não há nenhuma necessidade para que interrompa o seu tempo com o Abade William se eu estiver dormindo sobre meus pés. Obrigada, Isabel. Isso foi uma idéia maravilhosamente atenciosa. Ela ligou o braço com a servente e começou a andar com ela para a porta.

"Eu espero que você tenha uma boa noite, Andras, e se eu não te ver hoje eu tenho certeza que nós poderemos passar algum tempo juntos amanhã." Andras ficou em silêncio nas sombras da igreja, observando as mulheres desaparecerem no jardim. Sua expressão era introspectiva e seus lábios viraram em irritação. Se ela tivesse começado a evitá-lo, ou foi apenas timidez virginal junto com sua recém-descoberta devoção à Santa Mãe que parecia mantê-la com ele? O cavaleiro sentiu uma agitação de raiva enquanto ponderava a questão. Sua raiva combinada com qualquer outra coisa, alguma coisa que sussurrava profundamente hipnótica dentro da mente. As mãos de Andras tremeram e fecharam em um punho. Através de sua mente, passavam imagens. Ondine nua e lisa com suor... Ondine de joelhos diante dele... Ondine gritando seu nome quando suas sementes explodissem dentro dela... Oprimido pelas visões, Andras sentiu-se endurecer. Sua respiração era irregular. Ele passou a mão pelos cabelos. O que estava acontecendo com ele? Nunca tinha antes experimentado nada parecido com sua obsessão com a princesa. Talvez o abade estivesse correto. Seus olhos estreitaram de modo que o brilho de prata que brilhava deles eram indetectáveis. Feiticeira ou não, ela era apenas uma mulher. Quando ela pertencer a ele, ele limparia a mancha paga de sua alma, então ele iria satisfazer seu desejo por ela. Ela não tinha escolha.

"Obrigada", CC sussurrou assim que elas estavam fora do alcance de audição de Andras. "Ele não parece ser capaz de levar um não como resposta."

"Você é muito bem-vinda, mas você precisa perceber que poucas mulheres diriam não Sir Andras", Isabel sussurrou de volta. "Tem certeza de que esse é o seu desejo?"

"Absolutamente. Eu não quero um marido que se pronuncie sobre mim nem que me controle ."

"Então, você disse antes, mas eu ainda acredito que são poucos os homens de outra natureza." Intimamente Isabel olhou para ela.

"Pelo menos não neste mundo."

"Se não houver, não terei qualquer marido em tudo. Eu sou um ser humano, não um pedaço de propriedade."

"Tão jovem e obstinada," Isabel desaprovou. "De onde eu sou o chamamos de bom senso e firmeza". Elizabeth olhou para ela claramente incrédula.

Eles estavam na metade do volumoso jardins antes de CC notar o quão tenebroso o dia tinha se tornado. "É realmente tão tarde? Parece que o sol já está se pondo."

"É tarde para a sua refeição do meio-dia, mas o sol ainda não está se pondo. Tem uma tempestade vindo." Isabel apertou os olhos para tentar ver algo nas correntes nuvens.

"É estranho, normalmente minhas pernas me avisam das tempestades muito antes de eu ver nuvens. Hoje, não. É quase como se a mudança de clima, de repente fosse conjurada". Não a querem viajando por essa linha de pensamento, CC Perguntado,

"O que acontece com suas pernas?" Isabel olhou surpresa com a pergunta, mas ela respondeu, sem hesitação.

"Eu nasci com um membro torcido. Meu pai queria se desfazer de mim, mas eu era a única criança menina que minha mãe tinha dado a luz, e ela era bem velha. Ela não iria se separar de mim". CC ficou chocada com a normalidade que Isabel falou de algo tão horrível.

"Isso é terrível."

"Uma menina com um membro torcido não tem qualquer utilidade. Meu pai sabia que ninguém iria se casar comigo." Isabel encolheu. "É uma bênção que eu tenha uma certa habilidade com a cozinha. Quando a linda mulher do meu irmão mais novo deu à luz ao seu quinto saudável filho, ela disse que não havia espaço para uma irmã aleijada em sua casa. Meus outros irmãos sentiram o mesmo. É Foi por acaso que o mosteiro necessitava de uma cozinheira. Eles me aceitaram. Eu estive aqui desde então."

"Você sempre vê a sua família?" Isabel sacudiu a cabeça.

"Minha mãe e meu pai estão mortos há muito tempo, e meus irmãos eu não visito. Minha família está aqui.

"Os monges?" CC perguntou. Isabel riu e acariciou-lhe a mão.

"Deus, não! As outras mulheres. Somos todas somos a família uma das outras."

" Eu realmente não tenho nenhuma família aqui, também, "CC disse.

Isabel parou no limiar para a cozinha, onde conhecidos cheiros e sons as envolvia. Ela virou-se para CC e sorriu calorosamente para a mulher mais jovem.

"Você tem agora, Princesa."

CC andou, andou e andou. Ela já tinha puxado a cômoda sob a janela. Para o que parecia ser a milésima vez que ela puxou para acima sua camisa e subiu em cima da cômoda. Ela estudava o desaparecer do dia. Nuvens de Gaia estavam correndo a partir do oeste, diretamente sobre o tumultuoso oceano. Eles estavam voando baixo e lembravam à CC um gigante cachecol cinza que está sendo puxado em cima do céu. O sol poente estava certamente obscurecido, mas já escuro o suficiente? Ela não pensa que era. Ela ainda podia ver mais do caminho para o lado do penhasco, o que significava que, se alguém de repente olhasse para o mar, eles seriam capazes de ver-la se ela fizesse o seu caminho para o lado do penhasco. E ela não podia ter certeza de que Andras não estaria olhando para o mar após os pescadores terem despertado suas suspeitas. CC suspirou e esfregou as têmporas. Parecia que seu coração batia ao mesmo tempo que o distante bater das ondas. Seu corpo era uma concha latejante de necessidade, ela sofria pelas as águas e pelo seu amante. Dylan. Só de pensar no seu nome enviava um arrepio de antecipação a baixo em seu estômago.

Paciência, ela disse para si mesma com firmeza. Apenas mais alguns minutos e estará escuro o bastante. Ela se virou e sentou em cima da cômoda, descansando a cabeça contra a janela. Ela aguentou todo esse tempo, ela certamente poderia esperar mais um pouco. No primeiro dia sentia-se como que nunca fosse acabar, então CC tinha ficado chocada quando os Irmãos começaram a encher a capela para a vésperas, e ela percebeu que ele deve ser tarde da noite. Silenciosamente, ela empilhou seu material de limpeza em um canto escuro, limpou as mãos em suas sujas vestes e saiu pela entrada lateral antes que o abade William ou Andras aparecesse para abordá-la. Ela parou na cozinha tempo suficiente para agarrar uma outra tigela do excelente guisado de Isabel e uma taça de vinho. As senhoras estavam em seus trabalhos, limpando a refeição noturna e no começo das preparações para o dia seguinte. Demorou algum tempo, mas ela convenceu Isabel de que realmente não precisa de qualquer ajuda para banhar-se e despir-se. A velha, obviamente, não gostou, mas quando CC prometeu que ela realmente só queria sair de sua suja roupa e se arrastar para cama, Isabel concordou, CC se garantiu que ela daria as suas desculpas para Andras. CC sabia que os círculos sob seus olhos tinham escurecido para contusões, a necessidade dentro dela estava a fazendo sentir-se fraca e enjoada. Mas depois que ela lavou a sujeira de seu corpo, se forçou a comer todo o cozido e beber a taça inteira de vinho. A violenta dor ainda estava lá, mas o estômago cheio fazia sentir menos náuseas e tonturas. Um som chamou sua atenção de volta para a vista fora da janela. CC sorriu.

"Obrigada, Gaia", disse ela. A chuva estava caindo em um reconfortante tamborilar e uma névoa suave engolia a última luz da noite. Rapidamente, CC se sentou na janela, encontrou seu ponto de apoio, e caiu silenciosamente para a macia grama abaixo da janela. A chuva de Gaia era uma fria carícia contra a sua pele febril, e por um momento ela estava à beira do precipício com os braços estendidos em linha reta e com a cabeça jogada para trás, deixando a água da deusa acalmar seu corpo e sua alma. Mantendo a imagem do mergulho Dylan do lado do penhasco em sua mente, ela enrolou a blusa com uma mão, para que as suas longas pernas estivessem livres para correr, então ela se moveu com infalível segurança para baixo no sinuoso caminho ovelhas.

Dylan! Ela usou toda sua força mental para chamá-lo. Eu estou chegando! Por favor, esteja lá! O solo rochoso deu lugar a areia e ela correu para o seu familiar tronco, retirando suas roupas com as mãos trêmulas. Ela retirou seus chinelos e correu para o litoral. Quando seus pés tocaram a água, parou, subitamente insegura.

"Não me faça esperar, meu amor." A voz de Dylan carregada sobre as ondas, surreal e assombrado*.

* disembodied= quando você escuta uma voz – mas não consegue ver a pessoa.

"Eu não posso vê-lo." Ao som de sua voz, a respiração de CC travou e seu estômago apertou.

"Mas eu posso vê-la. Você é uma deusa branca da beleza, formada de longas, curvas linhas e suavidade. Vem pra mim, minha deusa", disse Dylan.

CC com dois passos rápidos correu e pulou, mergulhando na superfície. Antes das estendidas mãos tocarem a água, ela sentiu o esquisito arder começar em sua cintura e disparando para baixo nas pernas. A pressa de poder seguiu o ardor enquanto a força desumana de sua cauda impeliram para a frente e depois para cima. Ela mergulhou na superfície rindo. O tritão materializou fora da névoa à sua frente. Hoje à noite o seu longo cabelo escuro estava livre, e ele caía em uma grossa e úmida onda, ao redor de seus ombros. A beleza exótica de Dylan e o sentido erótico de masculinidade que o cercavam a atingia, e sentiu um arrepio de emoção com a sua proximidade. Ele se aventurou perto.

"Sinto sua falta, Christine."

"Você estava comigo na noite passada", ela provocou.

"Eu descobri que quanto mais eu estou perto de você, mais te quero. Você pertence à mim, e eu à você." Sua voz a lembrou de um chocolate escuro, rico e sensual.

Ela o alcançou e levantou seus braços em volta do seu pescoço, amava a forma como seu sorriso de menino fazia uma curva nos lábios, quando ele a tomava em seus braços. "Eu acho

que não poderia ter ficado longe de você um segundo", disse ela em seu rosto inclinado para baixo dela. Seus lábios se tocaram num suave beijo enquanto eles se tornavam familiarizados com o gosto e o toque um do outro.

"Nenhum momento se passou hoje sem que eu não queria que você estivesse aqui ao meu lado", Dylan disse quando descansava sua testa contra a dela, enquanto suas mãos acariciavam a linha, muito suave das suas costas.

"Eu tentei não pensar em você. Eu estava com medo, se pensasse muito em você, iria me jogar do lado do penhasco e para o oceano como você fez." Ela aconchegou-se contra ele, querendo chegar o mais perto possível. CC podia sentir o tremor de emoção que corria pelo seu corpo. Em seguida, o tritão apertou seu abraço e ela abriu a boca para ele. Suas línguas se encontraram e se provaram. CC não conseguiu parar o zumbido de desejo que escapou da parte traseira de sua garganta. Ela sentiu os músculos de Dylan estremecer em resposta e o beijo se aprofundou. CC passou as mãos para baixo dos ombros, deslizando sobre seus firmes e musculosos braços e peito.

Ele estava escorregadio e quente, a pele macia e músculos rígidos tudo tentadoramente junto. CC pressionou seu corpo contra o dele e recuou, surpresa, quando sentiu a suas caudas se entrelaçam. Dylan olhou para ela interrogativamente.

"Eu..." CC hesitou, sentindo um pouco tola. Ela limpou a garganta. "Eu nunca ..." Ela parou de falar, apontando para baixo, para a parte do seu corpo que estava submersa sob as águas. Entendimento clareou o olhar interrogativo de Dylan. Ele tocou seu rosto.

"Lembra-se ontem à noite? Eu estava com medo, também."

"Você estava com medo?", ela perguntou, incrédula.

"Certamente não parecia assim." Seu sorriso era suave. "Fazer amor com você como um homem foi uma experiência que vou me lembrar sempre." CC pressionou o rosto em sua palma.

"Eu quero você agora tanto quanto eu queria em meu corpo humano. Estou apenas nervosa". Ela respirou fundo e encontrou seus olhos.

"A verdade é que, mesmo dizendo que nos encaixamos perfeitamente em qualquer forma, eu não estou realmente certa do que fazer." Ele sorriu e roçou os lábios levemente nos seus. "Você irá confiar em mim esta noite, como eu confiei em você ontem à noite, Christine?" Sem hesitar, ela concordou. "Então deixe-me ensiná-la." Desta vez, ela foi capaz de sorrir para ele.

"Bem, eu já sei que você é um excelente professor." Ele pegou a mão dela na sua. "Então deixe-me ensinar-lhe como povo do mar fazem amor." CC assentiu com a cabeça novamente, desta vez sem fôlego. Dylan a puxou sob as ondas e eles nadaram lado a lado nas profundas águas. Antes que eles emergissem, o tritão parou e se virou para ela, mas, em vez de pega-la em seus braços, ele segurou-a longe, quase metade do comprimento de um braço de distância do seu corpo. Primeiro, ele beijou a palma de sua mão.

Então ele tocou seu rosto, deixando sua mão deslizar para baixo pelo longo pescoço até os ombros, em seguida, para baixo suavemente pegando seu peito. Provocadoramente, ele correu a palma da mão sobre o seu mamilo, que enrijeceu sob a carícia. Mas sua a mão não permaneceu no peito dela, em vez disso, moveu-se para baixo sobre as costelas para a curva de sua cintura. Quando sua mão encontrou a a parte sereia, o seu carinho mudou. Ao invés de sua mão, ele usou a ponta dos dedos para tocá-la levemente, que rodou maravilhosamente para baixo e ao redor dos quadris.

Seus dedos eram como fogo. O toque de Dylan era como nada que ela já tivesse experimentado, era tão incrivelmente diferente de ter pernas acariciadas por um homem. Quando ele tocou a pele macia, brilhante, seu toque era magnífico. É realizado através de cada parte do seu corpo de sereia, como se as pontas dos dedos fossem supercondutores para a sensação erótica, e ela era a sua ligação elétrica. Quando a novidade de sensações inexploradas subiu o comprimento do seu corpo, CC sentiu-se fraca e forte ao mesmo tempo. Ela fechou os olhos, esmagada pela intensidade do sentimento.

Não, Christine.

A voz de Dylan entrou suavemente em sua mente. Não feche seus olhos. Me assista tocar em você. Veja como você está incrivelmente linda. CC abriu os olhos. Dylan a beijou suavemente de novo, então ele deixou seu corpo a deriva, de modo que suas mãos e boca pudessem explorar o resto dela. Sua boca viajou de seus seios à suavidade de sua barriga. Quando o morno calor de sua boca deslizou a sua parte sereia, ela teve que segurar firmemente no seus ombros para se firmar.

Maravilhada, ela se sentiu aberta para ele quando a sua língua desceu pelo seu corpo, persuadindo e provocando vivas sensações que não tinha sequer imaginado possível. Ela observou ele amando-a e sua última apreensão morreu sob o calor do seu toque. Ela olhou para seu corpo e para a surpreendente criatura que a sustentava tão intimamente, e ela percebeu que realmente não importava que forma seus corpos refletiam, era amor que ligava ela a ele, não um corpo ou um tempo ou lugar.

A boca e as mãos de Dylan continuaram a trabalhar a sua magia, e a capacidade de CC para pensamentos racionais se desintegrou. Tudo o que podia fazer era segurar-se firmemente a

Dylan e experimentar as sensações que surgiam através de seu corpo. Seu toque se fundia com a suave pressão da água que os cercava, parecia que até mesmo o oceano estava fazendo amor com ela. De repente, sua mente fragmentou enquanto uma prazerosa onda de eletricidade passava através de seu corpo. Dylan a ninava em seus braços e puxou-a para a superfície. Ele a beijou profundamente. CC sentia-se tão fluido que quase acreditava que seu corpo poderia se dissipar e se tornar uma parte do mar, e apenas o toque de Dylan a mantinha ligada ao mundo físico. Eles derivaram no oceano, escondido pela carícia amorosa da chuva da deusa.

"Fazer isso te agrada, meu amor?" ele sussurrou contra seus lábios.

"Você me agrada, Dylan, mais do que eu jamais poderia lhe dizer. É uma boa coisa que nós estávamos debaixo d'água, acho que se o ar tivesse me tocado, eu poderia ter entrado em combustão." Dylan riu.

"Seu nervosismo deve ter ido embora."

"Para sempre". Ela sorriu, em seguida, divertidamente tomou-lhe o lábio inferior entre os dentes e puxou suavemente. Seu gemido em resposta trouxe-a uma pressa de novo prazer.

"Agora eu quero agradá-lo", disse o CC.

Ela alcançou entre eles e tomou sua já dura carne em sua mão. Acariciando seu eixo, ela o sentiu pulsar e pulsar com a necessidade. Sua respiração se aprofundou de forma acentuada e os olhos se fecharam.

"Não", ela disse, sua voz grossa com o poder de sedução. "Não feche seus olhos. Eu quero que você me veja te tocar também." O Olhar de Dylan era quente, enquanto observava sua mão deslizar para cima e para baixo de seu comprimento. Ela o beijou de novo, então deixe seu corpo deslizar para baixo sob a água até que ela tomou sua dourada carne em sua boca. Ela o sentiu tremer quando ela deixou a língua e os lábios trabalharem juntos. Quando ela tomou-o profundamente em sua boca, seu suspiro de prazer lhe enviou um arrepio de desejo. Ela adorava o gosto dele. Era sal e mar, e o almiscarado aroma de um homem excitado. E ele era lindo. De repente, ela o sentiu puxando seus ombros e ela permitiu que ele a puxasse para cima. Ela encontrou sua boca, e o calor explodiu dentro dela à intensidade irregular de seu beijo. Ela sentiu a dureza contra ela. Instintivamente, ela estendeu a mão para guiá-lo dentro dela, mas Dylan a parou.

"Espera, amor. Há mais ", disse ele entre interrompidas respirações enquanto ela beijava a firme linha do queixo e deslizava sua língua provocando, para baixo da sua garganta.

"Como poderia haver mais do que isso? "Ela apertou-se contra ele.

"Veja ", ele disse, seus olhos escuros com paixão e promessa. Dylan desenroscou uma mão, de onde havia estado enterrado no cabelo dela. Levantando o braço, ele desenhrou um círculo no ar acima deles. Os olhos de CC se arregalaram em surpresa quando o oceano ao seu redor começou a girar em resposta.

"Eu desejo uma cama na qual amarei sua princesa!" a voz de Dylan foi preenchida com energia, e ecoava na noite nublada. Enquanto ele falava, a irritada água mudou. Borbulhava e espumava e de algum modo endureceu até que os dois Tritões foram erguidos em cima de uma cama de espuma do mar onde estavam um no braço do outro. Era como se eles estivessem descansando dentro de uma crista de onda onde Dylan de algum modo tinha interrompido o tempo e os elementos.

"Você tem magia", CC ofegou.

"Minha magia é você, Christine." Dylan a beijou, deixando as mãos se moverem para baixo de seu corpo para pegar-lhe os seios e, em seguida, afagou sua ardente carne até CC gemer em resposta.

"Agora, por favor", ela ofegou. "Não me faça esperar mais."

Dylan mudou seu peso, até deitar se sobre ela, sustentando a si mesmo em seus braços. Quando ela se abaixou para guiá-lo para ela, ele foi incapaz de resistir.

"Christine!" ele engasgou seu nome quando seu calor apertou em torno dele. Eles se moveram juntos com facilidade, encontrando um ritmo que era no principio lento e suave. CC maravilhou-se com o quão bem eles se encaixavam. Seu corpo pressionado contra o dela, e todos os lugares que se tocavam, faíscas de sensações formigavam através de sua pele. Ela passou as mãos sobre os tensos músculos dos braços, espantada com seu poder e como ele tremia sob o seu toque. Em seguida, o seu ritmo acelerou, e CC se esticou para cima para encontrar suas investidas. Suas mãos encontraram os rígidos cumes de suas costas, e ela deixou suas unhas brincarem, antes prendeu seus braços ao redor dele, pressionando-o mais firme contra ela.

"Não posso esperar", lamentou Dylan.

"Então, não espere. Por favor, Dylan!" ela insistiu. Com um último e poderoso impulso CC sentiu Dylan começar a pulsar dentro dela, e quando ele gritou seu nome ela sentiu seu corpo explodir em resposta. Enquanto seu senso de realidade se fragmentava para o reino

das sensações ela prendeu-se firmemente a Dylan, confiando-lhe que a trouxesse em segurança de volta a Terra.

Capítulo 21

“Eu amo você, Christine”

Ela devia ter caído no sono, porque a voz de Dylan a despertou. Primeiro, CC pensou que eles ainda estavam deitados sobre a cama do mar espumoso, mas o som das ondas se chocando contra margem os envolvia e a veluda sensação de areia a fez perceber que ela e Dylan tinham desviado para a costa. Ela ainda estava aninhada no peito dele e ele estava um pouco reclinado, com as costas contra uma das muitas pedras lisas que crivava a margem.

“Estou tão feliz,” ela disse e se esticou languidamente. Então sorriu.

“O que?” ele perguntou.

“Eu só estava pensando que sinto como uma gatinha satisfeita, como se parecesse num tipo de situação engraçada” Ela gesticulou para as suas caudas. Então ergueu as sobrancelhas para ele. “Você sabe o que é um gato, não é?”

Ele puxou uma mecha do seu cabelo molhado. “É uma criatura felina que está intimamente ligada à mulher” Ele olhou introspectivo por um momento, como se ele estivesse lembrando de algo, então acrescentou, “Ele gostam de comer peixe” O rosto dele ampliou, e sorriu, também.

“Não nós” CC disse entre risos.

“Certamente não. Você é a deusa dos mares” ele emendou bem humorado.

“O que eu faço com você,” ela terminou com um prelúdio, “Deusa dos mares!”

A expressão de Dylan mudou instantaneamente. Ele assumiu uma expressão cautelosa que causou em CC uma pontada de ansiedade. Ele hesitou no que falou antes, e quando ele falou as suas palavras soaram pesadas, como se fossem sobrecarregados de tristeza por lembranças dolorosas.

“Não, Christine. Nós somos diferentes. Minha mãe era uma simples ninfa da água que preferiu os rios e córregos do que o oceano. Meu pai era um humano. Quando minha mãe ficou grávida ela foi até Lir e pediu que fosse concedida a ela uma forma humana para que ela pudesse passar a vida com o amante humano. Lir aceitou, mas quando minha mãe deixou as águas meu pai a rejeitou.” Dylan apertou a mandíbula e olhou para longe dela. “Ele já tinha uma esposa e uma família. Ele não tinha uso para uma criatura marinha e seu filho

bastardo. Minha mãe voltou para as águas, e foi onde eu nasci. Mas ela nunca encontrou contentamento. Ela sempre estava retornando ao rio onde ela tinha conhecido e se unido ao meu pai. Quando ele não voltou, ela se matou. Lir me permitiu ficar no seu palácio de cristal enquanto eu nutria um amor juvenil pela Ondine, que era a minha parceira. Quando eu alcancei a idade adulta ele me deu permissão de supervisionar as águas onde se fundiam rio e mar. Eu acho que o grande deus do mar esperava que sob a minha vigilância nenhuma outra ninfa marinha seria perdida para o desejo dos humanos. Mas eu não sou filho dos imortais. Eu não sou como você. Talvez você não percebeu isso. Me perdoe por não te explicar nossas diferenças mais cedo.” Ele não encarava os olhos dela.

“Dylan” Ela tomou o queixo dele nas suas mãos, forçando-o a olhá-la. O rosto dele estava tenso e arreado, mas ela podia ver a dor refletido em seus olhos. “Eu sinto muito sobre a sua mãe, e isso me faz ficar triste por seu pai, mas isso nunca poderia mudar o que eu sinto por você. Como você pode acreditar que isso poderia me importar?”

“Você é a deusa do mar. Eu não tenho nem mesmo um palácio ou um reino para te oferecer.”

“Sim, eu sei de tudo sobre ser oferecido um reino, Saperdon já fez isso,” ela disse ferozmente. “E eu não estou interessada.” Ela gesticulou a cabeça em direção ao monastério. “E há um cavaleiro lá em cima que tem um castelo para me oferecer,” ela zombou. “Prefiro ficar presa à terra do que aceitar esses tipos de amor. Ou, melhor ainda, eu prefiro não ter amor a ter tudo o que eles oferecem.”

Na menção dos outros dois homens o maxilar de Dylan cerrou, e ela pode sentir o seu corpo tenso contra o dela.

“E quero o que você me oferece,” ela disse.

“Mas eu não tenho nada para oferecer para você,” ele disse miseravelmente. CC aninhou a mão aberta sobre o coração dele. “Você tem isso.”

“Não,” A voz de Dylan estava grossa pela emoção. “Eu não tenho um coração. Eu perdi ele para você muitas vidas atrás.”

“Nunca pense que está perdido, Dylan. Eu o mantereí a salvo. Sempre.” Ela o atraiu para ela e seu beijo foi preenchido com a ternura do amor verdadeiro.

“Por uma eternidade” ele disse.

“Sim, pela eternidade”, ela concordou. “E eu quero ficar com você. Aqui, na água, nesta forma, para sempre.”

O olhar de alegria de Dylan foi imediatamente sombreado pela preocupação. Quando ele falou, sua voz era calma e preenchida pela firmeza do propósito.

“Eu vou te proteger de Sarpedon,” ele disse. “Eu não vou deixá-lo te machucar.”

Lembrando da fúria, do insano poder do tritão gigante, CC sentiu uma pontada de medo. “Não! Você não vai fazer isso. Gaia está indo encontrar com Lir. Ela vai resolver tudo. Ela só pediu que nós fôssemos um pouquinho pacientes. Disse que Lir tem algum problema com outra deusa que tomou sua atenção agora.”

“Eu não sou o deus do mar, mas eu tenho mais poder em mim, Christine.” A expressão de Dylan tinha se obscurecido, e CC sentiu a profunda força constante que descansava sob o tipo de tritão.

“Eu sei que você tem! Mas Saperdon é louco, e ele está ficando mais e mais bizarro. Ele me assusta, Dylan. Por favor deixe nas mãos de Gaia. Eu não posso suportar se algo acontecer com você.”

Dylan abriu a boca para argumentar, mas CC o silenciou pressionando um dedo nos seus lábios.

“Me prometa que vai ficar longe dele.”

Quando ele não respondeu, a pontada de medo virou pânico. A mente dela zumbiu enquanto ela procurava algo que pudesse dizer para convencê-lo.

Então ela soube.

“Se algo acontecer com você eu serei forçada a me casar com o cavaleiro então eu poderei ficar na terra, longe do reino de Sarpedon,” ela disse simplesmente. Odiou o que aquelas palavras causassem um flash de dor que atravessou nas feições do tritão, mas o medo pela vida dele cancelava os desejos dela de proteger seus sentimentos.

“Eu te prometo que não vou procurar por Sarpedon. Mas eu também prometo que não deixarei ele te tomar de mim”

Ela sorriu, tentando melhorar o humor dele. “Você realmente acha que seria fácil me levar?”

Relutantemente, a face de Dylan relaxou, e ele sorriu para ela.

“Não, eu acredito que seria muito difícil te capturar.” Ele a beijou rapidamente. “Você deve ter sido uma deusa no seu antigo mundo, também” O sorriso de CC faiscou.

“Bem, eu era uma sargento. Eu acho que é razoavelmente próximo a uma deusa, pelo menos em alguns círculos.”

“O que é uma sargento?” Ele pronunciou as palavras estranhas lentamente, que fazia CC querer sorrir novamente. “Onde era seu reino?”

“O centro comercial” Ela sorriu. Então suspirou à confusa expressão dele e tentou explicar. “Eu era da USAF, Força Aérea dos Estados Unidos. Minha, é, eu acho que você chamaria isso de reino, os Estados Unidos. As forças aéreas é um ramo das forças armadas que protege a liberdade do meu reino. Eu trabalhei na parte de comunicações da Força Aérea certificando de que as pessoas e países tivessem as informações que precisassem para fazer sábias decisões.”

Dylan assentiu. “Uma mensageira protegendo seu reino. Sim, isso te ajustou a você. Eu teria imaginado tanto.”

CC abriu sua boca para tentar explicar que realmente não haviam deuses na Força Aérea, mas suspirou novamente e ficou calada. Se apenas não tivesse estado tentando convencer Isabel que havia mágica em cada mulher? Então por que não poderia dar esse passo mais uma crença de que há uma deusa em cada mulher?

Uma maravilhosa emoção passou através dela enquanto seus pensamentos tocaram uma crença tão antiga que ela poderia sentir as profundezas da sua alma saltar em resposta. E era isso! Cada mulher deve agarrar a parte da Divindade Feminina dentro de si. CC queria gritar com a descoberta.

“Sim,” ela disse.

Então porque ela não poderia ter fé dando um passo adiante e clamar pela deusa dentro de toda mulher?

Uma emoção maravilhosa passou por ela, seus pensamentos alcançaram uma fé tão remota que ela pôde sentir as profundezas de sua alma saltar em resposta. Era isso! Cada mulher deve conter alguma parte do Feminino Divino dentro de si. CC queria gritar com a descoberta.

“Sim,” ela disse alegremente. “Você está certo, eu sou uma deusa.”

Contudo, Dylan não pareceu surpreso. "Queria poder visitar seu domínio da Força aérea dos Estados Unidos."

CC quase sufocou quando uma imagem de Dylan em Oklahoma passou por sua mente. "Bem," ela disse rapidamente. "É no meio de uma terra que fica longe do oceano. Certamente não há nenhum modo de nadar lá." Mesmo que estivessemos no mesmo século, ela terminou a sentença silenciosamente.

"Eu teria que ter pernas novamente," Dylan disse pensativo. "Ter pernas foi um experiência em tanto." CC tentou não rir.

"Não acho que poderemos um dia voltar," Dylan disse.
CC balançou sua cabeça. "Eu seriamente duvido disso."

O tritão a estudou. "Você sentirá falta disso? E a sua família?"

CC respirou profundamente. Ela esteve tentando não pensar em seus pais. Agora a saudade de casa a preencheu. Sim. Ela iria sentir falta deles. Ela os amava. Mas... Seu olhar viajou sobre a água coberta de nevoeiro. Os dedos macios da arrebentação acariciam seu corpo.

A realização veio rapidamente á sua mente. Ela pertencia aquele lugar. Ela havia deixado sua casa quando era tão nova porque ela nunca sentiu como se pertencesse aquele lugar, e ela havia estado viajando por toda sua vida adulta, tentando encontrar algum lugar onde ela realmente se encaixasse. A força aérea havia sido satisfatória, não apenas porque aproveitava seu trabalho, mas porque ela nunca ficou em um lugar tempo o suficiente para começar a sentir-se desconfortável por não pertencer a ele. Enquanto seus colegas foram se estabelecendo, se casando e tendo filhos, ela estava vivendo a vida nômade de uma mulher procurando por um lar. Bem lá no fundo, ela sabia que havia finalmente encontrado este lar.

Ela tocou a bochecha de Dylan.

"Sim, eu sentirei falta de meus pais, mas é hora de crescer e mudar." Ela Lembrou-se de seu Cruzeiro de Prata com um sorriso triste. "Eles ficarão bem. Eles tem um ao outro. E este é o lugar a qual eu pertencço."

O sinos do monastério começaram seu preguiçoso toque matinal. CC sentiu cada batida como se fossem uma coisa física.

"Queria poder ficar," disse Dylan, sua voz soando tensa. CC pressionou sua cabeça contra o peito dele. "Não há nada que eu queira mais."

Exceto por manter você seguro, ela pensou. “Mas eu prometi a Gaea que eu seria paciente e esperaria ela consertar as coisas com Lir.”

“Você deve manter sua palavra para a deusa.” A voz de Dylan ficou abafada quando ele enterrou seu rosto no cabelo dela.

“Isto não pode demorar muito. Você deveria ter visto Gaea hoje, ela estava magnífica. Não há chances de Lir resistir á ela. Em breve ela virá até mim e dirá que está tudo bem, e eu pularei daquele penhasco e nadarei até você, e qualquer humano que estiver assistindo isso, pode simplesmente ir direto para o inferno se não gostar disso!”

“Não se coloque em perigo,” Dylan disse bruscamente. “Você está certa. Nós podemos ser pacientes.”

CC beijou o canto da boca dele. “Você estará esperando aqui no caso de eu ter que escapulir?”

Dylan segurou o queixo dela em suas mãos. “Pela eternidade, Christine. Eu esperarei você pela eternidade. Nunca se esqueça disso.”

“Eu não poderia, Dylan.” Ela sussurrou.

Eles se beijaram, um longo e gentil beijo que guardou a doce promessa de mais por vir.

“Eu tenho que ir.” Quando ela disse alto as palavras, sentiu a queimação começar pela sua cintura, e num instante a areia cedeu sob suas pernas nuas. Dylan sorriu tristemente e passou a mão carinhosamente por toda a extensão de uma das recém reformadas pernas dela.

“Você sabe que eu amo tocar suas pernas.”

“Aparentemente os homens não mudam muito, não importa sua forma.” Ela sorriu, tentando manter seu tom leve. Ela beijou ele rapidamente antes de se levantar.

“Eu te amo Dylan,” CC disse. E então ela se virou e caminhou devagar até o galho onde estavam suas roupas.

“E eu amo você, Christine. Sempre.” A voz de Dylan ecoou ao redor dela. Ela ouviu a colisão molhada do corpo dele contra a água quando o oceano reivindicou ele.

A chuva da deusa havia finalmente parado, e a iluminação do céu disse á CC que ela deveria se apressar, mas seus passos eram lentos e pesados. Seus pés sentiram-se estranhos depois da poderosa graça de seu corpo de sereia. E cada passo a deixava mais longe de Dylan. Ela se

forçou a caminhar as ultimas torções do caminho. Quando subiu na parte gramada do lado de fora do muro do mosteiro, ela fez uma prece alta para a deusa.

“Por favor se apresse. Eu não posso aguentar esta separação por mais muito tempo.”

"O abade foi sábio quando ele me disse para tomar cuidado com a sua beleza. Vejo agora que moldaram minha mente em acreditar que eram simplesmente uma empregada inocente".

A voz de Andra era raivosa e dura quando ele e seus dois escudeiros surgiram das sombras do muro do monastério. CC pulou, e suas mãos automaticamente se deslocaram para cobrir seus seios, os quais eram claramente visíveis através de sua camisa úmida.

“Andras! Você me assustou,” CC desabafou, seu coração batendo dolorosamente.

“Sim, eu imagino que ser pega no ato assustaria você.”

“Pega no ato?”

Ela endireitou sua postura, irritada com o tom arrogante da voz dele. O modo como o três homens riram dela cancelou seu medo de ser pega pelo espírito de Sarpedon.

“Porque vocês acham que me pegaram no ato?”

“Donzelas inocentes não saltam a noite nuas e sozinhas.”

Ela percebeu que os olhos dele mantiveram a mesma cor, mas ele espremeu os olhos e olhou ao redor dela, como se esperasse descobrir um ônibus lotado de marinheiros que ela esteve entretendo.

“Pinotear? Eu estava subindo do caminho do lado do penhasco. Havia pouco pinote envolvido. E eu certamente não estou nua.”

“É impróprio a você ser vista em sua camisa, e é óbvio pelo estado do seu aposento que você escapou pela sua janela,” Andras desafiou.

“Eu não queria arruinar meu vestido,” CC disse sensatamente. “E eu não escapei. Eu usei minha janela porque eu não queria acordar nenhum dos Irmãos.”

“Chega de conversa!” Andras rebateu, agarrando o braço dela dolorosamente. “Você deve retornar ao seu aposento agora. Nós falaremos sobre isso com o abade depois que ele

completar a missa da manhã e quando você estiver propriamente vestida.” Ele começou a puxar ela em direção á entrada do monastério.

CC cravou-se em seus calcanhares e puxou seu braço de volta. Andras girou para encarar ela. Sua face estava coberta de raiva e a mão que não prendia ela estava fechada em punho como se ele quisesse bater nela. CC engoliu o medo e puxou a força de dentro dela. Enquanto falava, sentiu a proteção quente do amuleto de âmbar contra seu peito.

“Nunca mais me toque sem minha permissão. Eu ainda sou uma princesa e mesmo que este não seja meu reino, não estou totalmente sem poder aqui. Eu não irei tolerar esse tipo de tratamento,” ela sibilou para ele. Seu corpo sentiu-se quente e sua cabeça ardeu como se energia estivesse correndo dentro dela.

O olhar feroz do cavaleiro vacilou, enquanto ele assistia Ondine se transformar. Segundos antes ela era uma mulher molhada, quase nua, que parecia assustada e sozinha. Agora ela estava com as costas erguidas e seu queixo levantado.

Seu cabelo secante crepitou ao seu redor e ela parecia brilhar com um poder radiante. Inesperadamente, um arrepio de presságio arrastou-se pelo comprimento de sua coluna vertebral. Feiticeira! A palavra atravessou sua mente e ele afrouxou o braço dela como se isso tivesse queimado sua mão.

“Assim é melhor,” ela disse. “Agora eu ficaria agradecida de voltar para meu aposento; Eu já estava no meu caminho quando você me interrompeu.” CC retornou e caminhou confiante no caminho para o portão do mosteiro. Os três homens seguiram ela silenciosamente.

O portão estava destrancado, e CC abriu ele sem esperar pelo cavaleiro. Esperando que o pátio estivesse deserto, ela foi surpreendida por ver Isabel, Lynelle, Bronwyn e Gwentyth encolheu-se nervosamente contra a parede perto do portão.

“Oh, Ondine!” As palavras de Isabel vieram num jato.

Mas antes que ela pudesse dizer algo mais, Andras cortou. “Você estava certa em relatar a ausência dela. Sua diligencia e lealdade serão recompensadas.”

As palavras dele esfaquearam o coração dela. Isabel havia traído-a? Ela se lembrou de quão fria e julgadora Isabel havia sido quando elas se viram pela primeira vez, mas CC havia achado que aqueles dias haviam acabado, que Isabel e as outras mulheres haviam começado a se importar com ela com ela fazia. Ele forçou seu rosto a se manter inexpressivo enquanto ela continuou grosseiramente atravessando o pátio até a entrada do corredor que levava ao seu quarto. Ela queria voltar correndo ao grupo de mulheres e gritar, Porque? Eu pensei que

fossemos amigas de família! Mas ela se recusou a dar para Andras a satisfação de ver a dor dela.

Na porta do seu quarto Andras falou agressivamente para ela. “O abade espera ver você o mais breve possível quando a missa acabar. Eu te mandarei então.” Ele fez uma pausa antes de adicionar, “Eu suponho que você não fará mais nenhuma viagem sozinha hoje, mas para sua própria segurança meus homens garantirão que você ficará em seu aposento até que seja convocada.”

CC encontrou os olhos dele com seu próprio olhar furioso. “Para minha proteção, é? Me parece mais que você está nomeando carcereiros.”

Sem esperar por uma resposta, ele entrou no quarto, dando uma batida retumbante na porta atrás dela.

Capítulo 22

CC sentou-se em sua estreita cama e abraçou as pernas contra o peito. Sua raiva se fora, e tinha levado com ela a maioria de seu notório comportamento real. Andras tinha postado um de seus homens fora de sua porta e outra fora de sua janela.

"É uma prisão", ela murmurou, lutando contra uma súbita sensação de pânico. O que aconteceria se ela ainda estivesse sendo vigiado de perto em três dias? Seu estômago vibrou nervosamente. Gaia disse que se ela não voltasse a sua forma de sereia, iria morrer, e depois de experimentar a latejante dor que enchia o seu corpo a cada três dias, enquanto esperava impacientemente a mudança, ela sabia muito bem a verdade da advertência da deusa. Presa, sozinha neste quarto, ela iria sofrer uma morte horivelmente dolorosa. E ela nunca mais veria Dylan novamente. Ela estremeceu. Não admira que os monges chamavam isso de cela.

Uma batida hesitante soou contra a porta, e antes que CC pudesse responder, o guarda abriu para Isabel. A velha estava carregando uma bandeja que continha uma taça de vinho e um naco de pão fresco e queijo branco perfumado. Ela assentiu com a cabeça para o guarda ranzinza, que deu a CC um afiado olhar antes de sair do quarto e fechar a porta. Isabel mancou até o guarda-roupa, onde ela colocou a bandeja. Em uma voz anormalmente alta, ela disse:

"Princesa, eu lhe trouxe algo para quebrar seu jejum. E já é tempo de você se preparar para reunir-se com o bom abade." Isabel levou o cálice para CC, que a pegou e bebeu o doce líquido branco, grata pelo efeito calmante que teve em sua garganta e em seus nervos.

"Eu não tive a intenção de traí-la, Ondine", Isabel sussurrou urgentemente, quase engasgando CC com um gole de vinho. A velha se inclinou mais perto de CC, com a voz baixa e suave. "Eu estava preocupada com você, você parecia tão cansada e pálida ontem. Quando as minhas tarefas na cozinha estavam completas, vim para checar você. Bati, e quando não houve resposta fiquei com medo que você não estivesse simplesmente dormindo profundamente, mas que você estivesse realmente doente. Quando eu encontrei o quarto vazio, eu só conseguia pensar que estava em algum lugar sozinha e talvez você estivesse muito doente. Corri do seu quarto para verificar a capela, esperando que você voltasse à estátua da Virgem Mãe para maior conforto, mas no caminho o Sir Andras me encontrou. Ele viu que eu estava incomodada, e perguntou se ele poderia me ajudar." Isabel apertou os lábios e balançou a cabeça em um evidente desgosto. "Eu deveria ter lembrado das suas dúvidas sobre o cavaleiro. Ao invés disso, eu expliquei a minha preocupação. Quando você não estava na capela, ele ficou revoltado. Sua raiva era terrível." Os olhos de Isabel estavam brilhantes de lágrimas não derramadas. "Perdoe-me Ondine." CC tomou uma das rugosas mãos da velha.

"Não há nada a perdoar", ela sussurrou. "É minha culpa. Eu deveria ter confiado em você, então você não teria nada para se preocupar." O som repentino de tosse de um homem, fora de sua janela fizeram às duas mulheres estreitarem seus olhos.

"Agora, coma um pouco desse pão e queijo, enquanto eu penteio seu cabelo, princesa", Isabel falou, levantando sua voz para que passasse facilmente através da janela.

"Por favor", CC disse em um tom alto e arrogante. "Eu esperava você a algum tempo atrás. Tenho estado sentada aqui esperando. Parece que eu estou sendo tratada com desrespeito, até mesmo pelos serventes." CC torceu o nariz e fez uma careta para a janela. Isabel cobriu a boca para abafar um riso.

"O desrespeito não foi minha intenção, princesa", bradou Isabel.

"Oh, pare de falar. Quero aproveitar o meu café da manhã e o meu penteado em silêncio!" CC ordenou.

"Como quiser, princesa", Isabel assentiu. As duas mulheres reviraram os olhos uma para a outra.

CC mastigou o pão e queijo enquanto Isabel escovava delicadamente os emaranhados em seus longos cabelos. Ela sentiu-se aliviado ao saber que Isabel e as outras mulheres não a haviam traído, e sua mente rodopiou com possibilidades. De repente, ela virou a cabeça, interrompendo o trabalho de Isabel. A velha olhou interrogativamente para a princesa.

"Você acha que eu sou mal, Isabel?" CC perguntou, tomando cuidado para manter sua voz tão baixa que não seria ouvida por seus guardas. Isabel franziu a testa.

"Não", ela respondeu calmamente. "Algumas de suas crenças são um pouco estranhas, mas seu coração é bondoso e seu amor para com a mãe é verdadeiro." CC concordou.

"Se eu pedisse que você confiasse em mim, mesmo o que eu diga parecerá inacreditável e talvez até um pouco assustador, você acreditaria?" Os olhos de Isabel arregalaram-se até parecer um antigo pássaro, mas ela balançou a cabeça e sussurrou uma única palavra.

"Sim".

"Então, escute, e eu vou lhe contar tudo."

CC começou com a noite de seu aniversário e trabalhou a partir daí. Ela achou graça ao ouvir que Isabel achava a ideia de criação inanimada que voavam pelos céus mais perturbadora do que aprender sobre Sarpedon ou o fato de que CC era realmente Ondine que era realmente

uma sereia, embora CC dissesse a ela que acordava completamente com a aterrorizada reação dela para o avião. Quando CC descreveu seu amor por Dylan, Isabel sorriu e acenou com a cabeça, pensativa. A única coisa que CC não foi completamente honesta foi sobre Gaia. Ela estava com medo que a velha não fosse capaz de aceitar a deusa. CC não deixou-a fora da história, ela simplesmente mudou o nome da deusa. Quando ela falava de Gaia, ela a chamava de Santa Mãe. Isabel acreditava totalmente no poder da Virgem, e ela não fez questão da ligação de CC com ela.

"Então, você deve pedir proteção aqui até a Santa Mãe ter certeza que Sarpedon já não é uma ameaça. Depois você poderá se unir com o seu Dylan", disse Isabel após CC finalmente parar de falar.

As mãos da velhinha estavam unidas firmemente em seu colo, como se para evitar de tremerem, mas seu olhar era brilhante e firme.

"E eu tenho que ter a liberdade para poder chegar ao oceano", acrescentou CC.

"Eu acho que eu e as outras mulheres podemos ajudá-la com a sua liberdade", Isabel disse pensativa. Ela sorriu maliciosamente a CC. "Os homens são muito ocupados e importantes para gastar seu tempo vigiando uma mulher humilde, mesmo que ela seja uma princesa. É uma tarefa melhor desempenhada por mulheres." CC sentiu uma onda de gratidão e alívio.

"Obrigado, Isabel. Eu sei o quão difícil isso deve ser para você acreditar. Significa tanto que você confie em mim." Isabel apertou seu ombro.

"Não pense sobre isso. As mulheres devem ajudar uma as outras." Então, seu rosto torceu em preocupação. "Mas eu estou preocupada com sua segurança."

"Sarpedon não pode me machucar, enquanto eu estiver em terra, bem, pelo menos não diretamente." Isabel balançou a cabeça.

"Não é o espírito do mal que eu mais temo. Ouvi rumores. Alguns irmãos estão dizendo que você é uma feiticeira, e que é sua ligação com o demônio que causou fúria ao Sr. Andras. Agora que você já não pode confiar na proteção do cavaleiro, eu tenho medo do que poderia acontecer se o abade achar que tem provas suficientes para levá-la a julgamento por bruxaria." Um arrepio desceu pela coluna de CC, e ela procurou freneticamente em sua memória. Será que eles supostamente queimavam bruxas em 1014 D.C.? A expressão sombria de Isabel dizia que era muito provável que eles fizessem. CC engoliu em seco.

"Há evidências?" o sussurro de CC saiu mais como um resmungo.

"Ontem ele enviou vários irmãos para vasculhar a zona rural circundante, para ver se houve quaisquer doenças ou mortes inexplicadas. Os olhos de CC se arregalaram de horror.

"Eu não tenciono qualquer ofensa à seu tempo, Isabel, mas a maioria das doenças ou mortes difíceis de explicar não são ligadas a crenças supersticiosas?"

"Sim, e ele não termina aí. Os irmãos também estão olhando por evidências de vacas ou cabras que foram secas, bebês que não pararam de chorar quando o sol se põe, e o aparecimento de mais de três gatos pretos."

"Mas nenhuma dessas coisas seriam fáceis de encontrar ou fácil de se fabricar." CC sentiu o sangue deixar seu rosto.

"Então nós devemos fabricar provas que digam que você não deve ser prejudicada", disse Isabel com firmeza. CC mordeu o lábio inferior. Pense! disse a si mesma. Ela era inteligente e uma mulher independente do mundo moderno. Certamente ela poderia descobrir uma maneira de permanecer segura. Ela só precisava pensar nisso como um quebra-cabeça que tinha de ser resolvido, em seguida, colocar os pedaços juntos ... E um plano maravilhosamente simples surgiu em sua mente. Ela endireitou-se e sorriu para o confuso olhar de Isabel.

"Isabel, o que você sabe sobre o Vykings?"

Capítulo 23

Uma mão firme bateu bruscamente na porta.

"O abade a espera Princesa Ondine", a voz do guarda rasgou pela sala. CC e Isabel se olharam. Isabel assentiu.

"Diga a ele que estou indo," CC disse irritada. Em seguida, sussurrou para Isabel. "Não é irônico? Eu deveria ser da realeza, mas é ele que está me chamando. Discussão sobre a cobiça da princesa."

"Você é uma princesa." Isabel alisou uma ruga invisível na frente do vestido de CC. "Eu acho que nunca disse a você como é maravilhosa, e que a beleza vem de mais do que estas jóias ou o vestido bonito." CC sentiu seus olhos se encherem. "Obrigada, Isabel". Ela abraçou a velha mulher, respirando seu perfume reconfortante, que era uma mistura de cozido e pão fresco. "Sua amizade significa muito para mim."

"Como a sua significa para mim, criança. Você trouxe vida a este lugar sombrio, e a mim novamente, não esqueça isso."

CC assentiu com a cabeça. "Vamos acabar com isso. É hora do show."

Isabel parecia confusa.

"Isso significa que é hora de começar a representar." CC sorriu, e quase lhe disse para "quebrar uma perna" também, mas não achou que tinham tempo para mais explicações. O rosto de Isabel endureceu com determinação. "Hora do show", sussurrou em perfeito acordo, e as duas mulheres entraram no salão.

"Siga-me até o abade", disse o escudeiro de rosto endurecido. "Ele e Sir Andras irão recebê-la na sua antecâmara." CC não tinha ideia do que era uma antecâmara, mas deu a ele um breve aceno de cabeça e o seguiu. Isabel manquejou atrás deles. O escudeiro levou-as através de um labirinto de corredores que espiralavam por uma parte do mosteiro no lado oposto de onde estava localizado o pequeno aposento de CC. Justamente quando ela pensava em como estava irremediavelmente perdida, o escudeiro parou em frente a uma grande porta de madeira. Ele bateu duas vezes rapidamente.

"Entre!" A voz aguda do abade foi transportada facilmente através da porta.

CC hesitou apenas um momento, e então ela entrou na sala. Era uma grande câmara, e CC foi surpreendida por quão confortável pareceu à primeira vista. Um fogo ardia alegremente na lareira que era grande o suficiente para que quatro ou cinco homens pudessem ficar à altura completa dentro dela. Havia vários candelabros de metal espalhados ao redor da sala, principalmente entre grupos de cadeiras bem estofadas e mesas laterais polidas. Algo nas paredes da sala chamou sua atenção e o olhar de CC deslizou para elas, então seus olhos se arregalaram de nojo. Esculpidas nas paredes de pedra ao redor da circunferência da sala haviam intrincadas cenas de sofrimento, bem como as esculturas que decoravam as paredes exteriores da capela. CC forçou os olhos para longe deles.

"Você pode se aproximar, Princesa Ondine". O abade fez um gesto delicado com uma mão.

Ele estava sentado em um dossel em uma cadeira ornada, como um trono em seu desenho intrincado. Estava colocado no lado oposto da sala, de modo que visse as outras cadeiras e o caminho de entrada. Andras estava em pé ao seu lado direito, presunçoso e silencioso. À sua esquerda estavam quatro monges. Apenas o Abade William encontrou os olhos dela. Pronta para a batalha, CC andou propositadamente para frente. Isabel ficou dentro da sala, perto da porta.

"Eu estava justamente admirando o seu mobiliário encantador." CC deslizou um dedo gracioso nas cadeiras e candeeiros. "Agrada-me ver coisas tão suntuosas, mesmo que seja uma surpresa vê-las em um mosteiro." A espinha do abade eriçou com as palavras de CC, e seu rosto pálido tornou-se repentinamente vermelho, refletindo o púrpura de seu manto.

"Eles são presentes do meu benfeitor, e embora eu estivesse confortável com mobília menos opulenta, seria rude recusá-los."

"Benfeitor?" As sobrancelhas de CC juntaram-se em confusão. "Eu entendi que este mosteiro pertencia à mãe de Sir Andras, assim isso não faria dela uma benfeitora?"

O cavaleiro falou rapidamente. "O mosteiro pertencia à família de minha mãe e passou dela para o meu pai no momento do seu casamento." Seu belo rosto torceu em um sorriso superior. "As mulheres não podem possuir propriedade. O que pertence à uma mulher é, por direito e por lei, sempre do marido. "

"Como é muito conveniente para o marido," CC disse sem olhar para Andras. "Nós não estamos aqui para discutir o papel dos maridos e esposas, não importa o quanto você tenha necessidade de tal instrução." A voz do Abade William foi claramente definida. "Estamos aqui para resolver o problema de seu comportamento, Princesa Ondine".

"Então, esta será uma visita curta. Não sei de nenhum problema com o meu comportamento."

CC inclinou a cabeça regamente. "Eu espero que você tenha um bom dia, Abade William." Mas antes que ela pudesse se virar para sair a voz do abade disparou. O ódio nela gelou o sangue de CC.

"Você não sairá até que tenha a minha permissão para fazer isso!"

CC congelou, os olhos cravados no rosto corado do abade. Ela pensou que podia realmente ver as veias pulsando nas têmporas com raiva. Quando ele continuou a falar, o fez com os dentes cerrados.

"Seu comportamento tem sido indiscreto e inadequado. Acredito que provas virão à luz de que você é um perigo para este mosteiro e para aqueles que estão nele."

"Como pode ser isso? Por seus próprios padrões, não sou nada mais do que uma mulher, e mesmo sendo uma princesa, minha função no fim das contas será pertencer a um homem. Que possível perigo eu poderia representar?" CC falou rapidamente, seu coração batendo tão alto que ela tinha certeza de que todos podiam ouvi-lo.

O abade sorriu maliciosamente, como se ela inconscientemente tivesse acabado de entrar no laço de uma armadilha.

"Você está certa que sozinha uma mulher é uma criatura indefesa, formada apenas para servir ao homem e suportar seu corpo e seus filhos. Mas é dessa natureza muito frágil e sedutora que o homem deve se proteger. Lembre-se, foi o pecado original de Eva, que destruiu o paraíso que Deus criou pra o homem!" Sua voz tinha aumentado até que a palavra do homem saiu como um grito. Os monges ao seu lado começaram a olhar nervosamente ao redor da sala, como se estivessem procurando por uma fuga ou um esconderijo. Andras estava acenando com a cabeça em concordância, ignorando completamente o tom enlouquecido de seu mentor.

A indignação que vinha esquentando dentro de CC por dias finalmente ferveu, e ela desatou o laço de cordialidade, permitindo-se verdadeiramente dizer o que pensava. "De onde eu venho muitos de nós consideram um pouco mais profunda essa história bíblica em particular. Se bem me lembro, Lúcifer, que foi descrito como a mais bela criação de Deus, tentou Eva. Ela resistiu, mas acabou por ceder." CC encolheu os ombros com indiferença, mas seus olhos desafiaram o sacerdote.

"Eu acho que mesmo o mais forte entre nós tem algo pelo qual pode ser tentado, você não acha Abade? Enfim, Eva cedeu à tentação de Lúcifer. Então ela foi até Adão e ofereceu-lhe o fruto. E Adão basicamente disse, "Ok!" Ele escolheu o que é proibido sem tentação sobrenatural, e sem muita resistência, ele automaticamente fez apenas o que uma mulher lhe disse para fazer. Quando você olha para isso logicamente, como eu acho que um homem deveria, chega a uma conclusão muito diferente sobre quem cometeu o pecado maior. Pelo menos eu acho que a maioria —"

"Silêncio!" O grito do padre ecoou pelas paredes de pedra desfiguradas. Desta vez os monges literalmente se encolheram, e mesmo os olhos de Andras se arregalaram de surpresa com a perda de controle do abade. "Você não se atreva a falar tal blasfêmia na minha presença. Suas palavras são a prova de que você está em aliança com o Maligno. Desde a primeira vez que passou por nossas portas, você trouxe a escuridão para dentro. Você deve ser expurgada deste lugar santo, e assim por expurgá-la de nosso meio, o mal será derrotado mais uma vez." Ele apontou um dedo trêmulo para o escudeiro que pairava por trás dela. "Leve-a para seu aposento para aguardar sua punição." O terror revirou seu estômago, mas ela manteve seu queixo erguido e em sua voz mais arrogante ela falou pela primeira vez diretamente para o cavaleiro. "Sir Andras, por favor, explique ao abade que me prejudicar não seria seu curso de ação mais benéfico." Quando o abade começou a falar, Andras colocou uma mão calma em seu braço. "Padre", ele acalmou. "Vamos ouvi-la."

"Eu me lembrei do meu direito de primogenitura. Prejudique-me e saiba que você brinca com a filha única do rei Canuto, o conquistador e Senhor dos Vikings". Sua voz era forte e cheia de orgulho.

Com sua declaração, o corpo de Andras ficou muito imóvel, e a cor do rosto corado do abade drenou como pingos de cera. O sorriso de CC era arrogante. "Eu já enviei a minha própria mensagem para ele. Os pescadores tinham razão em parte de seus relatórios, é muito ruim que eles estivessem tão nublados pela superstição, que não reconheceram que o que avistaram era meu povo procurando a filha de seu rei amado. Ontem à noite eles me encontraram, e foi então que a minha memória retornou. Você mesmo sabe que me abordou quando terminei minha subida da praia." Seu riso era cortante. "Por que mais eu seria tão atraída para as águas? Elas são o meu direito de nascimento. Logo meu pai virá por mim." A raiva na voz de CC encheu a sala.

"Se você me fizer mal, ele vai sucumbir aos seus Berserkirs* e eles vão te destruir."

*Guerreiros nórdicos, que adoravam o guerreiro Odin e se apegavam a cortes reais e nobres como guarda-costas e tropas de choque sendo relatados na literatura nórdica antiga por terem lutado com uma fúria quase incontrolável.

A sala estava em silêncio. Andras e o abade trocaram olhares furtivos.

"Se seu pai é o rei Canuto e os seus homens vieram até você a noite passada, por que é que permanece aqui?" Andras disparou a pergunta para ela. CC riu com desprezo e escárnio indignado. "Uma princesa Viking não age na calada da noite como um servo humilde. Enviei garantia ao meu pai que eu tinha sido resgatada e estava ilesa. Eu sabia que ele ia querer vir até mim ele mesmo para que pudesse recompensar aqueles que me trataram bem." E punir aqueles que não...

As palavras não ditas pareciam pairar poderosamente no ar elétrico em torno de CC.

"Se você não acredita em mim a solução é simples. Basta esperar. Se eu estiver dizendo a verdade, meu pai vai aparecer para reivindicar a mim, e você será recompensado. Se eu estiver mentindo, e eu não tiver uma família poderosa, ninguém virá por mim e você pode me punir para satisfação do seu coração." CC levantou uma sobrancelha para o cavaleiro. "E algo me diz que você precisa muito do dinheiro da recompensa do meu pai."

O cavaleiro e o abade trocaram um outro olhar, e CC ficou aliviada ao constatar que o padre parecia ter voltado ao controle. "Nós, obviamente, não desejamos prejudicar a filha de um rei", disse o Abade William. Ele olhou de novo para Sir Andras, que assentiu com a cabeça brevemente. "Continuaremos a prover-lhe o santuário pela quantidade de tempo que deve exigir de seu pai vir até você."

"Não mais do que uma quinzena", Sir Andras acrescentou.

O abade assentiu solenemente. "Uma quinzena será. Se o rei Canuto não reclamar você como sua filha dentro desse tempo, não terei escolha a não ser colocá-la a julgamento por heresia e bruxaria."

"Eu concordo", retrucou CC.

"Até que o rei Canuto venha a Caldei, você permanecerá em sua câmara sob guarda. Devemos estar certos de que nenhum mal acontecerá com uma dama tão preciosa", disse o padre.

CC sentiu o pânico como uma queimadura. Ela seria trancada em seu quarto? Seu coração pulou em seu peito. Ela encontrou o olhar reptiliano do abade. "Eu sou uma princesa Viking eu exijo mais liberdade do que isso. Se você me trancar em meu quarto eu vou dizer ao meu pai que me tratou como uma prisioneira e não como uma convidada. Ele não recompensa carcereiros".

"Ondine." O tom de Andras tinha perdido a sua raiva e voltou a ser condescendente. "Com certeza você vai concordar que a sua segurança é de extrema preocupação para nós, especialmente à luz do anúncio de seu sangue nobre."

"Sim-"

Andras cortou-a: "Ótimo. Então você vai entender que se optar por deixar a sua câmara vai estar acompanhada em todas as ocasiões por um guarda armado."

CC ergueu o queixo. "Eu sou tão perigosa?"

"Você é tão protegida."

"Oh, não pense que estou sem proteção." Ela estreitou os olhos em fendas e ficou contente ao ver os olhos de Andras ampliarem em resposta.

"Basta, feiticeira!" cuspiu o padre. "Podemos ter de tolerar sua presença até o seu pai pagão reclamar você, mas não vamos tolerar suas ameaças blasfemas."

CC balançou a cabeça lentamente para os lados e deu ao abade um olhar compassivo.

"Por que você assume automaticamente que uma mulher forte é o mal? O que aconteceu com você para se curvar para isto?"

Abade William levantou uma mão tremendo, palma para frente como se pudesse afastar suas palavras. "Escolte a princesa de volta para seus aposentos. Agora!" ele rosnou.

Sem esperar o escudeiro, CC virou-se e atravessou a sala. Enquanto ela se aproximava da porta, Isabel fez um show espetacular de servilismo se afastando dela e benzendo-se. CC zombou e fez um gesto de desprezo na direção dela. Quando o escudeiro fechou a porta atrás deles, CC pode ouvir a voz inconfundível de Isabel coaxar, "Demônio! Eu sabia desde o primeiro dia que eu coloquei os olhos nela! Demônio!".

O desempenho de Isabel fez CC morder o interior da bochecha para não rir enquanto o jovem escudeiro nervoso a levou pelo caminho de volta para seus aposentos.

Capítulo 24

CC escancarou sua porta, surpreendendo o escudeiro que montava guarda do lado fora.

"Eu quero ir para a capela, e preciso de ajuda para mudar minhas roupas. Chame aquela serva idosa, qualquer que seja o nome dela." O escudeiro malignamente piscou para ela, de repente, lembrando-a de um bezerro. Ela suspirou. "Agora! Eu não tenho todo o resto do dia para perder!" Ela bateu a porta na cara dele.

"Esta coisa de princesa fica cada vez fácil," murmurou para si mesma. As botas do escudeiro batiam vigorosamente contra o chão de pedra enquanto ele corria pelo corredor, apressando-se a obedecer ao seu comando. Ela andava de um lado para o outro enquanto esperava por Isabel. Ela tinha estado de volta em seu quarto durante horas, sozinha, sob guarda, com absolutamente nada para fazer exceto se preocupar. Não aguentava mais. Talvez se ela passasse o tempo limpando a capela, pudesse aliviar algumas de suas tensões, e se tivesse realmente sorte Gaia podia até aparecer. A deusa certamente tinha estado quieta ultimamente, o que estava fazendo de CC mais do que um pouco preocupada. Duas batidas teatralmente hesitantes soaram em sua porta.

"Entre!" CC não teve que fingir a frustração em sua voz.

"Você me chamou, Princesa?" Isabel disse enquanto mancava com óbvia relutância para o quarto.

"Sim, sim, sim", disse CC. "Apreste-se e feche a porta. Eu estou indo trabalhar na capela, e preciso de ajuda para mudar de roupa." CC viu a velha mulher dar ao escudeiro um olhar assustado antes que fechasse a porta. Assim que estavam sozinhas, Isabel correu para CC e as mulheres se abraçaram.

"Você foi espetacular!" Isabel falou no ouvido de CC enquanto soltava o intrincado conjunto de laços na parte traseira da peça de vestuário exterior de CC.

"Você não foi de todo ruim," CC sussurrou de volta, e as duas mulheres compartilharam um sorriso. "Mas eu não posso ficar aqui por mais tempo. Eu tenho que ficar ocupada, e limpar a capela vai certamente manter-me ocupada."

"Vou levar comida para você na capela. Já passa do meio-dia." Isabel sacudiu os ombros de CC. "Você perdeu outra refeição. Como vai ficar forte para o seu amante, se você não comer?"

"Você é sempre tão sábia", CC disse.

"É bom que você se lembre disso," Isabel repreendeu com carinho.

"O que aconteceu depois que eu saí?" CC sussurrou. As mãos de Isabel pararam por um instante enquanto ela juntava seus pensamentos.

"O abade quer destruí-la. Isso não mudou", ela falou num tom sombrio. "É apenas a influência do cavaleiro, e o medo de represálias dos vikings que o impedem de prejudicar você."

"Parece que Andras acreditou na minha história." CC podia sentir a velha mulher assentindo.

"Ele ambiciona o dinheiro do rei Canute, e ele ainda a deseja, mas não é um idiota. Está enviando reforços de Caer Llion. Ele teme que mesmo que você retorne com segurança para os Vikings, o rei decida saquear o mosteiro."

"Não parece que há muito aqui para saquear", murmurou CC.

"Oh, você está errada, Ondine. Os monges são conhecidos por sua lã fina e seu gordo e saboroso cordeiro. Além disso, o Abade William tem vários manuscritos antigos que os Irmãos, especialmente escolhidos por ele, meticulosamente copiaram."

"Eu não sabia de tudo isso", CC disse pensativa.

"O cavaleiro está agindo sabiamente."

"Bem, eu nunca pensei que Andras fosse estúpido, apenas pobre de espírito."

"Eu concordo com você", disse Isabel.

"Já era hora." A velha mulher bufou.

"Você tem que me seguir até a capela, também!", CC perguntou ao guarda, que andava um pouco atrás dela, carregando dois baldes cheios de água limpa. "Eu vou estar lá trabalhando."

"Devo ficar com você em todos os momentos, Princesa," o escudeiro disse mecanicamente.

"Enquanto eu trabalho, eu gosto de rezar. Sua presença estará interferindo em meu tempo de oração." Ela lhe lançou um olhar compreensivo. "Você é casado?" Pego desprevenido pela sua pergunta, ele estava muito surpreso para não responder.

"Sim."

"Você tem algum filho?"

"Ainda não, Princesa."

"Bem, no meu país existe a crença de que a Santa Mãe pode presentear casais com filhos e pode tornar os homens especialmente potentes." Ela fez uma pausa irônica e deixou seu olhar conduzir brevemente para baixo de seu corpo antes de continuar. "Se eles agradarem a ela. E, claro, ela pode fazer o oposto, se não agradarem. Eu não posso acreditar que a Santa Mãe vai ficar muito contente por você interromper o meu tempo de oração."

"Eu nunca iria querer interferir com a piedade de alguém tão devota. Vou aguardar você do lado de fora dessa porta." O escudeiro de repente parecia muito pálido.

"Obrigado. Eu tenho certeza que a sua sensibilidade será recompensada", CC disse docemente. Tomando os baldes dele, ela entrou no santuário escuro e deu um suspiro de alívio quando a porta se fechou atrás dela com firmeza. O riso da deusa a cumprimentou.

"Oh filha! Ameaçando o pobre homem com impotência. Realmente, acho que foi um pouco dura." Gaia descansava no chão na frente de sua estátua, radiante em um longo vestido de pura seda brilhante da cor de azeitona verde madura. Seu cabelo enrolava ao redor de sua cintura e parecia minar em uma brilhante relva à sua volta. A enorme sensação de alívio que CC sentiu à vista da deusa não impediu a ponta afiada em sua voz.

"Eu estou cansada de ser seguida, vigiada e mantida sob guarda." Instantaneamente, o peso dos baldes desapareceu como se mãos invisíveis os tivessem tirado dela. Eles flutuaram a centímetros do chão até que vieram repousar exatamente onde CC os teria colocado ela mesma. Ela sorriu a sua gratidão para Gaia e sentiu o seu humor iluminar, também.

"Obrigado, Mãe. Isso ajuda. E eu sinto muito se ofendi você."

"É compreensível, minha jovem", disse Gaia indulgentemente. "Então, o abade tem você sob guarda? O que aconteceu?" Rapidamente, CC atualizou Gaia sobre os eventos do dia. No momento em que ela terminou de falar os olhos da deusa estavam brilhando com orgulho.

"Você fez bem, filha. Você encontrou seu caminho usando seu próprio bom senso. Estou satisfeita com você." CC sentiu uma onda de calor maravilhoso com o elogio da deusa.

"E eu tenho notícias para você. Lir estará nestas águas na terceira noite. Lá ele vai ouvir a sua petição e apresentar sua sentença."

"Mas como ele reagiu? Você falou com ele sobre Sarpedon e Dylan?"

"Eu não tenho falado com o Deus dos Mares." Gaia jogou o cabelo para trás em irritação.

"Ele ainda está envolvido nos problemas das divindades havaianas."

"Então, como você sabe que ele está vindo?" CC perguntou.

"Eu enviei o meu mensageiro para ele com o meu pedido que ele venha até nós. Seu próprio mensageiro trouxe sua resposta ainda esta manhã." Uma sombra passou pelo rosto da deusa, obscurecendo seus traços encantadores.

"Mas algo a está incomodando. Você está preocupada com o que ele vai decidir?" CC perguntou nervosamente.

"Não", disse rapidamente Gaia. "Eu não temo o seu julgamento. O desejo de Lir sempre foi o de Ondine amar as águas e escolher viver lá feliz. Agora ele vai ter o seu desejo. Eu não acredito que sua rejeição ao pedido de casamento de Sarpedon vai mudar seus sentimentos, especialmente depois que ele entender que você tem o meu total apoio."

"Então você acha que Lir vai impedir Sarpedon de ir atrás de Dylan?" Gaia afagou-lhe a mão de uma forma tranquilizadora.

"Lir conhece Dylan. Ele sabe que o tritão é honroso e amável. Eu acredito que ele vai honrar a sua escolha. Será, sem dúvida, uma cena desconfortável quando ele explicar a Sarpedon que você tenha escolhido outro, mas a palavra do Deus dos Mares será obedecida e há muitas ninfas de boa vontade entre as quais o jovem Sarpedon pode escolher."

"Então, por que o olhar preocupado?" CC empurrou.

"Você começa a conhecer-me muito bem, filha," Gaia disse carinhosamente. Então ela piscou os olhos, pensativa. "A escolha do mensageiro de Lir foi incomum. Eu nunca soube que ele usasse qualquer mensageiro que não fosse um de seus golfinhos ou Selkies* selecionados, e desta vez ele escolheu enviar uma enguia do mar. A criatura nem mesmo parecia ser muito inteligente." Gaia encolheu os ombros.

* Selkies são criaturas mitológicas capazes de se tornarem humanas, tirando sua pele de foca e podendo retornar para sua forma, colocando-a novamente.

"Talvez o problema com os deuses bárbaros da ilha foi mais uma pressão sobre ele do que eu imaginava."

"Então isso não significou como um ato descortês para nós ou um sinal de que ele está furioso ou algo assim?"

"O Senhor dos mares não seria descortês com a Mãe da Terra ou a sua filha." Os olhos de Gaia brilharam.

"Eu deveria saber melhor," CC disse, dando a deusa um olhar compreensivo.

"Sim, você deveria." Gaia piscou para ela. Então sua voz tornou-se mais realista.

"Em dois dias, esta parte da sua vida estará terminada, e você será para sempre uma criatura do mar, acasalada com um tritão. Só vou perguntar-lhe mais uma vez, filha. Você tem certeza de sua escolha? Você não precisa pensar que o único ser humano que tem pra escolher é o cavaleiro. Se você me pedir para interceder, enviarei uma chamada que muitos homens irão responder. Você poderia escolher entre eles." CC falou lentamente quando ela respondeu a deusa, mas suas palavras foram firmes e sua decisão foi clara.

"Eu sei que deve parecer assustador eu deixar a terra para sempre, mas a água me chama, Gaia. E, sim, eu sei que muito disso é porque a verdadeira forma deste corpo não é humana, por isso continuamente anseia pela água." CC olhou firmemente nos olhos de Gaia, desejando que ela compreendesse. "Mas eu não quero desistir disso. Eu amo quem e o que eu sou quando sou uma sereia. E eu amo Dylan. É como se eu finalmente encontrasse a mistura perfeita de magia na minha vida." CC apontou na direção do mar. "E está lá fora." O sorriso da deusa foi agri-doce.

"Vou honrar a sua escolha, minha filha, bem como me orgulho de sua força."

"Mas, não é como se eu fosse embora para sempre. Eu ainda vou conseguir ver você!", Exclamou CC.

"Sim, filha. Minha enseada estará esperando para recebê-la, e eu sempre atenderei ao seu chamado." Ela levantou uma sobrancelha e sorriu maliciosamente.

"Talvez um dia você vá me presentear com uma neta terrestre amorosa."

"O que você acha de várias delas?" CC riu. Antes que Gaia pudesse responder elas foram interrompidas pela voz distintamente grave de Isabel vinda da entrada da capela.

"Sim! Se eu precisar de sua proteção contra a feitiçaria dela, certamente chamarei. Mas eu tenho que trazer alimentos para ela. Se ela enfraquecer e morrer, não será bom para nós quando o seu pai, o rei, aparecer." A voz rouca de Isabel facilmente percorreu a extensão da capela. Ela suspirou teatralmente antes do guarda fechar a porta atrás dela.

CC riu e piscou para Gaia.

"Ela realmente deveria ter sido uma atriz; ela está gostando disso um pouco demais." Esperando que a deusa desaparecesse como de costume, CC virou-se para cumprimentar a velha mulher e deu vários passos em sua direção, pretendendo pegar a pesada bandeja dela. Isabel foi mancando pelo corredor lateral, verificando todos os bancos para ter certeza de que estavam sozinhas. Quando ela viu que não havia monges rezando que espreitavam em volta, mudou sua expressão descontente para um largo sorriso.

"Eu lhe trouxe um novo tipo de-" A velha mulher parou de falar. Ela estava olhando para algo atrás de CC. Confusa, CC olhou por cima do ombro para ver o que tinha assustado Isabel. Lá estava Gaia, junto à estátua de Maria. E ainda assim não era Gaia. A mulher era muito bonita, mas era definitivamente mais mortal. Delicadas rugas davam a seu rosto uma expressão viva, agradável, e linhas de riso traíam seu bom humor. Ela estava vestida com túnicas simples de linho sem cor. Um xale marrom estava envolto em sua cabeça, escondendo a maior parte de seu cabelo cor de café, mas o que escapava do xale estava apenas começando a mostrar uma fina onda de prata. Apesar das evidências de idade, seu rosto tinha uma aparência atemporal. Ela poderia ter vinte ou quarenta anos, era impossível dizer. Ela sorriu para Isabel.

"Desculpe-me, Princesa Ondine. Eu não sabia que você não estava sozinha." Isabel colocou a bandeja sobre um banco próximo e voltou às pressas para sair.

"Por favor, não há nenhuma necessidade de que você vá." A voz de Gaia era melódica e com o sotaque muito parecido com o de Andras. "Meu nome é Galena. Eu vim para Caldei para trocar ovelhas para o rebanho de meu pai. Ouvi falar sobre a restauração da Santa Mãe, e não poderia deixar de visitar o seu santuário." Isabel estava estudando Gaia com uma intensa expressão de aberta curiosidade.

"Perdoe-me dizê-lo, mas é raro que um pai permita que uma filha cuide de seu negócio."

"Meu pai não tem filhos, e eu não tenho marido. Em sua velhice ele é sábio o suficiente para confiar em mim."

"Viu, eu disse que alguns homens respeitem as mulheres," CC disse, recuperando sua voz.

"Você está correta, Princesa, alguns homens respeitam," Gaia disse com um sorriso suave. "Mas não importa a opinião dos homens, as mulheres sempre terão um poder especial dentro de si." Seu olhar tocou a estátua reluzente. "Acredito que Maria vai concordar comigo."

"Você fala muito parecido com a princesa", disse Isabel. O sorriso de Gaia se alargou.

"Que coincidência adorável, como é minha visita de hoje."

Os olhos de Isabel não tinham deixado a face de Gaia. De repente, eles se ampliaram em descoberta.

"Perdoe-me por olhar fixamente, mas você carrega uma semelhança impressionante com a estátua da Santa Mãe." O riso de Gaia foi um som musical. CC esperava que Isabel não percebesse que as chamas das velas em torno da estátua pularam e dançaram em resposta.

"É assim tão surpreendente?", Disse a deusa. "Você não acredita que toda mulher carrega a centelha do Feminino Divino em seu interior?"

"Eu..." Isabel pigarreou. "Eu nunca ouvi falar sobre isso." A voz de Gaia era cheia de compaixão.

"Se aproxime. Eu tenho algo para mostrar a vocês duas." Em passos incertos Isabel deixou CC levá-la para o lado da deusa disfarçada. Gaia manteve uma mão na frente dela, com a palma para baixo. "Coloque suas mãos ao lado da minha." Sem hesitar, CC colocou sua mão ao lado da de Gaia, e Isabel a seguiu em acordo.

"Veja como maravilhosas nós somos, nós três, como refletimos os três aspectos do Feminino Divino," Gaia disse. Ela apontou para cada uma das mãos das mulheres em sequencia, começando com CC, que era bem modelada e lisa.

"A moça, bonita e jovem, com sua vida se estendendo diante de si, mágica e nova. Ela é vibrante e fresca, puxando a energia da primavera para si." Então ela apontou para sua própria mão. Era mais forte e os dedos já estavam começando a mostrar as linhas. Era uma mão que poderia fazer o trabalho de um dia inteiro e, em seguida, confortar uma criança doente.

"A mãe, completa e madura, cheia do poder de verão e outono. Ela é doadora de vida e nutriz. Ela é o coração de seu coração e sua casa. Sem honrar a mãe, a família não pode prosperar." Então, com um gesto infinitamente delicado, ela tocou a mão rugosa de Isabel. "E a idosa, mas eu prefiro o título matriarcal, a mulher sábia. Ela é rica em sabedoria e experiência, uma líder para aqueles que um dia tomarão o lugar dela quando ela se for, e um conforto para aqueles que estão no final da viagem da sua vida. Seu poder é de grande profundidade. Trata-se da experiência da idade forjada com a força do inverno." Gaia falou solenemente, apertando as mãos dela. "Sozinha, cada uma é importante e única. Mas juntas, formam uma ligação tripla que é soldada pelo Divino Feminino. Precisamos umas das outras, é assim que somos formadas. Negar isso é viver uma vida menos satisfeita."

"As mulheres precisam ficar juntas", concordou CC. "Mesmo que sejamos diferentes."

"Não é isso que a mulher é? Uma mágica e complexa mistura de diferenças," Gaia disse.

"Estou envergonhada de ter levado uma vida inteira para saber isso", disse Isabel. O sorriso de Gaia estava cheio de amor sem fim.

"Então veja você, não deveria ser nenhuma surpresa quando você reconhece o reflexo do divino dentro de outra mulher."

"Você é muito sábia, Galena," Isabel disse, ainda segurando a mão de Gaia.

"Eu sou uma pastora que teve longas horas de solidão em que pensar e orar", disse ela simplesmente. Então ela apertou as mãos de Isabel e CC antes de soltá-las deslizando.

"E agora eu posso ouvir as minhas ovelhas me chamando. Eles estão impacientes pelo meu regresso. Devo desejar um bom dia, senhoras."

"Que a bênção da Santa Mãe vá com você", disse Isabel.

"Sim, tenha uma boa viagem de volta", acrescentou rapidamente CC. Gaia assentiu com a cabeça para cada uma, em seguida, se inclinou brevemente diante da estátua da Virgem Maria. Quando ela levantou a cabeça, CC percebeu o brilho em seus olhos. A deusa disfarçada proferiu uma despedida para elas enquanto caminhava em direção à saída da capela. A neblina sempre presente de incenso parecia engolir ela quando desapareceu nas sombras.

"Uma mulher muito interessante," Isabel disse pensativa.

"Ela certamente é."

"Eu vou considerar suas palavras. São pensamentos novos para mim, mas tocou meu coração de uma forma que eu nunca senti antes..." Suas palavras desapareceram gradualmente quando o escudeiro abriu a porta.

"Está tudo bem aqui?", ele perguntou, piscando rapidamente como um pássaro nervoso enquanto seus olhos se acostumavam à escuridão. "Eu ouvi algo estranho."

"Tudo está bem. Eu apenas estou mantendo esta senhora aqui para me ajudar com o resto da limpeza pesada. Você provavelmente deveria enviar um recado para a cozinha de que ela vai estar ocupada pelo resto da tarde." CC fez um gesto enxotando ele. Ele olhou duvidoso, mas a ameaça de impotência de CC ainda pesava em sua mente.

"Estou apenas a uma curta distância," ele disse para a silenciosa Isabel quando recuou para fora da porta. CC e Isabel se entreolharam.

"Pensei que você iria querer ficar aqui por um tempo", CC disse simplesmente.

"Obrigado. Eu não gostaria de nada mais do que ajudar você a restaurar a capela da Mãe. E eu realmente gosto de passar tempo com você." CC sorriu.

"Eu gosto, também." Isabel respirou fundo e fez a pergunta que estava assombrando sua mente.

"Quando você deve deixar-nos?" CC sentiu uma pontada de arrependimento.

"Devo partir na terceira noite. Mas não precisa ser para sempre. Eu ainda estarei aqui, eu vou, bem, viver na água e parecer um pouco diferente, isto é, da minha cintura para baixo." Isabel piscou em surpresa.

"Então, ainda podemos visitar uma à outra?"

"Se eu não assustá-la", CC disse lentamente. Isabel tocou seu rosto em um gesto de infinita ternura.

"Você nunca poderia assustar-me, minha querida amiga. As diferenças não importam entre nós." Alívio inundou CC.

"Estou tão feliz, Isabel."

"Como eu estou, doce menina." Então, ela endireitou os ombros e começou a enrolar as mangas. "Se só temos mais dois dias, é melhor começar a trabalhar."

"Meus pensamentos exatos", disse CC. Isabel pegou a vassoura mais próxima e começou a atacar um ninho de teias de aranha em um canto escuro.

"Você sabe, você mesma pode ser uma mulher sábia algum dia", disse ela. "Faça dela uma sábia mulher-peixe, e eu vou dedicar-me a ela." Enquanto elas trabalhavam em conjunto para restaurar o que era por direito da Mãe, o riso se juntava e pintava as paredes com a alegria das mulheres que trabalhavam juntas em perfeita harmonia.

Capítulo 25

Isabel tinha acabado de pentear o cabelo grosso de CC, quando uma forte batida interrompeu sua conversa tranquila. Ela foi mancando até a porta para abrir.

"Eu vim para ver a princesa," a voz profunda de Andras ordenou.

"Por favor, diga a sir Andras que já me vesti para a cama. Os acontecimentos do dia me cansaram tanto que eu tenho que me retirar cedo". CC deixou sua voz transportar ao cavaleiro que escutava.

"Sir Andras, a princesa", Isabel começou, mas o cavaleiro a interrompeu.

"Talvez a princesa não estivesse tão fatigada se ela não sentisse a necessidade de pinotear sobre o campo durante a noite." CC suspirou e puxou um manto sobre sua cabeça. Ignorando o olhar silencioso que Isabel lhe enviou ela empurrou a porta aberta. Andras ficou com as mãos plantadas em sua cintura, o rosto vermelho de irritação. Ele obviamente tinha tomado muito cuidado com sua aparência. Ele estava recentemente limpo e vestindo o mesmo equipamento arrojado que tinha usado no primeiro dia que ela o tinha encontrado. Assustada, CC percebeu que ele devia ter chegado à sua porta para cortejá-la. Ela não era seu prisioneiro e possivelmente uma bruxa perigosa?

Então CC entendeu e piscou surpresa. Andras dissera ao abade que ele iria tomar sua decisão em breve sobre se ele ia se casar com ela ou rende-la. Obviamente, ele tinha decidido sobre o matrimônio, então ele estava simplesmente se comportando honradamente e começando a cortejá-la a sério. Parecia que a regra de ouro tinha superado suas tendências pagãs e sua boca sem rodeios. CC supostamente deveria estar lisonjeada. Ao contrário ela estava irritada. Ele não a queria, ele queria uma boneca Barbie medieval.

"Sir Andras, estou esgotada porque ao longo deste curto dia me lembrei do meu direito de primogenitura, defendi-me contra a acusação de feitiçaria e trabalhei duro para restaurar a capela que parece que tem sido negligenciada durante décadas. Acho que até mesmo um homem iria encontrar um dia cansativo como esse", completou, tentando manter o sarcasmo de sua voz. Quase como se ele não pudesse ajudar a si mesmo, os olhos de Andras estudaram sua face, demorando-se no alto, o arco gracioso das bochechas e a faixa completa dos lábios sensuais.

Em seguida, eles viajaram para baixo por seu pescoço longo e bem torneado e ficou quente com o vislumbre da pele onde a camisa estava aberta. Ele umedeceu os lábios. CC assistiu-o de perto. Quão longe se espalhou a influência de Sarpedon? Seus olhos pareciam normais, e

seus traços faciais eram seus, mas seu olhar era uma matéria-prima de desejo, o que era incomum para o cavaleiro. Até que Sarpedon começou a possuí-lo, Andras a tinha tratado com cuidado, ele não parecia o tipo de homem que pensaria que um comportamento como esse era adequado olhar uma senhora que estava tentando cortejar.

"É verdade Undine, você teve um dia difícil. Mas eu me lembro que não muito tempo atrás você proclamou que você encontrou o exercício de andar especialmente gratificante, mesmo quando você está cansada", ele persuadiu.

"Eu peço que você ande comigo princesa Undine". Ele deslocou o braço musculoso para fora dela como se esperasse outra resposta que ela felizmente aceitasse sua proposta.

"Hoje não, mas obrigado por perguntar." Isabel se mexeu inquieta ao seu lado ao enfrentar Andras escurecido com a raiva de sua rejeição.

"Peço-a a como um cavaleiro e um cavalheiro que você venha andar comigo, e você me despreza? ele disse incrédulo.

"Fiquei com a impressão de que quando uma dama é questionada, ela tem o direito de responder sim ou não", CC disse impaciente. Ela não tinha acreditado na mentira do cavaleiro. Ela estava cansada e queria nada mais do que terminar o seu copo de vinho e cair na cama.

"Eu não desprezo você, eu simplesmente exercito meu direito".

"Então como um cavalheiro que opta por exercer o meu direito de protegê-la de seus excessos próprios de modo que você será menos exausta e capaz de andar comigo. Esta noite e todas as noites a seguir haverá uma guarda estacionado em sua porta e janela para assegurar que você não se esgote com mais incursões desnecessárias para a costa", disse ele com finalidade cruel.

"Depois de amanhã, princesa Undine. Posso te encontrar em espírito mais animado, ou talvez eu tenha que ter a certeza de sua saúde e do seu descanso, limitando-lhe o seu espaço para o horário de verão, também." Ele fechou a porta com uma sólida batida.

"Eu deveria ter só andado com ele." CC suspirou. Isabel assentiu com a cabeça.

"Eu tinha medo de sua recusa a isca que o cavaleiro. Seu comportamento tem sido raro nos últimos tempos."

"Sim, posso ver isso agora, e nós duas sabemos o porquê."

"Sarpedon", Isabel sussurrou o nome. CC assentiu com a cabeça, esfregando o rosto cansado. "Todo este tempo eu estive mais preocupada com o Abade William. Acho que eu subestimei efeito de Sarpedon em Andras."

"Você tem subestimado o efeito da sua beleza", Isabel disse quando ela ajudou CC com o manto. CC riu sarcasticamente.

"Eu não estou acostumada. Meu corpo não era nada demais como este. Homens praticamente ignoravam-me." Isabel deu-lhe um olhar cético e fez um barulho rude na sua garganta.

"O que?" CC perguntou.

"Você não me disse que a beleza de uma mulher é mais complexa do que a sua aparência física? Isso se aplica a você, assim como para mim." Quando CC começou a discutir Isabel segurou sua mão até o seu silêncio.

"Palavras sábias ditas por uma mulher de verdade. Há mais em você do que beleza física. O cavaleiro sabe e quer possuí-la, completamente. Sarpedon simplesmente tem intensificado esse desejo." Isabel virou para baixo as cobertas da cama estreita e gesticulou para o CC subir "Descanse Ondine. Seus olhos têm que olhar escuro e assombrado. Dormir irá fortalecê-la." CC puxou a manta grossa até debaixo dos braços e encostou-se na cabeceira de madeira dura assistindo Isabel arrumar o quarto pequeno. Fora de sua janela, ela podia ouvir os sons de um guarda se estabelecendo para a noite. O que aconteceria em duas noites? Como é que ela sairia de seu quarto? Seu estômago agitou. O peso de Isabel fez a cama a ceder.

"Não tenham medo", ela sussurrou tranquilizadora, enquanto ela ajeitava os lençóis da cama de CC. Lembre-se, nós somos um, a donzela, a mãe e a mulher sábia. Juntos, vamos encontrar uma maneira de voltar para o mar".

"E Dylan," CC murmurou de repente os olhos brilhantes de lágrimas. Isabel colocou a mão no queixo de CC delicadamente.

"O seu amante. Estamos mais fortes do que eles sabem. Tudo vai ficar bem." CC enrolou-se ao seu lado e Isabel acariciou seus cabelos, acalmando-a em um sono profundo, cantarolando uma canção de ninar que de alguma forma lembrou CC do som das ondas.

Capítulo 26

No dia seguinte ladeada por dois guardas, CC conseguiu ficar indisponível para Andras através de um pequeno almoço apressado na cozinha, mesmo que lhe tomasse somente algumas lustrações culminantes para terminar seu trabalho na capela. Para evitar o cavaleiro, ela manteve-se ocupada capinando o jardim de ervas e na colheita de uma longa lista de plantas frescas para Isabel. Ela foi agradavelmente surpreendida quando de vez em quando um monge parava para elogiar a beleza da restauração de Maria. Ela tinha acabado de voltar para o quarto dela para limpar as mãos de algo pegajoso e mudar de roupa suja para uma nova quando soou uma batida contra a sua porta. Ela abriu a porta. O cavaleiro estava vestido como ele tinha estado na noite anterior, e sua expressão era tensa.

"Boa tarde, senhor Andras," CC disse formalmente, sentindo-se especialmente desconfortável sem Isabel a seu lado. Andras inclinou a cabeça.

"Princesa Ondine, confio que hoje você está recuperada e apta a andar comigo."

"Eu ficaria feliz, mas como você pode ver que eu realmente não estou vestida para isso." Ela apontou seu roupão sujo.

"Eu vou enviar a serviçal Isabel, para ajudá-la. Aguardo você no pátio", disse ele com firmeza, então executou uma brusca e militar meia volta e saiu fora. CC suspirou e fechou a porta. Ela não teve de esperar muito tempo para Isabel chegar.

"Venha, deixe-me ajudá-la com seu lindo vestido", disse ela, levantando o material brilhante, de onde ele estava envolto em toda a cama.

"Eu não quero andar com ele", disse CC.

"Você deve, ou possivelmente será trancada." Com essa lembrança, CC tremeu de medo. "Sorria para Sir Andras. Alimente seu ego", disse Isabel.

"Estou preocupada com o que Sarpedon poderia fazê-lo fazer." CC mordeu o lábio inferior. Isabel franziu a testa.

"Você deve tomar cuidado para não despertar a ira do cavaleiro, então talvez a influência do espírito do mal vá dormir. Pense em Andras como o cavaleiro arrojado que correu para salvá-la do mar. E lembre-se, esta é a última noite você vai passar como um ser humano. Amanhã você volta para a água. Você não pode jogar a princesa bonita por tão pouco tempo?" Isabel terminou laçar seu manto e começou apertando as longas cadeias de jóias no pescoço de CC.

"Talvez você possa convencer o cavaleiro a andar com você pelo mar. Você não poderia tolerá-lo em troca da chance de um vislumbre de seu Dylan? "

"Eu nem tinha pensado nisso!" disse CC, com o coração acelerado. Como se tornou hábito, durante o tempo que ela não poderia gastar com ele, CC tentou permanecer ocupada e não pensar muito de Dylan. Ela descobriu que se ela pensasse sobre o quanto sentia falta dele, a dor de seu desejo para ele e para o mar fundidas em uma força dolorosa que chegou perigosamente perto de ser esmagadora. Agora, ela sentiu-se tremer com o desejo reprimido, com os pensamentos de seu amante enchendo sua mente.

"Depressa!" disse Isabel.

"Criança", a velha tomou os ombros de CC em suas mãos, forçando-a a olhar em seus olhos, "você pode avista-lo, mas você deve controlar a sua reação à sua proximidade. Não mostre as suas emoções ou revele-as ao cavaleiro. Lembre-se, você deve aguardar o tempo da Santa Mãe. Prometa-me que você terá cautela. "

"Sim, sim! Eu prometo", disse ela rapidamente, querendo tranquilizar Isabel e fugir do quarto. Mas a velha não iria solta-la.

"Lembre-se de Sarpedon. Não coloque você ou seu amante em perigo porque você permitiu equivocadamente a paixão governar suas ações." À menção de Sarpedon fez CC sentir a cabeça clara.

"Você está certo. Prometo ser cuidadosa."

"Vá filha. E a sorte esteja com você, bem como as bênçãos da Santa Virgem". CC abriu a porta.

"Obrigado, minha amiga sábia." Então ela correu para o pátio. Andras andava inquieto indo para a frente e para trás na frente a porta arqueada da entrada que levava ao salão. Seus dois escudeiros estavam acompanhando dentro do pátio.

"Eu estou pronta para nossa caminhada", disse CC. Os três homens olharam para ela, e o calor de seus olhares era uma força contra o corpo tangível de CC. Seus olhos pareciam penetrar no fundo e ela sentiu a pele exposta em seu peito, pescoço, rosto e braços queimar com um choque elétrico de desconforto. Sua mão passou automaticamente para o pescoço.

"Há algo de errado?" , perguntou ela. Andras piscou e puxou o olhar de seu corpo para satisfazer os olhos. Ele se aproximou dela com um andar selvagem que lembrou CC de um animal em caçada. Quando ele chegou ao seu lado ele pegou sua mão sem resposta e

levantou-a aos lábios. CC queria puxar a mão de seu poder possessivo e correr de volta pelo corredor.

"Eu tinha esquecido como você é linda em seu vestido. É lamentável que tenha sido gasto tanto tempo com as vestes grosseiras dos Irmãos". Ele deslizou sua mão pelo braço de forma possessiva e juntos eles atravessaram o pátio. "Uma mulher de sua beleza e educação deve gastar todo o seu tempo em vestidos brilhantes rodeada por coisas de luxo." Com um esforço CC não suspirou.

"Então eu não seria mais do que uma boneca bonita ou uma peça de arte. Essas coisas são agradáveis para olhar, mas não têm nenhuma finalidade real." O riso do cavaleiro foi condescendente.

"Não é o propósito de uma mulher na vida ser uma coisa de graciosa e bela, um verdadeiro trunfo para o marido e a família?"

"Como eu ainda não sou uma mulher, eu acredito que estou a ser um trunfo para a minha família, trabalhando para restaurar a área da capela que é devotada a Maria. Você não concorda que o meu trabalho para a Grande Mãe é importante?" Andras acenou rapidamente.

"Claro, a devoção é sempre importante, especialmente em uma mulher." CC olhou o chão os dentes cerrados para manter a sua réplica dentro de sua boca. Só então eles passariam bem, e CC sentiu a sua atenção e seu olhar atraído por ele. Durante os últimos dias, ela havia evitado com sucesso chegar perto desta área do pátio. Até agora. À vista da fonte fez o estômago dela vibrar nervosamente. A estrutura de pedra em silêncio no meio do pátio, parecendo perfeitamente normal. Não houve fuga de vapor a partir dele, nenhuma forma fantasmagórica pairando sobre ele. CC nem sequer detectou qualquer um dos sentimentos de medo que ela tinha experimentado todo o tempo que Sarpedon começou a se manifestar. CC não estava certa o porquê, mas sua falta de reação para a fonte a fez se sentir muito desconfortável.

"Como você tem se sentido ultimamente?" ela perguntou abruptamente.

"Muito melhor", disse Andras.

"Sem mais...", ela lutou por uma palavra apropriada, "tontura ou desmaios ou de alguma coisa?"

"Nada. Durante a refeição do meio-dia o Abade William sequer mencionou o quão satisfeito ele está que eu tenha me recuperado e voltado a mim mesmo. Suas orações em meu nome, obviamente foram bem sucedidas."

"E ninguém mais tem atuado, hum, estranho?" CC perguntou.

"Não." Sua voz tinha uma ponta de desconfiança. "Por que você pergunta?" Ela encolheu os ombros com indiferença.

"Nenhuma razão em particular". Ela podia sentir que o cavaleiro ainda a estava estudando, então ela acrescentou o que ela pensou que ele queria ouvir. "Isso tudo me assustou. É um alívio saber que você está bem." Andras acariciou a mão dela com indulgência.

"É claro que assustou, mas você pode descansar. Estou totalmente recuperado, e você deve saber que sob minha proteção você não tem nada a temer." CC deu-lhe uma careta apertada que parecia como um sorriso, e ele acariciou-lhe a mão novamente. Pelo menos ele parecia estar agindo como ele.

Eles saíram pelas portas do mosteiro, e foi então que CC percebeu que os escudeiros estavam seguindo-os. E eles, como Andras, estavam bem armados. Levantando as sobrancelhas para o cavaleiro, ela perguntou:

"Há algo aqui que você tem medo?"

"Claro que não", Andras disse, puxando-se acima de sua altura, imponente, cabeleira loura reluzente ao sol no início da tarde. Ele realmente era incrivelmente bonito, o perfeito cavaleiro de armadura brilhante.

"Ah, então aqueles guardas deve ser para mim." Ela vibrou suas pestanas para ele provocando-o.

"Que tolo eu pensei que eu acabei de ouvir você dizer que eu não precisava ter medo de nada, enquanto eu estava sob sua proteção. Ou será que só quando estamos dentro das paredes do mosteiro?" O queixo do cavaleiro apertou. "Marten! Gilbert! Permaneçam aqui. Eu escoltarei a princesa só". Os dois escudeiros enviaram um olhar quente em direção a CC, mas eles fizeram como lhes foi ordenado.

"Venha", Andras disse, sua voz suavizada pelo tom de comando que ele usou com seus homens. "Vamos caminhar pela estrada. Bifurca-se não muito longe daqui e os ventos leste passam por uma pradaria bastante agradável. Eu pensei que você deveria visitar algumas das zonas interiores de Caldei", disse ele, colocando a ênfase na palavra. CC queria dizer-lhe que ela poderia se preocupar menos o que estava no interior, ela só queria ir para a beira-mar! Em vez disso, ela engoliu sua frustração e passearam despreocupadamente ao lado dele, cuidado para manter sua expressão neutra.

"Em qualquer lugar que você gostaria de ir é bom para mim. Você estava certo, eu aprecio o exercício." Andras sorriu com o elogio, e CC não resistiu a devolver o sorriso. Ele não parece estar abalado pela influência de Sarpedon e era o seu eu sempre macho novamente. O pensamento a fez virar um sorriso, e mesmo que eles não estivessem perto da água CC descobriu que ela estava gostando do passeio. Logo que eles chegaram CC reconheceu como o pequeno caminho que se ramificou a partir da estrada e serpenteava até a costa. CC apontou para a fuga.

"Não é o caminho que tomamos antes?" , perguntou ela.

"Sim". CC suspirou dramaticamente. "Você está bem, Ondine? Talvez você gostaria de descansar antes de continuar?" Andras perguntou.

"Não, eu estou bem. Eu só estava lembrando o almoço maravilhoso que você tinha embalado para nós e que bom tempo que tivemos naquele dia". Os olhos de Andras se arregalaram.

"Tenho o prazer de ouvir você dizer isso, Ondine". CC respirou profundamente, fortalecendo-se. Então ela virou-se para o cavaleiro.

"Andras, eu estive pensando sobre nós." Ela fez uma pausa, deixando a palavra arrastar-se no ar entre eles. "Tivemos alguns desentendimentos infelizes, e lamento por isso. Afinal, você me salvou, e eu deveria ser mais sensível do que eu tenho sido." Propositadamente, ela olhou para os pés, fingindo timidez de donzela. Então, olhando para ele através dos grossos cílios ela disse: "Talvez pudéssemos começar de novo." CC assistiu a um olhar feroz de triunfo passar rapidamente sobre o rosto do cavaleiro.

"Sim, vamos começar de novo", disse ele com paixão. CC engessou um largo sorriso no rosto. Quando o cavaleiro começou a inclinar-se para ela como se quisesse beijá-la, ela puxou-lhe a mão em seu braço e bateu gentilmente.

"Ah, bom!" CC gorjeou, balançando os dedos na direção da pista e iluminando seu rosto como se tivesse apenas uma idéia que lhe ocorreu. "E que melhor maneira de começar de novo do que para nós seguirmos o mesmo caminho que nós fizemos antes de todos os nossos desentendimentos começarem!" O cavaleiro hesitou apenas um instante antes de responder.

"Se isso a faria feliz, Ondine". CC suspirou de alívio quando pisaram fora da estrada e começaram a seguir a trilha. Demorou muito pouco tempo para se romper as árvores e chegar à linha de costa arenosa. CC respirou fundo, lavando-se no aroma da brisa salgada. Seu espírito vestido em seu corpo humano tremeu de tensão com a sua vontade de se reunir

as águas. O riso do oceano azul era doce e as ondas caprichosas jogando-se sobre a terra, chamando-a com uma voz que ecoou seu sangue.

"Você sempre se tornam ainda mais bonita quando você está perto do mar." A voz de Andras era crua com a luxúria. "Eu me pergunto o por quê."

CC arrancou seus pensamentos da água para focalizar o cavaleiro. Suas feições eram apertadas, travadas na expressão intensa de um homem determinado a possuir uma mulher. CC sentiu um arrepio de apreensão. Ela havia sido uma tola por acreditar que a influência Sarpedon poderia ser tão facilmente abalada. Ela percebeu que tinha de distraí-lo. Lutando para acalmar o medo dentro dela, ela formou em seus lábios um sorriso amigável.

"Bem, deve ser porque eu amo tanto o mar. Estar perto dele me faz sentir como se eu estivesse em casa." Ela tomou outra respiração profunda, transformando o rosto em um aspecto de interesse educado. "Mas é o suficiente sobre mim. Você quase não me disse nada sobre a sua infância. Gostaria muito de ouvir sobre Caer Llion". A menção de sua casa parecia romper o nevoeiro da luxúria e Andras piscou como um homem à tona depois de um longo mergulho.

"Caer Llion é um lugar de grande beleza", disse ele solenemente. "Não é selvagem como é essa linha de costa. É bem ordenada e civilizada". Andras aproximou-se dela. "Você pode encontrar lá tudo o que seu coração deseja." CC convocou um riso deleitado e pulou um passo para longe dele como se ela mal pudesse conter sua alegria com a idéia de aprender mais sobre sua casa.

"Oh, parece maravilhoso! Por favor, conte-me mais", disse ela enquanto vagava faceiramente abaixo da linha costeira pegando uma concha ocasionalmente ou um pedaço de coral descartado, enquanto ela mudava-se cada vez mais perto da água.

"Bem", Andras disse pensativamente enquanto seguia CC. "A primeira coisa que você deve saber sobre a Caer Llion é que é um castelo bem ordenado ..." Andras amava sua casa, e sua voz era quente e animada quando ele enumerou as maravilhas de Caer Llion. Tudo que tinha de fazer era um ocasional ruído interessado e sorrir encorajadoramente. Ele estava tão concentrado em sua descrição dos estúbulos de Caer Llion que ele nem percebeu quando CC escorregou os sapatos dela. Foi só quando ela subiu as saias e realmente entrou na água que ele fez uma pausa em sua recitação.

"Você deve ter cuidado. A água pode causar um calafrio." CC notou que seu olhar era rebitado sobre o vislumbre do joelho e panturrilha que ela estava expondo.

"Eu vou ter cuidado", disse ela, alegremente ignorando o calor em seus olhos. "Vá em frente, você não descreveu o salão principal do castelo ainda."

CC deu um suspiro de alívio quando ele continuou a sua dissertação. Acenando e sorrindo ela meio que se afastou dele e continuou andando pela orla. Avidamente, os olhos varrendo a água. Não havia nenhum lampejo de laranja e dourado, nenhum sinal do corpo elegante de Dylan. Ela queria chamar Dylan. Ela havia planejado, até que ela pisou na praia. O que seria que Dylan iria achar quando a visse com Andras? Será que ele confiaria nela ou se ele ficaria com raiva e ciúmes? Ou pior ele iria se sentir magoado e traído? Perguntas encheram sua mente, ela fez ruídos educados para manter o cavaleiro a falar.

A linha costeira dobrava a leste, então curvava-se para trás abruptamente ao oeste. No meio da curva foi formada uma enseada rasa que estava cheia de grandes pedras lisas. A água não era mais do que as ondas selvagens que rangiam costa abaixo no monastério. CC puxou as saias um pouco mais e saiu para a enseada, subindo facilmente até no topo mais arredondado do pedra.

"Ondine, as pedras são escorregadias com água do mar", disse Andras.

"Oh, elas não estão realmente muito escorregadias. Vê?" Ela bateu na pedra cor de areia com o dedo do pé. "A maré está baixa e no topo está seca." Ela sorriu para ele. "Andras, você diria que as pedras que Caer Llion foram construído são da mesma cor que esta pedra, ou eles se parecem mais com as pedras cinzentas do mosteiro?" Andras esfregou o queixo, ponderando as cores e tons das pedras de sua amada Caer Llion. CC pisou à rocha seguinte. Saltando de pedra em pedra, ela tinha viajado para bem longe da enseada e estava quatro montes de pedra longe do cavaleiro antes de ele terminar a descrição do muro que circunda Caer Llion. "Ondine, talvez você deva retornar para a praia agora." CC olhou por cima do ombro dele. Ele tinha andado mais perto das ondas e estava nervosamente olhando a água. Desta vez CC não sufocou seu sorriso.

"Andras, você não sabe nadar?" , perguntou ela. O cavaleiro prendeu o seu bem-definidos queixo.

"Não. Eu não sei." O riso de CC dançou por a toda a água.

"Você realmente deve aprender, é muito divertido, para não mencionar excelente exercício".

"Não tenho nenhum desejo de participar desse comportamento tão bárbaro". Ele tomou um passo mais perto da água. "Devemos retornar agora, Ondine". Antes que ela pudesse responder-lhe, um flash de brilho pegou o canto do seu olhar. Seu coração batia

descontroladamente assim que viu uma sombra familiar dourada logo abaixo da superfície da água. Foi deslizando em direção a ela.

"Eu acho que vou ficar por aqui mais um pouco," CC disse rapidamente.

Recolhendo as saias, ela sentou-se na superfície lisa e fria da rocha. Suas pernas balançando na água, que cobria os pés e panturrilhas. "Acho que estou um pouco cansada. Eu deveria descansar antes de eu tentar subir de volta para a praia." Ela deu-lhe um olhar de desculpas. "Eu acho que você estava certo novamente."

"Eu irei até você." A voz de Andras era curta quando ele colocou um pé na borda da linha d'água.

"Não!" gritou ela. O cavaleiro parou, e CC continuou com uma voz mais controlada. "Eu ficarei bem em alguns minutos, e eu não quero que você caia na água. Tenho certeza que conseguirei sair daqui." Andras deu as ondas de um olhar de mau gosto. A poucos metros de sua rocha na água um brilho dourado. "Eu vou ficar aqui", disse ela. Então ela olhou para as pernas. Alargando os olhos, como se observasse pela primeira vez que ela estava mostrando tanta pele, ela guinchou um pequeno suspiro de choque. Com o que ela esperava era virginal recato, CC mudou seu assento até que suas pernas estavam de frente para o mar, a sua nudez parcial escondida pelo volume da pedra. Ela torceu a cintura para olhar para trás o cavaleiro.

"Como é tolo de mim para chegar a esta situação. E eu certamente não percebi que eu estava sendo tão imodesta."

"Somos apenas nós dois Ondine". A voz de Andras aprofundou sugestivamente.

"E o que é um alívio para mim!" CC disse, enchendo a sua voz com ingenuidade. "Eu ficaria mortificado se alguém soubesse. Eu espero confiar que você não falara isso para o meu pai."

"Vossa Excelência está segura comigo Ondine". O olhar que Andras mandou era longo e íntimo.

"Obrigado. Agora, eu vou sentar aqui e descansar um pouco. Por que não continuar com a sua descrição de Caer Llion? Você não me falou ainda sobre suas câmaras pessoais."

"Eu preferiria que você visitasse as câmaras algum dia Ondine", disse Andras.

"Por que você não aguça a minha curiosidade com uma descrição?" ela disse rapidamente. Com Andras lançado em outra longa descrição a cabeça de Dylan quebrou a superfície da

água perto de seus pés. Seu corpo foi ofuscado pela pedra enquanto ele permaneceu na direção do mar ele estaria protegido contra a visão do cavaleiro.

"Está tudo bem, Christine?" O sussurro do tritão era tenso e os seus olhos eram escuros com a preocupação.

"Sim. Mas não deixe que ele saiba que você está aqui." CC olhou nervosamente por cima do ombro a atentamente descrição do cavaleiro das tapeçarias que cobriam as paredes de seu quarto.

"Ele mantém você presa?" Mesmo dentro de sua cabeça as palavras soaram ferozes.

"Não realmente. Ele só está me acompanhando em uma caminhada." CC enviou seus pensamentos para ele, derramando todo o amor que sentia por ele através de seus olhos.

"Lir enviou uma mensagem para Gaia que ele estará nestas águas amanhã à noite. Ela tem certeza que ele vai abençoar a nossa união e dizer para Sarpedon recuar."

"Amanhã à noite eu posso voltar para a água e para você. Para sempre."

Dylan estendeu a mão e com uma mão forte, ele acariciou panturrilha direita, com um toque lento e sensual. CC tremeu na corrente de desejo que viajou até a perna, pulsando com o calor dentro dela.

"Parecera uma eternidade a partir de agora até então." Em sua mente, sua voz era um encanto sedutor.

"Você disse que ia me esperar por uma eternidade," ela provocou.

"E irei, Christine. Irei, meu amor."

"Ondine você já recuperou sua força o suficiente?" A voz de Andras cortou seus pensamentos.

A mandíbula de Dylan cerrou.

"Ele não é nada para nós." CC enviou o pensamento a Dylan antes de chamar por cima do ombro o cavaleiro. "Quase. Só mais alguns minutos. Sua câmara soa agradável. Por que você não me diz como é um dia normal em Caer Llion".

"Para quem? Caer Llion e seus fundamentos são o lar de centenas de pessoas", afirmou com arrogância fácil. Quando o CC virou a cabeça e respondeu o cavaleiro seu rosto era uma máscara de curiosidade inocente.

"Comece por dizer-me o que fazer. Então, eu gostaria de ouvir o que as senhoras do castelo fazem para manter-se ocupadas durante o dia." O peito de Andras inchou.

"Sendo o filho mais velho, meus direitos são extensos e eles começam ao amanhecer..."

"O guerreiro quer que você pertença a ele." A suavidade da voz de Dylan não fez nada para esconder sua raiva.

"Não importa o que ele quer. Eu nunca poderia pertencer a ele", ela sussurrou urgentemente. "Por favor, acredite em mim, Dylan. Quero ninguém a não ser você".

"Você quis dizer algo Ondine?" Andras gritou. CC girou na cintura.

"Eu estava comentando sobre a forma interessante que tudo isso está se tornando para mim. Desculpe-me a interrupção, por favor, continue." Ela virou-se para Dylan quando Andras retomou a sua descrição da vida do castelo.

"Eu odeio que você tenha de suportar-lo." O pensamento Dylan entrou em sua mente.

"Ele realmente não é tão ruim assim, ele não é apenas o homem certo para mim. E de qualquer maneira, não vai ser muito maior agora."

"Um momento sem você é muito tempo, meu amor."

O tritão puxou a perna para ele e suavemente beijou-a na panturrilha.

"Suas pernas são tão macias, coisas maravilhosas." Com a luz beijou a boca, desceu docemente pelo bem torneado tornozelo, queimando um rastro de calor erótico.

"Eu admito que vá sentir falta delas." Seus lábios encontraram o arco delicado de seu dorso. Enquanto sua boca possuía, com as mãos acariciava a superfície sensível por trás de seus joelhos, em seguida, mudou-se para o tornozelo e as costas. Quando se mudou para sua outra perna CC não poderia segurar o gemido de prazer que lhe escapava dos lábios entreabertos.

"Ondine! O que é isso?" CC podia ouvir o barulho das botas do cavaleiro quando ele pulou desajeitadamente na água.

"Nada, Nada!" ela gritou, olhando para trás a tempo de vê-lo debatendo-se de joelhos na ressaca. "Não há necessidade de sair. Estou descansada e pronta para sair. Deixe-me ter certeza que eu estou apresentável", disse ela, lutando com a saia.

Ela virou-se para Dylan, mandando seus pensamentos para ele. *"Amanhã à noite, meu amor. Espera por mim amanhã à noite."*

Relutante, o tritão tirou as mãos de sua perna e começou a afundar-se abaixo da superfície brilhante.

"Por uma eternidade, Christine. Vou esperar por você por uma eternidade."

Então ele se foi. CC engoliu em seco, lutando contra um desejo quase irresistível de pular na água e nadar atrás dele. Não, ela disse a si mesma com firmeza. Tenho que esperar o calendário da deusa. Eu vim de muito longe para estragar tudo agora. É apenas mais um dia. Mas assim que ela se levantou e começou a viagem de volta ao cavaleiro inquieto esperando ela se sentiu vazia, como sua alma tivesse seguido Dylan para o mar, e ela tinha ficado apenas com o escudo do seu corpo. Reagindo à expressão desprovida de seu rosto, e seu triste movimentos letárgicos, Andras começou sua palestra, logo que ele a ajudou a descer do pedra.

"Talvez a próxima vez você vai se lembrar que é sábio me ouvir, especialmente em assuntos de sua segurança." Ausência de Dylan a encheu de tristeza, e os ombros caídos ela murmurou um rápido "Você está certo, da próxima vez eu vou ter mais cuidado". Andras deu-lhe uma auto-sorriso satisfeito.

"Tenho o prazer de ouvir você dizer isso Ondine. Sei que você é uma princesa, mas mesmo uma princesa deve tomar o conselho daqueles que são mais sábios e mais experientes. Mas por favor, não há nenhuma necessidade para você olhar tão triste. Estou aqui para você ". Andras deu um passo mais perto dela. Antes que ela pudesse protestar, ele levou sua mão na dele e levou-a aos seus lábios. Felizmente, o beijo foi curto, mas não deixou sua mão quando ele tinha acabado. Em vez pisou ainda mais perto dela e colocou as mãos sobre os ombros. Elas eram ásperas e pesados e CC sentiu seu peso como se fossem grilhões. Um tremor de medo misturado com repugnância viajou através dela, e ela tentou se afastar dele.

"Não tenha medo." Sua voz era rouca. "Você deve saber que minhas intenções são honradas. Estou pensando em falar com o seu pai, logo que ele chegar".

"Sobre o meu resgate?" perguntou ela, ainda tentando se afastar.

"Não é de admirar que trema se for o que você acredita!" Andras disse calorosamente. "Você pode se assegurar Ondine, que eu não sou o tipo de homem que iria usar uma mulher solteira e depois enviar de volta a seu pai suja. Vossa Excelência está segura comigo."

"Então você está dizendo que só usaria uma mulher que você não consideraria uma senhora?" Andras franziu a testa, como se ele não conseguisse decidir se a sua pergunta era ingênua ou impertinente. Relembrando sua reação ao descobrir que ela estava exibindo um vislumbre imodesta das pernas, o cavaleiro percebeu que para Ondine a questão deve ter o significado simples e ingênuo. Ele sorriu com indulgência para ela, e sua voz assumiu um tom paternal.

"O que estou dizendo, minha linda, é que tenho a intenção de pedir ao seu pai a sua mão em casamento."

"Mas eu pensei que você disse que a beleza precisa deve ser guardado de encontro", ela deixou escapar, analisou-lhe o rosto por os sinais indicadores de Sarpedon. Acreditando que sua falta de ar era um resultado de alegria em suas intenções anunciadas, Andras libertou um dos ombros, para que ele pudesse levar sua mão ao queixo.

"Não, se a beleza tem a devida orientação. Tal como o seu marido que irá fornecer-lhe a orientação". Sua voz profunda e seus olhos brilhavam com uma luz que fez seu estômago se apertar. "Considere-nos noivos, minha beleza. Você me pertence". O cavaleiro a apertou e inclinou a cabeça para baixo, para ela. CC não podia respirar. Ela estava presa, oprimida por seu tamanho e força. O que aconteceria se ele beijasse seus lábios? Intuiu que a influência de Sarpedon iria incendiar a um nível incontrolável. Ela tinha que fazer algo que quebraria seu desejo por ela sem irritá-lo. Lutando contra o pânico ela se forçou a pensar racionalmente. E uma única idéia veio-lhe, ironicamente nasceu de algo que Andras tinha dito. De repente, ela queria rir alto em alegria. Em vez disso, ela tomou uma respiração profunda, como se ela estivesse se preparando para um mergulho subaquático, e o instante antes de Andras tocar os lábios dela, CC espirrou. Violentemente. O cavaleiro recuou dela.

"Oh, meu Deus!" CC cobriu o nariz com as mãos e fungou. "Eu sinto muito." Quando ela baixou as mãos de seu rosto, Andras a levou de volta com força em seus braços.

"Isto não importa minha beleza", ele murmurou, dobrando-se novamente para os lábios.

"A chew!" Desta vez, CC abriu a boca e conseguiu realmente uma chuva de cuspe no rosto do cavaleiro. Ele soltou ela tão rápido que ela cambaleou para a frente, fazendo com que ele se afastar-se dela.

"A, a..." CC engasgou, acenando com as mãos na frente de seu rosto. "Chew!" CC esfregou o nariz dela. Ela teve o prazer de senti-lo ficando quente e vermelho sob o seu manuseio.

Andras estava olhando para ela como se ele tivesse medo que ela pudesse começar a liberar indiscriminadamente qualquer número de excreções corporais. Todos os vestígios de prata brilhante tinha deixado seus olhos.

"Parece que você estava certo, mais uma vez", disse ela, dando-lhe uma voz nasal pontada.

"Eu devo ter apanhado um frio lá fora na rocha molhada."

"Nós devemos voltar", disse Andras.

"Você é tão sábio," CC disse terminando sua sentença em uma tosse forte. O cavaleiro seguiu o caminho que levou da praia, CC tinha certeza que ela ouviu o riso de Dylan, profundamente masculino misturado com a música rítmica da maré. Ela disfarçou seu riso de resposta em uma tosse. Re-entrando nos terrenos do mosteiro CC ficou aliviado ao ver a silhueta de Isabel em um salão próximo obviamente mantendo um olho no relógio para a volta de CC. CC tossiu e espirrou quase simultaneamente.

"Você, aí!" Andras gritou com Isabel. "A princesa teve um resfriado. Que ervas e remédios que você tem?" Isabel correu para o cavaleiro, sua língua cacarejando como uma galinha agradou.

"Parece que eu deveria ter escutado o conselho do Senhor Andras. Ele alertou que eu poderia pegar um frio da água, e eu acho-rá ... rá ... rá ... chew...ter", disse CC . Isabel pegou o xale de seus ombros e envolveu ao redor de CC enquanto murmurava sob sua respiração sobre tola das mulheres jovens e conduziu-a para o corredor que levava ao seu quarto de dormir. Andras começou a segui-los, então ele parou olhando como se ele não tinha certeza do que ele deve fazer.

"Sir Andras, vou cuidar da princesa. Seria sábio se você mandasse um dos servos derramar um balsamo forte do vintage especial dos irmãos. Nós certamente não queremos que você fique doente também." Ela baixou a voz ameaçadoramente, disse então, "A princesa pode ser contagiosa." O olhos do cavaleiro se arregalaram, e ele deu automaticamente um passo mais longe de CC.

"Eu estarei na sala de jantar, se você tiver necessidade de mim Ondine". Andras se curvou um pouco. Então ele disse: "Isabel, Cuide de minha noiva também. Eu te encarrego pessoalmente de sua saúde." O cavaleiro voltou-se e retirou-se rapidamente para o pátio.

"Noiva?" Isabel sussurrou e correram para o corredor para o quarto de CC. CC fez uma careta e sussurrou de volta.

"De alguma forma Andras conseguiu se comprometer comigo sem eu dizer sim". CC pausou para adicionar um espirro e um par de tosses altas, apenas no caso de qualquer dos irmãos estarem ocultos ao redor. A porta para o quarto parecia um santuário. Tão logo estava bem fechada atrás delas CC assentiu com a cabeça à janela e perguntou em voz baixa.

"O guarda ainda está lá fora?"

"Não", Isabel respondeu com voz normal. "Os nobres estão ocupados observando a costa a qualquer sinal de Vikings". Isabel olhou atentamente para ela. "Esta doença é apenas um pretexto?" CC acenou e sorriu.

"Absolutamente. Você realmente acredita que a água poderia me fazer mal?" Seu riso se juntou a Isabel, CC sentiu seu espírito elevado e ela enviou um silencioso agradecimento à deusa pelo o dom da amizade da velha.

"É difícil manter o cavaleiro longe de você?" Isabel perguntou. CC concordou.

"Ele assustou-me lá fora. É como se Sarpedon estivesse com ele o tempo todo, mesmo quando parece perfeitamente Andras, mas qualquer pequena coisa que eu faço ou digo pode levá-lo a superfície."

"Não é de admirar que parecia doente", disse Isabel.

"Estou contente por isso acabar logo. Eu não sei quanto tempo eu posso evitar Andras."

"A capela é certamente limpa e a cozinha tornou-se uma floresta para a secagem das ervas", disse Isabel.

"Eu posso prometer-lhe que não existem ervas daninhas no jardim de ervas".

"Então é melhor se torna uma doença de impedimento", disse Isabel, pensativa. CC sorriu maliciosamente. "Então, que tipo de remédios que você tem em mente para mim?"

"Ah, eu acho que devemos começar com vinho quente misturado com ervas medicinais, e talvez um cataplasma de mostarda para o seu peito para aliviar a tosse". CC franziu o nariz e Isabel riu.

"Eu estou bem com o vinho, mas o cataplasma soa um pouco assustador. O que você vai colocar nele? Cocô de sapo e línguas de lagarto?"

"Você prefere ter Andras ou um cataplasma no peito?"

"Vou ficar com o cocô de sapo", assegurou-lhe CC. Isabel gargalhou alegremente quando ela apanhou o jarro e copo na cômoda de CC.

"Será necessário fazê-lo tão aromáticas quanto possível para garantir que o cavaleiro vá querer ficar bem longe de você."

"Eu suponho que isso significa que eu vou ter que ficar confinada em meu quarto hoje à noite e amanhã," CC suspirou.

"Eu imagino que se você aparecer bem o suficiente para caminhar, Andras irá dedicar-se a supervisionar pessoalmente a recuperação de sua noiva".

"Ugh" CC gemeu.

"Exatamente", disse Isabel, caminhando até a porta. "Vou preparar seus remédios e retorno em breve."

"Não se demore".

"Só o tempo que for preciso para reunir os sapos e lagartos". A porta fechou sobre o riso cacarejado de Isabel.

Capítulo 27

"Eca! Pensei que você estava brincando sobre o cocô de sapo. Essa coisa cheira horrível. Que diabos tem nele?" CC perguntou, se afastando de Isabel que estava segurando um frasco que tinha apenas descoberto. CC quase podia ver as ondas do mau cheiro que emanava do frasco aberto.

"Mostarda, alho, banha e urina de ovelha", Isabel disse, sorrindo maldosamente. "É um antigo remédio para a tosse úmida."

"Eu não tenho uma tosse úmida", CC disse, tendo certeza de manter sua cama entre as duas.

"O cavaleiro precisa acreditar que você tem."

"Não podemos apenas espalhar em torno da porta? Tenho certeza que ele vai ser capaz de sentir o cheiro, mesmo através de seis polegadas de madeira." Isabel riu.

"Eu suponho que poderíamos derramar em alguns trapos e soprar sobre eles. Isso deve manter o cavaleiro fora".

"Isso vai manter Andras, seus amigos, os irmãos e toda a criatura conhecida pelo homem afastado," CC disse, olhando nervosamente para o frasco, mesmo depois de Isabel colocá-la sobre a cômoda.

"E você acha que poderia esperar para começar a espalhar pelo ar até depois que eu tenha comido o meu jantar?"

"Você é muito sensível para uma mulher que supostamente deveria ser má", brincou Isabel.

"Bem, eu sou uma princesa."

"Obviamente". Elas sorriram uma para a outra, e CC acenou um agradecimento com a cabeça para Isabel, em seguida, começou a comer o guisado com entusiasmo.

"Engraçado que essa doença não tenha afetado o meu apetite", disse CC através de mordidas de pão fresco.

"Eu já considere isso". Isabel apontou para a sobrecarregada bandeja que ela tinha levado para a câmara.

"Parece um monte de potes de cataplasma. Eu não acho que qualquer um pode estar tão doente." CC fez uma careta. "Não, e ainda estar vivo."

"Sim, parece que estou exagerando um pouco com as cataplasmas, mas é compreensível. Nunca antes tinha tratado de uma princesa doente". Ela levantou o pano que cobria um dos jarros, e CC recuou, mas em vez do odor fétido de urina de ovelhas, tudo o que podia sentir era mais cheiro do maravilhoso guisado. Isabel sorriu conspiratoriamente.

"Isso, creio eu, é mais do que até mesmo você pode comer. Vou encher sua taça, e vai parecer que seu apetite foi afetado."

"Você é um gênio, Isabel."

"Apenas uma mulher sábia, Princesa", disse Isabel presunçosamente. CC pegou a taça de vinho e hesitou.

"Tem algo ruim nesse vinho?"

"Apenas algumas ervas leves. Nada que fará algo mais do que fazer com que você relaxe". CC cheirou o vinho.

"Não cheira mal". Isabel pegou seu próprio copo e bebeu profundamente. CC sorriu em alívio e tomou a saudável bebida. "É bom!"

"Não fique tão surpresa," Isabel criticou. "Eu fiz isso."

"Você fez o emplastro, também," CC apontou. "Não, Bronwyn e Gwenyth fizeram o emplastro", disse Isabel presunçosamente. "Elas são famosos por emplastro de cura. Enviam-lhe isso junto com seu amor."

"Bem, é só o seu amor e meu ódio por Sarpedon que poderia deixar essas coisas em qualquer lugar perto do meu corpo", CC, disse, dando ao frasco um olhar enjoado. Isabel gargalhou.

"Eles são muito conscientes disso. Você deveria ter ouvido elas preparando isso. Adicionamos um pouco mais de urina, vamos? A princesa deve ter apenas o melhor." Isabel imitou as duas vozes femininas com tanta precisão que CC riu tanto que quase derramou o seu vinho.

"Enquanto eu estiver sequestrada você acha que há alguma chance de que as outras mulheres pudessem me visitar?" CC perguntou. "Pode ser a última vez..."

"Elas virão", disse Isabel bruscamente, despejando mais vinho para as duas. "E isso é o bastante dessa conversa. Vamos vê-la novamente." CC assentiu com firmeza.

"Você está certa, claro. Não é como se eu estivesse voltando para o meu próprio tempo, eu apenas estou indo, bem, para algum lugar mais úmido." Elas sorriram uma para a outra e beberam seu vinho.

"Ondine, você me diria sobre seu tempo?" CC encolheu os ombros.

"Claro". Então ela percebeu que não tinha nenhuma idéia de como começar a explicar o século XXI para uma mulher medieval que nunca tinha estado mais de um dia fora de sua casa. "Existe alguma coisa em especial que você gostaria de saber?" CC perguntou, esperando por alguma direção.

"Eu gostaria de saber como o alimento é preparado no seu tempo", disse Isabel, sem hesitação. CC sorriu.

"Você vai adorar isso. Espere até você ouvir falar de supermercados e microondas." CC tinha acabado de explicar a uma Isabel de boca aberta sobre os restaurantes fastfood, quando duas rápidas batidas soaram na porta.

CC soltou várias tosses fortes antes de chamar em voz rouca: "Quem é?"

"Andras." CC espirrou.

"Só um momento." Isabel já estava revelando o pote de cheiro desagradável. "Hora de espalhar". Ela sussurrou e espalhou uma generosa quantidade de lodo amarelado em um pano de linho, que começou a acenar ao redor da sala. CC acrescentou para o efeito uma alta tosse. Virando a cabeça para baixo, CC vigorosamente desarrumou o cabelo em uma confusão e esfregou seu nariz já muito abusado. Em seguida, enrolou o cobertor da cama em torno de seus ombros e se arrastou até a porta.

"Espere!" Isabel sussurrou urgentemente. Antes que ela pudesse protestar Isabel levou o trapo com cataplasma incrustados e pendurou em seu pescoço. CC engoliu evitando vomitar e não teve que fingir o espirro que sacudiu seu corpo. Quando CC abriu a porta, seu nariz estava escorrendo. Ela cheirava como um barril de urina velha e parecia desgrenhada e pálida. No hall Andras e Abade William tinham suas cabeças juntas falando em voz baixa. Ao som da abertura da porta quebrou a discussão e voltaram sua atenção para ela. CC ficou satisfeita de ver a expressão de chocado rosto de Andras e o olhar de repulsa do abade. Encorajada, CC deu um meio passo para o corredor. Ambos os homens se moveram rapidamente para trás.

"Andras! Abade William!" CC disse em uma grossa, voz nasal. "É tão bom ver vocês dois. Gostariam de entrar?"

"Não!" o cavaleiro disse apressadamente. "Nós não gostaríamos de lhe cansar."

"Seria impróprio para Sir Andras entrar no seu quarto de dormir, mesmo acompanhado por mim", disse o padre, batendo os dedos efeminados na frente dele, como se ele estivesse tentando evitar seu contágio.

"Oh," CC disse tristemente. O cataplasma estava fazendo seu nariz escorrer e ela fez uma pausa para limpá-lo nas costas de sua mão. "Você tem certeza? Afinal, Andras e eu estamos noivos".

"Não oficialmente até seu pai chegar e abençoar a união", disse Abade William. "Isso é o que Andras e eu temos estado a discutir."

"Tenho certeza que meu pai vai- ahh ... ahh ... a... *tchin* !-Aprovar", CC disse satisfeita que além das palavras seu último espirro fez com que os dois homens recuassem um passo dela.

"Eu também, estou certo de sua aprovação", Andras falou rapidamente. "Agora você deve descansar e recuperar sua força."

"Sim", disse o Abade William, o nariz franziu em desgosto quando ele pegou outra lufada de cataplasma. "Tem a serva Isabel para lhe trazer qualquer coisa que você quiser." Os dois homens já estavam se afastando de sua porta. "Nós desejamos-lhe boa noite e uma rápida recuperação."

"Rezem por mim", CC disse depois deles. Ela mal conseguia fazer sair as suas respostas resmungadas. Assim que a porta estava fechada, ela pegou o fedorento pano em torno de seu pescoço. Rindo, ela devolveu-o à Isabel.

"Eles não querem entrar para uma visita. Imagine isso."

"Isso certamente não é muito carinhoso da parte deles", disse Isabel, e seus cacarejos se juntaram ao riso melódico de CC. "Eles disseram que você poderia me trazer qualquer coisa que eu desejasse." CC pegou a taça vazia e disse de forma dramática.

"Eu gostaria de mais deste excelente vinho. É medicinal. E companhia. Você acha que as outras mulheres estariam dispostas a enfrentar um possível contágio para me visitar?"

"Certamente. É apenas o direito de uma princesa de ter várias enfermeiras." Isabel realizou uma graciosa reverência que fez CC rir. "E sou obrigada a lhe obedecer, minha senhora." Agarrando a jarra vazia, Isabel correu para a porta com a energia de uma menina de um terço de sua idade.

Capítulo 28

Várias horas depois, quatro mulheres de idade e CC estavam no chão espalhadas ao redor da cama de CC em camas provisórias. Isabel tinha voltado ao quarto de CC, acompanhadas por três "enfermeiras". Em sua ida a cozinha, Isabel tinha interrompido Sir Andras e o abade em seu jogo noturno de xadrez.

Ela explicou que a princesa precisava de mais cuidados do que ela só poderia dar, e que precisaria de todos os cuidados durante a noite. Os dois homens concordaram prontamente, ambos visivelmente aliviados pela responsabilidade ser da enfermeira de Ondine e não propriamente dos dois. Isabel tinha imitado a voz nada sincera do abade enquanto repetia como ele ordenou que ela e tantas outras mulheres que fossem necessárias para passar a noite no quarto da princesa. Isabel tinha convidado aos homens a dar uma olhada em sua paciente durante a noite. O abade tinha explicado que o seu tempo seria melhor gasto em oração. Embora Andras tenha aparecido honestamente preocupado com ela, ele tinha prontamente concordado que Ondine deveria ser deixada em repouso, e que ela certamente não poderia fazê-lo se ele insistisse em visitá-la. E, claro, os guardas do lado de fora da porta da princesa e da janela, não seriam necessário.

Mesmo que a princesa estivesse bem o suficiente para esgueirar-se para fora, Isabel lhes assegurou que não estava, a presença das mulheres mais velhas por toda a noite garantiriam que ela ficasse em seus aposentos. CC sentiu uma sensação maravilhosa de liberdade, enquanto tomava um gole do excelente vinho quente de Isabel. As cinco mulheres ficaram rindo e conversando até tarde da noite. Isabel tinha confiado nelas a verdade sobre CC, e as mulheres pareciam não conseguir aprender o suficiente sobre os costumes e conveniências modernas. Agora seus rostos encharcados ficaram vermelhos com entusiasmo, assim como com vinho.

"Eu gostaria de aprender a Poultry Dance ", Gwentyth disse, acenando com a mão na frente de seu rosto aquecido.

"Chicken Dance", CC corrigiu com uma risadinha.

"Chicken Dance*", Gwentyth repetiu. Os olhos da velha brilharam. CC sorriu para ela.

"Deixe-me pegar ar, e eu vou te ensinar outra dança." CC balançou as sobrancelhas sugestivamente. "E o que me diz sobre uma música para acompanhá-la?"

**Chicken Dance é uma história incrivelmente inspiradora sobre frangos superando os obstáculos diante de si para alcançar seus sonhos.*

As quatro mulheres de idade gritaram de alegria. Era como uma festa do pijama, pensou CC. O ano não importa, a camaradagem de mulheres se unindo para celebrar a vida e a amizade era eterna. Quando as mulheres conversavam animadas sobre o que elas aprenderiam em seguida, CC cantarolava baixinho para si mesma, tentando se lembrar de todas as palavras para o clássico de Aretha Franklin, "Respeito". Quando elas eram líderes de torcida, ela e sua melhor amiga, Sandy, fizeram até uma *funky dance* para a música da escola, e ela tinha certeza de que conseguia se lembrar da maioria dos movimentos. CC olhou suas backing vocals. Elas amariam estas ...

"Não, Bronwyn, você tem que agitar as pontas de seus dedos em ambas as mãos junto com as palavras, apenas a... só a... só a...- antes de fazer o movimento de mover a cabeça para os lados e cantar apenas uma pequena parte." Explicou CC novamente para a velha.

"Ondine, é então que começamos a empurrar o quadril? Gwenyth perguntou. Isabel falou antes que ela pudesse responder.

"Sim. Nós empurramos nossos quadris ao mesmo tempo que movemos nossa cabeça de um lado ao outro." CC tinha de sufocar seu sorriso. As senhoras tinham aprendido com completo entusiasmo os movimentos e a letra de "Respect". E ela teve que admitir que as quatro mulheres mais velhas tinham uma decente voz e um natural sentido de ritmo.

**Respect (em português: Respeito) é uma canção estadunidense escrita e originalmente lançada como single por Otis Redding em 1965. No entanto, "Respect" é mais conhecida como sendo a "canção assinatura" da cantora de R&B/soul Aretha Franklin. Redding escreveu a canção na forma de pedir o respeito e reconhecimento de uma mulher. A versão cover de Aretha Franklin se tornou uma marca registrada do movimento feminista.*

"Ok!" CC disse, e o quarto ficou em um atento silêncio. "Penso que estamos prontas para tentar novamente desde o início?" À luz das velas, as quatro cabeças cinzas pareciam brilhar enquanto acenavam com entusiasmo em resposta.

"Bronwyn, você não pode dançar com o cálice de vinho na mão", salientou Isabel. O sorriso de Bronwyn mostrou dois dentes em falta, ela piscou para CC antes de engolir a última gota do cálice e deslizar para fora do caminho no chão.

"Cantores de backup tomem seus lugares", CC disse oficialmente, e as mulheres correram para formar uma linha horizontal atrás dela. "Vocês estão prontas?"

"Pronta, Ondine!" , responderam as quatro. Com um enorme sorriso CC virou e começou dançando e cantarolando no tempo da batida de uma banda imaginária, e com um grito suas cantoras de backup se juntaram a ela em uma versão medieval do clássico de Aretha, depois as cinco entraram em colapso em ofegantes risos pela cama CC.

"Em seu antigo mundo as mulheres deveriam ter tanta diversão", disse Lynelle melancolicamente.

"Sim, havia. Mas eu não consigo lembrar de uma época quando eu era feliz lá, então eu estou aqui, neste momento." As mulheres irradiaram sorrisos uma para a outra. Bronwyn soluçou um pouco bêbada, e todas riram.

"Diga-nos sobre seu amante," Lynelle disse. CC piscou em sua surpresa. Até então, tinham limitado as suas perguntas para o passado de CC, a sua vida humana. Ela tinha assumido que o pensamento de sua vida como sereia fariam as mulheres se sentirem desconfortáveis. Agora Bronwyn e Gwenyth ecoaram o pedido de Lynelle. Isabel assentiu encorajando-a. CC coração inchou com a sua aceitação.

"Bem," ela disse suavemente. "Dylan é diferente dos homens daqui." Lynelle aspirou.

"É claro que ele é, filha."

"Sim", Bronwyn desabafou.

"Ele é um peixe." Isabel deu uma cotovelada nela e fez um barulho de shhh!.. Bronwyn parecia mortificada.

"Na verdade," CC disse, sorrindo para ela, "ele é um mamífero, como um golfinho ou uma baleia. Mas quando eu disse que ele é diferente, eu não estava falando sobre seu corpo." CC tocou a têmpora com um dedo. "Ele é diferente aqui." Em seguida, mudou para descansar o dedo rapidamente sobre o peito, sobre o coração. "E aqui. Ele é gentil e bom. Ele não me vê como uma coisa para ser possuída ou usada. Ele me vê como sua igual, ainda mais que isso."

"Ele te ama", disse Lynelle.

"Sim, e para ele isso não significa que tenha que me controlar ou destruir o que é original sobre mim para que possa refazer-me em algum tipo de imagem distorcida daquilo que ele vê como a perfeição do sexo feminino."

"Isso seria Sir Andras", disse Isabel. "E muitos outros homens de nosso mundo", Bronwyn acrescentou. Gwenyth e Isabel concordaram com a cabeça, mas Lynelle olhou pensativa.

"Meu marido não era como Sir Andras. Creio que seu amor era mais parecido com o tritão," Lynelle disse. Os olhos de CC se arregalaram de surpresa e o sorriso de Lynelle foi agridoce. "Não, eu não tenho sido sempre como tal." Sua boa mão apontou para o apêndice murcho que ela segurou frouxamente contra seu lado. "Isto aconteceu pouco tempo depois que

estávamos casados. Ele poderia ter me deixado de lado, mas ele não fez ..." Os olhos da velha se encheram de lágrimas e ela tomou um gole de vinho e limpou a garganta antes que pudesse continuar falando. "Ele era um bom homem. E foi a minha grande alegria ser sua esposa."

"E você vai encontrar alegria em ser a esposa de Dylan", disse Isabel.

"Ao Amor!" Lynelle disse brilhantemente, levantando a taça.

"Ao Amor!" as mulheres brindaram, sorrindo uma para a outra. Beberam em um silêncio compatíveis, cada uma perdida em memórias, até que a voz de Lynelle interrompeu o silêncio com outra pergunta.

"Será que ..." Ela hesitou e olhou rapidamente para as outras mulheres, como se pedisse apoio. Então, ela se apressou. "Seu toque a agrada?" CC sentiu o rosto ficar quente por outros motivos do que o vinho.

"Seu toque me faz sentir como se eu estivesse em fogo." As quatro mulheres suspiraram felizes.

"Ondine!" A voz de Lynelle estava cheia de excitação. "Por que você não vai com ele hoje?"

"Eu tenho que esperar até amanhã. Então o assunto de Sarpedon estará terminado", CC disse.

"Sim, para me juntar a ele permanentemente você deve esperar até amanhã", disse Lynelle rapidamente. "Mas você não pode visitá-lo antes?" CC sentiu uma onda de euforia. "Eu-eu acho que posso, mas eu teria que ser muito cuidadosa."

"Nós tomaremos cuidado para que o abade, nem o cavaleiro procure por você esta noite", disse Isabel.

"Mas os escudeiros foram destacados para vigiar Vikings", Bronwyn lembrou.

"Verdade", disse Isabel. "Mas eles vão estar olhando para o mar procurando por os invasores. Eles não vão estar procurando uma menina saltitante que sabe como desaparecer nas ondas."

"Será que o seu tritão estará lá hoje à noite?" Gwenyth perguntou. CC assentiu com a cabeça.

"Tudo o que tenho a fazer é chamá-lo". O rosto envelhecido de Gwenyth se enrugou de preocupação.

"Você não deve chamar em voz alta." CC riu e levantou-se, girando em uma improvisada passo de dança da felicidade.

"Eu não tenho que chamá-lo com a minha voz, eu o chamo com meu coração." Uma eternidade, CC pensou. Ele responderia pela eternidade.

"Vá para ele", disse Lynelle. "Sim", disse Bronwyn e Gwentyth juntas. CC se virou para Isabel. Com as mãos de uma gentil mãe, a velha tirou uma onda loira da cara de CC.

"Nós estaremos aqui. Se o abade ou Sir Andras chamar você, vamos simplesmente dizer-lhes que o vinho e que a doença a deixaram sem sentidos. Então vamos espalhar mais emplasto debaixo dos seus narizes. Vá para o seu amante."

"Então me ajude a puxar a cômoda sob a janela," CC disse ansiosamente. "Poderia alguém encontrar meus sapatos?" A sala explodiu em comoção feminina. Em um piscar o lixo foi retirado da parte superior do armário, a cômoda foi tomar a sua posição sob a janela e os dois chinelos de CC foram localizados e colocados rapidamente em seus pés. Ela já estava vestindo apenas sua camisa, então ela não tem que esperar com impaciência para Isabel a despir-la do cativeiro de seu ornamentado vestido. Antes que ela subisse em cima da cômoda, ela abraçou cada uma das mulheres.

"Isso é tão romântico", Lynelle sussurrou em seu ouvido.

"E maravilhoso", Bronwyn concordou.

"Emocionante", Gwentyth acrescentou.

"Vá com a bênção da Santa Mãe". O abraço de Isabel era forte. CC beijou a bochecha da velha mulher.

"Serei cuidadosa".

"Você precisa voltar antes do amanhecer para que os raios do céu não a revelem aos homens do cavaleiro."

"Eu vou. Não se preocupe." Ela deu a Isabel outro abraço rápido e começou a girar, então, mudando sua mente, ela parou. Em um súbito impulso CC levantou a corrente de prata do pescoço. A lágrima âmbar balançou preguiçosamente quando ela colocou o pingente sobre a cabeça da velha. "Mantenha-o para mim enquanto eu estiver fora", disse a Isabel, cujos olhos se enchiam de lágrimas, enquanto sua mão carinhosamente pegava o âmbar da deusa. Incapaz de falar, a velha balançou a cabeça e viu como CC subia agilmente para cima da

cômoda, utilizando as gavetas parcialmente abertas como degraus. Lentamente, CC espiou pela janela. A noite estava escura, a riqueza da tardia hora escondia o mosteiro em um véu de veludo preto. A lua era uma foice, fina e brilhante que lançava apenas luz suficiente para transformar árvores em sombras e caminhos em fitas de pálida luz.

"Você vê algum dos homens?" O sussurro de Isabel carregada de dentro da sala. CC sacudiu a cabeça.

"Então vá rápido", apelou Isabel. Segurando o fôlego, CC mudou seu acento para o parapeito da janela, então ela se virou, encontrou seu ponto de apoio e caiu silenciosamente no chão macio. Ela ouviu um grunhido de dentro do quarto, seguido por um vislumbre da face de Isabel emoldurado pela janela. Um flash da luz da lua refletida na corrente de prata.

"O que você está fazendo?" CC assobiou.

"Tomando conta de você." A velha murmurou. "Agora vá para o seu amante."

CC Isabel sorriu e soprou um beijo antes de correr pelo pequeno trecho de terra que separava o mosteiro do penhasco rochoso. Sentia seus pés leve e rápidos, CC percorreu sem dificuldades o familiar caminho. Muitas vezes, olhava para cima na borda do penhasco acima dela, preocupada que iria ver a silhueta de um escudeiro de Andras, mas o precipício permaneceu vazio e logo seus pés afundaram na areia da praia. Dylan! Seu coração chamou enquanto ela tirava os chinelos e deslizava a camisa de seu corpo nu. Eu estou aqui! Por favor, venha para mim.

Os dedos frios das ondas batendo contra as pernas parecia um sonho maravilhoso, erótico, e enquanto ela entrava no mar o desejo quase incontrolável de se transformar em sua forma de sereia e desaparecer nas suas profundezas a convidava profundamente contra a sua vontade.

Ela forçou o desejo para baixo, com tremendo esforço que lhe custou. Amanhã, ela prometeu a si mesma. Eu só tenho que esperar até amanhã, então eu nunca terei que me separar da minha forma de sereia. "*Ou de mim.*" A voz de Dylan soou dentro de sua mente um instante antes dele surgiu a poucos metros à sua frente.

"Estou sonhando com você aqui, meu amor?" o tritão perguntou.

"Bem, vamos ver. Se você me tocar, e eu posso sentir isso, então não é um sonho", disse CC. Seus pés correram para fora da terra firme, mas antes que ela pudesse nadar duas tacadas completa, Dylan puxou-a para o calor de seus braços. Avidamente, seus corpos se encontraram. CC sentiu um arrepio de prazer quando provou sua lisa e quente boca.

"Você pode sentir isso?" A respiração de Dylan era quente contra os lábios entreabertos.

"Eu posso sentir tudo", CC disse. "Então eu não estou sonhando com você aqui, eu desejei você aqui."

"Eu não tenho muito tempo esta noite." A respiração de CC travou quando a boca do tritão explorava o oco de seu pescoço. "Andras pensa que eu estou doente, então ele não está procurando por mim, mas seus homens estão vigiando os Vikings". Dylan riu abafado contra sua pele, e seus dentes brincalhões puxaram o lóbulo de sua orelha, antes dele falar.

"Eu gostei da sua performance na praia."

"Bem, eu não poderia deixá-lo me beijar", CC disse. Ela não mencionaria a posse de Sarpedon sobre o cavaleiro. Ela não iria estragar o seu curto período de tempo juntos e lhe causar preocupação desnecessária. Dylan pegou seu rosto na mão.

"Não, você não poderia deixá-lo beijá-la." E o tritão apertou os lábios ao dela, apagando efetivamente a imagem do beijo frustrado de Andras de suas mentes. "Eu vou ter que sair antes do amanhecer desta vez",

CC disse, arqueando seu corpo contra o dele, amando a intensa sensação erótica de seu exótico corpo pressionado contra o dela.

"Eu quero me sentir dentro de você." A voz de Dylan foi áspera de paixão.

"Sim!" CC disse, puxando seu lábio inferior com os dentes. O tritão gemeu, CC e sentiu o seu rígido comprimento enquanto pulsava contra a suavidade de sua coxa. Ela mudou, de modo que pudesse deslizar facilmente dentro dela, mas Dylan sacudiu a cabeça.

"Não aqui. Não assim. Esta é a última vez que você vai fazer amor como um ser humano. Não deve ser algo feito na pressa da paixão impensada. Deve ser saboreada". CC mordiscou seu pescoço.

"Eu estou saboreando-o." O riso de Dylan se misturou com um gemido de desejo.

"Venha comigo, sereia, vou te ensinar sobre saborear."

"Bem, certamente não há dúvidas nenhum de que você é o meu professor favorito", CC disse enquanto encostava contra seu peito, deixando os poderosos golpes de sua cauda empurrá-los para a praia. CC fechou os olhos, curtindo a mistura de sensações da água e de seu namorado contra a sua pele nua.

Quando sentiu a areia contra o seu corpo seus olhos abriram em surpresa. Eles estavam deitados metade fora da água, na pequena rocha pontilhada da enseada, CC tinha visto mais cedo naquele dia. A curvada lua lançando uma suave, luz mágica, que refletia a preguiçosa água em torno deles.

O corpo de Dylan pressionado contra o dela, e ele acariciava o comprimento dela com as lisas mãos de mar. CC sentiu-se quente e fria e flutuando todos ao mesmo tempo.

"Eu acho que você é o tritão", disse ela, acariciando a colorida carne que inchou dura contra ela. Dylan fez um ruído estrangulado e deslocou seu peso de modo que eles estavam em seus lados, encarando um ao outro, e ela podia tocá-lo com mais facilidade.

"Eu não posso ser. E sou eu quem estou sob seu feitiço", disse Dylan. O tritão deslizou sua mão até o comprimento de sua coxa, esfregando círculos sedutores sobre a pele sedosa das pernas. Então ele se inclinou para ela e sua boca substituiu a mão e ele presenteou sua pele com beijos e mordidas provocantes, até encontrar o centro molhado dela. Lá ele devorava, a língua continuava suas carícias circulares, aumentando em movimento e ritmo até CC segurar seus ombros e estremecer com a intensidade de seu clímax. Novamente ele mudou o seu peso e puxou-a em seus braços. Sentia-se vivo com a sensação, e envolvido dentro de sua força, CC explorou sua boca, deixando suas mãos vagarem por seu corpo como se tivessem vontade própria.

"Seu corpo me surpreende", CC disse-lhe enquanto que a sua boca e mãos descobriam novas cadeias musculares. Lembrando a sensibilidade de seu próprio corpo-aquático, ela acariciou sua carne ardente com seus provocantes dedos. A Respiração de Dylan acelerou e CC podia sentir a tensão zunindo através de seu corpo, que agora estava liso com o suor, assim como a água salgada que se movia gentilmente contra ele. Quando sua boca começou a traçar a linha abaixo do seu tronco, onde o objeto de desejo de CC se encontrava com pele humana, seu corpo tremeu e ele chamou o seu nome entre as irregulares respirações.

Em um movimento rápido, ele a puxou para cima. Então, ele estava acima dela, descansando seu peso em seus braços. O céu da noite delineava seu poderoso corpo, e CC podia ver em seus escuros olhos lampejos de desejo desencadeado. Abriu-se a ele, e, envolvendo as pernas em torno dele, ela arqueou, incitando-o em silêncio. Dylan enterrou-se dentro dela, e CC encontrou sua investida com igual intensidade. Ele devorou sua boca e aumentou seu ritmo. CC sentiu a deliciosa tensão surgir dentro dela novamente, e quando o corpo do tritão começou a tremer no orgasmo, ela encontrou seu próprio clímax enquanto a noite fragmentava em uma explosão de sensações. Depois, CC aninhou-se firmemente contra o peito de Dylan. O tritão escovava a areia dos ombros com as suaves mãos que tendiam a se arrastar na longa e graciosa curva de suas costas.

"Agora eu vejo o que você quis dizer sobre saborear", ela murmurou. O peito de Dylan ressoou com sua profunda risada.

"Eu gostaria de ter tentado saborear mais." CC sentiu-o encolher os ombros. "Mas eu não consegui resistir a você, sereia." CC olhou para ele.

"As Sirens são sereias?" Sua risada se transformou em riso, e ele a abraçou.

"Não. São ninfas das águas."

"Não sereias?"

"Sereias? Definitivamente não." Ele beijou sua testa. "Mas elas são criaturas sedutoras preenchidas com intenção erótica." Deu-lhe um olhar significativo.

"Tem certeza de que elas são do sexo feminino? Elas soam muito como você", brincou CC. Dylan sorriu para ela.

"Não há Sirens do sexo masculino."

"Você poderia ter me enganado," CC disse, puxando a boca dele para baixo, para o dela. Ela beijou-o, pressionando seu corpo contra o seu tão perto que ela podia sentir sua crescente pulsação contra seu peito.

"Se você continuar me beijando assim, você não estará de volta ao mosteiro antes do amanhecer." A voz de Dylan já aprofundou-se com seu crescente desejo. CC suspirou e mordiscou seu lábio inferior.

"Mais um dia."

"Mais um dia", repetiu ele, beijando-a delicadamente. Elas não falaram enquanto flutuavam a distância da costa, de volta para os penhascos que detinha o mosteiro. CC descansava contra o peito de seu amante, observando o céu da noite começando a desvendar as suas camadas de escuridão enquanto escalava firmemente rumo ao amanhecer. Um pensamento fez cócegas nas bordas de sua mente quando CC puxou sua atenção do céu para olhar ao seu redor.

"Você sabe, eu não vi o meu amigo golfinho nos últimos tempos que tenho vindo a água. Você o viu?" ela perguntou a Dylan que analisou a questão, então balançou a cabeça.

"Não, eu não encontrei a pequena criatura."

"Eu acho que eu não o culpo por ficar longe, especialmente depois que Andras bateu-o com aquela rocha," CC disse.

"Ele nunca fica longe de Ondine por muito tempo. Tenho certeza que ele está lá", Dylan fez um gesto para o mar "aguardando o retorno de sua princesa."

"Tenho certeza que você está certo", CC disse, tentando não se preocupar. A água em torno deles tornou-se agitadas e o som das ondas batendo contra a praia lhe disse que eles estavam perto do mosteiro antes mesmo de Dylan mudar a direção e nadar lentamente para a costa.

"Você pode ficar de pé agora", disse Dylan. CC colocou os pés contra o fundo de areia, mas ela manteve os braços em torno do tritão. "O céu brilha", ele disse e beijou o topo de sua cabeça.

"Eu gostaria que ela não fizesse", CC falou em seu peito. Dylan pegou seu rosto nas mãos.

"Então, este último dia não iria passar. Lembre-se, meu amor, com sua passagem, vem a noite".

"E isso é quando eu vou ter com você ... para sempre", ela terminou com ele. O beijo era uma doce promessa. Antes que ela começasse a caminhar para longe dele, ela ligou seus dedos com o dele e disse: "Diga-me uma vez mais quanto tempo você esperaria por mim."

"Por uma eternidade, Christine. Eu esperaria por você pela eternidade." Ele levou a mão dela à boca e beijou sua palma. Relutantemente, ele a libertou, e ela virou-se para a praia. Os raios do céu foram se tornando mais pronunciados e sua discreta camisa foi fácil de se encontrar. Ela estava chacoalhando a areia dela, quando uma afiada voz cortou toda a praia.

"Eis a puta!"

Capítulo 29

O abade saiu triunfante da cobertura das árvores que cresciam em pequenos tufos na base do penhasco. Vários monges confusos caminhavam nervosamente, também. Andras estava ao lado do abade, tão perto que na penumbra seus corpos pareciam estar unidos. O rosto do cavaleiro era um disco pálido, quebrado apenas por seus olhos como fendas prateadas brilhantes de ódio, e estava arrastando com ele uma Isabel chorosa.

“Eles invadiram seu quarto,” Isabel soluçou. “Nós não conseguimos impedi-los. Disseram que deviam ter uma prova de que você estava lá dentro.”

A voz de Andras ecoou com a amplificação demoníaca de Sarpedon. “Eu sabia que a prostituta estava com seu amante. Eu sabia! Levem-na.” Seu comando era como gelo, e um dos escudeiros pulou para obedecê-lo.

CC sentiu como se o aparecimento deles tivesse-a transformado em pedra. Ela segurou a camisola ao peito, tentando cobrir sua nudez. Queria correr de volta para o mar, mas seus pés não a obedeciam. O escudeiro rapidamente cobriu os poucos metros que os separavam e agarrou seu braço, propositadamente cravando os dedos em sua pele delicada.

“Talvez tenhamos um pouco de diversão antes de queimá-la.” ele zombou, seus olhos deslumbrando o corpo nu de CC. A abominável nuvem de seu hálito podre a fez ter ânsia de vômito.

“Toque-a novamente e você não vai sair vivo desta ilha”, a voz de Dylan transportou-se através das ondas com tanta força que CC viu o escudeiro recuar com medo, então ele olhou de boca aberta para a visão do tritão. Dylan levantou-se totalmente para fora da água, de modo que sua cauda poderosa parecia brilhar e ondular como se estivesse pegando fogo.

“O demônio!” A voz do Abade William tinha uma ponta de histeria. “A bruxa tem um amante demônio!”

“Matem-no!” Sir Andras latiu a ordem, e quase instantaneamente o som arrepiante de uma flecha assobiou de outro escudeiro posicionado atrás deles na praia. Quando a flecha voou em direção à água, CC sentiu uma onda de energia dentro dela, e seu corpo descongelou. O escudeiro que segurava o braço dela ainda estava olhando boquiaberto para o tritão, e foi com surpreendente facilidade que CC bateu o joelho na virilha dele e arrancou o braço de seu alcance. Girando em torno dele ela correu para a linha da água.

“Detenha-a, seu tolo!” Andras gritou.

“Rápido, Christine!” Dylan chamou, esquivando-se de outra flecha.

Ela podia ouvir os sons do escudeiro quando ele resmungou e ficou de pé atrás dela. Ela olhou por cima do ombro para ver Andras correndo através da areia, segurando o arco na frente e os olhos brilhando enquanto ele mirava Dylan. Quando a flecha voou livre, CC atingiu a água. Esticando os braços acima da cabeça como se fosse um mergulhador olímpico, ela pulou para frente, invocando o poder do seu corpo vivo de sereia. O delicioso calor da transformação crepitou pelo seu corpo, e ela bateu na água rapidamente. A forma elegante de sereia de CC circulou logo abaixo da superfície, e em seguida, com um golpe de sua cauda ela nadou até Dylan, inclinando-se sobre seu corpo. Ela quebrou as ondas como se tivesse sido disparada de um canhão.

E a flecha destinada para Dylan cortou nitidamente através do músculo de seu ombro esquerdo. A dor era intensamente quente, e ela desmoronou para frente nos braços de seu amante. O grito angustiado de Dylan ecoou pela praia. Através de uma neblina de dor, Christine olhou de volta para a praia. Andras estava em pé estranhamente quieto e ereto. Sua boca estava esticada impossivelmente larga com um guincho horrível de raiva.

“Não!” A voz já não fazia mais qualquer pretensão de pertencer ao cavaleiro.

“Ela não! Não a machuquem!”

Andras caiu de joelhos; seu corpo contorcendo-se grotescamente como se houvessem centenas de vermes debaixo de sua pele. Então, com um som cortante, uma nuvem líquida de escuridão foi vomitada de sua boca. Ela brilhou fracamente e se agrupou em uma horrível poça e pareceu rastejar em direção a arrebentação. Quando tocou a água, a escuridão deslocou-se e se transformou, desenhando uma substância da água salgada. Com um rugido, Sarpedon levantou totalmente formado e brilhando com poder. Ele enfrentou os humanos, inchado de raiva e desprezo.

“Criaturas insignificantes. Vocês se atrevem a machucar uma filha de Lir! Saibam que seu destino foi selado.” Sarpedon rodou uma mão enorme na água ao lado dele até que ela agitou e ferveu com a atividade.

Com horror, os homens assistiram enquanto um monstro de muitos tentáculos irrompeu do mar. Ele envolveu o corpo de um monge histérico que tinha chegado muito perto do mar, e com um movimento agarrou sua espinha e arremessou seu corpo sem vida contra o penhasco. Em seguida, voltou sua atenção para o terrível cavaleiro. Preparando-se para a batalha, Sir Andras plantou seus pés e brandiu sua espada. Gritando, seus escudeiros correram para alcançar seu lado. De repente, um muro de carne obscureceu a visão da batalha de CC, e Sarpedon elevou-se acima deles.

"O jogo terminou, Ondine. É hora de você tomar seu lugar de direito como minha companheira." A voz de Sarpedon estava incrivelmente calma.

CC sentiu-se tonta. Dylan ainda a segurava em seus braços, e CC observou com curiosidade indiferente que a água ao redor deles estava contagiada de escarlate. Esse deve ser o meu sangue, o pensamento passou lentamente através de sua mente e ela lutou contra a vontade de fechar os olhos e afundar sob as ondas.

"Fique longe dela, Sarpedon", Dylan falou com firmeza em sua voz. Ele deslocou seu apoio sobre CC, de modo que colocou seu corpo protetoramente entre Sarpedon e a sereia. O riso de Sarpedon era um rugido.

"O filho de um humano acredita que pode ficar contra o poder dos deuses?" Piscando para limpar as manchas brilhantes de sua visão, CC forçou-se a mudar para o lado de Dylan.

"Ele e eu aguentaremos juntos contra você, Sarpedon. E quando Lir chegar aqui esta noite ele vai estar conosco, também." A voz de CC a surpreendeu pela sonoridade forte e clara.

O lábio de Sarpedon se curvou em um sorriso de escárnio. "Oh, acho que me lembro que havia uma mensagem enviada para o nosso pai. Trágico que o pequeno mensageiro golfinho encontrou tal fim prematuro, antes que pudesse retransmitir o pedido da deusa da Terra. Mas, não importa. Eu fui bondoso o suficiente para responder por nosso pai. Então você vê que eu estou pronto para apresentar a sentença em seu lugar."

Um tremor de medo atravessou CC. "Não. Você não pode."

O tritão enorme aproximou-se deles. "Você tem errado sobre muitas coisas, Ondine. E você está errada mais uma vez."

Um grito da praia interrompeu-os. Sarpedon virou, rindo maldosamente quando a criatura que ele havia chamado à superfície espremeu fora a vida do escudeiro que tinha agarrado CC. "Vê como eu puno aqueles que lhe fariam mal?" Sarpedon disse.

"Faça isso parar," CC chorou. Sua voz estava rouca de emoção.

Os olhos de Sarpedon se arregalaram de surpresa. "Mas eles teriam te matado. Por que você pediria para poupá-los?"

"Porque usar seu poder dessa maneira é errado."

"Isso é justiça", Sarpedon zombou.

"Não é justiça, é vingança. Vingança empregada por uma criatura inchada em sua própria importância imaginada. Você é um sapo nojento. Eu odeio você, e eu nunca lhe pertencerei."

Sarpedon pareceu inchar de raiva. "Nunca é um tempo muito longo. Talvez você mude de ideia quando vir sua patética amiga humana ao meu alcance." O tritão gritou um comando em uma linguagem distorcida que CC ficou chocada ao perceber que podia entender.

"Mate a velha!"

Instantaneamente, o monstro marinho serpenteou um tentáculo em torno do pescoço de Isabel, mas o amuleto da deusa acendeu e brilhou, fazendo o aperto da criatura esmorecer. Enquanto a velha tentou arrastar-se para fora de seu alcance, Sarpedon gritou outro comando, e o monstro envolveu um tentáculo em volta de seu tornozelo. Isabel perdeu o equilíbrio e caiu duramente na areia. A criatura começou a puxá-la para a água.

"Não!" CC gritou.

"Nunca, você disse!" Sarpedon berrou. "Vamos ver quanto tempo é nunca enquanto você vê seu amante e sua amiga morrerem!"

Sarpedon fechou a mão em torno de uma espuma da onda e imediatamente a solidificou na lâmina de um estilete de espuma colorida. O tritão enorme pulou para frente e CC lutou dolorosamente para não deslizar sob a superfície quando Dylan perdeu seu domínio de proteção e avançou para frente ao encontro do gigante. Os dois tritões chocaram-se com um som que estalou e ressoou como um trovão.

"Ondine!" A voz de Isabel foi um soluço de terror. A criatura do mar parecia estar brincando com a velha quando ele puxou-a lentamente para a beira da água onde sua cabeça em forma de bico brilhava com dentes afiados como adagas. O escudeiro restante e Sir Andras enviaram flechas após flechas em seu corpo pulsante, mas a criatura parecia insensível às suas armas.

Um som de choro veio do precipício, e CC olhou para cima. Lynelle, Bronwyn e Gwennyth estavam agarradas umas às outras e choravam de terror. Em torno delas vários dos monges moviam-se de forma confusa. Alguns deles estavam de joelhos rezando, mas a maioria permaneceu em silêncio impotente. Não havia nenhum sinal do Abade William. Dylan chiava de dor, e os olhos de CC repentinamente voltaram para seu amante quando a lâmina de Sarpedon cortou os músculos de seu peito.

"Isso é apenas uma amostra do que está por vir, filho de um humano. Minha Ondine vai assistir enquanto eu rasgo você em pedaços", disse Sarpedon. Dylan o circulava cautelosamente.

Quando falou sua voz era calma. "Você pode me matar, Sarpedon, mas você não vai ganhar o amor dela. Ela vai odiar você para sempre."

O riso Sarpedon era cortante. "Uma eternidade é muito tempo. Ela vai te esquecer."

Uma eternidade. As palavras ecoaram na mente de CC. Era a promessa de Dylan para ela. E só havia um jeito que ela queria passar a eternidade, junto ao lado de Dylan. Ignorando a dor em seu ombro, ela bateu contra a água com fortes rebatidas de sua cauda, de modo que se levantou, erguendo seu tronco inteiro das ondas. Eu sou a filha de uma deusa, ela disse a si mesma, e eu reivindico meu direito de nascimento. Com uma voz que encheu o ar da manhã, ela chamou sua mãe.

"Gaia! Sua filha precisa de você! Ajude-me, Mãe!"

Então, usando a magia do mar que cantava dentro de seu verdadeiro corpo de sereia, CC estendeu a mão e tomou algumas das bolhas de espuma que a cercavam.

"Faça-me uma arma", ela ordenou às águas. Imediatamente, o punho de uma faca se formou contra a sua palma. Sua lâmina não era da cor da espuma, era do carmesim do seu sangue recém-derramado.

"Dylan!" ela chamou pelo amante, e ambos os tritões fizeram uma pausa em sua batalha para se voltarem para ela. "Pegue", disse ela e jogou-lhe o punhal.

Dylan pegou a faca com destreza e deu-lhe um sorriso tenso de agradecimento. Em seguida, sua atenção desviou de volta para Sarpedon.

"Isso não irá ajudá-lo", Sarpedon rosnou, e eles continuaram circulando um ao outro, as lâminas cintilando na luz da manhã.

CC sentiu a mudança no ar no momento anterior em que a deusa se materializou. Ela caminhou com passos longos para fora da folhagem na base do penhasco. Sua raiva era terrível, o ar a sua volta crepitava e acendia com ela.

O cavaleiro e o escudeiro largaram as armas e se encolheram diante dela na praia. Ela não poupou nenhum olhar para eles. Sua atenção estava focada sobre o monstro do mar que havia arrastado Isabel a poucos centímetros da sua goela escancarada.

A deusa estendeu a mão e em uma explosão de luz verde, um arpão cor de folha apareceu. Gaia arrancou-o bruscamente do ar e arremessou-o diretamente na boca aberta do monstro. A força da lança foi tão grande que atravessou o corpo da criatura e explodiu na parte traseira dela, seguida por uma escorregadia mancha de sangue e vísceras.

"Volte para as profundezas escuras de onde você nasceu!" Gaia ordenou. O monstro contorceu-se espasmodicamente. Perdendo o controle sobre Isabel, ele afundou abaixo da superfície em uma nuvem de lama. Isabel levantou-se desajeitadamente, mas ela não era capaz de andar e tropeçou, caindo em uma pilha aos pés de Gaia. A deusa se ajoelhou e passou suas mãos brilhantes sobre o corpo da velha mulher.

"Aqui, a dor se foi, minha Isabel." Os olhos de Isabel arregalaram-se em reconhecimento quando ela contemplou Gaia. A velha mulher benzeu-se reverentemente.

"Obrigado, Mãe Santíssima!"

Gaia tocou Isabel suavemente. Então ela ficou de pé, de frente para o mar. Seu manto de prata ondulava atrás dela e a seda branca de seu vestido transparente brilhava com a grande energia da Deusa. Ela caminhou para a beira da água, e a areia convergiu para frente, endurecendo debaixo dos seus pés delicados até que ela estava em uma ponte de terra que se projetava em direção ao mar. A poucos metros da Deusa, os tritões estavam juntos travados em um combate silencioso, cada um esforçando-se para terminar a batalha com um golpe mortal. Dylan estava sangrando intensamente por várias feridas abertas. Seu corpo parecia que estava vestido de escarlate.

"BASTA!"

O poder da palavra foi uma coisa tangível, arrepiando os cabelos no pescoço de CC e vibrando através de seu sangue. Uma parede de luz branca explodiu entre os tritões, empurrando-os para longe um do outro. CC nadou rapidamente para o lado de Dylan. Sarpedon girou sobre a deusa, levantando-se fora da água até que ele levitou sobre a sua ponte.

"Esta batalha não é sua, Deusa da Terra", ele cuspiu. "Eu presido aqui na ausência do meu pai."

"Criança insensata", a voz da deusa guardava pena.

"Eu tenho tolerado a sua interferência por amor a seu pai. Mas o seu ódio foi longe demais." Gaia ergueu seus braços graciosos para o céu, cruzando-os no pulso. Acima dela materializou-se uma nuvem de poder que girou e faiscou como o pó de diamantes.

"LIR! A TERRA EXIGE SUA PRESENÇA ENQUANTO ELA RENDE JULGAMENTO SOBRE SEU FILHO!"

Quando Gaia proferiu o comando ela trouxe os braços para baixo em um extenso arco, os dedos apontando para a água circundante. Como fogos de artifício, a nuvem explodiu, chovendo poder e energia e o eco das palavras da deusa para o mar. O rosto de Sarpedon tinha empalidecido, mas quando ele falou sua voz ainda estava cheia de arrogância.

"Meu pai não vai responder à sua convocação. Ele não é um filho da terra para pular com sua ordem." Sua risada soou vazia e forçada. "E ele está muito ocupado presidindo os problemas das ilhas. O Deus Tubarão e eu nos certificamos completamente disso." Gaia abanou a cabeça tristemente para o tritão.

"A ausência de Lir fedida a sua interferência. Eu sabia, e deveria ter intercedido. As mortes que aconteceram hoje foram inúteis. Seu ódio as causou, filho de Lir, mas eu poderia ter impedido. Essa culpa será minha tristeza para suportar. Mas com ou sem a presença de seu pai, eu lançarei julgamento sobre você e executarei sua punição."

"Você não tem direito de me punir, criatura da Terra!" Sarpedon rosnou. "Eu sou um deus do mar. No reino das águas os meus desejos são cumpridos, e os meus comandos obedecidos. Vou ter Ondine como minha companheira, e o resto dessas criaturas patéticas vão ficar de lado ou enfrentarão a minha ira!"

Antes que a deusa pudesse responder, a água ao redor deles começou a ferver e borbulhar. Em seguida, uma coluna de água brilhante do mar transbordou como um gêiser para o céu. A espessa coluna rodopiou, transformando sua cor da clareza do vidro para o azul-turquesa das águas rasas, que refratou e mudou da sombra para o azul-negro das profundezas do oceano. O centro do pilar de repente se dividiu, como se um raio o tivesse partido em pedaços, e de dentro dessa divisão apareceu um homem gigante, carregando um enorme tridente feito de ébano mortal.

Em sua cabeça havia uma coroa de conchas douradas salpicadas com o furta-cor branco de pérolas perfeitas. Seus cabelos de prata eram da cor do luar sobre a água e enrolava em uma cascata espessa em torno de seus ombros, confundindo-se com o magnífico comprimento de sua barba. Seu manto tipo toga, da cor exata das ondas, estava envolto em seu corpo. Isso deixou muito de seu peito poderoso exposto, e quando ele pisou livre do pilar e deu um passo para Gaia, caminhando como se a água fosse terra firme, CC não pode deixar de

maravilhar-se com sua majestade. Gaia falou primeiro, oferecendo-lhe uma mão miúda, que o gigante tomou e curvou-se, beijando-a com uma intimidade fácil.

"Lir, a Terra lhe oferece as boas-vindas." A voz da deusa era acolhedora e íntima.

"O mar responde da mesma maneira", disse o gigante. "Faz muito tempo desde que nós dois nos encontramos." Lir falou com carinho óbvio. Então, sua atenção desviou para a cena em torno deles e uma carranca enrugou sua testa. "O que temos aqui, Mãe Terra das crianças errantes?"

"Pai, essa deusa da Terra interfere nos assuntos do mar. Não há problemas aqui que não são de sua criação", desabafou Sarpedon.

"Sarpedon, seu tom é ofensivo. Gaia não se intromete nos assuntos dos outros. Seja cuidadoso para que você não faça da Terra sua inimiga." O rosto de Lir apertou e, apesar de sua voz permanecer calma, a sua repreensão era nítida. Ele olhou em torno da água agitada e os olhos do deus do mar se estreitaram de raiva quando notou a lesão de Ondine.

"Quem se atreveu a machucar minha filha?"

As ondas tremeram com as palavras de Lir, e CC sentiu sua língua grossa e desajeitada. Mas a resposta de Dylan foi rápida, e ele encontrou os olhos do deus do mar sem vacilar.

"A flecha que feriu sua filha era para mim. Embora Sarpedon não perdesse a flecha, foi o seu ciúme que fez os seres humanos tentarem me destruir."

"Ondine." Lir se virou para ela. "O que aconteceu aqui?"

CC respirou fundo, engolindo seu medo e a dor que irradiava nos dedos insensíveis desde seu ombro. Quando falou sua voz soou metálica e estranha, como se pertencesse a outra pessoa.

"Primeiro de tudo, você precisa saber que eu não sou realmente Ondine. Minha alma é humana. Sua filha e eu trocamos de lugar porque ela odiava isso aqui e porque-"

O rugido de Lir parou suas palavras. "Engano e decepção!" Ele virou para Gaia. "Você fez isso?"

Calmamente, Gaia tocou o braço do deus do mar. "Permita que a criança termine, Lir. Sua alma pode não ter nascido como sua filha, mas ela está vinculada a você através de seu corpo

e, ao contrário de Ondine, ela tem um amor profundo e eterno pelo o mar." Lir estreitou seus olhos, mas ele balançou a cabeça severamente e voltou sua atenção para a sereia.

"Eu vou ouvir."

CC tentou sorrir seu agradecimento, mas seus lábios só puderam formar uma breve careta de dor. Então a mão de Dylan se uniu com a dela. Ela se agarrou a ele e ganhou força a partir de seu toque.

"O desejo de Ondine para trocar de lugar com uma humana não era só porque ela ansiava pela terra; uma grande parte disso foi porque ela quis escapar de Sarpedon".

"Ela mente, Pai!" Sarpedon gritou.

"Silêncio!" Lir ordenou a seu filho. Então ele suavizou sua voz, e disse: "Continue, criança."

"Eu sei muito bem o que Ondine sentiu. A primeira coisa que me aconteceu quando me encontrei no corpo dela foi que tive que escapar de uma tentativa de estupro, por ele." CC sacudiu a cabeça na direção do Sarpedon.

"Mais mentiras, Pai!" Sarpedon explodiu. "Não havia necessidade de forçar-me a ela, ela me queria. Então ela decidiu flertar com esse patético filho de um ser humano, e eu simplesmente me cansei de esperar que ela terminasse o seu joguinho. Agora, eu reivindico o que sempre foi meu."

"Amor não é algo que pode ser possuído e exigido", Gaia interrompeu, a sua voz cheia de desprezo. "E as únicas mentiras faladas aqui tem vindo de sua boca, Sarpedon." Gaia levantou a mão, palma para cima, e desenhou um oval brilhante no ar à frente deles. "Contemple a verdade, Deus dos Mares." A deusa franziu os lábios simétricos e soprou uma lufada de ar delicado sobre o espelho brilhante. Instantaneamente, imagens passavam através de sua superfície como um filme reproduzido em um teatro escuro.

Primeiro houve uma imagem do acidente de avião, e CC assistiu-se sendo puxada sob as ondas e trocando a alma com a bela sereia. Então, a cena mudou para tentativa de estupro de Sarpedon, e a transformação mágica de CC em um corpo humano temporário. O espelho mostrou Dylan a resgatando e a posterior descoberta de Andras sobre ela quando ele a puxou do mar. Vislumbres de cenas dos dias de CC no mosteiro incluíam várias chamadas de Gaia pela ajuda de Lir, e a morte do fiel mensageiro golfinho nas mãos de Sarpedon. Incluído nas imagens estava a descoberta da estátua da Mãe na capela e sua crescente amizade com as mulheres, bem como seu tratamento rígido nas mãos do Abade William.

Em seguida, as imagens mudaram novamente, e a presença de Sarpedon foi claramente vista à deriva, como petróleo, no poço. O espelho refletiu os eventos ocorridos quando o tritão habitou o corpo do cavaleiro, e claramente mostrou o caos que a influência de Sarpedon causou entre os seres humanos. CC sentiu a cabeça girar quando viu a imagem no espelho de si mesma sendo apresentada às maravilhas do mar por Dylan. Ela experimentou novamente a magia do seu amor quando ele nasceu, e revelou na audiência a imagem espelhada de seu amante repetindo a promessa de esperar uma eternidade por ela.

Novamente, a cena mudou para mostrar a descoberta dos humanos sobre CC e seu amante, e a materialização de Sarpedon do corpo de Andras. A última visão exposta através da superfície vítrea foi de Gaia evocando Lir para presidir a punição de seu filho. Em seguida, a superfície brilhante ficou em branco, e Gaia soprou-a novamente, fazendo com que ela se dissipasse em uma lufada de fumaça cintilante, deixando um manto de silêncio que pairava sobre a água. Lir falou antes da deusa.

"Eu não ouvi nenhuma das suas chamadas." Ele balançou a cabeça tristemente. "Sarpedon não deveria ter sido capaz de guardá-las de mim. Deixei-me estar distraído."

Gaia assentiu com a cabeça em compreensão. "Eu sabia que Sarpedon estava envolvido na sua ausência, mas eu estava relutante em agir contra o seu filho. Nós dividimos a responsabilidade dos nossos erros."

"Sim. E muitos têm pagado por eles em nosso lugar." O deus do mar encarou a praia. Andras e seu escudeiro ainda estavam agachados na areia, olhos vidrados em choque com o que eles estavam testemunhando. Bronwyn, Lynelle e Gwentyth uniram-se a Isabel na praia e as quatro mulheres estavam juntas, as mãos ligadas. A maioria dos monges fugiu do penhasco, mas os poucos que permaneceram estavam ajoelhados, como se em oração. O abade estava longe de ser visto. Lir olhou para Gaia e perguntou, "Você está disposta a trocar papéis, de modo que a justiça será realmente cumprida?"

A deusa ergueu as sobrancelhas interrogativamente. "O que você propõe?"

"Proponho eu que renda o julgamento em seu reino, enquanto você renderá no meu."

Gaia hesitou apenas um momento. "Concordo".

Lir voltou sua atenção para os humanos na costa. Primeiro ele concentrou seu olhar duro sobre Andras e seu homem.

"Minha sentença é, portanto, que o cavaleiro e seu escudeiro devem regressar ao seu reino da terra sãos e salvos." Lir fez uma pausa, e seus olhos assumiram um brilho astuto, então ele acrescentou, "Sir Andras, você deve aprender o valor das mulheres. Daqui em diante você

será pai apenas de filhas, e suas filhas terão apenas crianças do sexo feminino. Você seria sábio em lembrar que a deusa da Terra estará observando de perto que você trate bem as suas filhas."

O rosto do cavaleiro foi drenado de toda a sua cor, e ele pareceu encolher-se sobre si mesmo; em seguida, os dois homens correram pela praia.

Lir falou para as mulheres em seguida. "Sábias mulheres, porque eu sou grato pela amizade que têm demonstrado a minha filha, eu presenteio vocês com este mosteiro." Lir varreu o braço em um gesto grandioso que englobava as paredes rochosas acima deles, e de repente a suave cor cinza foi lavada, substituída por pedras que pareciam brilhar com a cor de pérolas. As quatro mulheres na praia engasgaram de prazer.

"Vocês vão perceber que eu realizei algumas mudanças no interior também, como é condizente com a sua nova casa." Lir sorriu com carinho para as mulheres. Então, ele levantou a cabeça e sua voz conduziu-se para os poucos monges que ainda estavam ajoelhados sobre o penhasco. "Vocês do sexo masculino podem ficar, mas saibam que essas mulheres já não são tuas servas. Vivam e adorem pacificamente com elas, como iguais, ou fujam de sua ilha e da ira do Deus dos Mares."

Então o olhar afiado de Lir procurou pela praia até que encontrou um monte de carne trêmula escondida atrás de um tronco caído.

"Abade! Você não pode se esconder dos deuses. Levante-se e receba o seu julgamento."

Tremendo, o abade William levantou a cabeça e esforçou-se para ficar de pé. Seu rosto estava riscado com lágrimas e vômito embebia a frente de sua túnica cor de sangue. Gaia tocou o braço de Lir de novo. Sua voz era suave.

"Talvez nós devêssemos julgá-lo juntos. Ele é, afinal, nosso filho." Os olhos do abade se arregalaram de horror, e ele sacudiu a cabeça de um lado para outro bruscamente, em negação cheia de pânico. Lir fez uma careta.

"Pare de choramingar, William. Lembre-se!" ele ordenou quando balançou seu pulso, chovendo um spray de água do mar através da praia e sobre o abade. Instantaneamente, uma mudança veio sobre o rosto de William, e ele piscou várias vezes, esfregando os olhos como se estivesse apenas despertando de um sonho ruim.

"Eu lhe disse que deveríamos tê-lo deixado com suas memórias", disse Gaia.

Lir suspirou. "Ele sempre foi o nosso filho mais difícil. Ele não poderia suportar o mar, mas não pertencia à terra. O que você propõe que façamos com ele agora? " Gaia bateu em seu queixo pensativamente com um dedo fino. Então seus olhos se arregalaram, e seu sorriso era glorioso. "Proponho que ele passe o próximo século com Cernunnos* ajudando-o a guardar o Portal para o Submundo. Talvez cem anos com os mortos vão ensinar nosso filho a apreciar a beleza da vida, e a aceitação de si mesmo e dos outros."

***Cernunnos** é o nome de um dos deuses celtas mais antigo e também conhecido como Deus Cornífero, por ser muitas vezes representado como um homem com chifres adornando a cabeça. É o deus da fertilidade, da abundância, e Patrono da Caça para os povos antigos.

"Excelente!" Lir disse, e ele bateu seu tridente três vezes contra a água. No terceiro golpe a praia aos pés de William se abriu e o engoliu, fechando rapidamente em seu grito estridente de socorro.

"Agora é sua vez, Mãe Terra", disse Lir.

"Vou tentar ser tão sábia e justa quanto o Senhor dos Mares," a deusa disse com um sorriso magnânimo.

Gaia e Lir encararam os seres marinhos. Gaia virou-se primeiro para os dois amantes. Quando ela falou, as palavras da deusa estavam cheias com o calor de uma mãe.

"Ondine e Dylan, seu amor é forte e verdadeiro. Embora me cause tristeza ter minha filha favorita vivendo para além da terra, sua união me traz grande alegria. Eu abençoo suas vidas e me alegro com sua união. Que não possa uma eternidade diminuir seu amor."

CC sentiu a bênção da deusa estabelecer-se sobre ela, e sua alma encheu-se de felicidade quando Dylan a tomou suavemente em seus braços feridos. Em seguida ela encarou Sarpedon, cujo rosto já havia escurecido com uma ira de descrença, e sua expressão endureceu. Os olhos dele nervosamente piscavam de Lir para Gaia, como se esperasse que seu pai interviesse e impedisse a deusa de continuar.

"Sarpedon, você tem sido uma criança superprotegida, e sua punição está muito atrasada. Uma vez que você utilizou abusivamente o poço que nutria o mosteiro, e pensou que através da violência e do encarceramento poderia engaiolar o amor, sua punição deve refletir seu comportamento impróprio. Eu sentencio que você seja preso dentro de um poço pelo próximo século. E a sua prisão não vai estar perto do mar para que você possa tirar o poder dele para causar o mal entre aqueles que devem usar o poço. Você ficará preso no interior distante, profundamente no centro de um castelo conhecido por sua disciplina bem ordenada."

"Na terra da Caer Llion, o povo banuiu a magia décadas atrás. Lá você não será nem reconhecido nem temido. Meu desejo para você é que esta punição lhe ensine a apreciar a sua liberdade o suficiente para permitir aos outros as suas próprias."

Gaia levantou a mão para evocar seu julgamento, mas com um movimento de serpente o braço de Sarpedon atacou, e ele usou a sua força sobrenatural para destruir a ponte de terra em que a deusa estava. A areia dissolveu sob seus pés e, com um grito de espanto, Gaia caiu na água. Chicoteando seu rabo grosso, Sarpedon fez a água rodopiar e ferver enquanto se fechava sobre a cabeça da deusa. Rugindo em descrença, Lir dividiu o líquido fervente azul e segurou a mão de Gaia, puxando-a para seus braços. Rapidamente, Sarpedon estendeu as mãos para a água, como se estivesse à procura de um tesouro escondido dentro das ondas. Sua voz era o som da loucura. "Se eu não posso tê-la, ninguém terá!"

O tritão enlouquecido levantou seu braço forte para fora das ondas. Em seu punho ele segurava a lança que Gaia tinha formado para matar o monstro do mar. Em um movimento indistinto com velocidade, Sarpedon arremessou a lança em CC. Dylan viu o arpão vindo e o mundo pareceu reduzir a velocidade em torno dele. Ele não podia deixar Sarpedon matá-la. Ela precisava dele; o custo não importava.

Um instante antes que a arma teria penetrado o corpo de CC, Dylan se retorceu, jogando-se na frente da sereia. CC sentiu seu amante se contrair quando a lança encaixou-se nas suas costas, e ela assistiu com horror quando sua ponta floresceu no peito do tritão como uma flor carmesim terrível. Seu grito de desespero se juntou com o rugido de raiva de Lir. A reação do deus do mar foi rápida. Ele atirou seu tridente em seu filho, golpeando-lhe em cheio no peito. Os olhos de Sarpedon se arregalaram em choque um instante antes que seu corpo sem vida começou a se liquefazer e perder substância, até que ele não tinha mais a forma de um tritão, mas tornou-se parte das águas de onde ele havia nascido.

Em dois enormes passos o deus do mar estava ao lado de Dylan. Ele soltou uma palavra de comando e a água endureceu de modo que manteve Gaia no alto, acima da sua espuma úmida. Ambas as divindades se ajoelharam diante do tritão ferido. Dylan concentrou sua energia restante e enviou um simples pensamento para Gaia. Não deixe que ela saiba. É um custo que eu pago de bom grado. Gaia sabia que a transformação dele em ser humano havia enfraquecido-o muito. Agora, nem mesmo o poder dos Deuses poderia salvá-lo. A deusa fechou os olhos em lágrimas e assentiu com a cabeça. Minha filha não deve saber.

O corpo de Dylan caiu nos braços de CC. Seus olhos estavam fechados e sua respiração era superficial e rápida. O sangue escorria da carne que estava escancarada em toda a ponta de lança. Lir agarrou o cabo da lança saliente das costas do tritão, como se fosse retirá-la do corpo de Dylan, mas a mão contida de Gaia o parou.

"Isso só irá causar-lhe mais dor." As palavras da deusa estavam abundantes de tristeza.

"O que você quer dizer?" A voz de CC estava afetada com uma histeria crescente. "É claro que você tem que puxar! De que outra forma você vai salvá-lo?"

Em um gesto infinitamente delicado, Gaia tocou o rosto encharcado de lágrimas da sereia.

"Eu não posso salvá-lo, Christine."

"Você precisa!" CC soluçou. "Você é uma deusa. Você tem que ser capaz de salvá-lo." Os olhos da deusa se encheram de lágrimas. Enquanto falava, elas escorreram em seu rosto, deixando rastros de brilhantes diamantes em sua trilha.

"Ele foi perfurado com minha própria lança, uma arma moldada pela minha mão como um dispositivo de destruição. Eu não posso curar uma ferida causada pela minha própria mão." "Mas você não a jogou!"

"Eu a forjei, e isso é suficiente. Eu não tenho que empunhá-la, também," Gaia disse tristemente. CC olhou desesperadamente para Lir. "Então você salve-o. Você é um deus."

O Deus do mar trocou um olhar com Gaia. Quando falou, sua voz carregava o peso de séculos. "Eu não posso desfazer a destruição provocada pela deusa da Terra. Mesmo os deuses e deusas são vinculados às regras do universo."

"Então, volte no tempo! Faça alguma coisa!" CC gritou.

"Christine", a voz de Dylan era um sussurro embargado. Seu corpo tremia enquanto ele lutava para virar seu rosto para o dela. "Eles não podem me ajudar." Ele tossiu e sangue jorrou em uma nova torrente de seu ferimento.

"Shh," CC apertou sua mão nos lábios dele. "Não fale. Guarde sua força. Nós vamos descobrir alguma coisa." Com um movimento quase imperceptível, Dylan sacudiu a cabeça. "Eu sabia a escolha que eu estava fazendo quando me joguei no caminho da lança. Eu fiz livremente", ele fez uma pausa para ofegar para respirar, "e faria isso novamente." O tritão fechou os olhos, lutando contra uma onda de dor.

"Dylan, não!" CC o beijou freneticamente. "Você não pode morrer. Você não pode me deixar. Lembre-se", soluçou, "você me prometeu uma eternidade."

Os lábios do tritão inclinaram-se brevemente em um sorriso, e ele abriu os olhos. "Eu ainda vou te esperar. Por uma eternidade, Christine."

Em um último suspiro, o peito do tritão subiu e sua mão trêmula alisou o rosto molhado de lágrimas de CC.

"Para uma eternidade..."

Com essas últimas palavras, a vida de Dylan deixou seu corpo, e CC ficou segurando o corpo de seu amado até que, como o corpo de Sarpedon, começou a desvanecer-se e se liquefazer, retornando para a água de sua criação. Como se peneirando areia através de um coador, as mãos de CC tentaram recapturar o brilho espalhado das cores de fogo que flutuaram brevemente sobre a água.

"Venha, criança", Gaia disse, segurando as mãos de CC, de modo que seu movimento nervoso parou. Gaia abriu os braços para sua filha, mas mesmo o abraço de uma deusa não podia aliviar a dor da perda dentro de CC, e a sereia chorou tão desesperadamente que se sentiu como se sua alma tivesse dissolvido em torno dela como o corpo de Dylan. Em seguida, outros braços se juntaram à deusa. Eles eram mais suaves, braços mais envelhecido, braços que estavam mais castigados pelo tempo e desgastados, e que tinham nascido testemunhas de uma vida de privações e sofrimentos.

"Eu sei, filha. Eu sei."

CC olhou para o rosto coberto de lágrimas de Isabel. Então ela sentiu mais braços em torno dela. Em pé com a profundidade da água no peito, Lynelle, Bronwyn e Gwentyth tinham se juntado à Isabel. As quatro mulheres completaram o círculo em torno de CC, emprestando-lhe a sua força e preenchendo-a com seu amor. CC chorou a sua dor e perda, segura no conhecimento que as mulheres que a seguravam não iriam deixá-la ir.

No meio do desespero, Gaia estendeu a mão para sua filha, apontando para o caminho que a flecha tinha gravado através da carne da sereia.

"Deixe-me curar essa ferida, filha", disse Gaia. Mas antes que a deusa tocasse o sulco sangrento, ela hesitou. Lentamente ela retirou a mão. "Eu tenho que esperar. O julgamento não está completo." Gaia olhou para Lir.

"Os eventos mudaram, e assim deve mudar a minha sentença."

Exausto, o deus do mar, acenou com a cabeça.

"Este julgamento será diferente dos do passado, porque os acontecimentos de hoje me mudaram para sempre." A platéia de Gaia foi silenciada, mesmo Lir parecia estar prendendo a respiração na expectativa das próximas palavras da deusa. "Pela bravura e lealdade que

“você demonstrou, minha filha querida, a minha sentença é que você pode escolher o seu caminho futuro.” A face de CC, devastada pelas lágrimas se iluminou e Gaia foi rápida para continuar. “Eu não posso mudar a morte do seu amante, e por isso eu serei eternamente pesarosa, mas eu posso lhe oferecer duas opções.”

“Quais são elas?” CC perguntou numa voz que tremia.

“Você pode escolher ficar aqui, neste mundo e neste momento, quer como uma sereia e Deusa dos Mares, ou como filha amada da Terra e uma deusa no meu reino. Você vai reinar ao lado de um dos pais, e seus dias serão preenchidos com as funções de uma divindade.”

“Para sempre?” CC perguntou.

“Para sempre”, Gaia garantiu a ela.

“Qual é a minha outra opção?”

“Vou voltar você para seu velho mundo e seu tempo antigo, para o local do seu acidente, no momento antes do naufrágio puxar-lhe sob as ondas. Você vai sobreviver ao acidente e continuar com a sua vida humana.”

“Mas o que vai acontecer com Ondine se eu optar por regressar ao meu mundo?” CC perguntou. A voz de Lir soou idosa, com dor. “Meu filho não existe mais. Isso é imutável como a morte de Dylan. Se Ondine retornar para mim, ela terá direito a sua própria escolha. Se ela decidir permanecer no mar comigo, ou se juntar a sua mãe na terra, ela terá a minha bênção. Vou deixar de tentar controlar a vida dos meus filhos.”

“Há mais uma coisa que você deve saber antes de fazer sua escolha”, Gaia falou no silêncio que cercava as palavras do deus. “Está ao alcance do nosso poder”, aqui ela olhou para Lir e ele acenou lentamente com a cabeça de acordo, “limpar a lousa de sua memória.”

“Quer dizer que você pode me mandar de volta para o instante em que eu estava sendo puxada sob os destroços, e você pode me fazer esquecer tudo o que aconteceu aqui? Seria como se eu nunca tinha ido, como se Ondina e eu nunca tivéssemos trocado de lugar?” CC perguntou.

“Sim”, disse a deusa.

CC sentia-se muito calma. Ela fechou os olhos e, contra o fundo de suas pálpebras escuras, ela repetiu os dias e as noites que ela passou em Caldei. E seus olhos se abriram.

"Eu sei o que quero", disse ela com firmeza.

"Diga-me filha; complete seu próprio julgamento."

"Eu amei estar nesse mundo; eu pensei que finalmente tinha encontrado um lugar onde eu poderia pertencer, um lugar que eu poderia chamar de meu verdadeiro lar. Mas eu entendo agora que o sentimento de pertencer não é físico. Nós não podemos encontrá-lo mudando onde vivemos ou o que fazemos. Temos que levá-lo dentro de nós." CC respirou fundo. "Perdoe-me, mãe." Seu olhar incluía tanto Gaia quanto Isabel.

"Eu não posso passar uma eternidade sem ele, mesmo que seja como uma deusa. E eu aprendi que eu levo meu verdadeiro lar dentro de mim. Então eu quero ser mandada de volta para o meu velho mundo. E eu quero lembrar, todos vocês e ele." Suas palavras terminaram em um sussurro.

"Muito bem", disse a deusa.

"Vamos sentir sua falta, Ondine". Isabel falou pelas mulheres, que assentiram com a cabeça e limpavam as lágrimas dos seus olhos escorridos. CC abraçou cada uma delas.

"Cuidem umas das outras e de outras mulheres também", CC disse através das lágrimas.

"Tome isso de volta para você." Isabel tentou devolver a ela o amuleto de âmbar, mas CC balançou a cabeça.

"Não, fique com ele e lembre-se de mim."

"Nós nunca vamos esquecer", Isabel prometeu.

Em seguida CC virou-se para Lir. Ela tocou o braço dele suavemente, em um gesto que imitava o da deusa.

"Eu gostaria de ter conhecido você."

"Como eu gostaria de conhecer você, criança." Sua voz ecoou com sentimento. "Você não tem mais o amuleto de sua mãe. Permita-me que presente você com um dos meus próprios." O deus do mar alcançou as ondas e quando ele puxou a mão, uma delicada corrente de ouro brilhava de um de seus dedos. No final da corrente pendia uma pérola barroca requintada, brilhando com todas as cores do nascer do sol. Ele colocou em seu pescoço e beijou-a levemente na testa. "Lembre-se de mim", disse ele tristemente. "E saiba que se desejar

consolo, tudo que você precisa fazer é procurar a água. Em qualquer mundo isso vai confortá-la como um abraço de um pai."

Por fim CC virou-se para a deusa. Com a perda de Dylan, ela tinha pensado que o seu coração seria incapaz de sentir mais dor, mas quando Gaia alisou o cabelo dela para trás e enxugou as lágrimas do seu rosto, CC sentiu uma nova ferida abrir dentro dela.

"Não, criança." Gaia segurou o rosto de CC em suas mãos. "Não deixe que esta separação lhe cause mais dor; eu não poderia suportar. Você deve saber que mesmo em seu mundo distante, eu estarei observando você. Você pode encontrar-me nas árvores, flores e plantas que tanto ama. E quando a lua estiver em sua forma mais completa, olhe para lá e você vai ver o reflexo do meu rosto."

CC reprimiu um soluço, imaginando se ela iria morrer de tristeza.

Como se estivesse lendo sua mente, a deusa falou rapidamente com conhecimento objetivo.

"Você vai sobreviver. Você é filha do meu espírito e sua força é grande." CC concordou, sentindo lágrimas frescas aquecerem seu rosto.

Gaia beijou-a suavemente nos lábios. "Vá com a minha bênção, Filha. Lembre-se sempre que você é muito amada por uma deusa, e que mantém dentro de você a magia da Divindade Feminina."

Então Lir moveu-se para ficar ao lado de Gaia, e como um, os imortais levantaram seus braços para o céu. "Eu convoco o poder ao meu comando. Eu sou Terra, corpo e alma." A voz de Gaia estava cheia de força. Em resposta ao seu apelo o ar ao redor da deusa começou a brilhar com energia.

"Eu convoco o poder ao meu comando. Eu sou o mar, ar e vida." A voz de Lir seguiu a de Gaia e quando ele falou a água ao redor deles começou a brilhar.

"Uma vez que nos juntamos para criar uma criança", entoou Gaia.

"Agora nos juntamos para enviar uma criança de volta de onde ela veio," Lir continuou.

"Retorne para o mundo dos homens", disse Gaia.

"Levando bênçãos do mundo dos deuses", disse Lir.

"ASSIM TEMOS DITO; ASSIM SERÁ"

Os imortais entoaram o comando final juntos, e CC sentiu um grande funil de poder cair sobre ela, como se tivesse sido engolida por uma corrente elétrica. Uma luz ofuscante a envolveu, e ela apertou seus olhos fechados. Seu corpo estava sendo puxado para trás com tanta força que ela era incapaz de respirar. Sem parar a sensação avançou, como se ela tivesse sido pega em uma montanha russa gigante que apenas corria em sentido inverso. Em pânico, CC abriu a boca para gritar, e ela se encheu com água salgada quando sua cabeça rompeu a superfície da água, e ela engasgou e cuspiu, lutando para respirar e se manter à tona. Ela ouviu dois salpicos rápidos e, num instante, uma cabeça rompeu a superfície não muito longe dela, juntamente com um corpo sem vida vestido com um macacão de vôo e amarrado dentro de um colete salva-vidas.

A sensação de déjà vu era tão grande que ela teve que lutar para se concentrar na vertigem ofuscante decorrida.

“Lá.” Piscando freneticamente, CC viu quando o coronel apontou para o bote salva-vidas laranja fluorescente que boiava há cerca de quarenta metros a frente deles.

“Nade! Temos que sair do avião.” Ele partiu, nadando de lado e chutando forte enquanto arrastava o corpo sem vida com ele. Os pensamentos entorpecidos de CC disseram-lhe que aquelas eram as mesmas palavras que o coronel tinha falado com ela antes. E o corpo era Sean. Outro homem que tinha morrido por ela. Ela engasgou novamente, desta vez com um soluço em vez de água do mar. Sua mente se sentiu presa num labirinto de dor e de memória.

Uma explosão terrivelmente familiar estourou atrás dela, e ela virou-se na água a tempo de testemunhar uma segunda vez a morte do avião. Era um animal enorme, escancarado, e, na sua agonia, a lembrou assustadoramente o monstro do mar de Sarpedon. Com um senso de distanciamento crescente, CC percebeu a mesma coisa que ela tinha entendido todos aqueles dias anteriores, o avião afundando estava muito perto dela. E desta vez ela não se importou. Houve tantas mortes. Por que ela não podia apenas relaxar e se entregar a ele? Pelo menos desta vez ela não estaria cheia de medo da água. Ela sentiu frio e insuportavelmente cansada. CC fechou os olhos e parou de lutar enquanto ela esperava o tentáculo mecânico se enrolar em torno de seu tornozelo.

Quando sentiu o primeiro solavanco contra o seu corpo, foi ligeiramente surpreendida. Ela não se lembrava de ficar jogada ao redor antes que a coisa a tivesse arrastado para baixo. O choque se transformou em uma força insistente, como jato, e logo ela estava cuspiendo, ofegando por ar, e agitando os braços desesperadamente ao redor de um equilíbrio enquanto estava firmemente sendo impulsionada para cima e para frente por duas coisas que pareciam lisas e musculosas, e muito familiares, contra seu corpo que se movia rapidamente. Isto não está acontecendo, pensou.

Não pode ser real.

"Meu Deus! Você está vendo isso?" Um capitão de cabelos escuros segurando uma pá lisa amarela apontou em sua direção. Mesmo o coronel, que estava arrastando o corpo sem vida de Sean a bordo da jangada, parou para olhar. A pressão contra CC foi liberada, e ela chegou a um impasse quando bateu contra a lateral do bote laranja. O capitão que apontava agarrou seu braço e puxou-a a bordo. Com o toque grosseiro, dor recém-despertada correu através de seu corpo, e CC estremeceu violentamente quando um filete quente de sangue derramou de seu ombro ferido.

"É o mesmo ombro", disse ela, olhando para a mancha vermelha que se misturava com o marrom deserto de sua camisa encharcada de cansaço. "Corpo diferente, mas mesmo ombro." As palavras saíam de sua boca, mas CC não se sentia muito ligado a elas, assim como ela não se sentia muito ligada ao seu corpo. Em algum lugar através das camadas de dor e choque, o riso de histeria começou a borbulhar dentro de sua garganta.

"Merda, sim, seu ombro está machucado. Nós sabemos disso. Mas o que diabos eram aquelas coisas?" o primeiro sargento perguntou, apontando para as elegantes formas cinza que estavam nadando para longe deles.

"Golfinhos", disse CC, irrompendo em risos incontroláveis. "Eles são golfinhos."

"Bem, beije minha bunda e me chame de Papai Noel! Eu nunca vi nada como aquilo. Aqueles malditos peixes acabaram de salvar sua vida", o primeiro sargento disse, batendo em sua coxa grossa.

"Na verdade, eles são mamíferos e não peixes", CC disse, entre risos e goles de ar. "E eu acho que eles ainda pensam que eu sou uma princesa."

Exceto por seu riso estridente anormal, o bote estava quieto, enquanto os homens olhavam para ela.

"Uh, sargento", o coronel disse suavemente. "É melhor você me deixar dar uma olhada no seu ombro."

A dor de ter seu ombro tocado acabou com a histeria de CC.

"Isso vai doer como o inferno", o coronel disse a ela. "Mas eu tenho que comprimir e fazer o sangramento parar ou você vai ficar em má forma."

CC queria dizer-lhe que ela não se importava, que ela preferiria apenas morrer, mas ele virou-se e estava ocupado procurando o kit de primeiros socorros pelos pacotes de gaze.

"Parece que uma maldita flecha a cortou," o primeiro sargento disse antes que o coronel dissesse-lhe para calar a boca.

"Aqui, morda isso." O coronel entregou-lhe uma espátula de madeira, e ela prendeu seus dentes sobre ela. "Você tenta e pensa em algum lugar que você preferia estar, e eu vou tentar ser rápido", ele disse a ela.

"Pronta?" Ela assentiu levemente com a cabeça e fechou seus olhos, pensando em uma noite de luar quando peixes-néon coloridos eram velas e o mundo se enchia com as novidades do amor. Ela podia ver o rosto de Dylan quando ele se inclinou para beijá-la e, por um instante, ela quase podia sentir seu sabor salgado, selvagem. A dor explodiu, fragmentando a sua concentração enquanto manchas de luz pontilhavam suas pálpebras fechadas. E em seguida, a doçura da inconsciência a tomou.

"Aguenta, sarg! Nós temos tudo."

O constante twap, twap, twap do helicóptero e a dor em seu ombro forçaram CC de volta em penetrante consciência. Ela abriu os olhos para encontrar um Soldado de Busca e Salvamento agindo sobre ela, murmurando encorajamento enquanto ele puxava a tampa de uma seringa com líquido claro e espetava em sua coxa. A queimadura acentuada do medicamento foi quase imperceptível em comparação com a agonia que era o seu ombro.

"Vai ser melhor agora. Apenas relaxe e vamos colocá-la no helicóptero em um momento." Ele falou-lhe suavemente enquanto terminou de amarrá-la no equipamento de segurança. Então ele deu o sinal do positivo para o ar acima dele, e CC sentiu uma guinada repugnante quando ela foi levantada do bote para o helicóptero. Ela foi a primeira a ser resgatada, mas os outros vieram logo depois. CC assistiu através de uma névoa de morfina quando o corpo de Sean foi puxado para dentro do helicóptero, seguido rapidamente pelo primeiro sargento, em seguida o tenente, os capitães, e finalmente o coronel.

À medida que voavam para longe do local do acidente, CC bloqueou seu olhar sobre o vislumbre da água de safira que ela ainda podia ver através da porta aberta do helicóptero. Com toda a alma ela desejava que pudesse pegar um clarão laranja ardente listrado sob a superfície, acompanhando o trajeto da aeronave e eternamente à espera de seu retorno. Sua visão da água brilhante se turvou quando seus olhos se encheram e transbordaram de lágrimas.

"Você vai ficar bem agora, sarg", disse o médico que estava começando um dispositivo intravenoso em seu braço. "Nós vamos levá-la para casa e conseguir consertar tudo."

CC abriu a boca para dizer que nunca iria dar certo de novo, mas um grito do outro lado do compartimento do helicóptero interrompeu.

"Oh, merda! Johnson! Venha aqui, eu preciso de outro par de mãos! Este homem está vivo." O médico cuidando de CC deu um ajuste rápido em seu saco do dispositivo intravenoso antes de correr para ajudar seu colega.

Em algum lugar no fundo da sua mente CC entendeu que os médicos agindo freneticamente estavam em torno do corpo de Sean, mas seus pensamentos não estavam funcionando corretamente, e ela não conseguia focar a sua mente. E ela achava que sabia o porquê. Não tinha nada a ver com a perda de sangue, ou a dor, ou a morfina. Era porque, embora o seu corpo estivesse vivo, seu coração estava morto. Ele morreu em um outro mundo e se dissipou a nada dentro do mar.

O azul do oceano cristalizou-se em meio às lágrimas, e então começou a desvanecer-se como inconsciência cinza dobrado sobre as bordas de sua visão e, como um cobertor favorito, embalado-a em um sono profundo, sem sonhos.

Capítulo 30

"Oh, por favor! Isso não é nada mais que uma grande pilha de cocô!" CC gritou e jogou o livro através da sala, faltando pouco para decapitar a orquídea lilás que estava em magnífica floração em sua mesa de café. "Hans Christian Andersen, T.S. Eliot, Lucretius, Tennyson, e agora essa pessoa horrível de La Motte Fouque*. Uh! Nenhum deles chegou sequer perto de fazer isso direito!"

**São todos escritores.*

CC suspirou e recuperou o livro, ainda mais irritada porque ela teve que o alcançar debaixo do sofá. Finalmente agarrando ele, ela veio direto para a lixeira da cozinha, revirando os olhos no título.

"Contos de Fadas Românticos", ela zombou, e levantou a tampa da lixeira. Mas, como de costume, ela não podia realmente jogar o livro fora. Balançando a cabeça e resmungando, ela marchou para seu quarto de hóspedes.

"Não tem nada de romântico sobre essa história estúpida. Como de costume, a sereia não tem sequer uma alma a menos que ela possa conseguir algum cara tipo cabeça de mula para se casar com ela. E nesta versão particular, ele a trai por outra mulher e ela ainda sofre por ele."

Em seu quarto de hóspedes ela procurou de uma ponta a outra em sua estante nova, tentando encontrar um lugar para o fino livro. Finalmente, ela o deslizou entre um exemplar ricamente ilustrado de 'Sereias: As ninfas do Mar', e 'O Pescador e Sua Alma', de Oscar Wilde. Então ela colocou as mãos nos quadris e olhou para sua coleção sempre em expansão.

"Todas essas palavras e vocês não conseguiram capturar mais do que uma fração da verdade. E nenhum de vocês nem mesmo sugeriu a magia do seu sorriso." CC não dizia o nome dele em voz alta; ela nem sequer pensava. Ela não podia. Mesmo depois de nove meses, ainda se sentia muito deprimida e frágil. Se ela se permitisse pensar muito sobre o lugar vazio dentro dela, tinha certeza de que a couraça de normalidade que ela tinha tentado colar ao redor de sua vida iria despedaçar. E assim não sabia como iria continuar. Então, ao invés disso, ela assombrava as livrarias e a internet, sempre em busca de tudo e qualquer coisa que dizia respeito às sereias. Deste modo ela devorava as páginas como se fossem sua corda de salvação. Talvez fossem. Elas mantiveram a raiva e frustração vivas, que eram mais fácil de agüentar do que vazio e desespero.

Ela tinha ido à Web uma vez e procurado no Amazon usando o termo "tritão". Duas respostas tinham aparecido, uma coleção de áudio dos maiores sucessos de Ethel Merman*, e

algum tipo de brinquedo chamado Mestres do Universo Inimigos do Mal: Seres do Mar. Depois disso, ela tinha limitado sua busca às sereias e mitologia em geral.

*Cantora americana que apareceu em várias comédias musicais.

Quando ela descobriu sua mais recente aquisição, o livro 'Contos de Fadas Românticos', ela havia sido preenchida com um sentimento quase insuportável de antecipação quando abriu suas páginas. A sinopse no Amazon dizia que o conto clássico de la Motte Fouque foi escrito sobre a sereia Ondine. Divulgava que a história era sobre "uma ninfa das águas que se apaixona, adquire uma alma e assim descobre a realidade do sofrimento humano." Mas, como de costume, a leitura a tinha deixado desapontada e irritada.

"Não era nada exceto outra alegoria maçante escrita por um cara branco e velho morto," CC disse miseravelmente.

Em seguida, ela suspirou novamente e esfregou a cicatriz rosa enrugada que franzia seu ombro, hesitando com a dor maçante que irradiava para baixo em seu braço. CC olhou para o relógio. Era quase 21:00 em uma noite de sexta-feira. Mesmo em uma noite quente de agosto, a opulenta piscina olímpica em seu complexo de apartamentos estaria deserta, que era o jeito que ela gostava.

Enquanto ela mudava seu maiô estilo de corrida Speedo e puxou às pressas seus cachos castanhos na altura dos ombros em um rabo de cavalo apertado, ela quase podia ouvir a voz de sua mãe ecoando através de seu apartamento.

"Querida, uma menina bonita como você não deve ficar sozinha em uma noite de sexta-feira. Isso não é bom para a alma." A luz do banheiro brilhava sobre a corrente de ouro que sempre estava pendurada em volta do seu pescoço e os lábios de CC se curvaram em um sorriso amargo.

Com um dedo ela acariciou a superfície lisa iridescente da pérola enorme. Então ela se olhou no espelho, fingindo que estava falando com sua mãe. "Minha alma está bem, mãe. Apenas não está toda aqui."

Imaginar a reação de choque no rosto de sua mãe a fez apertar os lábios. Ela não gostava de pensar na dor que seu acidente havia causado em seus pais. Eles nunca haviam deixado seu lado durante todo seu mês de internação, e quando CC foi liberada para retornar à Tinker AFB*, sua mãe tinha vindo com ela e tinha ficado mais dois meses, ajudando-a com a dolorosa rotina de exercícios de reabilitação. Ela certamente nunca diria nada à mãe que iria fazê-la preocupar-se mais com ela do que ela já fazia, o que significava que ela nunca poderia dizer a sua mãe que ela desejava estar em outro mundo e outro tempo.

* Principal base da Força Aérea dos EUA localizadas na área do sudeste de Oklahoma City, diretamente ao sul do bairro de Midwest City, Oklahoma.

CC sacudiu a cabeça. Não, ela não deixaria a depressão vencer, se recusava a viver como um fantasma rabugento. Ela sentia como se tivesse passado os últimos nove meses tentando dar à luz um novo ser, e ela teve que continuar lembrando-se que o processo do parto sempre envolvia dor. Era apenas uma outra parte da vida. CC forçou-se a sorrir enquanto puxou seu roupão felpudo, pegou uma toalha e sua bolsa de natação, e saiu às pressas pela porta de seu apartamento. A água iria fazê-la se sentir melhor. Sempre fazia. Sra. Runyan estava acabando de subir as escadas, e ela acenou um cumprimento alegre.

"Indo para seu mergulho noturno, querida?" perguntou.

"Sim, senhora". CC sorriu calorosamente para ela. CC e sua vizinha tinham ficado muito próximas nos meses de sua recuperação. Ela sentiu-se honrada por ter sido agraciada com a amizade de outra mulher sábia.

"Bem, está uma noite linda para isso. A lua esta cheia e o céu claro."

CC olhou com surpresa. A lua cor de manteiga estava nascendo, cheia e brilhante, ao longo do cinturão verde que rodeava seu complexo de apartamentos.

"Você está certa. Eu não tinha lembrado que esta noite seria de lua cheia."

No trabalho, CC vinha se preparando para outra das inspeções intermináveis do Centro de Comunicação. Ela só tinha voltado ao período integral há três meses, e estava tão ocupada que tinha perdido completamente a noção das fases da lua. Agora ela sentiu uma ponta de prazer inesperado com o pensamento de suas voltas de natação sob a beleza da lua cheia. Sra. Runyan sorriu maliciosamente para CC e bateu em seu nariz. "É melhor manter seus olhos abertos hoje à noite. Coisas maravilhosas acontecem durante a lua cheia."

"Vou me lembrar, Sra. Runyan. E eu também vou me lembrar do nosso encontro de amanhã à noite para assistir 'Tarde demais para esquecer' *", CC disse quando ela passou apressada por sua amiga.

"É melhor que sim, mocinha. Você está trazendo o champanhe!" a velha mulher falou bem-humorada.

*Filme estadunidense de 1957, do gênero romance, dirigido por Leo McCarey, estrelado por Cary Grant e Deborah Kerr.

CC ainda estava sorrindo quando virou o portão de ferro forjado para a piscina. Ela suspirou feliz. Como esperava, a piscina estava totalmente livre. CC nunca deixou de se surpreender quão rapidamente os moradores do caro complexo perdem o interesse por suas belas instalações.

A piscina era magnífica. Um grande retângulo feito de telha azul-piscina, pintados à mão em torno da borda com imagens de peixes brincando. De um lado da piscina tinha uma banheira de hidromassagem embutida, completa por uma fonte e cascata. Espreguiçadeiras dispendiosas estavam agrupadas em elegantes círculos em torno de mesas cobertas, com tampo de vidro. Cadeiras de descanso espessamente acolchoadas pontilhavam à beira da piscina.

CC retirou seu roupão e pescou seus óculos de natação para fora da bolsa, então deixou tanto a bolsa quanto a canga em uma pilha na espreguiçadeira mais próxima. Ansiosamente, ela aproximou-se da extremidade profunda da piscina. Esta noite a água turquesa estava iluminada por cima bem como por baixo. Como faróis ocultos, a iluminação embutida lançava um brilho turquesa mágico através da água calma, enquanto que em sua superfície o luar dançava e brincava, respirando vida na quietude da água e, temporariamente emprestando-lhe a aparência das ondas do mar. A última vez que tinha visto a luz do luar refletindo o mar ela estava nos braços de...

A respiração de CC prendeu em sua garganta, e ela rapidamente freou seus pensamentos. Ela não estava preparada para a imagem súbita potente ou para a memória dolorosa que tinha evocado. Nos últimos nove meses, ela descobriu que a memória era uma coisa ardilosa, e para não ser arrastada para o seu vórtice de dor, ela tinha que ficar vigilante, permitindo apenas a certas lembranças filtrarem-se em sua consciência, uma de cada vez, e somente quando ela estivesse bem preparada para elas. Esta noite ela não estava preparada, e seu desejo por Dylan era um anseio penetrante. CC esfregou seus olhos, lembrando-se firmemente que ela tinha terminado de chorar. Ela estava seguindo com sua vida. Então virou o rosto para a lua.

"Eu espero que você possa me ver", disse ela. "Você estava certa; eu consegui. Eu sou forte."

Um pouco de brisa sussurrou ao redor de seu corpo, despenteando os cabelos finos na parte de trás do seu pescoço antes que soprasse na piscina, fazendo com que a superfície da água ondulasse em resposta. CC sorriu. "Obrigada, Mãe, por não me deixar esquecer a magia que eu ainda mantenho dentro de mim." Sentindo sua alma iluminar, CC ajustou os óculos no rosto e respirou fundo várias vezes. Então ela saltou em um arco gracioso na água. Impulsionando os pés, ela angulou para a superfície onde começou os regulares traços cadenciados que iriam levá-la volta após volta através da piscina.

Enquanto contava voltas, CC pensava que choque seu amor repentino pela natação havia sido para sua família e amigos. Seu primeiro pedido real quando ela estava se recuperando da lesão no ombro foi para ser levada para a água, qualquer água e ser autorizada a nadar.

"Mas, querida, você nunca gostou da água", a mãe de CC tinha dito, claramente confusa com o pedido inusitado de sua filha.

"Você nem mesmo é uma nadadora muito boa", o pai dela tinha acrescentado.

Mas CC insistiu e, junto com a bênção do seu médico, ela tinha começado a trabalhar em uma piscina com seu fisioterapeuta. Agora CC podia dizer com confiança que ela era uma excelente nadadora, de fato; seu fisioterapeuta disse que ela mostrava uma aptidão especial para a natação. Isso fez CC rir e, em seguida, muito mais tarde quando estava sozinha em sua cama, a fez chorar.

Continuando a contagem de voltas, enquanto impulsionava para longe da borda da piscina, ela sentia a tensão no seu corpo começar a relaxar. Na água, CC sempre se sentia segura. Lir tinha razão; a água a recebia com um toque paternal, mesmo que ela estivesse apenas nadando em uma piscina artificial. E ela ansiava pelo refúgio que a água fornecia. O acidente com o C-130 tinha sido uma grande notícia, especialmente após a informação dos salvadores golfinhos de CC e da ressurreição de Sean ter vazado para a mídia civil. Para horror de CC, repórteres de todo o mundo tinham caído sobre ela, todos competindo por um "ângulo pessoal da tragédia." Aparentemente, deixe-me sozinho era uma frase que não foi ensinada na escola de jornalismo.

CC só esperava que não tivessem sido tão persistentes sobre incomodar Sean. Ela não o tinha visto desde o helicóptero de resgate. Ela havia sido levada para o hospital militar na Marinha Siganelle na Itália e levada rapidamente para a cirurgia. Sean tinha terminado na Base Aérea de Ramstein, na Alemanha. Ela só tinha ouvido trechos de relatórios sobre ele, mas a partir deles que tinha descoberto que ele havia se recuperado, e que os médicos estavam chamando de milagre.

Tudo que sabia com certeza era que ela tinha quase sido responsável por sua morte, e isso era uma culpa que carregaria com ela todos os dias. Ela havia enviado um cartão para ele uma vez. Havia enviado aos cuidados de sua unidade de combate em Tulsa. Ela ainda se encolhia quando se lembrava de sua tentativa estabaneada de agradecer-lhe por trocar de lugar com ela e seu tolo pedido de desculpa. Ele não respondeu e ela não esperava que respondesse.

Seu curso vacilou, e ela afastou os pensamentos do acidente de sua mente. A lua estava cheia, e ela estava sozinha, cercada pela segurança da água. Tudo o que tinha que fazer esta noite era dar braçadas, impulsionar e respirar — dar braçadas, chutar e respirar.

Quando ela inclinou a cabeça para a respiração seguinte, pensou ter visto uma forma passando pela lua. Nuvens, pensou, a decepção escorreu através dela. Ela não se lembrava do meteorologista dizendo que havia uma chance de chuva, mas Oklahoma no verão significava

mudança de tempo. Com uma explosão de energia, ela redobrou seus esforços. Se ia ter que encurtar sua natação, pelo menos, teria a certeza que ela realizou um treino decente.

O grito veio através das ondas de água, mais vibrante que o som, e a princípio CC ignorou, pensando que era apenas o ronco distante de um trovão se aproximando. Na próxima respiração, porém, a vibração se transformou em palavras. "Sargento Canady!"

CC rangeu os dentes em conjunto e deu uma parada abrupta, caminhando na água perto da beira da piscina na volta final. Um homem estava em pé alguns metros longe dela. Através do borrão de seus óculos ele parecia alto e magro, mas indistinto. Ela não se preocupou em removê-los.

"O quê?" ela falou em tom irritado.

"Você é a sargento Canady? Sargento Christine Canady?"

A voz do homem era vagamente familiar, o que disse a CC que ele era provavelmente um dos repórteres que estavam ligando para ela nos últimos meses, lamuriando por uma história.

"Olha, você não deveria estar aqui."

"Eu só perguntei se você é Christine Canady. A Christine Canady, que estava no acidente." Irritação atravessou CC. Ela puxou os óculos do rosto e tirou os cachos que escapavam de seus olhos.

"Eu não quero falar com-"

Suas palavras pararam quando sua visão limpou e ela deu uma boa olhada nele. Ela tinha razão, ele era alto e magro, quase magro demais. Ele usava calça jeans desbotada e uma camisa estilo pólo. Sobre o bolso na parte superior do peito direito da camisa havia um emblema bordado. O luar o tocou, iluminando claramente a cabeça de um chefe índio no padrão distinto que era o logotipo bem conhecido da unidade F-16 de Tulsa.

Os olhos de CC viraram repentinamente para o rosto do homem. Seu cabelo era curto militar, e ele estava bem barbeado. O cume em relevo do tecido da cicatriz rosa corria da linha do cabelo sobre seu olho esquerdo e para baixo, marcando um caminho sobre o maxilar bem definido antes de desaparecer nas sombras atrás da orelha.

"Sean?" O estômago de CC revirou em um alvoroço nauseante.

A testa dele franziu, e ele hesitou antes de responder. CC pensou que ele parecia nervoso.

"Sim, mas eu..." Aqui, ele fez um gesto abstrato e suspirou, como se estivesse sem palavras.

CC olhou para ele e, em seguida, envergonhada de si mesma, ela rapidamente afastou o olhar. Ele teve parte de sua cabeça cortada. Era um milagre que ele estivesse andando e falando, por isso não deveria ser surpreendente que ele misturasse palavras, ou que ele parecesse confuso sobre o que estava tentando dizer. Quando CC encontrou seu olhar novamente, ela deu-lhe um sorriso hesitante.

"Que tal se eu sair desta piscina para que possamos conversar?" Sean assentiu e CC nadou para longe dele, para a escada. Quando ela começou a sair da água, ela chamou por cima do ombro.

"Você pode esperar um segundo enquanto eu busco o meu roupão e me seco um pouco?"

"Eu esperaria uma eternidade por você, Christine." As palavras de Sean encheram a noite.

Como se tivesse sido atingida no estômago, o corpo de CC estremeceu em resposta. Ela perdeu o próximo degrau da escada e caiu de volta na água. Ofegando, ela impulsionou para a superfície, mas, antes que ela chegasse ao ar, mãos fortes agarraram seus braços e puxou, levantando-a para o lado da piscina onde ela se sentou em uma pilha, tossindo a água que tinha engolido e olhando para o homem pálido que se ajoelhou ao lado dela.

"Eu nunca deixaria você se afogar", disse ele suavemente.

"Por quê?" CC balançou a cabeça, afastando-se dele. "Por que você está dizendo essas coisas?"

"Christine, eu..." Sean se aproximou dela e ela pulou para longe dele.

"Por favor, pare!" Seu sussurro soou como um chiado de vapor irritado. "Eu sei que você foi ferido, e eu sei que sou responsável. Mas você tem que parar de falar assim." O rosto de Sean se contorceu em tristeza. Quando ele falou, manteve o seu tom gentil, como se estivesse tentando argumentar com uma criança transtornada. "Eu disse uma vez que fiz a minha escolha livremente, e que eu faria isso novamente. Isso não mudou. Você não causou isso, meu amor."

"Aí está!" CC explodiu aos pés. Ela colocou os braços ao redor de si mesma como se estivesse com medo de se partir em pedaços. "Isso é o que eu quero dizer. Pare de falar essas coisas." Sean levantou-se devagar e deu um meio passo hesitante em sua direção, mas quando ela se afastou, ele parou, levantando sua mão como uma oferta de paz.

"Eu não posso parar de falar assim com você. Minhas palavras são verdadeiras", disse ele.

"Por que você está fazendo isso? Como você está fazendo isso?" Ela sentiu-se começar a tremer incontrolavelmente.

"Christine, você não me conhece?" ele perguntou suavemente.

"Eu sei com quem você parece, mas ele está morto. Eu o vi morrer em outro mundo." CC cobriu o rosto com as mãos e soluçou.

Sean atravessou o espaço entre eles e tomou-a em seus braços. No início ela relutou, mas logo ela só ficou ali, rígida com dor no casulo dos braços desconhecidos dele.

"Vejo que devo convencê-la." Ela sentiu o calor da respiração dele contra o seu cabelo molhado. "Então me deixe descrever um lugar para você. É um lugar que você poderia reconhecer facilmente, pois não há nenhum outro como ele. Um anel de pedra ergue-se orgulhosamente no meio de águas cristalinas, sua cúpula é aberta para o céu. Enquanto ele falava, CC levantou o rosto de modo que pudesse olhar no fundo dos seus olhos cor de avelã.

"As águas lá são iluminadas por peixes brilhantes e cheias da magia de cavalos marinhos movendo-se juntos em uma dança de acasalamento." Ele sorriu ternamente para ela. "Foi lá que você me amou primeiro, mas eu acredito que eu tenho te amado sempre, que você era uma parte de mim mesmo antes de nos encontramos em meio à tempestade que foi criação da sua mãe. E eu vou continuar a te amar por toda a eternidade, Christine." Hesitante, como se estivesse com medo que ele desaparecesse se ela se movesse muito rapidamente, Christine estendeu a mão e tocou seu rosto.

"Como?" perguntou ela.

Ele virou a cabeça para que pudesse beijar sua palma. "Eu não sei, mas eu gosto de pensar nisso como um presente de uma deusa. Lamento que me levou tanto tempo para vir até você. Ser humano é uma coisa muito estranha." Ele fez uma pausa e riu com um som tão familiar que o coração de CC estremeceu em resposta. "Quando eles morrem seus corpos não retornam à água. Eles permanecem intactos, como se à espera de outra alma para preenchê-los, mas este corpo estava..." Ele parou, encolhendo os ombros largos. "Estava muito danificado, e me levou mais tempo para curar do que eu teria pensado ser possível. Muitos disseram que eu não iria curar absolutamente, mas eles não sabiam a promessa que eu tinha que cumprir."

"Dylan." CC soprou a palavra. "Sim, meu amor", disse Dylan.

CC sentiu a dor dentro dela se quebrar e dissolver. Em seu lugar foi preenchida com uma enorme sensação de alegria. Em seguida, ela arregalou os olhos com admiração.

"É o oposto de todas essas histórias de sereias que os humanos têm escrito!" exclamou ela. Ele lhe deu um olhar interrogativo.

"Nestas histórias a sereia é salva pelo amor de um homem humano, e se ele não a ama, ela morre."

O sorriso de Dylan espelhou o dela própria. "Parece que humanos entenderam errado. É o amor da mulher que salva a alma do tritão".

"Ou talvez eles simplesmente salvem um ao outro", disse ela.

"E assim vamos, Christine."

"Por uma eternidade."

"Por uma eternidade", ele a assegurou.

E quando ele reivindicou seus lábios, seus ouvidos foram preenchidos com o som mágico do riso encantado de uma deusa.